MAIS DE 1 MILHÃO DE EXEMPLARES VENDIDOS NO BRASIL

L.J. SMITH

DIÁRIOS do VAMPIRO

CAÇADORES ⊠ VOL. 1

Espectro

Livro que deu origem à série
de TV *Vampire Diaries*

GALERA

Série Diários do Vampiro

O despertar
O confronto
A fúria
Reunião sombria
O retorno — Anoitecer
O retorno — Almas sombrias
O retorno — Meia-noite
Caçadores — Espectro

Série Mundo das Sombras

Vampiro Secreto
Filhas da escuridão
Submissão mortal

Série Círculo Secreto

A iniciação
A prisioneira
O poder

Série Diários de Stefan

Origens
Sede de sangue

L.J. SMITH

Espectro

Tradução
Ryta Vinagre

1ª edição

GALERA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2013

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Smith, L. J. (Lisa J.)
S649e
Espectro [recurso eletrônico] / L. J. Smith ; tradução Ryta Vinagre. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Galera Record, 2013.
recurso digital (Diários do Vampiro. Caçadores ; 1)
Tradução de: Vampire diaries : the hunters : phantom
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-85-01-10032-0 (recurso eletrônico)
1. Literatura infantojuvenil americana. 2. Livros eletrônicos. I. Vinagre, Ryta. II. Título. III. Série.
13-03509

CDD: 028.5
CDU: 087.5

Título original
Vampire Diaries: The Hunters: Phantom

Copyright © 2011 by L. J. Smith

Publicado mediante acordo com a Rights People, London.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios. Os direitos morais do autor foram assegurados.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela
EDITORA RECORD LTDA.
Rua Argentina 171 Rio de Janeiro, RJ 20921-380 Tel.: 2585-2000
que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil

ISBN 978-85-01-10032-0

Seja um leitor preferencial Record.
Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:
mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002.

1

Elena Gilbert pisou no trecho macio de relva, as folhas porosas se desfazendo sob seus pés. Galhos de roseiras escarlate e esporinhas violeta subiam do chão, enquanto um imenso dossel pendia no alto, cintilando suas lanternas reluzentes. No terraço à frente havia duas fontes de mármore, brancas e curvas, jorrando água no ar. Tudo era lindo, elegante e, de certo modo, familiar.

Este é o palácio de Bloddeuwedd, disse uma voz em sua mente. Mas, quando Elena esteve ali da última vez, o gramado estava apinhado de convidados da festa, risonhos, dançando. Agora se foram, embora ainda houvesse sinais da presença dos mesmos: taças vazias nas mesas montadas à margem do gramado; um xale de seda atirado em uma cadeira; um único sapato de salto alto empoleirado na beira de uma fonte.

Havia mais alguma coisa estranha também. Antes, a cena tinha a luz vermelha infernal que refletia em tudo na Dimensão das Trevas, transformando azuis em roxos, brancos em cor-de-rosa e rosa na cor aveludada do sangue. Agora uma luz clara brilhava sobre tudo e uma lua branca e cheia percorria calmamente o céu.

Um ruído de movimento veio de trás, e Elena percebeu com um sobressalto que não estava sozinha. Subitamente havia uma figura escura *ali*, aproximando-se dela.

Damon.

Claro que era Damon, pensou Elena com um sorriso. Se alguém apareceria diante dela inesperadamente e ali, no que parecia ser o fim do mundo — ou pelo menos uma hora depois de uma boa festa ter terminado —, tinha de ser Damon. Meu Deus, ele era tão bonito. Preto

no preto: cabelos negros e macios, olhos escuros como a meia-noite, black jeans, uma jaqueta de couro preta e lisa.

Quando os olhos deles se encontraram, ela estava tão feliz por vê-lo que mal conseguia respirar. Atirou-se em seu abraço, enlaçando-o pelo pescoço, sentindo os músculos leves e rijos dos braços e do peito dele.

— Damon. — Sua voz tremia por algum motivo. O corpo também tremia, e Damon afagou Elena nos braços e nos ombros, acalmando-a.

— O que foi, princesa? Não me diga que está com medo. — Ele sorria para ela de um jeito preguiçoso, as mãos fortes e firmes.

— Eu *estou* com medo — respondeu Elena.

— Mas do quê?

Isso a deixou confusa por um momento. Depois, lentamente, colando o rosto no dele, ela falou:

— Tenho medo de que isto seja só um sonho.

— Vou lhe contar um segredo, princesa — disse-lhe no ouvido. — Você e eu somos as únicas coisas reais aqui. Todo o resto é sonho.

— Só você e eu? — Elena repetiu, perturbada por uma ideia inquietante, como se tivesse se esquecido de alguma coisa... ou de alguém. Um floco de cinza caiu em seu vestido e ela o espanou, distraída.

— Somos só nós dois, Elena — disse Damon incisivamente. — Você é minha. Eu sou seu. Nós nos amamos desde o começo dos tempos.

É claro. Só podia ser por isso que ela estava tremendo — alegria. Ele era dela. Ela era dele. Pertenciam um ao outro.

Ela sussurrou uma só palavra: “Sim”.

E então ele a beijou.

Os lábios de Damon eram macios como seda; Elena tombou a cabeça para trás quando o beijo ficou mais intenso, expondo o pescoço, na expectativa da mordida que ele lhe dera tantas vezes.

Como não aconteceu, Elena abriu os olhos, indagativa. A lua brilhava como sempre e o cheiro de rosas era forte no ar. Mas as feições cinzeladas de Damon estavam pálidas sob o cabelo preto, e mais cinzas caíam nos ombros da jaqueta dele. De repente as pequenas dúvidas que a preocupavam convergiram.

Ah, não. Ah, não.

— Damon. — Ela ofegou, olhando nos olhos dele com desespero enquanto as lágrimas enchiam os dela. — Você não pode estar aqui, Damon. Você está... morto.

— Há mais de quinhentos anos, princesa. — Damon lhe abriu seu sorriso inebriante. Mais cinzas caíam em volta deles, como uma chuva fina, as mesmas cinzas sob as quais estava enterrado o corpo de Damon, a mundos e dimensões de distância.

— Damon, você está... morto. Não um morto-vivo, mas... extinto.

— *Não*, Elena... — Ele começou a bruxulear e a esmaecer, como uma lâmpada que se apaga.

— Sim. Sim! Eu o abracei quando morreu... — Elena chorava, desamparada. Agora não conseguia sentir os braços de Damon. Ele desaparecia na luz trêmula.

— Escute, Elena...

Ela abraçava o luar. A angústia tomou seu coração.

— Só precisa chamar por mim — disse a voz de Damon. — Só o que precisa...

A voz sumiu no farfalhar do vento pelas árvores.

Os olhos de Elena se abriram de repente. Em meio à névoa, ela percebeu que estava num quarto ensolarado e que um imenso corvo se empoleirava no peitoril da janela aberta. A ave tombou a cabeça de lado e grasnou, fitando-a com os olhos brilhantes.

Um arrepio de frio desceu por sua espinha.

— Damon? — sussurrou ela.

Mas o corvo simplesmente abriu as asas e voou dali.

2

Querido Diário,

ESTOU EM CASA! Nem me atrevo a acreditar nisso, mas aqui estou.

Acordei com uma sensação muito estranha. Não sabia onde estava e fiquei deitada, sentindo o cheiro dos lençóis de algodão limpos e seu tecido muito macio, tentando entender por que tudo me parecia tão familiar.

Eu não estava na mansão de Lady Ulma. Lá, dormi aninhada no mais macio cetim e no mais suave veludo, e o ar tinha cheiro de incenso. E eu não estava no pensionato: a Sra. Flowers lava sua roupa de cama com uma mistura de ervas de cheiro estranho que, segundo Bonnie, serve para a proteção e para ter sonhos bons.

De repente, entendi. Eu estava em casa. As Guardiãs conseguiram! Elas me trouxeram para casa.

Tudo mudou, mas nada mudou. É o mesmo quarto em que dormi desde que era um bebezinho: minha cômoda de cerejeira encerada e a cadeira de balanço; o cachorrinho de pelúcia preto e branco que Matt ganhou na feira de inverno no primeiro ano do ensino médio, empoleirado numa prateleira; minha escrivaninha com seus escaninhos; o antigo espelho decorado acima da cômoda; e os pôsteres de Monet e Klimt da exposição de museu que vi com a tia Judith em Washington. Até meu pente e a escova estavam arrumados lado a lado em minha cômoda. Tudo no devido lugar.

Saí da cama e peguei na mesa um abridor de carta feito de

prata para puxar a tábua secreta no piso do armário, meu antigo esconderijo, e encontrei este diário, exatamente onde o havia escondido tantos meses atrás. A última entrada é a que escrevi antes do Dia dos Fundadores, em novembro, antes de eu... morrer. Antes de sair de casa e nunca mais voltar. Até agora.

Nesse dia, detalhei nosso plano de pegar de volta meu outro diário, aquele que Caroline tomou de mim e pretendia ler em voz alta no palco do Dia dos Fundadores, sabendo que isso acabaria com a minha vida. No dia seguinte mesmo, eu me afoguei no riacho Wickery e nasci de novo como vampira. E então morri outra vez e voltei como humana, viajei à Dimensão das Trevas e tive mil aventuras. E meu antigo diário continuou bem aqui, onde o deixei, debaixo do piso deste armário, esperando por mim.

A outra Elena, aquela que as Guardiãs plantaram na memória de todos, esteve aqui por todos esses meses, foi à escola e teve uma vida normal. Esta Elena não escreveu aqui. Eu ressuscitei, na verdade. Não seria de arrepiar ver entradas no diário com a minha letra e não me lembrar de nada do que acontecera? Mas isso bem que poderia ser útil. Não sei o que todo mundo em Fell's Church pensa que aconteceu nos meses desde o Dia dos Fundadores.

Toda a cidade de Fell's Church teve um recomeço. Os kitsune destruíram esta cidade por pura maldade. Colocaram os filhos contra os pais, levando as pessoas a destruírem a si mesmas e a todos que amavam.

Mas agora nada disso nem mesmo aconteceu.

Se as Guardiãs cumpriram sua palavra, todos que morreram estão vivos de novo, agora: a pobre Vickie Bennett e Sue Carson, assassinadas por Katherine, Klaus e Tyler Smallwood no inverno; o desagradável Sr. Tanner; aqueles inocentes que os kitsune mataram ou cuja morte provocaram. Eu. Todos de volta, todos recomeçando.

E, a não ser por mim e por meus amigos íntimos — Meredith,

Bonnie, Matt, meu querido Stefan e a Sra. Flowers —, ninguém mais sabe que a vida não seguiu como sempre desde o Dia dos Fundadores.

Todos nós tivemos outra chance. Nós conseguimos. Salvamos todo mundo.

Todos, menos Damon. No fim ele nos salvou, mas não conseguimos salvá-lo. Por mais que tenhamos tentado, por mais desesperadas que tenham sido nossas súplicas, não havia como as Guardiãs trazerem-no de volta. E os vampiros não reencarnam. Não vão para o Paraíso, nem para o Inferno, nem para nenhum além. Eles simplesmente... desaparecem.

Elena parou de escrever por um momento e respirou fundo. Seus olhos encheram-se de lágrimas, mas ela se curvou sobre o diário de novo. Precisava contar toda a verdade, se quisesse manter um diário que fizesse algum sentido.

Damon morreu em meus braços. Foi uma agonia vê-lo escapar de mim. Mas nunca deixarei que Stefan saiba o que senti verdadeiramente pelo irmão dele. Seria crueldade — e de que adiantaria agora?

Ainda não acredito que ele se foi. Não havia ninguém tão vivo quanto Damon — ninguém que amasse mais a vida que ele. Agora ele nunca saberá...

Neste momento, a porta do quarto se abriu de repente, e Elena, com o coração na garganta, fechou o diário com um baque. Mas a invasora era apenas a irmã mais nova, Margaret, vestida de pijama cor-de-rosa estampado de florezinhas, com o cabelo claro eriçado no meio como uma pena de tordo. A menina de 5 anos só reduziu o passo quando estava quase em cima de Elena, então se atirou nela pelo ar.

Caiu em cheio na irmã mais velha, tirando-lhe o fôlego. As bochechas de Margaret estavam molhadas, os olhos brilhavam e as mãozinhas se agarravam a Elena.

Elena se viu abraçando-a com força, sentindo o peso da irmã,

respirando o doce cheiro de xampu infantil e massinha de modelar.

— Senti tanta saudade! — A voz de Margaret estava embargada. — Elena! Eu senti muita saudade de você!

— O quê? — Apesar do esforço para deixar a voz leve, Elena a ouvia tremer. Percebeu com um sobressalto que não via Margaret (não a via *realmente*) há mais de oito meses. Mas Margaret não poderia saber disso. — Sentiu saudades minhas desde a hora de dormir e teve de vir correndo para me encontrar?

Margaret se afastou um pouco de Elena e a fitou. Os olhos azuis-claros de criança pareciam cheios de um grande e intenso *conhecimento*, algo que provocou um arrepio pela espinha de Elena.

Mas Margaret não disse nada. Simplesmente abraçou Elena mais forte, enroscando-se e deixando que a cabeça pousasse no ombro da irmã.

— Tive um sonho ruim. Sonhei que você me abandonava. Que tinha *ido embora*. — A última parte da frase foi um gemido baixo.

— Ah, Margaret — disse Elena, abraçando a solidez quente da irmã —, foi só um sonho. Não fui a lugar nenhum. — Ela fechou os olhos e abraçou a irmã, rezando para que só tivesse sido mesmo um pesadelo e que ela não escorregasse pelas frestas do feitiço das Guardiãs.

— Tudo bem, docinho, hora de se mexer — disse Elena depois de alguns segundos, fazendo um pouco de cosquinha em Margaret. — Vamos tomar um café da manhã incrível juntas? Quer que eu faça panquecas?

Margaret se sentou e fitou Elena com os olhos azuis arregalados.

— O tio Robert está fazendo waffles — disse ela. — Ele *sempre* faz waffles no domingo de manhã. Não se lembra?

O *tio* Robert. Certo. Ele e a tia Judith se casaram depois que Elena morreu.

— Claro que lembro, coelhinha — disse ela com leveza. — Só me esqueci que era domingo.

Agora que Margaret tinha tocado no assunto, ela ouviu alguém na cozinha. E sentiu um cheiro delicioso. Ela tentou apurar o olfato.

— É *bacon*?

Margaret assentiu.

— Vamos apostar corrida até a cozinha!

Elena riu e se espreguiçou.

— Me dê um minuto para eu acordar direito. Encontro você lá embaixo. — *Vou poder conversar com a tia Judith de novo*, percebeu ela com uma explosão repentina de alegria.

Margaret quicou para fora da cama. Na porta, parou e olhou a irmã.

— Você vai descer mesmo, né? — perguntou ela, hesitante.

— Claro que vou — disse Elena, e Margaret sorriu e seguiu para o corredor.

Olhando-a, Elena mais uma vez ficou emocionada com a maravilhosa segunda chance — na verdade, a terceira — que recebera. Por um momento, Elena apenas absorveu a essência de sua querida casa, um lugar que pensou que nunca mais veria. Ela ouviu a voz aguda de Margaret conversando alegremente no primeiro andar e a voz grave de Robert respondendo a ela. Tinha tanta *sorte*, apesar de tudo, por enfim estar de volta em casa. O que poderia ser mais maravilhoso?

Seus olhos se encheram de lágrimas e ela os fechou com força. Que coisa mais *idiota* de se pensar. O que poderia ser mais maravilhoso? Se o corvo em seu peitoril fosse Damon, se ela soubesse que ele estava lá fora em algum lugar, pronto para abrir aquele sorriso indolente ou mesmo irritá-la de propósito; *isto sim* teria sido mais maravilhoso.

Elena abriu os olhos e piscou várias vezes, tentando afastar as lágrimas. Não podia desmoronar. Não agora, quando estava prestes a rever a família. Agora ela sorriria, riria e abraçaria a todos. Mais tarde poderia desabar, entregando-se à dor aguda guardada dentro de si, e se permitiria chorar. Afinal, tinha todo o tempo do mundo para prantear Damon, porque a perda nunca, jamais deixaria de doer nela.

3

O forte sol da manhã brilhou na longa entrada sinuosa que levava à garagem atrás do pensionato. Lufadas de nuvens brancas disparavam pelo céu azul-claro. A cena era tão bucólica que parecia quase impossível acreditar que alguma coisa ruim tinha acontecido naquele lugar.

Da última vez em que estive aqui, pensou Stefan, colocando os óculos escuros, esta *era uma terra arrasada*.

Quando os kitsune dominaram Fell's Church, a cidade virou uma zona de guerra. Filhos contra pais, meninas adolescentes automutilando-se, a cidade semidestruída. Sangue nas ruas, dor e sofrimento em toda parte.

Atrás dele, a porta da frente se abriu. Stefan virou-se rapidamente e viu a Sra. Flowers saindo da casa. A velha estava com um vestido preto comprido e seus olhos eram protegidos por um chapéu de palha coberto por flores artificiais. Ela parecia cansada e desgastada, mas o sorriso era gentil, como sempre.

— Stefan — disse ela. — O mundo está aqui esta manhã, como deve ser. — A Sra. Flowers aproximou-se e olhou bem em seu rosto, com os penetrantes olhos azuis calorosos de simpatia. Pareceu prestes a perguntar alguma coisa, mas no último minuto mudou de ideia. — Meredith telefonou, e Matt também. Parece que, contrariando as expectativas, todos sobreviveram incólumes. — Ela hesitou, depois apertou o braço de Stefan. — Quase todos.

Algo se retorceu dolorosamente no peito de Stefan. Ele não queria falar sobre Damon. Não conseguia, ainda não. Em vez disso, baixou a cabeça.

— Temos uma grande dívida para com a senhora, Sra. Flowers — disse ele, escolhendo com cuidado as palavras. — Nunca teríamos derrotado os kitsune sem a senhora... Foi a senhora que os encurralou e defendeu a cidade por tanto tempo. Nenhum de nós se esquecerá disso.

O sorriso da Sra. Flowers se abriu, com uma covinha inesperada surgindo numa bochecha.

— Obrigada, Stefan — disse ela com igual formalidade. — Prefiro lutar junto a você e seus amigos a me unir a qualquer outro. — Ela suspirou e afagou o ombro dele. — Por outro lado, devo enfim estar ficando velha. Sinto a necessidade de passar a maior parte do dia cochilando numa cadeira no jardim. Combater o mal consome mais de mim do que antigamente.

Stefan ofereceu o braço para ajudá-la a descer a escada da varanda, e ela sorriu mais uma vez.

— Diga a Elena que vou fazer aqueles biscoitos de chá que ela adora, quando ela estiver pronta para deixar a família e vir me visitar — falou ela, virando-se para o jardim de rosas.

Elena e sua família. Stefan imaginou o amor de sua vida, o cabelo sedoso e louro caindo pelos ombros, com a pequena Margaret sentada em seu colo. Elena agora tinha outra chance de uma vida humana real, o que compensava tudo.

Foi por culpa de Stefan que Elena perdeu a vida na primeira vez — ele tinha tanta certeza disso, e aquilo o roía por dentro. Ele levou Katherine a Fell's Church, e Katherine destruiu Elena. Desta vez ele cuidaria para que Elena estivesse protegida.

Com um último olhar à Sra. Flowers no jardim, Stefan endireitou a postura e entrou no bosque. Passarinhos cantavam na margem ensolarada da floresta, mas Stefan se infiltrou ainda mais, onde os carvalhos antigos cresciam e a mata era densa. Onde ninguém o veria, onde poderia caçar.

Parando em uma pequena clareira a vários quilômetros, Stefan tirou os óculos de sol e escutou. De perto, veio o leve estalo de algo se movendo sob um arbusto. Ele se concentrou, ampliando o alcance da mente. Era um coelho, com o coração acelerado, procurando sua

refeição matinal.

Stefan focalizou a mente nele. *Venha a mim*, pensou, com suavidade e persuasão. Sentiu o coelho enrijecer por um momento; depois ele saltou lentamente de sob um arbusto, com os olhos vidrados.

Dócil, ele veio até Stefan e, com um pouco mais de persuasão, o vampiro fez com que parasse a seus pés. Ele o pegou e o virou para alcançar o pescoço macio, onde a pulsação era visível. Com um pedido de desculpas silencioso ao animal, Stefan cedeu à própria fome, deixando que as presas se estendessem. Rasgou o pescoço do animal, bebendo lentamente o sangue, tentando não estremecer com o sabor.

Enquanto os kitsune ameaçavam Fell's Church, Elena, Bonnie, Meredith e Matt insistiram que ele se alimentasse deles, sabendo que o sangue humano o manteria mais forte para a batalha. O sangue deles era quase sobrenatural: o de Meredith, intenso e forte; o de Matt, puro e saudável; o de Bonnie, doce como uma sobremesa; o de Elena, inebriante e revigorante. Apesar do gosto ruim do coelho na boca, seus caninos formigaram com a lembrança da fome.

Mas agora não pensaria em sangue humano, disse Stefan a si mesmo com firmeza. Não podia continuar cruzando essa fronteira, ainda que outros estivessem dispostos. Não com a segurança dos amigos em risco. A mudança de sangue humano para animal seria dolorosa; ele se lembrava de quando parou de beber sangue humano pela primeira vez — a dor nos dentes, a náusea, a irritabilidade, a sensação de que passava fome mesmo quando o estômago estava repleto —, mas era a única opção.

Quando o coração do coelho parou de bater completamente, Stefan o soltou com delicadeza. Segurou o corpo flácido por um momento, então colocou-o no chão e o cobriu de folhas. *Obrigado, pequenino*, pensou. Ainda estava faminto, mas já tirara uma vida esta manhã.

Damon teria rido disso. Stefan quase podia ouvi-lo. *O nobre Stefan*, zombaria o irmão, com os olhos pretos se estreitando num desdém um tanto afetuoso. *Está perdendo o que há de melhor em ser vampiro enquanto luta contra a própria consciência, seu tolo*.

Como se invocado por esses pensamentos, um corvo grasnou no alto. Por um instante, Stefan esperou que a ave descesse à terra e se

transformasse no irmão. Como isso não aconteceu, Stefan soltou uma risada curta diante da própria estupidez e ficou surpreso quando o riso lhe soou quase como um soluço.

Damon nunca mais voltaria. O irmão se fora. Haviam sido séculos de amargura entre os dois, e eles tinham apenas começado a acertar a relação, unindo-se para combater o mal que sempre parecia atraído para Fell's Church. E tudo para proteger Elena. Mas Damon estava morto, e agora só restava Stefan para proteger a ela e aos amigos.

Uma consciência latente do medo infiltrou-se em seu peito. *Tanta coisa* podia dar errado. Os humanos eram tão *vulneráveis*, e Elena, que agora não tinha poderes especiais, era tanto quanto qualquer um deles.

A ideia o fez vacilar, e ele partiu de imediato, correndo para a casa de Elena, do outro lado do bosque. Elena agora era responsabilidade dele. E Stefan nunca mais deixaria que alguma coisa a magoasse novamente.

O patamar da escada no segundo andar era bem próximo do que Elena se lembrava: madeira escura e reluzente com uma passadeira persa, algumas mesinhas com quinquilharias e fotos, um sofá perto da grande janela panorâmica que dava para a entrada de carros.

Mas no meio da escada Elena parou, vislumbrando algo novo. Em meio aos porta-retratos de prata numa das mesinhas, havia uma foto dela com Meredith e Bonnie, de rostos unidos, com sorrisos largos, de beca e brandindo diplomas, orgulhosas. Elena a pegou, aproximando-a. Ela havia se formado no ensino médio.

Era estranho ver aquela *outra* Elena — como não podia deixar de pensar nela — com o cabelo louro puxado numa trança elegante, a pele macia corada de excitação, sorridente com as melhores amigas, e não se lembrar de nada. E parecia tão despreocupada, aquela Elena, tão cheia de alegria, esperança e expectativas pelo futuro. Aquela Elena não sabia nada do horror da Dimensão das Trevas ou do caos que os kitsune provocaram. Aquela Elena era *feliz*.

Passando os olhos rapidamente pelas fotos, Elena localizou outras que nunca tinha visto. Ao que parecia, aquela outra Elena fora rainha

do Baile de Inverno, embora se lembrasse de Caroline ter conquistado essa coroa depois da morte de Elena. Nessa foto, porém, a rainha Elena estava resplandecente, num vestido de seda lilás e cercada por sua corte: Bonnie, fofa e linda em tafetá azul brilhante; Meredith, sofisticada de preto; Caroline, de cabelos arruivados, parecendo aborrecida em um vestido prateado justo que deixava muito pouco à imaginação; e Sue Carson, bonita de rosa-claro, sorrindo diretamente para a câmera, muito viva. As lágrimas arderam nos olhos de Elena mais uma vez. Eles a salvaram. Elena, Meredith, Bonnie, Matt e Stefan tinham salvado Sue Carson.

Então o olhar de Elena caiu em outra fotografia: tia Judith com um vestido de casamento longo, de renda, Robert ao lado dela orgulhoso em seu fraque. Com eles estava a outra Elena, claramente a dama de honra, num vestido da cor de folhas verdes, segurando um buquê de rosas. Ao lado dela, Margaret, a cabecinha loura e brilhante encolhida de timidez, agarrada ao vestido de Elena com uma das mãos. Ela usava um vestido branco de estampa floral com uma faixa verde e segurava com a outra mão um cesto de flores.

As mãos de Elena tremeram um pouco ao colocar a foto no lugar. Parecia ter sido uma boa época para todos. Que pena que ela não estava realmente lá.

No térreo, um vidro tiniu contra a mesa e ela ouviu tia Judith rir. Deixando de lado toda a estranheza do desconhecido passado que ela ainda teria de descobrir, Elena desceu correndo a escada, pronta para receber seu futuro.

Na sala de jantar, tia Judith servia suco de laranja de um jarro azul enquanto Robert colocava massa na chapa de waffle. Margaret estava ajoelhada ao lado de sua cadeira, narrando uma conversa intensa entre o coelho de pelúcia e um tigre de brinquedo.

Uma onda de alegria tomou o peito de Elena, e ela pegou a tia Judith num abraço apertado, rodando-a. O suco de laranja se derramou no chão em um arco largo.

— Elena! — repreendeu tia Judith, rindo um pouco. — Mas o que deu em você?

— Nada! Só que eu te amo, tia Judith — disse Elena, abraçando-a

com mais força. — Amo de verdade.

— Oh — disse tia Judith com uma expressão meiga. — Ah, Elena, eu também te amo.

— E que lindo dia. — Elena fez uma pirueta. — Um dia maravilhoso para se estar viva. — Ela deu um beijo na cabeça loura de Margaret. Tia Judith pegou o papel-toalha.

Robert deu um pigarro.

— Devemos entender que você nos perdoou por deixá-la de castigo no fim de semana?

Oh. Elena tentou imaginar como responder, mas depois de viver sozinha por meses, a ideia de ser colocada de castigo por tia Judith e Robert parecia ridícula. Ainda assim, ela arregalou os olhos e fez a expressão arrependida adequada.

— Eu peço mil desculpas, tia Judith e Robert. Não vai acontecer novamente. — *Seja lá o que for*.

Robert pareceu relaxar.

— Então não falemos mais neste assunto — disse ele com um alívio evidente. Ele deslizou um waffle quente para o prato dela e lhe entregou a calda. — Tem alguma coisa divertida planejada para hoje?

— Stefan vem me buscar logo depois do café da manhã — disse Elena, depois parou. Da última vez que falou com tia Judith, depois da desastrosa cerimônia do Dia dos Fundadores, a tia e Robert estavam seriamente contra Stefan. Eles, como a maioria da cidade, desconfiavam que ele tinha sido responsável pela morte do Sr. Tanner.

Mas aparentemente eles não tinham problemas com Stefan neste mundo, porque Robert se limitou a assentir. E, ela lembrou a si mesma, se as Guardiãs fizeram o que ela pediu, o Sr. Tanner estava vivo, então eles não podiam suspeitar que Stefan o matou... Ah, era tudo tão *confuso*!

— Vamos passear pela cidade — continuou ela —, talvez pegar Meredith e os outros. — Ela estava louca para ver Fell's Church como costumava ser, antiquada e segura, e ficar com Stefan quando, pela primeira vez, eles não estavam lutando contra algum demônio horrível, apenas sendo um casal normal.

Tia Judith sorriu.

— Então outro dia de preguiça, hein? Que bom que você está tendo um ótimo verão antes de ir para a faculdade, Elena. Você se esforçou muito no ano passado.

— Hum — disse Elena vagamente, cortando o waffle. Ela torcia para que as Guardiãs a tivessem colocado na Dalcrest, uma pequena faculdade a algumas horas dali. Era o que tinha pedido.

— Suba aqui, Meggie — chamou Robert, passando manteiga no waffle da garotinha. Margaret subiu na cadeira e Elena sorriu ao ver o afeto evidente no rosto de Robert. Margaret era nitidamente a queridinha dele.

Percebendo o olhar de Elena, Margaret grunhiu e jogou o tigre de brinquedo para Elena por cima da mesa. Elena deu um salto. A menina rosnou, e seu rosto momentaneamente se transformou em algo selvagem.

— Ele quer comer você com os dentes grandes dele — disse Margaret, com a voz rouca de menininha. — Ele vai te *pegar*.

— Margaret! — Tia Judith a censurou enquanto Elena estremecia. O breve olhar feroz de Margaret a lembrava dos kitsune, das meninas que eles enlouqueceram. Mas depois Margaret abriu um sorriso imenso e fez o tigre acariciar o braço de Elena.

A campainha tocou. Elena enfiou o último pedaço de waffle na boca.

— É Stefan — murmurou ela. — A gente se vê depois. — Ela limpou a boca e olhou o cabelo no espelho antes de abrir a porta.

E lá estava Stefan, lindo como sempre. De feições romanas elegantes, maçãs do rosto definidas, um nariz reto e clássico e boca de curvas sensuais. Ele estava com os óculos de sol frouxos na mão, e os olhos verdes captaram os dela com um olhar de puro amor. Elena abriu um sorriso largo e involuntário.

Ah, Stefan, pensou Elena para ele, *eu te amo, eu te amo. É tão maravilhoso estar em casa. Não consigo deixar de sentir falta de Damon e querer que tivéssemos feito* alguma coisa *diferente e o salvado — e eu nem quero parar de pensar nele —, mas não consigo evitar estar feliz também.*

Espere aí. Elena sentiu como se alguém houvesse pisado no freio e ela tivesse sido lançada contra um cinto de segurança.

Embora Elena estivesse enviando as palavras a Stefan, e uma onda imensa de afeto e amor com elas, não houve resposta, nenhum retorno das emoções. Era como se houvesse um muro invisível entre ela e Stefan, impedindo que seus pensamentos chegassem a ele.

— Elena? — disse Stefan em voz alta, com o sorriso esmorecendo.

Ah. Ela não tinha percebido. Nem mesmo havia pensado nisso.

Quando as Guardiãs retiraram seus poderes, devem ter tirado *tudo*. Inclusive a ligação telepática com Stefan. Essa ligação durara... Elena tinha certeza de que ainda o ouvia e alcançava sua mente depois de ter perdido a conexão com Bonnie. Mas agora desaparecera completamente.

Curvando-se, ela o segurou pela camisa. Então puxou Stefan para perto e o beijou com intensidade.

Ah, graças a Deus, pensou Elena ao ter a sensação familiar e reconfortante da mente dos dois se entrelaçando. Os lábios de Stefan se curvaram num sorriso contra os dela.

Pensei que tivesse perdido você, pensou ela*, que eu não era mais capaz de chegar até você desse jeito também*. Ao contrário de como acontecia com a ligação telepática que eles partilharam, ela sabia que os pensamentos não estavam chegando a Stefan como palavras, mas como imagens e emoções. Dele, ela sentiu um fluxo constante e silencioso de um amor inabalável.

Alguém pigarreou com seriedade atrás deles. Relutante, Elena soltou Stefan e se virou, vendo tia Judith encarando os dois.

Stefan endireitou-se com um rubor de constrangimento e uma apreensão nos olhos. Elena sorriu. Ela adorava que ele tivesse passado pelo inferno — literalmente —, mas ainda sentisse medo de aborrecer a tia de Elena. Colocou a mão no braço dele, tentando enviar a mensagem de que tia Judith agora aceitava a relação dos dois, mas o sorriso caloroso da tia e o que ela disse fez isso por ela.

— Olá, Stefan. Vai voltar antes das seis, não é, Elena? — perguntou tia Judith. — Robert tem uma reunião até tarde, então pensei que você, Margaret e eu podíamos sair juntas à noite. — Ela parecia esperançosa mas hesitante, como alguém que bate numa porta que pode ser fechada na sua cara. O estômago de Elena deu um nó de

culpa. *Será que eu andei evitando a tia Judith neste verão?*

Ela imaginava mesmo que, se não tivesse morrido, poderia ter ficado ansiosa para cuidar de sua vida e ter rejeitado a família que queria mantê-la segura em casa. Mas esta Elena sabia mais — sabia a sorte de ter tia Judith e Robert. E parecia que esta Elena tinha muito a compensar.

— Acho que seria legal! — concordou ela alegremente, com um sorriso radiante no rosto. — Posso convidar Bonnie e Meredith? Elas adoram uma noite só de meninas. — E seria bom, pensou ela, ter por perto amigas que não tinham a menor noção do que se passara nesta nova etapa de Fell's Church, assim como ela.

— Maravilha — disse tia Judith, parecendo mais feliz e mais relaxada. — Divirtam-se, crianças.

Enquanto Elena saía, Margaret veio correndo da cozinha.

— Elena! — chamou ela, passando os braços com força pela cintura da irmã. Elena se curvou e deu um beijo no alto da cabeça de Margaret.

— Vejo você depois, coelhinha — disse ela.

Margaret gesticulou para Elena e Stefan se ajoelharem, depois colocou os lábios bem junto do ouvido deles.

— Desta vez, não se esqueçam de voltar — sussurrou antes de entrar em casa.

Por um momento, Elena ficou ajoelhada ali, paralisada. Stefan apertou sua mão, puxando-a para cima e, mesmo sem a ligação telepática, ela sabia que eles pensavam a mesma coisa.

Ao se afastarem da casa, Stefan a segurou pelos ombros. Seus olhos verdes se fixaram nos dela e ele se curvou para roçar um leve beijo em seus lábios.

— Margaret é uma garotinha — disse ele com firmeza. — Pode ser apenas que ela não queira que a irmã mais velha saia. Talvez esteja preocupada com sua ida para a faculdade.

— Talvez — murmurou Elena enquanto Stefan a abraçava. Ela inalou seu cheiro de mato, sentindo a respiração se acalmar e o nó no estômago se afrouxar.

— E, se não for assim — disse ela devagar —, vamos resolver isso.

Sempre resolvemos. Mas agora quero ver o que as Guardiãs nos deram.

4

Foram as pequenas mudanças que mais surpreenderam Elena. Ela esperava que as Guardiãs tivessem trazido Fell's Church de volta. E assim o fizeram.

Da última vez que viu a cidade, provavelmente um quarto das casas estava em ruínas. Foram incendiadas ou bombardeadas, algumas inteiramente destruídas, outras só pela metade, com fitas de isolamento da polícia tristemente penduradas no que restava das entradas. Circundando as casas arruinadas, árvores e arbustos tinham crescido e se esticado de forma estranha, com trepadeiras caindo sobre os escombros, conferindo às ruas da cidadezinha a aparência de uma selva antiga.

Agora Fell's Church estava — em grande parte — como Elena se lembrava. Uma perfeita cidade sulista de cartão-postal, com casas avarandadas, cercadas por jardins bem-cuidados de flores e árvores grandes e antigas. O sol brilhava e o ar estava tépido com a promessa de um dia de verão quente e úmido na Virgínia.

De algumas quadras dali, veio o ronco abafado de um aparador de grama, e o cheiro de grama cortada encheu o ar. As crianças Kinkade da casa da esquina arrastaram para fora o kit de badminton e batiam na peteca de um lado para o outro; a menina mais nova acenou para Elena e Stefan quando eles passaram. Tudo levava Elena de volta aos longos dias de julho que ela vira em todos os verões anteriores de sua vida.

Mas Elena não pedira a antiga vida de volta. Suas exatas palavras foram: *quero uma* nova *vida, com minha antiga vida no passado.* Ela queria que Fell's Church fosse como teria sido agora, meses depois, se

o mal nunca tivesse voltado à cidade no início de seu último ano no ensino médio.

Porém não percebera como todas as pequenas mudanças seriam impressionantes. A casa pequena em estilo colonial no meio da quadra seguinte fora pintada num tom surpreendente de rosa e o velho carvalho no gramado da frente fora cortado e substituído por um arbusto florido.

— Hummm. — Elena se virou para Stefan quando eles passavam pela casa. — A Sra. McCloskey deve ter morrido ou se mudado para um asilo. — Stefan olhou para ela sem entender. — Ela nunca teria deixado que pintassem a casa dela daquela cor. Deve haver um pessoal novo morando aí — explicou ela, tremendo um pouco.

— O que foi? — perguntou Stefan de imediato, sintonizado com o estado de espírito dela, como sempre.

— Nada, é só que... — Elena tentou sorrir ao colocar uma mecha de cabelo sedoso atrás da orelha. — Quando eu era criança, ela me dava biscoitos. É estranho perceber que ela pode ter morrido de causas naturais enquanto estivemos fora.

Stefan assentiu, e os dois andaram em silêncio pelo pequeno centro de Fell's Church. Elena estava prestes a observar que sua lanchonete preferida fora substituída por uma drogaria quando pegou o braço de Stefan.

— Stefan. *Olhe*.

Na direção deles vinham Isobel Saitou e Jim Bryce.

— Isobel! Jim! — Elena gritou alegremente e correu em direção a eles. Mas Isobel ficou rígida e Jim a olhou com estranheza.

— Hum, oi? — disse Isobel, hesitante.

Elena logo recuou. Ôpa. *Nesta* vida, será que ela conhecia Isobel? Elas foram da mesma escola, claro. Jim saiu com Meredith algumas vezes antes de ele e Isobel começarem a namorar, embora Elena não o tivesse conhecido bem. Mas era possível que ela nunca tivesse falado com a calada e estudiosa Isobel Saitou antes da chegada dos kitsune na cidade.

A mente de Elena trabalhava, tentando entender como sair dessa sem parecer louca. Mas um zumbido caloroso de felicidade ainda

subia pelo peito, evitando que ela levasse aquilo muito a sério. Isobel estava *bem*. Ela tinha sofrido tanto nas mãos dos kitsune: perfurou-se de maneiras horríveis e cortou a língua tão gravemente que, mesmo depois de se recuperar do feitiço dos kitsune, a fala ficou um tanto prejudicada. Pior ainda, a deusa kitsune estava na casa de Isobel o tempo todo, fingindo ser a avó da menina.

E o coitado do Jim... Infestado por Isobel, Jim se dilacerou, devorando o próprio corpo. Mas ali estava ele, lindo e despreocupado — embora um tanto confuso — como sempre.

Stefan abriu um sorriso largo e Elena não conseguia parar de rir.

— Desculpe, gente, eu só... fiquei muito feliz de ver rostos conhecidos da escola. Acho que sinto muita saudade da velha Robert E. Lee High School, sabia? Quem teria imaginado?

Era uma desculpa muito fraca, mas Isobel e Jim sorriram e assentiram. Jim deu um pigarro sem jeito e disse:

— É, foi um bom ano, não foi?

Elena riu de novo. Não conseguia evitar. *Um bom ano*.

Eles conversaram por alguns minutos antes de Elena perguntar despreocupadamente:

— Como está sua avó, Isobel?

Isobel a olhou sem expressão.

— Minha avó? Deve estar me confundindo com outra pessoa. Minhas duas avós morreram há anos.

— Ah, eu me enganei. — Elena se despediu e conseguiu se conter até Isobel e Jim estarem fora de alcance. Depois pegou Stefan pelos braços, puxou-o para si e lhe deu um sonoro beijo, com uma sensação deliciosa e triunfante passando entre os dois.

— Nós *conseguimos* — disse ela quando descolaram os lábios. — Eles estão bem! E não só eles. — Agora mais solene, ela olhou em seus olhos verdes, tão sérios e gentis. — Fizemos uma coisa realmente importante e maravilhosa, não foi?

— Fizemos, sim — concordou Stefan, mas ela não pôde deixar de perceber que havia certa aspereza em sua voz.

Eles andaram de mãos dadas e, sem discutir o assunto, foram para a fronteira da cidade, atravessando a ponte Wickery e subindo a

colina. Entraram no cemitério, passaram pela igreja em ruínas onde Katherine se escondera e desceram ao pequeno vale abaixo que continha a parte mais nova do cemitério.

Elena e Stefan sentaram-se na grama bem-cuidada perto da grande lápide de mármore que tinha “Gilbert” gravado na frente.

— Oi, mãe. Oi, pai — sussurrou Elena. — Desculpem por ter demorado tanto a vir.

Em sua antiga vida, ela visitava o túmulo dos pais com frequência, só para falar com eles. Sentia que eles conseguiam ouvi-la de alguma forma, que eles a queriam bem do plano superior onde estavam. Falar de seus problemas com eles sempre a fazia se sentir melhor e, antes de sua vida ficar tão complicada, ela lhes contava tudo.

Elena estendeu a mão e tocou suavemente os nomes e datas gravados na lápide. Baixou a cabeça.

— Eles morreram por minha culpa — disse ela. Stefan soltou um leve ruído de censura e ela se virou para ele. — *Foi* — continuou com os olhos ardendo. — As Guardiãs me disseram.

Stefan suspirou e lhe deu um beijo na testa.

— As Guardiãs queriam matar *você* — afirmou ele. — Para que se tornasse uma delas. E por acidente mataram seus pais. Não é mais sua culpa do que se elas tivessem dado um tiro em você e errado.

— Mas eu distraí meu pai no momento crítico e o fiz bater o carro — disse Elena, recurvando os ombros.

— Assim contaram as Guardiãs — respondeu Stefan. — Mas elas não queriam que parecesse culpa delas. Não gostam de admitir que cometem erros. O fato é que o acidente que matou seus pais não teria acontecido se as Guardiãs não estivessem lá.

Elena baixou os olhos para esconder as lágrimas que brotavam neles. O que Stefan disse era verdade, pensou, mas ela não conseguia reprimir o coro de *minhaculpaminhaculpaminhaculpa* na mente.

Algumas violetas silvestres estavam crescendo à esquerda e ela as colheu, juntamente com alguns botões-de-ouro. Stefan se juntou a ela, entregando-lhe um ramo de columbinas com botões amarelos em formato de sino para colocar no buquê de flores silvestres.

— Damon jamais confiou nas Guardiãs — disse ele em voz baixa.

— Bem, nem poderia... Elas não têm os vampiros em alta conta. Mas, além disso... — Ele pegou um galho alto de laço-da-rainha-Anne que crescia ao lado de uma lápide próxima. — Damon tinha um sentido muito refinado para detectar mentiras... As mentiras que as pessoas contam a si mesmas e aquelas que contam aos outros. Quando éramos novos, tínhamos um preceptor... um padre, imagine só... de quem eu gostava e que era da confiança de meu pai, mas Damon o desprezava. Quando o homem fugiu com o ouro de meu pai e uma jovem do bairro, Damon foi o único que não se surpreendeu. — Stefan sorriu para Elena. — Ele disse que os olhos do padre eram errados. E que ele falava manso demais. — Stefan deu de ombros. — Meu pai e eu nunca percebemos. Mas Damon, sim.

Trêmula, Elena sorriu.

— Ele sempre sabia quando eu não estava sendo inteiramente sincera com ele. — Elena teve um lampejo de memória: os olhos escuros e fundos de Damon fixos nos dela, as pupilas dilatadas como as de um felino, a cabeça tombada de lado enquanto seus lábios encontravam os dele. Ela se desviou dos olhos verdes e calorosos de Stefan, tão diferentes dos negros de Damon, e torceu o grosso ramo de laço-da-rainha-Anne em volta das outras flores. Quando o buquê estava amarrado, colocou-o no túmulo dos pais.

— Sinto falta dele — disse Stefan, baixinho. — Houve uma época em que eu teria pensado... que a morte dele seria um alívio. Mas fiquei tão feliz por nos reunirmos... por sermos irmãos novamente... antes de ele morrer. — Ele colocou a mão gentil no queixo de Elena e ergueu a cabeça para que seus olhos voltassem a se encontrar. — Sei que você o amava, Elena. Está tudo bem. Não precisa fingir.

Elena soltou um leve ofegar de dor.

Era como se houvesse um buraco negro dentro dela. Conseguia rir, sorrir e se maravilhar com a cidade restaurada, conseguia amar a família, mas o tempo todo sentia aquela dor sombria, uma terrível sensação de perda.

Deixando enfim que as lágrimas se libertassem, Elena caiu nos braços de Stefan.

— Ah, meu amor — disse ele, com a voz embargada, e eles

choraram juntos, reconfortando-se no calor um do outro.

***

Uma cinza fina tinha caído por muito tempo. Agora enfim assentara, e a pequena lua do Mundo Subterrâneo estava coberta por um monte de poeira pegajosa. Aqui e ali, um fluido opalescente se empoçava contra o carvão escuro, tingindo-o com o arco-íris de uma mancha de óleo.

Nada se mexia. Agora que a Grande Árvore se desintegrara, nada vivia nesse lugar.

Bem abaixo da superfície da lua arruinada havia um corpo. Seu sangue envenenado parara de circular e ele estava imóvel, sem nada sentir, sem nada ver. Mas as gotas do fluido que saturaram sua pele o nutriram, e uma leve fagulha de vida mágica agora era constante.

De vez em quando alguma consciência surgia dentro dele. Esquecera-se de quem era e de como morrera. Mas havia uma voz em algum lugar bem no fundo, uma voz leve e doce que ele conhecia bem, que lhe dizia: *Feche os olhos. Deixe. Liberte-se. Vá.* Era reconfortante, e aquela última centelha de consciência persistiu por um instante a mais, só para escutar a voz. Ele não se lembrava de quem era a voz, embora algo nela o fizesse se recordar da luz do sol, do ouro e do lápis-lazúli.

Liberte-se. Ele estava escapando, a última centelha se apagando, mas estava tudo bem. Era quente e confortável, e ele agora se encontrava pronto para partir. A voz o levaria pelo caminho até... onde ele teria de ir.

Quando a centelha de consciência estava prestes a se apagar de vez, outra voz — mais incisiva e mais exigente, a voz de alguém acostumado a ver suas ordens obedecidas — falou com ele:

Ela precisa de você. Ela está em perigo.

Ele não podia deixar. Não podia se libertar. Ainda não. Aquela voz o puxava aflitivamente, prendendo-o à vida.

Com um choque doloroso, tudo mudou. Como se fosse arrancado daquele lugar suave e aconchegante, ele de repente estava congelando

de frio. Tudo doía.

Lá no fundo, em meio às cinzas, os dedos dele se retorceram.

5

Está animada com a chegada de Alaric amanhã? — perguntou Matt. — Ele vai trazer a amiga pesquisadora, Celia, não é?

Meredith lhe deu um chute no peito.

— Uuuf! — Matt cambaleou para trás sem fôlego apesar do colete protetor que usava. Meredith continuou, dando um chute circular que acertou a lateral de Matt. Ele caiu de joelhos, mal conseguindo levantar as mãos e bloquear um soco em cheio no rosto.

— Ai! Meredith, tempo, tá legal?

Meredith assumiu uma graciosa postura de tigre, a perna de trás apoiando o peso enquanto a da frente se mantinha equilibrada pela ponta do pé. Sua expressão era calma, os olhos frios e vigilantes. Ela parecia pronta a atacar se Matt subitamente sugerisse algum movimento.

Quando chegou para lutar com Meredith — ajudando-a a manter em dia suas habilidades de caçadora-matadora —, Matt se perguntou por que ela lhe deu um capacete, protetor bucal, luvas, caneleiras e colete, enquanto ela só usava uma malha preta.

Agora ele sabia. Ele nem mesmo chegou perto de atingi-la, enquanto ela o surrava impiedosamente. Matt colocou a mão sob o colete e esfregou com tristeza a lateral do corpo. Torcia para não ter quebrado uma costela.

— Pronto para continuar? — perguntou Meredith com as sobrancelhas erguidas numa expressão de desafio.

— Por favor, não, Meredith — disse Matt, levantando as mãos e rendendo-se. — Vamos dar um tempo. Parece que você está me espancando há horas.

Meredith foi à pequena geladeira no canto da sala de recreação da família e jogou uma garrafa de água para Matt, depois afundou ao lado dele no tatame.

— Desculpe. Acho que me empolguei. Nunca lutei com um amigo na vida.

Olhando em volta enquanto tomava um bom gole da água gelada, Matt meneou a cabeça.

— Não sei como você conseguiu manter este lugar em segredo por tanto tempo. — A sala do porão fora convertida em um lugar perfeito para treinar: variados tipos de estrelas ninja, facas, espadas e bastões estavam organizados nas paredes; havia um saco de pancada pendurado num canto, enquanto um boneco acolchoado estava encostado no outro. O piso era forrado de tatames e uma parede era inteiramente espelhada. No meio da parede oposta estava pendurado *o* bastão de combate: uma arma especial para lutar contra o sobrenatural que passou por gerações da família de Meredith. A aparência era mortal, mas também elegante; o punho coberto de pedras preciosas, as pontas com cravos de prata, madeira e freixo, e as agulhas embebidas em veneno. Matt a olhou, cauteloso.

— Bem — disse Meredith, virando o rosto —, a família Suarez sempre soube guardar segredos. — Ela fez uma sequência de movimentos do taekwondo: postura de combate, bloqueio duplo de punhos, perna esquerda avançada, golpe de punho reverso. Era graciosa como uma felina, negra e esguia em seu traje de treino.

Depois de um momento, Matt colocou a tampa na água, levantou-se e começou a espelhar seus movimentos. Chute duplo e frontal de esquerda, bloqueio interno de esquerda, golpe duplo de mão. Ele sabia que estava um pouco atrasado e se sentiu vacilante e desajeitado ao lado dela, mas franziu o cenho e se concentrou. Sempre foi um bom atleta. Também podia fazer isso.

— Além do mais, até parece que vou trazer namorados aqui embaixo — disse Meredith depois de uma rotação, com um leve sorriso. — Não foi tão difícil assim esconder. — Ela olhou Matt pelo espelho. — Não, bloqueie baixo com a mão esquerda e alto com a mão direita, assim. — Ela lhe mostrou novamente e ele imitou seus

movimentos.

— Tá legal, sei — disse ele, não muito concentrado no que dizia, focado nos movimentos. — Mas você podia ter contado a *nós*. Éramos seus melhores amigos. — Ele avançou o pé esquerdo e imitou o golpe de cotovelo para trás de Meredith. — Pelo menos, podia ter nos contado depois de toda a história com Klaus e Katherine — corrigiu Matt. — Antes disso, teríamos pensado que você era louca.

Meredith deu de ombros e baixou as mãos, e Matt a acompanhou antes de perceber que os gestos não faziam parte da sequência de movimentos de taekwondo.

Agora eles estavam lado a lado, olhando-se pelo espelho. A expressão elegante e despreocupada de Meredith agora parecia tensa e pálida.

— Fui criada para manter minha herança de caçadora-matadora no mais profundo segredo — disse ela. — Contar a *qualquer um* não era algo que eu pudesse considerar. Nem Alaric sabe disso.

Matt virou de costas para a imagem de Meredith no espelho a fim de ficar boquiaberto diante da amiga. Alaric e Meredith eram praticamente *noivos*. Matt nunca ficou com ninguém a sério — a garota que chegou mais perto disso foi Elena, e evidentemente não deu certo —, mas ele imaginava que, se você entregava seu coração a alguém, tinha de contar tudo.

— Alaric não é pesquisador do paranormal? Não acha que ele ia entender?

De testa franzida, Meredith deu de ombros de novo.

— Provavelmente. — Ela parecia irritada e desdenhosa. — Mas não quero ser algo para ele estudar ou pesquisar, assim como não quero que ele pire. Mas, como você e os outros sabem, vou ter de contar a ele.

— Hummm. — Matt esfregou o corpo dolorido de novo. — É por isso que você está me socando com tanta agressividade? Porque está preocupada de ter de contar a ele?

Meredith o fitou. As linhas em seu rosto ainda estavam tensas, mas um brilho malicioso apareceu no olhar.

— Agressividade? — perguntou ela com doçura, caindo de novo na

postura do tigre. Matt sentiu um sorriso brotar nos cantos da boca. — Você ainda não viu nada.

***

Elena examinou com um misto de espanto e pavor o restaurante escolhido por Judith. Máquinas de videogame disputavam a atenção com os bipes de fliperamas antiquados como Whac-A-Mole e Skee-Ball. Buquês de balões com cores vivas subiam e desciam sobre cada mesa, e uma cacofonia de música surgia de vários cantos enquanto garçons cantores entregavam uma pizza atrás da outra. Parecia que centenas de crianças corriam soltas pelo chão, gritando e rindo.

Stefan a levou ao restaurante, mas, ao observar a pintura néon com receio, desistiu de entrar.

— Ah, eu não devo me intrometer numa noite de meninas — disse ele vagamente, depois desapareceu com tamanha rapidez que Elena desconfiou que ele usara a velocidade de vampiro.

— Traidor — murmurou ela, antes de abrir com cautela a porta cor-de-rosa extravagante. Depois de ficarem juntos no cemitério, ela se sentia mais forte e mais feliz, porém teria gostado de ter apoio agora também.

— Bem-vinda a Happytown — trinou uma recepcionista animada demais. — Mesa para um, ou vai se encontrar com um grupo?

Elena reprimiu um tremor. Não conseguia imaginar que alguém escolhesse ir sozinho a um lugar daqueles.

— Acho que estou vendo meu grupo — respondeu educadamente, localizando tia Judith, que acenava para ela de um canto.

— Esta é sua ideia de uma noite de meninas, tia Judith? — perguntou quando chegou à mesa. — Eu imaginava algo mais parecido com um bistrô aconchegante.

Tia Judith assentiu para o outro lado da sala. Espiando, Elena viu Margaret, feliz, batendo em toupeiras de brinquedo com um martelo.

— Sempre estamos arrastando Margaret para lugares de adultos e esperando que ela se comporte — explicou a tia Judith. — Achei que

era hora de ela fazer algo de que gosta. Espero que Bonnie e Meredith não se importem.

— Ela *parece* mesmo estar se divertindo — disse Elena, examinando a irmã mais nova. Suas lembranças de Margaret do ano anterior eram de tensão e ansiedade: no outono, Margaret ficara perturbada por Elena brigar com Judith e Robert e com os misteriosos acontecimentos em Fell's Church, e depois, é claro, arrasada pela morte de Elena. Ela vira, pela janela, a irmã chorar. Margaret sofreu mais do que qualquer menina de 5 anos deveria, mesmo que agora não se lembrasse de nada.

Eu vou cuidar de você, Margaret, prometeu Elena intensamente e em silêncio, vendo a concentração no rosto da irmã enquanto brincava freneticamente. *Você não vai precisar se sentir daquele jeito novamente neste mundo.*

— *Estamos mesmo* esperando Bonnie e Meredith? — provocou gentilmente tia Judith. — Você convidou as duas?

— Oh. — Elena foi arrancada de seus devaneios. Pegou um punhado de pipoca de um cesto no meio da mesa. — Não consegui falar com Meredith, mas Bonnie virá. Ela vai adorar isto.

— Eu, com toda certeza, adoro isto — concordou uma voz de trás dela. Elena se virou e viu os cachos ruivos e sedosos de Bonnie. — Especialmente a sua expressão, Elena. — Os olhos castanhos e grandes de Bonnie dançavam de diversão. Ela e Elena partilharam um olhar cheio de todo o *estamos de volta, voltamos, elas cumpriram a promessa e Fell's Church está de novo como deve* que não podiam dizer na frente de tia Judith, depois se abraçaram.

Elena apertou Bonnie com força e Bonnie enterrou o rosto no ombro de Elena por um momento. Seu corpo mignon tremeu levemente nos braços da amiga, e esta percebeu que não era a única a andar numa corda bamba entre o prazer e a desolação. Elas ganharam muito — mas o preço que pagaram foi bastante alto.

— Na verdade — disse Bonnie com uma alegria cautelosa enquanto soltava Elena —, fiz minha festa de aniversário de 9 anos num lugar muito parecido com este. Lembra do Hokey-Pokey Grill? Aquele era *o* lugar quando estávamos no ensino fundamental. — Seus olhos tinham

um brilho que podia ser de lágrimas, mas o queixo estava empinado, decidido. Bonnie, pensou Elena com admiração, ia se divertir, mesmo que isso a matasse.

— Eu me lembro dessa festa — disse Elena, acompanhando o clima leve de Bonnie. — Seu bolo tinha uma foto imensa de uma boy band.

— Eu era madura para a minha idade — disse Bonnie alegremente à tia Judith. — Era louca pelos meninos antes das minhas amigas.

Tia Judith riu e acenou para Margaret se aproximar da mesa.

— É melhor pedirmos antes que comece o show no palco — disse ela.

Elena, de olhos arregalados, murmurou *show no palco?* para Bonnie, que sorriu e deu de ombros.

— Já sabem o que vão querer, meninas? — perguntou tia Judith.

— Fazem alguma coisa aqui além de pizza? — perguntou Elena.

— Nuggets de frango — respondeu Margaret, sentando-se. — E cachorro-quente.

Elena sorriu para o cabelo desgrenhado da irmã e sua expressão de prazer.

— O que você vai querer, coelhinha? — perguntou ela.

— Pizza! — respondeu Margaret. — Pizza, pizza, pizza.

— Então também vou comer pizza — decidiu Elena.

— É a melhor coisa daqui — confidenciou Margaret. — O cachorro-quente tem um gosto esquisito. — Ela se encolheu na cadeira. — Elena, você vai no meu recital de dança? — perguntou.

— Quando vai ser?

Margaret franziu a testa.

— Depois de amanhã. Você *sabe*.

Elena olhou rapidamente para Bonnie, cujos olhos estavam arregalados.

— Eu não perderia por nada neste mundo — disse ela a Margaret com afeto, e a irmã assentiu firmemente, se levantando da cadeira para alcançar a pipoca.

Entre a expressão de censura de tia Judith e o som quase melodioso do garçom cantor se aproximando, Bonnie e Elena trocaram um sorriso.

Recitais de dança. Garçons cantores. Pizza.
Era bom viver *neste* tipo de mundo, para variar.

6

A manhã seguinte estava clara e quente de novo, outro lindo dia de verão. Elena se espreguiçou indolente na cama confortável, depois vestiu uma camiseta e um short e foi à cozinha comer uma tigela de cereais.

Tia Judith trançava o cabelo de Margaret à mesa.

— Bom dia — falou Elena, servindo leite numa tigela.

— Oi, dorminhoca — disse a tia, e Margaret abriu um largo sorriso, acenando com um dedo. — Fique quieta, Margaret. Estamos quase saindo para fazer compras — avisou ela a Elena. — O que vai fazer hoje?

Elena engoliu sua porção de cereais.

— Vamos pegar Alaric e a amiga dele na estação de trem e colocar a vida em dia — disse ela.

— Quem? — perguntou tia Judith, com os olhos se estreitando.

A mente de Elena girou.

— Ah, humm, você se lembra, ele substituiu o Sr. Tanner no curso de história no ano passado — disse ela, perguntando-se se isso seria verdade neste mundo.

Tia Judith franziu-o cenho.

— Ele não é meio velho para se relacionar com meninas do ensino médio?

Elena revirou os olhos.

— Não estamos mais na escola, tia Judith. E ele é só seis anos mais velho que nós. E não haverá só meninas. Matt e Stefan também vão.

Se essa era a reação de tia Judith à notícia de que eles sairiam com Alaric, Elena entendia por que Meredith tinha hesitado em contar às

pessoas sobre o namoro com ele. Fazia sentido esperar alguns anos, até que as pessoas a vissem como adulta. Como ninguém ali sabia tudo o que Meredith vira e fizera, para eles Meredith parecia qualquer outra adolescente de 18 anos.

Ainda bem que tia Judith não sabe que Stefan tem quinhentos anos a mais que eu, pensou Elena, sorrindo internamente. *Ela acha que* Alaric *é velho demais.*

A campainha tocou.

— É Matt e o pessoal — disse Elena, levantando-se para colocar a tigela na pia. — A gente se vê à noite.

Margaret arregalou os olhos para Elena num apelo silencioso, e Elena voltou da porta para apertar o ombro da garotinha. Será que Margaret ainda tinha medo de que ela não voltasse?

No saguão, Elena passou os dedos pelo cabelo antes de abrir a porta.

Parado diante dela não estava Stefan, mas um completo estranho. Um estranho muito bonito, notou Elena automaticamente, um rapaz de sua idade com cabelo dourado cacheado, feições esculpidas e olhos azuis brilhantes. Segurava uma rosa vermelho-escura na mão.

Elena se endireitou inconscientemente, empinando os ombros e colocando o cabelo atrás da orelha. Ela adorava Stefan, mas isso não queria dizer que não pudesse *olhar* para outros rapazes ou falar com eles. Afinal, não estava morta. *Não mais*, pensou, rindo da própria piada.

O garoto também sorriu.

— Oi, Elena — cumprimentou ele, animado.

— Caleb Smallwood! — disse tia Judith, chegando ao saguão. — Aí está você!

Elena se sentiu retrair, mas continuou sorrindo.

— Algum parentesco com Tyler? — perguntou ela, aparentemente calma, correndo os olhos por Caleb e tentando ser sutil, procurando... o quê? Sinais de ele ser um lobisomem? Ela percebeu que nem sabia que sinais seriam aqueles. A beleza de Tyler sempre teve um toque animal, com os dentes brancos e grandes e as feições largas, mas seria isso uma coincidência?

— Tyler é meu primo — respondeu Caleb, com o sorriso começando a ganhar um franzido inquisitivo. — Pensei que soubesse disso, Elena. Estou morando com o pessoal dele enquanto Tyler... está fora.

A mente de Elena acelerou. Tyler Smallwood fugiu depois que Elena, Stefan e Damon derrotaram seu aliado, o vampiro do mal Klaus. Tyler deixou a namorada — e às vezes refém — Caroline grávida. Elena não discutiu o destino de Tyler e Caroline com as Guardiãs, então não sabia o que tinha acontecido com os dois nesta realidade. Será que Tyler ainda era lobisomem? Caroline estaria grávida? E, se estivesse, era de um bebê humano ou lobisomem? Ela meneou de leve a cabeça. Admirável mundo novo, não há dúvida nenhuma.

— Bem, não vamos deixar Caleb na varanda. Deixe que ele entre — instruiu tia Judith às suas costas. Elena deu um passo para o lado e Caleb passou por ela no saguão.

Elena tentou estender a mente e sentir a aura de Caleb, para ver se era perigoso, mas de novo encontrou um muro de tijolos. Levaria algum tempo para se acostumar a ser uma garota normal de novo. De repente, Elena se sentiu terrivelmente vulnerável.

Caleb passava o peso do corpo de um pé para outro, pouco à vontade, e ela rapidamente se recompôs.

— Há quanto tempo está na cidade? — perguntou ela, depois repreendeu a si mesma por outra vez tratar o garoto que ela obviamente devia conhecer como um estranho.

— Bem — disse ele, devagar —, estou na cidade o verão todo. Levou uma pancada na cabeça no fim de semana, Elena? — Ele sorriu, brincalhão, para ela.

Elena ergueu um ombro, pensando em tudo que ela *de fato* sofreu no fim de semana.

— Algo parecido.

Ele estendeu a rosa.

— É para você.

— Obrigada — agradeceu Elena, confusa. Um espinho furou seu dedo quando ela a pegou pelo caule, então levou o dedo à boca para

estancar o sangue.

— Não agradeça a mim — disse ele. — Estava no degrau da frente quando cheguei. Deve ser de um admirador secreto.

Elena franziu o cenho. Muitos meninos a admiravam na escola e, se isso tivesse acontecido há nove meses, ela teria adivinhado quem deixara a rosa. Mas agora não fazia a menor ideia.

O velho Ford sedã amassado de Matt parou na rua e buzinou.

— Tenho que ir, tia Judith — disse ela. — Eles chegaram. Foi bom te ver, Caleb.

O estômago de Elena se contorceu enquanto ela andava até o carro de Matt. Não estava abalada só com o caráter estranho do encontro com Caleb, notou enquanto virava o caule da rosa distraidamente entre os dedos. Era com o carro em si.

Foi o Ford velho de Matt que ela dirigiu pela ponte Wickery no inverno, em pânico e perseguida por forças do mal. Ela morreu naquele carro. As janelas se espatifaram quando ela bateu no riacho e o carro se encheu de água gelada. O volante arranhado e o capô amassado do carro, coberto de água, foram as últimas coisas que ela viu naquela vida.

Mas ali estava o carro — inteiro de novo, como a própria Elena. Tirando da cabeça a lembrança de sua morte, ela acenou para Bonnie, cujo rosto ansioso era visível pela janela do carona. Ela podia esquecer todas essas antigas tragédias, porque agora elas jamais aconteceram.

Meredith estava elegantemente sentada no balanço de sua varanda, empurrando-se suavemente com um dos pés. Seus dedos fortes e finos estavam imóveis; o cabelo escuro caía suavemente pelos ombros e a expressão era serena, como sempre.

Não havia nada em Meredith que revelasse como seus pensamentos estavam tensos e agitados, as preocupações e os planos de contingência zumbindo por trás da fachada fria.

Ela passou a véspera tentando entender o que o feitiço das Guardiãs tinha mudado para ela e a família — em particular o irmão, Christian, que Klaus sequestrou mais de uma década antes. Ainda não entendia bem, mas ocorria-lhe que o pacto de Elena teve

consequências de alcance maior do que qualquer um deles teria imaginado.

Mas hoje seus pensamentos estavam ocupados com Alaric Saltzman.

Seus dedos batiam ansiosamente no braço do balanço. Depois ela se obrigou a ficar imóvel de novo.

Era na autodisciplina que Meredith encontrava suas forças, e se Alaric, o namorado — ou, pelo menos, ele era seu namorado... na verdade, seu provável comprometido-a-se-comprometer, uma espécie de quase noivo, antes de ele sair da cidade —, tivesse mudado em relação a ela nos meses em que ficaram separados, bem, ninguém, nem mesmo Alaric, perceberia como isso a magoaria.

Ele passara os últimos meses no Japão, investigando atividade paranormal, um sonho realizado para um aluno de doutorado em parapsicologia. Seus estudos da história trágica de Unmei no Shima, a Ilha da Danação, uma pequena comunidade onde filhos e pais se voltaram uns contra os outros, ajudaram Meredith e os amigos a compreender o que os kitsune estavam fazendo em Fell's Church e como combatê-los.

Alaric esteve trabalhando em Unmei, no Shima, com a Dra. Celia Connor, uma patologista forense que, apesar das credenciais acadêmicas completas, tinha a mesma idade de Alaric, só 24 anos. Então, claramente, a Dra. Connor era muito inteligente.

A julgar por suas cartas e e-mails, Alaric tinha aproveitado bastante o Japão. E ele certamente encontrou muitos interesses em comum com a Dra. Connor. Talvez mais do que com Meredith, que tinha acabado de se formar no ensino médio de uma cidadezinha, por mais madura e inteligente que ela fosse.

Meredith se obrigou a sair do devaneio e se sentou mais ereta. Estava sendo ridícula, preocupando-se com a relação de Alaric com a colega. Tinha certeza de que estava sendo ridícula. Certeza absoluta.

Ela segurou os braços do balanço com mais força. Era uma caçadora de vampiros. Tinha o dever de proteger a cidade, e ela, com os amigos, *protegera* Fell's Church muito bem. Não era uma adolescente comum e, se precisasse provar isso a Alaric mais uma vez,

sabia que conseguiria, com ou sem a Dra. Celia Connor.

O Ford lata-velha roncou no meio-fio, com Bonnie na frente e Stefan e Elena sentados juntos no banco traseiro. Meredith se levantou e atravessou o gramado até lá.

— Está tudo bem? — perguntou Bonnie, de olhos arregalados, quando abriu a porta. — Pela sua expressão, parece que está indo para uma batalha.

Meredith relaxou, assumindo um ar impassível, e procurou uma explicação que não tinha. *Estou preocupada em saber se meu namorado ainda gosta de mim*. Rápido e facilmente, ela percebeu que havia outro motivo para sua tensão, um motivo real.

— Bonnie, agora eu tenho o dever de ajudar a cuidar de todo mundo — disse Meredith simplesmente. — Damon morreu. Stefan não quer ferir humanos, e isso o atrapalha. Os Poderes de Elena acabaram. Embora os kitsune tenham sido derrotados, ainda precisamos de proteção. Sempre precisaremos ter cuidado.

Stefan apertou o abraço nos ombros de Elena.

— As coisas que tornaram Fell's Church tão atraentes ao sobrenatural, as linhas de força que atraíram todo tipo de seres para cá por gerações ainda estão presentes. Posso senti-las. E outras pessoas, outras *criaturas*, também as sentirão.

A voz de Bonnie se elevou de temor.

— Então vai acontecer tudo *de novo*?

Stefan coçou o nariz.

— Acho que não. Mas pode acontecer outra coisa. Meredith tem razão, precisamos ficar atentos. — Ele deu um beijo no ombro de Elena e pousou o rosto em seu cabelo. Não havia dúvida, pensou Meredith com ironia, de por que este ser sobrenatural em particular tinha sido atraído a Fell's Church, e não era por causa das linhas de força que corriam pela região.

Elena brincava com uma rosa vermelho-escura, que Stefan devia ter levado para ela.

— É esse o único motivo de sua preocupação, Meredith? — perguntou ela num tom suave. — Seus deveres para com Fell's Church?

Meredith se sentiu ruborizar um pouco, mas a voz estava fria e calma.

— Acho que é motivo suficiente, não concorda?

Elena sorriu.

— Ah, sim, acho que sim. Mas não haveria outro? — Ela piscou para Bonnie, cuja expressão ansiosa ficou mais leve. — Quem conhecemos que ficará fascinado com todas as histórias que você tem para contar? *Especialmente* quando descobrir que a história ainda não acabou?

Bonnie se virou inteiramente no banco, com o sorriso crescendo.

— Ah. *Ah*. Entendi. Ele não vai conseguir pensar em mais nada, vai? Nem em mais ninguém.

Agora os ombros de Stefan relaxaram e, no banco do motorista, Matt soltou uma risada e meneou a cabeça.

— Ah, vocês três — disse ele com afeto. — Nós, homens, não temos a menor chance.

Meredith olhou para a frente e empinou um pouco o queixo, ignorando a todos. Elena e Bonnie a conheciam muito bem, e as três fizeram conspirações juntas por tempo suficiente para ela saber que as amigas a compreenderiam num minuto. Mas não precisava admitir isso.

Contudo, o clima solene do carro ficou mais leve. Meredith percebeu que todos faziam isso de propósito, num esforço gentil e cauteloso com piadas e brincadeiras, tentando aliviar a dor que Elena e Stefan deviam estar sentindo.

Damon morreu. E, embora Meredith tenha desenvolvido um respeito cauteloso e apreensivo pelo vampiro imprevisível durante o tempo que passaram na Dimensão das Trevas, e Bonnie desenvolvera algo mais carinhoso, pensou Meredith, e Elena o *amava*. Amava de verdade. E, embora a relação de Stefan e Damon por séculos tivesse sido turbulenta, para dizer o mínimo, eles eram irmãos. Stefan e Elena sofriam, e todos sabiam disso.

Depois de um minuto, os olhos de Matt foram rapidamente ao retrovisor para olhar Stefan.

— Ei — disse ele —, esqueci de te contar. Nesta realidade, você

não desapareceu no Halloween... Continuou sendo wide-receiver e levamos o time de futebol americano ao campeonato estadual. — Ele sorriu, e o rosto de Stefan se abriu de simples prazer.

Meredith quase tinha se esquecido de que Stefan jogou com Matt no time de futebol da escola antes de o professor de história deles, o Sr. Tanner, morrer na casa mal-assombrada do Halloween e tudo ir para o inferno. Ela se esquecera de que ele e Matt eram amigos de verdade, que jogavam e saíam juntos, apesar de os dois amarem Elena.

E talvez os dois ainda amem, pensou ela, olhando rapidamente a nuca de Matt sob os cílios. Ela não sabia sobre os sentimentos de Matt, mas ele sempre lhe parecera um cara que, quando se apaixonava, continuava assim. Mas também era o tipo de cara que sempre seria ético demais para separar os outros, independentemente do que sentisse.

— E — continuou Matt —, como o quarterback dos campeões estaduais, acho que sou um bom candidato para as faculdades. — Ele parou e abriu um sorriso largo e orgulhoso. — Ao que parece, tenho uma bolsa de estudos atlética integral na Kent State.

Bonnie soltou um guincho, Elena aplaudiu, e Meredith e Stefan gritaram dando parabéns.

— Eu, agora eu! — insistiu Bonnie. — Acho que estudei mais nesta realidade. O que deve ter sido mais fácil, já que uma de minhas melhores amigas não *morreu* no primeiro semestre e estava disponível para me ajudar.

— Ei! — disse Elena. — Meredith sempre foi melhor professora particular que eu. Não pode colocar a culpa em mim.

— Mas, então — continuou Bonnie —, entrei para uma faculdade de quatro anos! Nem me preocupei em me candidatar para nenhuma em nossa outra vida porque minha pontuação *não* era alta. Eu ia fazer um curso de enfermagem na faculdade comunitária, como Mary, embora eu não saiba se sirvo para ser enfermeira porque *eca*, sangue e outros fluidos. Mas então, minha mãe disse hoje de manhã que a gente devia fazer compras para meu quarto na Dalcrest antes do Dia do Trabalho. — Ela deu de ombros levemente. — Quero dizer, sei que não é Harvard, mas estou muito animada.

Meredith se uniu aos parabéns em voz baixa. *Ela*, na realidade, tinha entrado para Harvard.

— Oooh. E! E! — Bonnie quicava de empolgação no banco. — Encontrei Vickie Bennett hoje de manhã. Ela definitivamente não está morta! Acho que ficou surpresa quando a abracei. Esqueci que não éramos amigas.

— E como ela está? — perguntou Elena, interessada. — Ela se lembra de alguma coisa?

Bonnie tombou a cabeça de lado.

— Ela parece bem. Não perguntei exatamente do que ela se lembrava, mas ela não falou nada sobre estar morta, nem sobre vampiros, nem nada. Quero dizer, sempre foi meio metida, né? Ela me disse que te viu no centro no fim de semana e você disse que cor de gloss ela devia comprar.

Elena ergueu as sobrancelhas.

— É mesmo? — Ela parou e continuou, insegura. — Alguém mais tem uma sensação estranha em relação a tudo isso? Quero dizer, é maravilhoso... não me entendam mal. Mas também é esquisito.

— É *perturbador* — disse Bonnie. — É claro que estou agradecida que todas as coisas horríveis tenham passado e todo mundo esteja bem. Estou emocionada por ter minha vida de volta. Mas meu pai hoje de manhã me deu uma bronca quando perguntei onde Mary estava. — Mary era uma das irmãs mais velhas de Bonnie, a última que morava na casa além da própria Bonnie. — Ele achou que eu estava de gracinha com ele. Parece que ela foi morar com o namorado há três meses, e dá para imaginar como meu pai está se sentindo com *isso*.

Meredith assentiu. O pai de Bonnie era do tipo protetor e muito antiquado nas atitudes para com os namorados das filhas. Se Mary estava morando com o namorado, ele devia estar apoplético.

— Tia Judith e eu andamos brigando... pelo menos acho que sim. Mas não consigo descobrir exatamente por quê — confessou Elena. — Não posso perguntar, porque evidentemente eu já devia saber.

— Não devia estar tudo perfeito agora? — perguntou Bonnie com tristeza. — Parece que já sofremos o bastante.

— Não me importo em ficar confuso, desde que possamos voltar a

nossa vida real — disse Matt com sinceridade.

Houve uma pequena pausa, a qual Meredith interrompeu, procurando alguma coisa para tirá-los de seus pensamentos sombrios.

— Bonita rosa, Elena — observou ela. — Foi presente de Stefan?

— Na verdade, não — respondeu Elena. — Estava na escada da frente da minha casa hoje de manhã. — Ela a torceu entre os dedos. — Não é de nenhum dos jardins da rua. Ninguém tem rosas tão bonitas. — Ela sorriu provocativamente para Stefan, que ficou tenso de novo. — É um mistério.

— Deve ser de um admirador secreto — disse Bonnie. — Posso ver?

Elena a estendeu ao banco da frente, e Bonnie virou o caule com cuidado, olhando a flor de todos os ângulos.

— É linda — disse ela. — Uma rosa perfeita. Que romântico! — Ela fingiu desmaiar, levando a rosa à testa. Depois estremeceu. — Ai! Ai!

O sangue escorria por sua mão. Muito mais sangue do que deveria vir da ferida de um espinho, notou Meredith, já pegando um lenço no bolso. Matt parou o carro.

— Bonnie... — começou ele.

Stefan soltou o ar com força e se curvou para a frente, arregalando os olhos. Meredith se esqueceu do lenço, temendo que a visão súbita de sangue tivesse levado Stefan a ceder à sua natureza vampírica.

Matt ofegou, e Elena disse rispidamente:

— Uma câmera, rápido! Alguém me dê o telefone! — O tom de autoridade era tal que Meredith automaticamente entregou seu celular a Elena.

Ela apontou a câmera do telefone para Bonnie, e Meredith enfim viu o que tinha assustado os outros.

O sangue vermelho-escuro escorria pelo braço de Bonnie e corria em volteios e curva do pulso ao cotovelo. Os filetes de sangue escreviam um nome repetidas vezes. O mesmo nome que assombrou Meredith por meses.

celiaceliaceliacelia

7

Quem é Celia? — perguntou Bonnie indignada assim que limparam o sangue.

Ela baixou a rosa lentamente no meio do banco da frente, entre ela e Matt, e todos tomaram muito cuidado para *não* tocá-la. Embora fosse linda, agora parecia mais sinistra do que bonita, pensou Stefan com medo.

— Celia *Connor* — disse Meredith com intensidade. — A Dra. Celia Connor. Você teve uma visão com ela uma vez, Bonnie. A antropóloga forense.

— Aquela que está trabalhando com Alaric? — perguntou Bonnie. — Mas por que o nome dela apareceu com sangue no meu braço? Com *sangue*.

— É o que eu gostaria de saber — disse Meredith, franzindo a testa.

— Pode ser um aviso — propôs Elena. — Ainda não sabemos de muita coisa. Vamos para a estação encontrar Alaric e *Celia*, então...

— Então? — incitou Meredith, fitando os olhos azuis e frios de Elena.

— Então faremos o que for preciso — respondeu Elena. — Como sempre.

Bonnie ainda reclamava quando eles chegaram à estação ferroviária.

Paciência, Stefan lembrou a si mesmo. Em geral ele gostava da companhia de Bonnie, mas agora, com o corpo ansiando pelo sangue humano a que ele se acostumara, ele se sentia... desligado. Stefan esfregou o queixo dolorido.

— Esperava sinceramente que a gente tivesse pelo menos alguns

dias de normalidade — queixou-se Bonnie pelo que parecia a milésima vez.

— A vida não é justa, Bonnie — falou Matt num tom melancólico.

Stefan olhou para ele, surpreso — Matt em geral era o primeiro a aproveitar a oportunidade de animar as meninas —, mas o louro alto estava recostado no guichê de passagens fechado, com os ombros arriados e as mãos nos bolsos.

Matt encontrou o olhar de Stefan.

— Está começando tudo de novo, não é?

Stefan meneou a cabeça e olhou a estação.

— Não sei o que está acontecendo. Mas precisamos ficar vigilantes até descobrir.

— Ah, que coisa reconfortante — murmurou Meredith, examinando atentamente a plataforma com os olhos cinza.

Stefan cruzou os braços e se aproximou de Elena e Bonnie. Todos os seus sentidos, normais e paranormais, estavam em alerta. Ele procurou com o Poder, tentando sentir alguma consciência paranormal perto deles, mas não sentiu nada diferente ou alarmante, só o tranquilo murmúrio ao fundo de humanos comuns cuidando da vida rotineira.

Mas era impossível não se preocupar. Stefan vira muitas coisas em seus quinhentos anos de existência: vampiros, lobisomens, demônios, fantasmas, anjos, bruxas, todo tipo de seres que caçavam ou influenciavam humanos de formas que a maioria das pessoas jamais poderia imaginar. E, como vampiro, ele entendia muito de sangue. Mais do que gostaria de admitir.

Ele viu os olhos de Meredith se voltando para ele com desconfiança quando Bonnie começou a sangrar. Meredith tinha razão em se preocupar: como confiariam nele, quando era de sua natureza fundamental matá-los?

O sangue era a essência da vida, era o que mantinha um vampiro por séculos depois de encerrada sua expectativa de vida natural. O sangue era o ingrediente central de muitos feitiços, benéficos e malignos. O sangue tinha seus próprios Poderes, Poderes que eram de controle complicado e perigoso. Mas Stefan nunca vira o sangue se

comportar como no braço de Bonnie hoje.

Ele teve uma ideia.

— Elena — disse ele, virando-se para ela.

— Hummm? — respondeu ela distraidamente, protegendo os olhos ao fitar os trilhos.

— Você disse que a rosa estava esperando por você na varanda quando abriu a porta esta manhã?

Elena tirou o cabelo dos olhos.

— Na verdade, não. Caleb Smallwood a encontrou ali e me entregou quando abri a porta para ele.

— Caleb Smallwood? — Stefan semicerrou os olhos. Elena já havia dito que a tia contratara o garoto Smallwood para fazer um trabalho na casa, mas ela devia ter contado a ele da ligação entre Caleb e a rosa. — Primo de Tyler Smallwood? O cara que apareceu do nada e ficou rondando sua casa? Aquele que provavelmente é um *lobisomem*, como o resto da família dele?

— Você não o conheceu, ele é perfeitamente legal. Ao que parece, está na cidade o verão todo sem que nada de esquisito tenha acontecido. Nós só não nos lembramos dele. — O tom dela era leve, mas o sorriso não chegava aos olhos.

Stefan automaticamente tentou falar com Elena usando a mente, para ter uma conversa particular sobre o que ela realmente sentia. Mas não conseguiu. Acostumara-se tanto a depender da ligação entre os dois que ainda se esquecia de que aquilo havia sumido; conseguia sentir as emoções de Elena, conseguia sentir sua aura, porém os dois não se comunicavam mais telepaticamente. Ele e Elena estavam separados de novo. Stefan arqueou os ombros, infeliz, contra a brisa.

Bonnie franziu a testa, o vento do verão jogando seus cachos ruivos no rosto com força.

— E o *Tyler* ainda é lobisomem? Porque, se Sue está viva, ele não a matou para se transformar em lobisomem, não é?

Elena ergueu as palmas das mãos para cima.

— Não sei. Ele sumiu, de qualquer modo, e não lamento por isso. Mesmo antes de ser lobisomem, ele era um imbecil completo. Lembra do valentão que era na escola? E que sempre estava bebendo daquele

frasco e dando em cima de nós? Mas tenho certeza de que Caleb é só um cara normal. Eu saberia se houvesse alguma coisa errada com ele.

Stefan a fitou.

— Você tem instintos incríveis com as pessoas — disse ele com cautela. — Contudo, tem certeza de que não está confiando nos sentidos que não tem mais para saber quem é Caleb? — Ele pensou nas Guardiãs cortando dolorosamente as Asas de Elena e destruindo seus Poderes, os Poderes que ela e os amigos mal compreendiam.

Elena ficou aturdida e abriu a boca para responder quando o trem roncou na estação, impedindo qualquer conversa.

Só algumas pessoas desembarcaram na estação de Fell's Church, e Stefan logo viu a figura conhecida de Alaric. Depois de descer na plataforma, Alaric se voltou para ajudar uma afro-americana magra que saía atrás dele.

A Dra. Celia Connor certamente era linda — Stefan tinha de concordar com isso. Era baixa, mignon como Bonnie, de pele negra e cabelo cortado bem curto. O sorriso que abriu para Alaric quando pegou seu braço era encantador e um tanto malicioso. Tinha grandes olhos castanhos e um pescoço longo e elegante. Com roupas de grife estilosas mas práticas, usava botas de couro macio, jeans justos e uma blusa de seda em tom de safira. Uma echarpe longa e diáfana estava enrolada no pescoço, aumentando a sofisticação de seu porte.

Quando Alaric, com seu cabelo cor de areia desgrenhado e sorriso juvenil, cochichou com familiaridade em seu ouvido, Stefan sentiu a tensão de Meredith. Ela parecia louca para experimentar alguns movimentos de artes marciais em certa antropóloga forense bonita.

Mas então Alaric viu Meredith, correu e a pegou nos braços, levantando-a do chão e girando-a num abraço, e ela relaxou visivelmente. Segundos depois, os dois estavam rindo e conversando, e nem pareciam capazes de parar de tocar um no outro, como se precisassem reafirmar que enfim estavam juntos de novo.

Claramente, pensou Stefan, quaisquer preocupações que Meredith tivesse com Alaric e a Dra. Connor não tinham fundamento, pelo menos no que dizia respeito a Alaric. Stefan voltou a atenção para Celia Connor.

Suas primeiras sondas cautelosas de Poder descobriram um leve ressentimento ebuliente emanando da antropóloga. Era compreensível: ela era humana, muito nova apesar da pose e das muitas realizações profissionais, e tinha passado muito tempo trabalhando lado a lado ao muito atraente Alaric. Não seria surpresa se tivesse um certo senso de propriedade sobre ele, e ali estava Alaric, sendo arrancado dela e entrando na órbita de uma adolescente.

Mais importante, porém, seu Poder não encontrou nenhuma sombra sobrenatural pairando sobre ela e nenhum Poder respondendo nela. Qualquer que tenha sido o significado do nome de Celia escrito em sangue, parecia não ter sido provocado pela Dra. Celia Connor.

— Alguém tire umas fotos! — exclamou Bonnie, rindo. — Não vemos Alaric há *meses*. Precisamos documentar sua volta!

Matt pegou o telefone e tirou fotos de Alaric e Meredith abraçados.

— Todos nós! — insistiu Bonnie. — Você também, Dra. Connor. Vamos ficar na frente do trem... É um fundo incrível. Você tira essa, Matt, depois eu tiro outra com você entre eles.

Eles assumiram posições variadas: esbarrando-se, pedindo desculpas, apresentando-se a Celia Connor, jogando os braços uns nos outros num estilo despreocupado e exuberante. Stefan se viu empurrado para a margem, com o braço de Elena preso no dele, e discretamente respirou o cheiro doce e limpo de seu cabelo.

— Todos a bordo! — gritou o condutor, e as portas do trem se fecharam.

Matt, percebeu Stefan, tinha parado de fotografar e os encarava com os olhos azuis arregalados, repletos do que parecia pavor.

— Parem o trem! — gritou ele. — Parem o trem!

— Matt? Mas *o que foi*? — indagou Elena. Então Meredith olhou para trás, para o trem, com uma expressão de compreensão.

— Celia — disse ela com urgência, estendendo a mão para a outra mulher.

Atordoado, Stefan viu Celia ser arrebatada deles abruptamente, quase como se uma mão invisível a tivesse agarrado. Quando o trem começou a se mover, Celia andou, depois correu ao lado dele em movimentos rígidos e frenéticos, as mãos indo rapidamente ao

pescoço.

De repente, a perspectiva de Stefan mudou, e ele entendeu o que estava acontecendo. A echarpe diáfana de Celia de algum modo se prendeu na porta do trem que havia se fechado e agora o vagão a puxava pelo pescoço. Ela corria para não ser estrangulada, a echarpe como uma coleira. E o trem estava começando a ganhar velocidade. As mãos de Celia puxavam a echarpe, mas as duas pontas estavam presas na porta e seus puxões pareciam apertá-la ainda mais ao redor do pescoço.

Celia se aproximava do fim da plataforma, e o trem acelerava. Era uma queda em cheio da plataforma para o chão de cascalho depois dela. Em alguns segundos, ela cairia, o pescoço se quebraria e o trem a arrastaria por quilômetros.

Stefan entendeu tudo isso no espaço de uma respiração e rapidamente entrou em ação. Sentiu os caninos se alongarem com a onda de Poder que o tomava. Depois partiu, mais rápido que qualquer humano, mais rápido que o trem, e acelerou em direção a ela.

Em um só movimento, pegou-a nos braços, aliviou a pressão no pescoço e rasgou a echarpe pela metade.

Ele parou e baixou Celia enquanto o trem acelerava e saía da estação. Os restos da echarpe escorregaram do pescoço da mulher e flutuaram na plataforma ao lado de seus pés. Ela e Stefan se olharam, respirando com dificuldade. Atrás deles, Stefan ouvia os outros gritando, o som dos pés pisando na plataforma enquanto eles corriam em direção aos dois.

Os olhos castanho-escuros de Celia estavam arregalados e cheios de lágrimas de dor. Ela lambeu os lábios nervosamente e ofegou várias vezes, apertando o peito com as mãos. Stefan ouvia seu coração martelando, o sangue correndo pelo sistema, e se concentrou em retrair os caninos e reassumir a face humana. Ela cambaleou de repente, e Stefan passou um braço por ela.

— Está tudo bem — disse ele. — Você está bem agora.

Celia soltou uma risada curta e levemente histérica e enxugou os olhos. Depois ficou ereta, endireitando os ombros, e respirou fundo. Stefan via que ela estava deliberadamente se acalmando, embora o

coração estivesse frenético, e admirou o autocontrole da mulher.

— Então — disse ela, estendendo a mão —, você deve ser o vampiro de que Alaric me falou.

Os outros agora estavam perto, e Stefan olhou alarmado para Alaric.

— Esta é uma informação que prefiro que guarde para si — respondeu Stefan, sentindo uma pontada de irritação por Alaric revelar seu segredo. Mas as palavras de Stefan quase foram tragadas por um ofegar de Meredith. Seus olhos cinza, em geral tão serenos, estavam escuros de horror.

— Olhem — disse ela, apontando. — Olhem o que está escrito ali. — Stefan voltou a atenção para os pedaços de tecido junto aos próprios pés.

Bonnie soltou um gemido curto, e as sobrancelhas de Matt se cerraram. O rosto bonito de Elena estava branco de choque, e Alaric e Celia pareciam totalmente confusos.

Por um momento, Stefan não viu nada. Depois, como uma imagem entrando em foco, sua visão se adaptou e ele viu o que todos enxergavam. A echarpe rasgada tinha caído em um monte retorcido complexo, e as dobras supostamente aleatórias do tecido claramente formavam letras que diziam:

meredith

8

Foi mesmo de arrepiar — disse Bonnie. Todos se amontoaram no carro de Matt; Elena pulando no colo de Stefan e Meredith no colo de Alaric (e, pelo que Bonnie notou, a Dra. Celia não pareceu nada empolgada com aquilo). Depois foram às pressas para o pensionato em busca de conselhos.

Chegando lá, todos se reuniram na sala de visitas e contaram a história à Sra. Flowers, falando um por cima do outro, excitados.

— Primeiro o nome de Celia apareceu do nada... com o meu *sangue* — continuava Bonnie —, depois houve um acidente estranho que podia tê-la *matado*, e apareceu o nome de Meredith. Foi tudo muito, mas muito sinistro mesmo.

— Eu colocaria a questão de modo um pouco mais forte que isso — disse Meredith. Depois arqueou uma sobrancelha elegante. — Bonnie, esta é sem sombra de dúvida a primeira vez que reclamo de você não ser dramática o suficiente.

— Ei! — protestou Bonnie.

— Lá vão vocês de novo — brincou Elena. — Sempre vendo o lado positivo. A última insanidade é Bonnie virar uma garota contida.

Matt meneou a cabeça.

— Sra. Flowers, sabe o que está acontecendo?

A Sra. Flowers, sentada numa poltrona de canto aconchegante na sala, sorriu e o acariciou no ombro. Estava tricotando quando eles chegaram, mas deixou de lado o rolo cor-de-rosa e fixou os calmos olhos azuis neles com toda atenção enquanto lhe contavam a história.

— Meu querido Matt — disse ela. — Sempre indo direto ao que interessa.

A pobre da Celia tinha se sentado no sofá ao lado de Alaric e Meredith, parecendo assombrada desde que chegaram. Uma coisa era estudar o sobrenatural, mas a realidade de um vampiro, nomes que apareciam misteriosamente e um encontro com a morte devem ter sido um choque em seu sistema. Alaric estava com um braço tranquilizador sobre os ombros dela. Bonnie pensou que o braço deveria estar nos ombros de Meredith. Afinal, foi o nome de *Meredith* que apareceu nas dobras da echarpe. Mas Meredith estava apenas sentada ali, olhando para Alaric e Celia com a expressão controlada e os olhos impenetráveis.

Celia se curvou para a frente e falou pela primeira vez.

— Me desculpem — disse ela educadamente, com a voz um tanto trêmula —, mas não entendo por que trouxemos este... este problema a... — A voz falhou enquanto os olhos se dirigiram à Sra. Flowers.

Bonnie sabia o que ela queria dizer. A Sra. Flowers parecia a epítome da velhinha meiga e biruta: cabelos grisalhos macios e errantes puxados num coque, uma expressão um tanto vaga, um guarda-roupa que tendia a tons pastel ou preto gasto e o hábito de resmungar baixinho, aparentemente consigo mesma. Um ano antes, a própria Bonnie pensava que a Sra. Flowers era só uma velha maluca que cuidava do pensionato onde Stefan morava.

Mas as aparências podem enganar muito. A Sra. Flowers conquistou o respeito e a admiração de todos eles pelo modo como protegeu a cidade com sua magia, seu Poder e seu bom senso. Havia muito mais naquela senhorinha do que os olhos podiam ver.

— Minha cara — disse a Sra. Flowers com firmeza —, você teve uma experiência muito traumática. Beba seu chá. É uma mistura calmante especial passada em minha família por gerações. Faremos tudo que pudermos por você.

Bonnie observou que esta era uma maneira muito doce e nobre de colocar a Dra. Celia Connor em seu devido lugar. *Ela* ia beber o chá e se recuperar, e *eles* pensariam em como resolver o problema. Os olhos de Celia lampejaram, mas ela tomou obedientemente o chá.

— Agora — disse a Sra. Flowers, olhando para os outros —, parece-me que a primeira coisa a fazer é entender qual é a *intenção* por trás

do aparecimento desses nomes. Depois disso, talvez tenhamos uma ideia melhor de *quem* pode estar por trás dos incidentes.

— Quem sabe para nos dar um aviso? — disse Bonnie, hesitante. — Quero dizer, apareceu o nome de Celia, depois ela quase morreu, e agora Meredith... — Sua voz falhou e ela olhou para Meredith, desculpando-se. — Tenho medo de que você esteja correndo perigo.

Meredith deu de ombros.

— Não seria a primeira vez — respondeu.

A Sra. Flowers assentiu, animada.

— Sim, é possível que o aparecimento dos nomes tenha uma intenção benéfica. Vamos explorar essa teoria. Alguém pode estar tentando dar um aviso a vocês. Se for assim, quem? E por que precisa fazer isso desse jeito?

Agora a voz de Bonnie estava ainda mais branda, porém também mais hesitante. E, se ninguém ia dizer isso, ela o faria.

— Poderia ser o Damon?

— Damon morreu — disse Stefan, determinado.

— Mas, quando Elena morreu, ela me avisou de Klaus — argumentou Bonnie.

Stefan massageou as têmporas. Parecia cansado.

— Bonnie, quando Elena morreu, Klaus prendeu o espírito dela entre dimensões. Ela não tinha morrido completamente. E mesmo então, ela só conseguia visitar você nos sonhos... E a mais ninguém, só você, porque você consegue sentir coisas que os outros não sentem. Ela não podia fazer nada acontecer no mundo físico.

A voz de Elena tremeu.

— Bonnie, as Guardiãs nos disseram que os vampiros não têm vida após a morte. Em qualquer sentido do termo. Damon se foi. — Stefan pegou a mão dela, com o olhar preocupado.

Bonnie sentiu uma pontada aguda de solidariedade pelos dois. Lamentava ter trazido Damon à tona, mas não tinha conseguido impedir. A ideia de que ele pudesse estar observando a todos, irascível e malicioso, mas no fundo gentil, aliviara brevemente o peso em seu coração. Agora o peso havia voltado com força.

— Bem — disse ela lentamente —, então não tenho mais nenhuma

ideia de quem pode estar nos avisando. Alguém tem?

Todos menearam a cabeça, perplexos.

— Quem é que sabe sobre nós e tem esse tipo de poder? — perguntou Matt.

— As Guardiãs? — respondeu Bonnie, em dúvida.

Mas Elena meneou a cabeça com rapidez e decisivamente, balançando o cabelo louro.

— Não são elas — disse. — A última coisa que fariam seria mandar um recado em sangue. Visões fazem mais o estilo delas. E tenho certeza de que as Guardiãs lavaram as mãos em relação a nós quando nos mandaram de volta para cá.

A Sra. Flowers entrelaçou os dedos no colo.

— Então talvez haja alguma pessoa ou ser desconhecido cuidando de vocês, avisando dos perigos à frente.

Matt estava sentado reto como uma vara numa das cadeiras mais frágeis da Sra. Flowers, e ela rangeu de modo alarmante quando ele se curvou para a frente.

— Humm — disse ele. — Acho que a melhor pergunta é: o que está causando esse perigo?

A Sra. Flowers abriu as mãos pequenas e enrugadas.

— Tem toda razão. Vamos considerar as opções. Por um lado, pode ser um aviso de algo que ia acontecer naturalmente. Celia... não se importa que eu a chame de Celia, não é, minha cara?

Celia, ainda em choque, balançou a cabeça.

— Que bom. A echarpe de Celia ficar presa nas portas do trem pode ter sido um acidente natural. Perdoe-me por dizer isso, mas essas echarpes compridas e teatrais podem ser muito perigosas. A bailarina Isadora Duncan morreu desse jeito quando sua echarpe ficou presa na roda de um carro, muitos anos atrás. Talvez quem mandou o recado simplesmente estivesse avisando para Celia ter cuidado, ou para vocês cuidarem dela. Talvez Meredith apenas precise ter cautela nos próximos dias.

— Mas não é o que a senhora acha, é? — perguntou Meredith bruscamente.

A Sra. Flowers suspirou.

— Tudo isso me parece muito malévolo. Creio que, se alguém quisesse nos avisar sobre a possibilidade de acidentes, podia encontrar formas melhores do que nomes escritos em sangue. Os dois nomes apareceram como resultado de incidentes um tanto violentos, estou correta? Bonnie se cortou e Stefan rasgou a echarpe do pescoço de Celia, certo?

Meredith assentiu.

Com um ar perturbado, a Sra. Flowers continuou:

— E é claro que a outra possibilidade é a de que o aparecimento dos nomes seja em si maligno. Talvez o aparecimento dos nomes seja um ingrediente essencial ou o método de mira para um feitiço que esteja *causando* o perigo.

Stefan franziu o cenho.

— Está falando de magia negra, não?

A Sra. Flowers o olhou com franqueza.

— Receio que sim. Stefan, você é o mais velho e mais experiente de todos nós. Nunca ouvi falar de nada parecido, e você?

Bonnie ficou meio surpresa. É claro que ela sabia que Stefan era muito mais velho até do que a Sra. Flowers — afinal, ele estava vivo antes da eletricidade, da água encanada, dos automóveis ou qualquer coisa que para eles era normal no mundo moderno, enquanto a Sra. Flowers devia ter apenas uns 70 anos.

Ainda assim, era fácil se esquecer da quantidade de tempo que Stefan viveu. Ele se parecia com qualquer outro garoto de 18 anos, só que era excepcionalmente bonito. Um pensamento traiçoeiro surgiu no fundo de sua mente, uma ideia que ela já tinha tido antes: como é que Elena sempre conseguia os meninos mais bonitos?

Stefan meneava a cabeça.

— Nada parecido, não. Mas acho que tem razão, pode ser magia negra. Talvez, se falasse com sua mãe sobre isso...

Celia, que começava a ter mais interesse no que acontecia, olhou indagativamente para Alaric. Depois lançou um olhar para a porta, como se esperasse a entrada de uma mulher de cem anos. Bonnie sorriu consigo mesma, apesar da gravidade da situação.

Estavam todos tão acostumados com as conversas frequentes da

Sra. Flowers com o fantasma de sua mãe que nenhum deles sequer piscou quando a Sra. Flowers olhou para o vazio e começou a murmurar rapidamente, de sobrancelhas erguidas, os olhos percorrendo o espaço como se alguém invisível falasse com ela. Mas, para Celia, devia parecer muito estranho.

— Sim — disse a Sra. Flowers, voltando a atenção para eles. — A ma*mã* diz que há algo verdadeiramente sombrio agitando-se em Fell's Church. Mas — suas mãos se ergueram, vazias — ela não sabe a forma que assume. Simplesmente nos avisa para ter cuidado. Seja o que for, ela consegue sentir que é mortal.

Stefan e Meredith franziram o cenho, apreendendo a notícia. Alaric sussurrava com Celia, provavelmente explicando o que estava acontecendo. Matt baixou a cabeça.

Elena prosseguiu, já pensando no ponto de vista seguinte.

— Bonnie, e você? — perguntou ela.

— Hein? — perguntou Bonnie, mas depois percebeu o que Elena queria dizer. — Não. Na-na-não. Não vou saber de nada que a mãe da Sra. Flowers não saiba.

Elena se limitou a olhar para a amiga, e Bonnie suspirou. Afinal, isso era importante. O nome de Meredith era o próximo e, se houvesse uma verdade ali, era que ela, Meredith e Elena apoiavam umas às outras. Sempre.

— Tudo bem — disse ela com relutância. — Verei se descubro mais alguma coisa. Podem acender uma vela?

— O que é isso, agora? — perguntou Celia, confusa.

— Bonnie é vidente — explicou Elena simplesmente.

— Fascinante — disse Celia, animada, mas os olhos, frios e incrédulos, voltaram-se enviesados para Bonnie.

Bem, tanto fazia. Bonnie não se importava com o que ela pensava. Se quisesse, podia supor que Bonnie estava fingindo ou que era louca, mas um dia ela veria o que acontecia. Elena pegou uma vela no consolo da lareira, acendeu e colocou na mesa de centro.

Bonnie engoliu em seco, lambeu os lábios, que de repente ficaram secos, e tentou se concentrar na chama da vela. Embora tivesse muita prática, não gostava de fazer aquilo, não gostava da sensação de se

perder, como se estivesse deslizando para baixo da água.

A chama bruxuleou e ficou mais forte. Parecia crescer e ocupar o campo de visão de Bonnie. Só o que ela via era a chama.

Eu sei quem você é, uma voz fria e áspera de repente grunhiu em seu ouvido, e Bonnie se remexeu. Ela odiava as vozes, às vezes baixas como se viessem de uma TV distante, às vezes bem ao lado dela, como esta. De algum modo, ela sempre conseguia esquecê-las até a vez seguinte em que entrava em transe. Uma voz distante de criança começou um cantarolar fora do ritmo e sem palavras, e Bonnie se concentrou em manter a respiração lenta e estável.

Ela sentia os olhos perdendo o foco. Um gosto acre, úmido e desagradável tomou-lhe a boca.

A inveja se torcia, aguda e amarga, dentro dela. *Não é justo, não é justo*, algo murmurava com tristeza em seu crânio. E veio a escuridão.

Apreensiva, Elena viu as pupilas de Bonnie se dilatarem, refletindo a chama da vela. Bonnie era capaz de entrar em transe com muito mais rapidez agora do que no início, o que preocupava Elena.

— Surge a escuridão. — Uma voz monótona e oca que não era nada parecida com a de Bonnie saiu da boca da amiga. — Ainda não está aqui, mas quer estar. Está frio. Tem estado frio por muito tempo. Ele quer ficar perto de nós, longe da escuridão e quente como nossos corações. Ele odeia.

— É um vampiro? — perguntou Meredith rapidamente.

A voz que não era de Bonnie soltou uma risada ríspida e sufocada.

— É muito mais forte do que qualquer vampiro. Pode encontrar um lar em qualquer um de vocês. Vigiem uns aos outros. Vigiem a si mesmos.

— O que é? — perguntou Matt.

Quem falava através de Bonnie hesitou.

— Ela não sabe — falou Stefan. — Ou não pode nos dizer. Bonnie — disse ele intensamente —, alguém está trazendo essa coisa até nós? Quem está provocando isso?

Desta vez, não houve hesitação.

— Elena — disse. — Elena trouxe.

9

Bonnie estremeceu com o gosto metálico e desagradável que sentia e piscou várias vezes, até que a sala voltou a entrar em foco.

— Ai — disse ela. — Eu *odeio* fazer isso.

Todos olhavam para ela, lívidos e assustados.

— O que foi? — perguntou ela, inquieta. — O que eu disse?

Elena estava imóvel.

— Você disse que era minha culpa — explicou ela devagar. — O que está vindo atrás de nós, fui eu que trouxe para cá. — Stefan cobriu a mão de Elena com a dele.

Espontaneamente, a parte mais cruel e limitada da mente de Bonnie pensou, cansada: *Claro. Sempre se trata de Elena, não é?*

Meredith e Matt contaram a Bonnie o que mais ela falou em transe, mas seus olhos voltavam insistentemente ao rosto magoado de Elena. Então assim que terminaram o relato do que ela perdeu, viraram-se de Bonnie para Elena.

— Precisamos pensar num plano — disse Meredith a ela suavemente.

— Todos vamos querer uns refrescos — sugeriu a Sra. Flowers, levantando-se, e Bonnie a seguiu até a cozinha, ansiosa para escapar da tensão na sala.

De qualquer maneira, ela não era planejadora, disse a si mesma. Dava sua contribuição apenas sendo a vidente. Era a Elena e Meredith que todos procuravam para tomar as decisões.

Mas não era *justo*, era? Ela não era tola, apesar de todos os amigos a tratarem como o bebê do grupo. Todo mundo achava que Elena e Meredith eram *tão inteligentes* e tão fortes, mas Bonnie tinha salvado o

dia várias vezes — não que alguém se lembrasse disso. Ela passou a língua pelos dentes, tentando raspar o gosto amargo que perdurava ali.

A Sra. Flowers decidiu que o grupo precisava de sua limonada de sabugueiro especial para se acalmar. Enquanto enchia os copos de gelo, servia as bebidas e as colocava numa bandeja, Bonnie a observava implacavelmente. Havia uma sensação turbulenta e vazia dentro de Bonnie, como se faltasse alguma coisa. Não era *justo*, pensou ela de novo. Nenhum deles a valorizava nem percebia tudo que ela havia feito por eles.

— Sra. Flowers — disse ela de repente. — Como a senhora fala com a sua mãe?

A Sra. Flowers se virou para ela, surpresa.

— Ora, minha cara — começou ela —, é muito fácil falar com os fantasmas, se eles quiserem falar com você ou se forem espíritos de pessoas que você amava. Os fantasmas, veja bem, não deixam nosso plano, mas ficam perto de nós.

— Ainda assim — pressionou Bonnie —, a senhora pode fazer mais do que isso, muito mais. — Ela imaginou a Sra. Flowers, jovem de novo, com os olhos faiscando e o cabelo esvoaçante, lutando contra o Poder malévolo dos kitsune com um Poder só dela, igualmente forte. — A senhora é uma bruxa muito poderosa.

A expressão da Sra. Flowers ficou reservada.

— Gentileza sua dizer isso, querida.

Bonnie torceu uma mecha do cabelo no dedo com ansiedade, avaliando as próximas palavras.

— Bem... se a senhora puder, é claro... só se tiver tempo... eu gostaria que me treinasse. Qualquer coisa que esteja disposta a me ensinar. Posso ver coisas e melhorei nisso, mas queria aprender tudo, qualquer coisa que puder me mostrar. Adivinhação, e sobre ervas. Feitiços de proteção. O que puder. Sinto que há tanta coisa que não sei e acho que posso ter talento, sabe? Assim espero, pelo menos.

A Sra. Flowers a olhou cautelosamente por um bom tempo antes de assentir mais uma vez.

— Eu vou lhe ensinar. Com prazer. Você tem um grande talento

natural.

— É mesmo? — perguntou Bonnie timidamente. Uma bolha quente de felicidade cresceu dentro dela, preenchendo o vazio que a envolvera momentos antes.

Depois ela deu um pigarro e acrescentou, com a maior casualidade que conseguiu invocar:

— E eu estava pensando... pode falar com qualquer morto? Ou só com a sua mãe?

Por alguns segundos, a Sra. Flowers não respondeu. Bonnie sentia que os olhos azuis e aguçados da mulher mais velha olhavam através dela e analisavam sua mente e seu coração. Quando a Sra. Flowers falou, a voz era gentil.

— Com quem quer fazer contato, querida?

Bonnie estremeceu.

— Ninguém em particular — respondeu rapidamente, apagando da mente a imagem dos olhos negros de Damon. — Só parece que seria útil. E interessante também. Tipo assim, eu podia aprender tudo sobre a história de Fell's Church. — Ela se afastou da Sra. Flowers e se ocupou com os copos de limonada, deixando o assunto de lado por enquanto.

Ela teria tempo de perguntar de novo, pensou. *Em breve.*

— O mais importante — dizia Elena, resoluta — é proteger Meredith. Recebemos um aviso e precisamos tirar proveito dele, e não ficar sentados aqui nos preocupando com de onde vem. Se algo terrível... algo que *eu* trouxe de algum modo... está vindo, vamos lidar com isso quando chegar aqui. Neste momento, vamos cuidar de Meredith.

Ela era tão bonita que Stefan ficava tonto. Literalmente: às vezes ele a olhava, pegava-a de certo ângulo e via, como que pela primeira vez, a curva delicada de sua face, o mais leve tom de pétala de rosa na pele cremosa, a seriedade dos lábios macios. Nesses momentos, a cabeça e o estômago sempre afundavam como se ele estivesse descendo uma montanha-russa. *Elena.*

Ele pertencia a ela; era simples assim. Era como se por centenas de

anos ele estivesse numa jornada em direção a esta menina mortal e, agora que a tinha encontrado, sua vida muito longa finalmente encontrara um propósito.

Mas você não a tem, disse algo dentro dele. *Não toda ela. Não verdadeiramente*.

Stefan se livrou do pensamento traiçoeiro. Elena o amava. Ela o amava corajosa, desesperada e apaixonadamente. E muito mais do que ele merecia. E ele também a amava. Era isso que importava.

E agora, esta doce menina mortal que ele amava organizava com eficiência um plano para proteger Meredith, atribuindo tarefas com tranquilidade pois sabia que teria obediência em troca.

— Matt — disse ela —, se estiver trabalhando amanha à noite, você e Alaric podem pegar o turno do dia. Stefan assumirá à noite, e Bonnie e eu pegaremos pela manhã.

— Você devia ser um general — murmurou Stefan a ela, angariando um sorriso rápido.

— Não preciso de guardas — disse Meredith, irritada. — Fui treinada em artes marciais e já enfrentei o sobrenatural. — Pareceu a Stefan que os olhos dela pousaram especulativamente nele por um segundo, e ele se obrigou a não se eriçar com essa avaliação. — Meu bastão é toda a proteção de que preciso.

— Um bastão como o seu não poderia ter protegido Celia — argumentou Elena. — Se Stefan não estivesse presente para intervir, ela teria sido morta. — No sofá, Celia fechou os olhos e pousou a cabeça no braço de Alaric.

— Muito bem, então. — Meredith falava num tom acelerado, com os olhos em Celia. — É verdade: de todos nós, só Stefan podia tê-la salvado. E este é outro motivo por que todo esse esforço de equipe para me proteger é ridículo. Você agora tem a força e a velocidade para me salvar de um trem em movimento, Elena? E *Bonnie*? — Stefan viu Bonnie, entrando com uma bandeja de copos de limonada, parar e fechar a cara ao ouvir as palavras de Meredith.

Ele sabia, claro, que, com Damon morto e os Poderes de Elena acabados, só restava ele para proteger o grupo. Bem, a Sra. Flowers e Bonnie tinham uma capacidade mágica limitada. Stefan corrigiu o

pensamento: a Sra. Flowers na verdade era muito poderosa, mas seus poderes ainda estavam esgotados pela luta com os kitsune.

Assim, dava no mesmo: agora Stefan era o único que podia protegê-los. Meredith podia falar de suas responsabilidades como caçadora de vampiros, mas, no fim, apesar de seu treinamento e sua herança, ela era apenas outra mortal.

Os olhos dele percorreram o grupo, todos os mortais, os *seus* mortais. Meredith, de olhos cinza sérios e uma determinação de aço. Matt, ansioso e juvenil e decente até a alma. Bonnie, alegre e doce, e com uma força essencial que talvez nem ela sabia existir. A Sra. Flowers, uma matriarca sábia. Alaric e Celia... bem, eles não eram mortais *dele* como os outros, mas recaíam sob sua proteção enquanto estivessem ali. Ele jurara proteger os humanos, quando pudesse. Se pudesse.

Ele se lembrou do que Damon lhe dissera uma vez, rindo em um de seus ataques de perigoso bom humor, com o rosto alegre: "Eles são tão frágeis, Stefan! Você pode quebrá-los mesmo sem querer!"

E Elena, a sua Elena. Agora ela era tão vulnerável quanto os outros. Ele estremeceu. Se alguma coisa acontecesse com ela, Stefan sabia, sem sombra de dúvida, que tiraria o anel que lhe permitia andar à luz do dia, deitaria na grama sobre o túmulo dela e esperaria o sol.

Mas a mesma voz oca interior que questionou o amor de Elena por ele sussurrou sombriamente em seu ouvido: *Ela não faria o mesmo por você. Você não é tudo para ela.*

Enquanto Elena e Meredith, com ocasionais interferências de Matt e Bonnie, continuavam a discutir se Meredith precisava dos esforços do grupo para sua proteção, Stefan fechou os olhos e deixou-se levar pelas lembranças da morte de Damon.

Stefan olhava, estupidamente, sem compreender e sem rapidez suficiente, enquanto Damon, mais veloz do que ele até o fim, disparava até a imensa árvore e arrebanhava Bonnie, leve como um floco de dente-de-leão, para fora do alcance dos galhos farpados que já investiam em direção a ela.

Quando Damon se atirou nela, um galho o pegou pelo peito, prendendo-

o no chão. Stefan viu o momento de choque nos olhos do irmão antes de eles rolarem para trás. Uma única gota de sangue escorria de sua boca para o queixo.

"Abra os olhos, Damon!", Elena gritava. Havia um tom áspero em sua voz, uma agonia que Stefan nunca ouvira nela. As mãos voaram até os ombros de Damon, como se Elena quisesse sacudi-lo com força, mas Stefan a puxou. "Ele não pode, Elena, ele não pode", disse Stefan, entre soluços.

Será que ela não via que Damon estava morrendo? O galho paralisara seu coração e o veneno da árvore se espalhava por suas veias e artérias. Ele tinha ido embora. Stefan baixou gentilmente a cabeça de Damon até o chão. Deixaria o irmão partir.

Mas Elena, não.

Virando-se para pegá-la nos braços e reconfortá-la, Stefan viu que ela se esquecera dele. Os olhos de Elena estavam fechados e os lábios se mexiam sem produzir som. Todos os músculos estavam tensos, esticando-se em direção a Damon, e Stefan percebeu com um choque surdo que ela e Damon ainda estavam ligados, que uma última conversa estava acontecendo em alguma frequência particular que o excluía.

O rosto de Elena estava molhado de lágrimas, e de repente ela procurou sua faca e, com um movimento rápido e seguro, cortou a própria jugular, deixando o sangue escorrer pelo pescoço. "Beba, Damon", disse numa voz desesperada de quem reza, abrindo a boca de Damon com as mãos e curvando o pescoço para ela.

O cheiro do sangue de Elena era perfumado e picante, fazendo os caninos de Stefan coçarem de desejo mesmo em seu horror com o descuido com que ela cortou o próprio pescoço. Damon não bebeu. O sangue escorreu da boca para o pescoço, ensopando a camisa e encharcando a jaqueta de couro preto.

Elena soluçou e se atirou por cima de Damon, beijando seus lábios frios, de olhos bem fechados. Stefan sabia que ela ainda estava em comunhão com o espírito de Damon, num diálogo telepático de amor e segredos só deles, as duas pessoas que ele mais amava. As únicas pessoas que ele amava.

Um filete frio de inveja, a sensação de ser um mero espectador, aquele que ficou inteiramente só, enroscou-se pela coluna de Stefan mesmo

enquanto as lágrimas de tristeza corriam por seu rosto.

Um telefone tocou, e Stefan foi puxado de volta ao presente.

Elena olhou o celular e atendeu.

— Oi, tia Judith. — Ela parou. — No pensionato, com todo mundo. Pegamos Alaric e a amiga dele na estação. — Outra pausa, então e fez uma careta. — Desculpe, eu me esqueci. Sim, vou. Só alguns minutos, está bem? Tudo bem. Tchau.

Ela desligou e se levantou.

— Ao que parece, a certa altura prometi à tia Judith que estaria em casa para jantar hoje à noite. Robert pegou o jogo de fondue e Margaret quer que eu ensine a ela como mergulhar pão em queijo. — Ela revirou os olhos, mas Stefan não se deixou enganar. Ele percebia como Elena estava deliciada por ter a irmã mais nova idolatrando-a novamente.

Elena continuou de cenho franzido.

— Não sei se vou conseguir sair à noite de novo, mas alguém precisa ficar com Meredith o tempo todo. Pode passar a noite aqui, Meredith, em vez de ir para sua casa?

Meredith assentiu devagar, as longas pernas puxadas sob o corpo no sofá. Ela parecia cansada e apreensiva, apesar da bravata anterior. Elena tocou em sua mão, despedindo-se, e Meredith sorriu para ela.

— Sei que seus servos cuidarão bem de mim, rainha Elena — disse ela com leveza.

— Não espero menos do que isso — respondeu Elena no mesmo tom, dirigindo um sorriso para o resto da sala.

Stefan se levantou.

— Eu levo você para casa — disse ele.

Matt também se levantou.

— Posso levar você de carro — ofereceu, e Stefan se surpreendeu ao ver que teve de reprimir o impulso de jogar Matt em sua cadeira. *Stefan* cuidaria de Elena. Ela era responsabilidade *dele*.

— Não, fiquem aqui, os dois — disse Elena com firmeza. — São só algumas quadras e ainda está bem claro lá fora. Cuidem de Meredith.

Stefan se acomodou novamente na cadeira, olhando para Matt.

Com um aceno, Elena partiu, e Stefan estendeu os sentidos para segui-la ao máximo, impulsionando seu Poder para captar se havia algo perigoso, qualquer coisa, à espreita perto dali. Mas seu Poder não era forte o bastante para chegar até a casa de Elena. Ele cerrou as mãos em punhos firmes e frustrados. Era muito mais poderoso quando se permitia beber sangue humano.

Meredith o observava com os olhos cinza solidários.

— Ela vai ficar bem — disse ela. — Não pode cuidar dela o tempo todo.

Mas posso tentar, pensou Stefan.

Quando Elena chegou à entrada da casa, Caleb estava podando as folhas verdes e brilhosas dos arbustos de camélia na frente da casa.

— Oi — disse ela, surpresa. — Ficou aqui o dia todo?

Ele parou de podar e enxugou o suor na testa. Com o cabelo louro e o bronzeado saudável, parecia um surfista da Califórnia realocado para um gramado da Virgínia. Elena pensou que Caleb se encaixava muito bem num dia de verão perfeito como esse, com um aparador de grama zumbindo ao longe em algum lugar, o céu azul e alto acima deles.

— Claro — concordou ele, animado. — Muita coisa para fazer. Ficou bom, não é?

— Ficou mesmo — disse ela. E era verdade. A grama estava aparada, as sebes perfeitamente podadas e ele tinha plantado algumas margaridas nos canteiros perto da casa.

— O que você fez o dia todo? — perguntou Caleb.

— Nada tão dinâmico quanto isto — respondeu Elena, reprimindo a lembrança da corrida desesperada para salvar Celia. — Meus amigos e eu buscamos alguém na estação de trem e passamos o resto do dia dentro de casa. Espero que esse clima dure. Queremos fazer um piquenique em Hot Springs amanhã.

— Parece divertido — disse Caleb, assentindo.

Por um momento, Elena ficou tentada a convidá-lo a ir. Apesar das reservas de Stefan, ele parecia um cara legal e não devia conhecer muita gente na cidade. Talvez Bonnie se desse bem com ele. Afinal,

ele era lindo. E Bonnie não se interessava por ninguém havia um bom tempo. *Qualquer um que não seja Damon*, disse uma vozinha secreta no fundo de sua mente.

Mas é claro que ela não podia convidar Caleb. O que estava pensando? Ela e os amigos não podiam ter estranhos por perto enquanto falavam da entidade sobrenatural que agora os assombrava.

Uma onda de nostalgia a atingiu. Será que um dia ela seria uma garota que podia fazer um piquenique, nadar, paquerar e falar com quem quisesse, porque não tinha segredos sombrios para esconder?

— Não está cansado? — perguntou ela, mudando de assunto rapidamente.

Ela pensou ter visto uma centelha de decepção nos olhos dele. Teria ele percebido que ela estava pensando em convidá-lo para o piquenique e depois mudou de ideia? Mas ele respondeu com rapidez suficiente.

— Ah, sua tia me fez uns copos de limonada e eu comi um sanduíche com a sua irmã no almoço. — Ele sorriu. — Ela é uma gracinha. Tem uma ótima conversa. Me contou tudo sobre os tigres.

— Ela falou com você? — perguntou Elena, surpresa. — Em geral ela fica inibida perto de gente nova. Só falou com meu namorado, Stefan, quando ele já estava por aqui há meses.

— Ah, bom — disse ele, dando de ombros. — Depois que mostrei uns truques de mágica, ela ficou tão fascinada que se esqueceu de ser inibida. Ela será uma mestre da mágica quando chegar ao primeiro ano do fundamental. Tem um talento natural.

— É mesmo? — Elena sentiu um movimento penetrante no estômago, uma sensação de perda. Havia perdido tanto da vida da irmã. Tinha percebido, no café da manhã, que ela parecia e soava mais velha. Era como se Margaret tivesse se tornado uma pessoa diferente sem ela. Elena se sacudiu mentalmente: precisava parar de ser chorona. Tinha uma sorte inacreditável por estar ali agora.

— Ah, sim — falou ele. — Olha, eu ensinei isto a ela. — Ele estendeu o punho bronzeado, virou-o e abriu a mão, revelando uma flor de camélia, cerosa e branca, fechou a mão e a abriu novamente, revelando um botão bem fechado.

— Uau — disse Elena, intrigada. — Faça de novo.

Ela observava atentamente enquanto ele abria e fechava a mão várias vezes, revelando flor e depois botão, flor e depois botão.

— Mostrei a Margaret como fazer isso com moedas, trocando de uma de 25 centavos para uma de um centavo — disse ele —, mas o princípio é o mesmo.

— Já vi truques assim, mas não sei onde você está escondendo a que não aparece. Como faz isso?

— Magia, é claro — disse ele, sorrindo, e abriu a mão, deixando a flor de camélia cair aos pés de Elena.

— Você acredita em magia? — perguntou ela, fitando seus olhos azuis e calorosos. Ele a estava paquerando, ela sabia; os garotos *sempre* paqueravam Elena, se ela deixasse.

— Bem, tenho que acreditar — disse ele com brandura. — Sou de Nova Orleans, sabe, a terra do vodu.

— Vodu? — indagou ela, com um tremor gelado correndo pela espinha.

Caleb riu.

— Só estou brincando. *Vodu*. Meu Deus, quanto bobagem.

— Ah, é. Totalmente — disse Elena, forçando uma risadinha.

— Mas, uma vez — continuou Caleb —, antes de meus pais morrerem, Tyler estava me visitando e nós dois fomos ao French Quarter para ler o futuro com uma velha sacerdotisa *voudon*.

— Seus pais morreram? — perguntou Elena, surpresa. Caleb baixou a cabeça por um momento, e Elena estendeu o braço, repousando a mão na dele. — Os meus também — disse ela.

Caleb ficou imóvel.

— Eu sei — disse ele.

Seus olhos se encontraram, e Elena estremeceu de solidariedade. Havia tanta dor nos olhos azuis e calorosos de Caleb quando ela procurava, apesar do sorriso fácil.

— Já faz anos — disse ele baixinho. — Mas às vezes ainda sinto falta deles, sabe como é.

Ela apertou a mão dele.

— Eu sei — concordou ela em voz baixa.

Então Caleb sorriu e meneou de leve a cabeça, e o momento entre eles passou.

— Mas isso foi antes — disse ele. — Acho que a gente tinha uns 12 anos quando Tyler foi me visitar. — O leve sotaque sulista de Caleb ficou mais forte à medida que ele continuava, o tom indolente e melodioso. — Eu nem acreditava nessas coisas na época também, e não acho que Tyler acreditasse, mas achamos que seria meio divertido. Sabe como é divertido tomar um susto de vez em quando. — Ele parou. — Na verdade, foi bem apavorante. A mulher tinha um monte de velas pretas acesas e talismãs estranhos para todo lado, coisas feitas de ossos e cabelos. Ela jogou um pó no chão ao nosso redor e olhou os diferentes desenhos. Disse a Tyler que via uma grande mudança no futuro dele e que ele precisava pensar com cuidado antes de se colocar sob o poder de outra pessoa.

Elena estremeceu sem querer. Certamente havia acontecido uma grande mudança para Tyler e ele tinha se colocado sob o poder do vampiro Klaus. Onde quer que Tyler estivesse agora, as coisas não tinham saído como ele planejava.

— E o que ela disse a você? — perguntou ela.

— Não disse muita coisa. Principalmente para ser bom. Ficar longe de problemas, cuidar da minha família. Esse tipo de coisa. São coisas que tento fazer. Meus tios agora precisam de mim aqui, depois que Tyler desapareceu. — Ele olhou para Elena de novo, deu de ombros e sorriu. — Mas, como eu disse, foi uma bobagem. Magia e todas essas maluquices.

— É — disse Elena num tom vazio. — Todas essas maluquices.

O sol foi encoberto por uma nuvem, e Elena estremeceu mais uma vez. Caleb se aproximou dela.

— Está com frio? — E estendeu a mão na direção do ombro dela.

Nesse momento, um grasnado estridente rompeu das árvores perto da casa e um grande corvo preto voou em direção a eles, baixo e veloz. Caleb desceu a mão e se abaixou, cobrindo o rosto, mas o corvo arremeteu para cima no último minuto, batendo as asas furiosamente e planando sobre a cabeça dos dois.

— Viu isso? — exclamou Caleb. — Quase bateu na gente.

— Eu vi — respondeu Elena, olhando a graciosa silhueta alada que desaparecia no céu. — Eu vi.

10

As flores de sabugueiro podem ser usadas para exorcismo, proteção ou prosperidade, leu Bonnie, esparramada na cama, com o queixo apoiado nas mãos. *Misture com confrei e tussilago e enlace em seda vermelha durante uma lua crescente para fazer um amuleto para atrair riqueza. Destile em um banho com lavanda, crisântemo e agripalma para proteção pessoal. Queime com hissopo, sálvia branca e garra-do-diabo para criar uma fumaça que pode ser usada no exorcismo dos maus espíritos.*

Garra-do-diabo? Isso era mesmo uma planta? Ao contrário da maioria das outras, não parecia algo que ela encontrasse no jardim da mãe. Ela suspirou ruidosamente e avançou um pouco na leitura.

As melhores ervas para auxiliar na meditação são agrimônia, camomila, damiana, eufrásia e ginseng. Podem ser misturadas e queimadas para criar fumaça ou, quando colhidas ao amanhecer, secas e espargidas num círculo em torno da pessoa.

Bonnie deu um olhar mortal para o livro grosso. Páginas e mais páginas de plantas e suas propriedades em diferentes circunstâncias, quando colhê-las e como usá-las. Tudo escrito no tom seco e obtuso de um livro de geometria do colégio.

Ela sempre detestou estudar. A melhor coisa no verão entre a escola e a faculdade era que ninguém esperava que ela passasse tempo algum abraçada com um livro pesado, tentando decorar informações excessivamente tediosas. Entretanto ali estava ela, fazendo exatamente isso, e por conta dela mesma.

Mas, quando pediu à Sra. Flowers para lhe ensinar magia, esperava algo, bem, *mais legal* do que receber um livro grosso sobre plantas. No fundo, Bonnie tinha esperanças de umas sessões particulares que

envolvessem lançar feitiços, voar ou invocar servos fantásticos para cumprir seus desejos. Tudo menos ler em silêncio e sozinha. Não deveria haver um jeito de o conhecimento mágico se implantar sozinho em seu cérebro? Tipo, quem sabe, por magia?

Ela folheou mais algumas páginas. Aaah, agora parecia um pouco mais interessante.

Um amuleto recheado de canela, prímula e folhas de dente-de-leão ajudará a atrair o amor e realizar desejos secretos. Colha as ervas sob uma chuva leve e, depois de secar, enlace-as com veludo vermelho e fita dourada.

Bonnie deu uma risadinha e esperneou no colchão, pensando que provavelmente podia inventar alguns desejos secretos para realizar. Será que precisava colher canela ou poderia pegar no armário de temperos? Virou mais algumas páginas. Ervas para clareza de visão, ervas para limpeza, ervas que tinham de ser colhidas sob a lua cheia ou em um dia ensolarado de junho. Ela suspirou mais uma vez e fechou o livro.

Passava da meia-noite. Ela apurou os sentidos, mas a casa estava em silêncio. Os pais dormiam.

Agora que a irmã Mary, a última das três irmãs mais velhas de Bonnie que saíram de casa, tinha se mudado para a casa do namorado, Bonnie sentia falta de tê-la do outro lado do corredor. Mas também havia vantagens em não ter a irmã barulhenta e mandona tão perto.

Ela saiu da cama no maior silêncio e cautela que conseguiu. Os pais não tinham o ouvido aguçado de Mary, mas viriam ver se ouvissem que ela se levantou no meio da noite.

Com cuidado, Bonnie levantou uma tábua do piso debaixo da cama. Usava-a como esconderijo desde que era pequena. No início, guardava uma boneca que pegou de Mary sem permissão; um estoque secreto de balas compradas com a mesada; sua fita de seda vermelha preferida. Mais tarde, escondia bilhetes do primeiro namorado ou provas em que obteve nota baixa.

Mas nada tão sinistro quanto o que estava escondido agora.

Ela levantou outro livro tão grosso quanto o volume sobre plantas que a Sra. Flowers tinha lhe emprestado. Mas este parecia mais antigo,

com uma capa de couro escura enrugada e amaciada pelo tempo. Este livro também era da biblioteca da Sra. Flowers, mas a idosa não dera a ela. Bonnie o tirara furtivamente da estante enquanto a Sra. Flowers estava de costas, metendo-o na mochila e fazendo a maior cara de inocência quando os olhos atentos da Sra. Flowers pousaram nela depois.

Bonnie se sentiu meio culpada por enganar a Sra. Flowers desse jeito, em especial depois que a velha concordou em lhe dar aulas. Mas, sinceramente, ninguém mais *teria* de pegar o livro escondido. Quaisquer motivos que Elena ou Meredith dessem para querê-lo teriam sido imediatamente aceitos por todos como justos e verdadeiros. Elas nem mesmo *precisariam* ter motivos, bastaria dizer que precisavam dele. Só Bonnie receberia um suspiro e um afago na cabeça — *a meiga e tolinha Bonnie* — e seria impedida de fazer o que queria.

Teimosa, Bonnie empinou o queixo e acompanhou com o dedo as letras na capa do livro. *Atravessando as fronteiras entre os vivos e os mortos*, diziam.

Seu coração estava martelando quando ela abriu o livro na página que marcara mais cedo. Porém as mãos estavam bem firmes quando ela pegou quatro velas, duas brancas e duas pretas, de sob a tábua do piso.

Ela riscou um fósforo, acendeu uma das velas pretas e virou-a para pingar cera no chão ao lado da cama. Quando havia uma pequena poça de cera derretida, Bonnie pressionou a base da vela ali, para que ficasse em pé no chão.

— Fogo do Norte, protegei-me — entoou. Ela pegou uma vela branca.

Conectado ao carregador da mesa de cabeceira, seu telefone tocou. Bonnie largou a vela e xingou.

Curvando-se, pegou o celular e viu quem era. *Elena*. Claro. Elena nunca se importava com a hora quando queria falar com alguém.

Bonnie ficou tentada a apertar “ignorar”, mas pensou melhor. Talvez este fosse um sinal de que ela não devia fazer o ritual, pelo menos não naquela noite. Talvez devesse pesquisar mais para ter

certeza de que o realizava corretamente. Bonnie apagou a vela preta com um sopro e atendeu o telefone.

— Oi, Elena — disse ela, torcendo para que a amiga não sentisse sua irritação enquanto recolocava gentilmente o livro debaixo do piso. — E aí?

As cinzas eram insuportavelmente pesadas. Ele fez força contra elas, empurrando o manto cinzento que o mantinha preso. Arranhou freneticamente, uma parte dele em pânico se perguntando se afinal conseguiria sair, se em vez disso não poderia estar se enterrando ainda mais.

Uma das mãos estava bem cerrada em volta de alguma coisa — algo fino e fibroso, como pétalas finas. Ele não sabia o que era, mas sabia que não devia soltar e, apesar do fato de atrapalhar seu esforço, ele não questionou a necessidade de segurá-la.

Parecia que estava raspando cinzas grossas havia uma eternidade, mas enfim a outra mão rompeu as camadas esfareladas e o alívio inundou seu corpo. Estava indo na direção certa; não ficaria enterrado para sempre.

Ele estendeu o braço às cegas, procurando algo que pudesse usar como alavanca. Cinzas e lama escorregavam sob os dedos, sem lhe dar nada firme, e ele tateou até descobrir o que parecia um pedaço de madeira no punho.

As bordas da madeira furaram seus dedos quando ele a segurou como se fosse uma corda salva-vidas num mar tempestuoso. Aos poucos conseguiu subir, escorregando e deslizando na lama lisa. Com um último grande esforço, lançou o corpo para fora das cinzas e da lama, o que provocou um ruído forte de sucção quando os ombros saíram. Colocou-se de joelhos, os músculos gritando de agonia, depois ficou de pé. Estremeceu e se sacudiu, nauseado mas eufórico, e envolveu o próprio tronco com os braços.

Mas não conseguia enxergar nada. Ficou em pânico até perceber que algo mantinha seus olhos fechados. Esfregou o rosto até desprender os nacos pegajosos de lama e cinzas das pálpebras. Depois de um instante, finalmente conseguiu abrir os olhos.

Uma terra desolada e erma o cercava. Lama enegrecida, poças de água sufocadas de cinzas.

— Algo terrível aconteceu aqui — disse ele com a voz rouca, e o som o sobressaltou. O silêncio era tão profundo.

Fazia um frio de congelar, e ele percebeu que estava nu, coberto apenas pela mesma cinza lamacenta que havia em toda parte. Ele se recurvou e, xingando a si mesmo pela fraqueza momentânea, endireitou o corpo dolorosamente.

Ele precisava...

Ele...

Não conseguia se lembrar.

Uma gota de líquido escorreu por seu rosto e ele se perguntou vagamente se estaria chorando. Ou seria o fluido grosso e reluzente que havia em tudo ali, misturando-se às cinzas e à lama?

Quem era ele? Também não sabia, e esse vazio provocou nele um tremor bem distinto daquele causado pelo frio.

Sua mão ainda se fechava protetoramente em volta do objeto desconhecido, e ele ergueu o punho e o encarou. Depois de um instante, abriu lentamente os dedos.

Fibras pretas.

Depois, uma gota do fluido opalescente escorreu por sua palma, cobrindo o meio das fibras. Onde tocava, elas se transformavam. Era cabelo. Cabelo louro, sedoso e acobreado. Lindo.

Ele fechou o punho novamente e o segurou contra o peito, com uma nova determinação crescendo dentro de si.

Precisava ir.

Em meio à névoa, brotou em sua mente uma imagem clara de seu destino. Ele avançou com dificuldade pelas cinzas e pela lama, em direção ao portão em formato de castelo com pináculos altos e portas pretas e pesadas que de algum modo ele sabia que estariam lá.

11

Elena desligou o telefone. Ela e Bonnie conversaram sobre tudo o que estava acontecendo, do aparecimento misterioso dos nomes de Celia e Meredith ao iminente recital de dança de Margaret. Mas ela não conseguiu levantar o assunto que realmente queria discutir.

Elena suspirou. Depois de um momento, tateou embaixo do colchão e pegou o diário com capa de veludo.

Querido Diário

Esta tarde, conversei com Caleb Smallwood no jardim da minha casa. Eu mal o conhecia, mas senti uma ligação muito forte com ele. Adoro Bonnie e Meredith mais do que a própria vida, mas elas não sabem o que é perder os pais, e isso impõe uma distância entre nós.

Eu me vejo em Caleb. Ele é tão bonito e parece tão despreocupado. Sei que a maioria das pessoas acha que a vida dele é perfeita. Sei como é fingir estar inteira, mesmo quando se está em frangalhos. Pode ser a coisa mais solitária do mundo. Espero que ele tenha uma Bonnie ou uma Meredith só dele, um amigo em quem possa se apoiar.

Uma coisa muito estranha aconteceu enquanto estávamos conversando. Um corvo voou direto até nós. Era um corvo grande, um dos maiores que já vi, com penas pretas iridescentes que brilhavam ao sol e um bico em gancho e garras imensos. Poderia ser o mesmo que apareceu em meu peitoril ontem de manhã, mas eu não tinha certeza. Quem consegue distinguir corvos?

E é claro que os dois corvos me lembraram de Damon, que me observava como corvo antes de nos conhecermos.

O estranho — ridículo, na verdade — é essa nova esperança que tenho bem dentro de mim. Não paro de pensar: e se, de algum modo, Damon não está morto, afinal?

Depois a esperança desmorona, porque ele morreu e eu preciso encarar isso. Se eu quiser permanecer forte, não posso mentir para mim mesma. Não posso inventar um lindo conto de fadas em que o nobre vampiro não morre, em que as regras mudam porque é alguém de quem gosto.

Mas essa esperança volta a me aparecer furtivamente: E se...?

Seria cruel demais contar qualquer coisa sobre o corvo a Stefan. A tristeza dele o transformou. Às vezes, quando ele fica calado, percebo uma estranha expressão em seus olhos verdes, como se ali houvesse alguém que não conheço. Sei que ele está pensando em Damon, pensamentos que levam a algum lugar em que não posso mais segui-lo.

Pensei que podia contar a Bonnie sobre o corvo. Ela gostava de Damon e teria rido de mim por perguntar se havia algum jeito de ele ainda estar vivo, de alguma forma. Não depois de ela sugerir o mesmo hoje mais cedo. No último minuto, porém, não consegui falar com ela sobre o assunto.

Sei por que, e é um motivo mesquinho, egoísta e idiota: tenho ciúme de Bonnie. Porque Damon salvou a vida dela.

Horrível, não é?

Aqui está a questão: por muito tempo, entre milhões, houve um humano de quem Damon gostava. Só um. E esta pessoa era eu. Para ele, todos os outros podiam ir para o inferno. Ele mal se lembrava dos nomes de meus amigos.

Mas algo mudou entre Damon e Bonnie, talvez quando eles ficaram sozinhos na Dimensão das Trevas, talvez antes. Ela sempre teve uma queda por ele, quando ele não era cruel, mas depois ele começou a dar pela presença de sua ruivinha. Ele a observava. Era carinhoso com ela.

E, quando ela correu perigo, ele agiu para salvá-la sem pensar duas vezes no quanto poderia lhe custar.

Então tenho ciúme. Porque Damon salvou a vida de Bonnie.

Sou uma pessoa horrível. E, por ser tão horrível, não quero partilhar mais nada de Damon com Bonnie, nem mesmo o que penso do corvo. Quero manter essa parte dele só para mim.

Elena releu o que escrevera com a boca bem cerrada. Não se orgulhava de seus sentimentos, mas não podia negar sua existência.

Ela se recostou no travesseiro. Tinha sido um dia longo e exaustivo, e agora era uma da manhã. Ela dera boa-noite a tia Judith e Robert havia algumas horas, mas não parecia conseguir dormir. Ficou zanzando pelo quarto depois de vestir a camisola: escovou o cabelo, rearrumou parte de seus pertences, folheou uma revista, olhou com satisfação o guarda-roupa da moda ao qual não teve acesso por meses. Ligou para Bonnie.

Ela estava estranha. Distraída, talvez. Ou talvez só cansada. Afinal, era tarde.

Elena também estava cansada, mas não queria dormir. Enfim admitiu para si mesma: sentia um certo medo de dormir. Damon foi tão real em seu sonho na noite passada. O corpo dele estava quente e firme quando ela o abraçou; o cabelo preto e sedoso estava macio no rosto dela. A voz suave parecia alternadamente sarcástica, sedutora e autoritária, como a de Damon vivo. Quando ela se lembrou com um pavor nauseante que ele tinha morrido, foi como se Damon morresse de novo.

Mas não podia ficar acordada para sempre. Estava cansada demais. Então apagou a luz e fechou os olhos.

Ela estava sentada na arquibancada antiga e rangente do ginásio esportivo da escola. O ar cheirava a tênis suados e à cera que usavam no piso de madeira.

“Foi aqui que nos conhecemos”, disse Damon, que agora ela notava sentado ao lado dela, tão perto que a manga de sua jaqueta de couro roçava em seu braço.

“Que romântico”, respondeu Elena, erguendo uma sobrancelha e olhando o ambiente vazio e grande, com os cestos de basquete pendendo em cada extremidade.

“Eu tento”, disse Damon, com a ameaça de uma risada tingindo a voz seca. “Mas *você* escolhe onde estamos. O sonho é seu.”

“É mesmo um sonho?”, perguntou Elena de repente, virando-se para examinar o rosto dele. “Não parece.”

“Bom”, disse ele, “vamos colocar da seguinte maneira. Não estamos verdadeiramente *aqui*.” O rosto de Damon ficou sério e atento enquanto olhava nos olhos dela, mas depois ele abriu um de seus sorrisos súbitos e luminosos e os olhos deslizaram para longe. “Estou feliz porque não havia ginásios assim quando eu era estudante”, continuou despreocupadamente, esticando as pernas para a frente. “É tão indigno, com esses shorts e bolas de borracha.”

“Mas Stefan contou que você praticava esportes”, disse Elena, distraída a contragosto. Damon fechou a cara ao ouvir o nome de Stefan.

“Deixe para lá”, disse ela apressadamente. “Talvez a gente não tenha muito tempo. Por favor, Damon, você disse que não está aqui, mas está *em algum lugar*? Você está bem? Mesmo que esteja morto... Quero dizer, morto de verdade, morto para sempre, você está *em algum lugar*?”

Ele a olhou incisivamente. Sua boca se retorceu um pouco quando ele falou: “Isso importa tanto para você, princesa?”

“Claro que importa”, respondeu Elena, assustada. Seus olhos estavam se enchendo de lágrimas.

O tom de Damon era leve, mas seus olhos, tão pretos que ela não sabia onde terminava a íris e começava a pupila, estavam vigilantes. “Todos os outros... todos os seus amigos... esta cidade... eles estão bem, não estão? Você tem seu mundo de volta. Existem coisas como danos colaterais que você tem que esperar quando consegue o que quer.”

Pela expressão de Damon, Elena sabia que o que ela dissesse a seguir importaria muito. E, bem no fundo, não tinha admitido para si mesma outro dia que, por mais que amasse Damon, as coisas agora

estavam melhores, que tudo podia ficar bem de novo com a cidade salva e a volta à antiga vida? E que ela queria assim, mesmo que isso significasse a morte de Damon? Que Damon era o que ele falou: *danos colaterais*?

"Ah, Damon", disse ela por fim, desamparada. "Sinto tanto a sua falta."

A expressão de Damon se suavizou e ele lhe estendeu a mão.

"Elena..."

"Sim?", murmurou Elena.

— Elena? — A mão a sacudia gentilmente. — Elena? — Alguém afagava seu cabelo, e Elena se aconchegou sonolenta ao toque.

— Damon? — disse ela, ainda meio sonhando.

A mão parou o afago e se retraiu. Ela abriu os olhos.

— Sinto muito, mas sou eu — corrigiu Stefan. Ele estava sentado ao lado dela na cama, com a boca numa linha fina e firme, e os olhos a evitavam.

— Ah, Stefan — disse Elena, sentando-se e jogando os braços nele. — Eu não quis dizer...

— Está tudo bem — falou Stefan, sucinto, afastando-se dela. — Sei o que ele significava para você.

Elena o puxou e olhou em seu rosto.

— Stefan. *Stefan*. — Os olhos verdes estavam com uma expressão distante. — Desculpe — disse ela, suplicante.

— Não tem por que se desculpar, Elena.

— Stefan, eu estava sonhando com Damon — confessou ela. — Você tem razão, Damon era importante para mim, e eu... sinto falta dele. — Um músculo se retorceu na face de Stefan, e ela afagou seu queixo. — Nunca vou amar ninguém mais do que amo você. Seria impossível. *Stefan* — disse ela, sentindo que podia chorar —, você é meu verdadeiro amor, sabe disso. — Se ao menos ela pudesse mostrar a ele com a mente, *fazê-lo* entender o que sentia por ele. Elena nunca explorou plenamente os outros Poderes que teve, nunca os reivindicou inteiramente, mas perder a conexão telepática parecia poder matá-la.

A expressão de Stefan se abrandou.

— Ah, Elena — disse ele devagar, abraçando-a. — Também sinto

falta de Damon. — Ele enterrou o rosto em seu cabelo e o que disse em seguida soou abafado. — Passei centenas de anos brigando com meu único irmão, nós nos odiávamos. Nós nos *matamos* quando éramos humanos e creio que nenhum dos dois superou a culpa e o choque, o horror daquele momento. — Ela sentiu um longo tremor percorrer o corpo de Stefan.

Ele soltou um suspiro suave e triste.

— E, quando finalmente começamos a nos entender como irmãos outra vez, foi tudo por sua causa. — Com a testa ainda encostada no ombro de Elena, Stefan pegou a mão dela e a colocou entre as dele, virando-a e acariciando enquanto refletia. — Ele morreu tão de repente. Acho que eu nunca esperava... nunca esperava que Damon morresse antes de mim. Ele sempre foi o mais forte, quem verdadeiramente amava a vida. Eu me sinto... — Ele abriu um leve sorriso, só um torcer triste dos lábios. — Eu me sinto... surpreendentemente sozinho sem ele.

Elena entrelaçou os dedos nos de Stefan e segurou sua mão com força. Ele voltou o rosto para ela, encontrando seus olhos, e Elena recuou um pouco para vê-lo com mais clareza. Havia dor em seus olhos, e tristeza, mas também uma dureza que ela nunca vira ali.

Ela o beijou, tentando apagar essa marca sofrida. Ele resistiu a ela por meio segundo, depois retribuiu o beijo.

— Ah, Elena — disse ele com a voz embargada, beijando-a de novo.

Enquanto o beijo se aprofundava, Elena foi invadida por uma sensação de conformidade doce e satisfatória. Sempre foi assim: se ela se sentia distante de Stefan, o toque dos lábios dos dois conseguia uni-los. Ela sentiu uma onda de amor e encanto vindo dele e se agarrou a ela, enviando a emoção de volta para ele, a ternura entre os dois crescendo. Agora, sem os Poderes, ela precisava disso mais do que nunca.

Ela o procurou com a mente e as emoções, passando pela ternura, passando pelo amor sólido como uma rocha que sempre esperava por ela nos beijos de Stefan, e mergulhou mais fundo em sua mente. Ali havia uma paixão feroz, e ela retribuiu, as emoções dos dois se

entrelaçando enquanto as mãos se apertavam com mais força.

Por baixo da paixão, havia tristeza, uma tristeza terrível e interminável, e ainda mais além, enterrada nas profundezas das emoções de Stefan, uma solidão doída, a solidão de um homem que viveu séculos sem companhia.

E nesta solidão havia o gosto de algo desconhecido. Algo... inflexível, frio e levemente metálico, como se ela tivesse mordido papel-alumínio.

Stefan estava escondendo algo dela. Elena tinha certeza disso, e sondou mais fundo em sua mente enquanto os beijos se intensificavam. Ela precisava de tudo dele... Elena começou a puxar o cabelo para trás, para lhe oferecer seu sangue. Isso sempre os aproximava ao máximo.

Mas, antes que ele pudesse aceitar a oferta, houve uma batida repentina na porta.

Quase de imediato a porta se abriu e tia Judith espiou o quarto. Elena, piscando, viu-se sozinha, com as palmas das mãos formigando pela velocidade com que Stefan se afastou dela. Olhou rapidamente em volta, mas ele desaparecera.

— O café está na mesa, Elena — disse tia Judith, animada.

— Arrã. — Elena respondeu distraída, espiando o armário e perguntando-se onde Stefan teria se escondido.

— Você está bem, querida? — Tia Judith estava com a testa vincada de preocupação. Elena teve uma imagem súbita de como devia estar: de olhos arregalados, vermelha e despenteada, sentada na cama amarfanhada e olhando loucamente pelo quarto. Já fazia muito tempo que Stefan tinha a necessidade de usar a velocidade de vampiro para uma coisa tão mundana quanto não ser flagrado no quarto dela!

Elena abriu um sorriso tranquilizador para tia Judith.

— Desculpe, ainda estou meio dormindo. Vou descer já. É melhor eu correr. Stefan vai chegar logo para me pegar.

Quando tia Judith saiu do quarto, Elena finalmente viu Stefan, acenando do gramado abaixo de sua janela aberta, e acenou também, rindo, as estranhas emoções no fundo da mente de Stefan por ora deixadas de lado. Ele gesticulou que ia dar a volta pela casa e a veria

dali a um minuto.

Ela riu de novo e saltou para se arrumar para o piquenique em Hot Springs. Era bom ser o tipo de garota que tinha medo de ficar de castigo. Era... prazerosamente normal.

Alguns minutos depois, enquanto Elena, agora vestida com short e uma camiseta azul-clara e com o cabelo preso num rabo de cavalo, descia a escada, a campainha tocou.

— Deve ser Stefan — disse ela quando tia Judith apareceu na porta da cozinha. Elena pegou a bolsa de praia e o cooler de piquenique no banco do saguão.

— Elena! — repreendeu a tia Judith. — Você precisa comer alguma coisa antes de sair!

— Não tenho tempo — argumentou Elena, sorrindo com a familiaridade da discussão. — Eu compro um muffin ou qualquer coisa assim no caminho. — Ela e tia Judith tinham trocado essas palavras, ou parecidas, na maioria das manhãs nos anos de Elena na escola.

— Ah, Elena. — Tia Judith revirou os olhos. — Espere aí, mocinha. Volto logo.

Elena abriu a porta e sorriu para os olhos de Stefan.

— Ora, olá, estranho — disse ela com brandura. Ele a beijou, um toque doce de seus lábios nos dela.

Tia Judith apareceu apressada no saguão e colocou uma barra de cereais na mão de Elena.

— Tome. Pelo menos terá alguma coisa no estômago.

Elena a abraçou rapidamente.

— Obrigada, tia Judith. A gente se vê mais tarde.

— Divirta-se, mas, por favor, não se esqueça do recital de dança de Margaret à noite — disse tia Judith. — Ela está tão animada. — Judith acenou uma despedida da porta enquanto Elena e Stefan iam até o carro.

— Vamos encontrar os outros no pensionato e ir em comboio para Hot Springs — explicou Stefan. — Matt e Meredith vão nos próprios carros.

— Ah, que bom, não vamos ficar apertados como ontem. É claro

que não me importo em me sentar no seu colo, mas achei que podia esmagar Celia no meio — disse Elena. Ela virou o rosto para cima e se espreguiçou como um gato ao sol. Uma brisa agitou seu rabo de cavalo, e Elena fechou os olhos e desfrutou a sensação. — Está um lindo dia para um piquenique — exclamou ela. O mundo estava vivo, com o canto dos passarinhos e o farfalhar das árvores. Um leve rendilhado de nuvens brancas sublinhava o azul brilhante do céu. — Daria azar dizer que parece um dia em que nada pode dar errado? — perguntou ela.

— Sim, daria um azar danado dizer isso — concordou Stefan, sério, abrindo a porta do carona para ela.

— Então não vou dizer — falou Elena. — Não vou nem pensar nisso. Mas me sinto bem. Não vou a Hot Springs há séculos. — Ela sorriu de puro prazer e Stefan também sorriu para ela, mas Elena percebeu mais uma vez uma coisa nova, algo perturbador, nos olhos dele.

12

Será um lindo dia... perfeito para um piquenique — observou Meredith calmamente.

Bonnie tinha conduzido com tato, mas com firmeza, Celia até o carro de Matt e não o de Meredith, para que a amiga ficasse a sós com Alaric — enfim! — pela primeira vez desde que ele chegara. Metade dela só queria parar na estrada, agarrar Alaric e beijá-lo sem parar. Estava muito feliz por ele finalmente ter voltado. Durante toda a insanidade dos últimos meses, queria que ele estivesse ali para lutar ao lado dela, para lhe dar algum suporte.

Mas a outra metade dela queria parar na estrada, agarrar Alaric e exigir que ele explicasse qual era exatamente a relação que ele tinha com a Dra. Celia Connor.

Em vez disso, ali estava ela, dirigindo placidamente, com as mãos comportadas no volante, batendo papo sobre o clima. Ela se sentia uma covarde, e Meredith Suarez não era covarde. Mas o que poderia dizer? E se ela só estivesse sendo paranoica, fazendo um estardalhaço ridículo com uma relação estritamente profissional?

Ela olhou para Alaric pelo canto do olho.

— Então... — disse Meredith. — Me fale mais de sua pesquisa no Japão.

Alaric passou as mãos pelo cabelo já desgrenhado e sorriu para ela.

— A viagem foi fascinante — disse ele. — Celia é muito inteligente e experiente. Ela consegue associar várias pistas sobre uma civilização. Foi muito esclarecedor observá-la decifrar tanta coisa a partir das evidências nos túmulos de lá. Nunca entendi muito de antropologia forense, mas ela conseguiu reconstituir muita coisa sobre a cultura de

Unmei no Shima.

— Ela parece simplesmente maravilhosa — disse Meredith, notando a acidez na própria voz.

Ao que parecia, Alaric não percebeu. Ele sorriu um pouco.

— Ela demorou um tempo para levar a sério a minha pesquisa sobre paranormalidade — disse ele com tristeza. — A parapsicologia não é particularmente benquista pelos especialistas de outras disciplinas científicas. Eles acham que pessoas como eu, que preferem viver estudando o sobrenatural, são charlatãs ou ingênuas. Ou meio loucas.

Meredith se obrigou a falar num tom simpático.

— Mas no fim você conseguiu convencê-la, não foi? Isso é bom.

— Mais ou menos — respondeu Alaric. — Mas ficamos amigos, então ela parou de pensar que eu era uma fraude completa. Embora eu ache que ela está descobrindo que tudo é muito mais verossímil depois do dia que passou aqui. — Ele abriu um sorriso irônico. — Ela tentou esconder, mas ficou estarrecida ontem, quando Stefan a salvou. A existência de vampiros deixa claro que há muita coisa que a ciência convencional não conhece. Tenho certeza de que ela vai querer examinar Stefan, se ele deixar.

— É o que imagino — disse Meredith secamente, resistindo ao impulso de perguntar a Alaric por que ele pensava que Stefan cooperaria, já que o vampiro pareceu tão insatisfeito por Alaric ter contado a Celia sobre ele.

Alaric passou a mão pelo banco do carro até se aproximar o bastante para correr o dedo gentilmente pelo braço de Meredith.

— Aprendi muito enquanto estive fora — disse ele com seriedade —, porém estou mais preocupado com o que está acontecendo agora em Fell's Church.

— Quer dizer essa magia negra que supostamente está surgindo aqui?

— Quero dizer a magia negra que parece ter você e Celia como alvo — respondeu Alaric com vigor. — Não sei se vocês duas estão levando isso com seriedade suficiente.

Eu e *Celia*, pensou Meredith. *Ele está tão preocupado com ela quanto*

comigo. Talvez mais.

— Sei que enfrentamos perigo no passado, mas me sinto responsável por Celia — continuou Alaric. — Eu a trouxe para cá e nunca me perdoaria se acontecesse alguma coisa com ela.

Definitivamente mais, pensou Meredith com amargura e se desvencilhou da mão de Alaric.

Instantaneamente se arrependeu do gesto. Qual era o problema dela? Meredith não era assim. Sempre foi a calma, a racional. Agora ali estava ela se sentindo, ora, como uma namorada ciumenta.

— E agora está ameaçando você também — continuou Alaric. Inseguro, ele tocou seu joelho e, desta vez, Meredith deixou a mão ficar. — Meredith, sei o quanto você é forte. Mas para mim é apavorante que este não pareça o tipo de inimigo a que estamos acostumados. Como vamos lutar contra o que nem mesmo vemos?

— Só podemos ficar vigilantes — disse Meredith.

Seu treinamento tinha sido abrangente, mas nem ela compreendia esse novo mal. No entanto, sabia se proteger muito melhor do que Alaric imaginava. Ela o olhou pelo canto do olho. A janela dele estava entreaberta e a brisa agitava seu cabelo cor de areia. Eles se conheciam muito bem, mas ele ainda não sabia do maior segredo dela.

Por um momento, Meredith pensou em contar, mas ele se virou para ela e falou:

— Celia está bancando a corajosa, mas sei que ela está com medo. Ela não é tão durona quanto você.

Meredith enrijeceu. Não, não era a hora de contar a Alaric que era uma caçadora-matadora. Não quando ela estava dirigindo. Não quando sentia tanta raiva. De repente, a mão dele parecia pesada e pegajosa em seu joelho, mas ela sabia que não podia afastá-la novamente sem revelar os próprios sentimentos. Por dentro, porém, estava furiosa com o fato de a conversa sempre voltar a Celia. Alaric tinha pensado nela primeiro. E, mesmo quando estava falando dos riscos para Meredith, expressava-se em termos do que tinha acontecido com Celia.

A voz de Alaric tornou-se um zumbido ao fundo enquanto Meredith agarrava o volante com tanta força que os nós dos dedos ficaram

brancos.

Sério, por que ela se surpreendia de Alaric sentir alguma coisa por Celia? Meredith não era cega. Podia ser objetiva. Celia era inteligente, realizada, bonita. Celia e Alaric estavam no mesmo plano na vida. Meredith nem mesmo tinha começado a faculdade. Ela era atraente — sabia disso —, e certamente inteligente. Mas Celia era tudo isso e mais: era igual a Alaric de um jeito que Meredith ainda não podia ser. Claro, Meredith era uma caçadora de vampiros. Mas Alaric não sabia. E, quando soubesse, será que admiraria sua força? Ou se afastaria dela, com medo de suas capacidades, voltando-se para alguém mais acadêmico, como Celia?

Uma bolha sombria de infelicidade encheu o peito de Meredith.

— Estou começando a pensar que eu devia tirar Celia daqui, se conseguir convencê-la a ir embora. — Alaric parecia relutante, mas Meredith mal o ouvia. Sentia-se fria como se estivesse envolta em neblina. — Talvez eu deva levá-la de volta a Boston. Acho que você devia sair de Fell's Church também, Meredith, se conseguir convencer sua família a deixar você passar o resto do verão fora. Você podia ir conosco, ou talvez tenha um parente com quem possa ficar, se sua família não gostar disso. Estou preocupado que não esteja segura aqui.

— Nada me aconteceu ainda — disse Meredith, surpresa com a calma na própria voz quando emoções tão sombrias fervilhavam dentro dela. — E tenho a responsabilidade de ficar aqui e proteger a cidade. Se acha que Celia ficará mais segura longe daqui, faça o que você e ela acharem melhor. Mas saiba que não há garantias de que o que está nos ameaçando não vai segui-la até outro lugar. E pelo menos aqui existem pessoas que acreditam no perigo.

— Além disso — acrescentou ela pensativamente —, a ameaça a Celia pode ter passado. Talvez, depois de o ataque ter sido evitado, ele passe a outra pessoa. Meu nome só apareceu depois que Stefan salvou Celia. Se for assim, só quem corre perigo sou eu.

Mas é claro que você não liga, pensou ela cruelmente, e ficou surpresa consigo mesma. É claro que Alaric se importava.

Só que parecia que ele se importava mais com o que poderia acontecer a Celia.

Suas unhas cortaram as palmas das mãos em volta do volante enquanto ela seguia cautelosa o carro de Stefan, saindo da estrada e entrando no estacionamento de Hot Springs.

— Pare! — gritou Alaric em pânico, e Meredith automaticamente pisou no freio. O carro parou cantando pneu.

— O que foi? — Meredith ofegava. — O que é?

E então ela viu.

A Dra. Celia Connor tinha saído do carro de Matt para atravessar o caminho até as fontes. Meredith acelerara bem na direção dela. A centímetros do para-choque de Meredith, Celia estava paralisada, com o rosto bonito cinzento de medo, a boca formando um círculo perfeito.

Um segundo a mais, e Meredith teria matado a mulher.

13

Desculpe. Eu peço *mil* desculpas — disse Meredith pela décima vez. O rosto normalmente controlado estava vermelho, e os olhos brilhavam com as lágrimas reprimidas.

Matt não se lembrava de ter visto Meredith tão perturbada com alguma coisa, especialmente com algo que acabou não sendo um grande problema. É claro que Celia *podia* ter se machucado, mas o carro nem tocou nela.

— Estou bem, de verdade, Meredith — garantiu-lhe Celia de novo.

— Eu simplesmente não vi você. Não sei como, mas não vi. Graças a Deus Alaric me avisou. — Meredith olhou com gratidão para Alaric, sentado ao lado dela, afagando suas costas.

— Está tudo bem, Meredith — disse ele. — Está tudo bem. — Alaric parecia mais preocupado com Meredith do que com Celia, e Matt não o culpava. Balbuciar não era do feitio de Meredith. Alaric a abraçou com força e ela relaxou visivelmente.

Celia, por outro lado, ficou perceptivelmente mais tensa quando Meredith se inclinou para o abraço de Alaric. Matt trocou um olhar triste com Bonnie.

Depois Stefan acariciou o ombro de Elena distraidamente, e Matt ficou surpreso ao sentir uma pontada de ciúme. Será que ele nunca ia esquecer Elena Gilbert? Já fazia mais de um ano que eles tinham namorado, e quase um século em termos de experiência.

Bonnie ainda o olhava, agora com um brilho de especulação nos olhos, e Matt lhe abriu um leve sorriso. Ficou sem saber o que Bonnie tinha visto em seu rosto enquanto ele olhava para Elena e Stefan.

— Depois dessa curva e subindo a ladeira fica o Salto — disse ele a

Celia, conduzindo-a pela trilha. — É uma caminhada e tanto, mas é o melhor lugar daqui para um piquenique.

— *Totalmente* o melhor — disse Bonnie, animada. — A gente pode pular da cachoeira. — Ela apareceu do outro lado de Celia, ajudando-o a afastá-la dos dois casais, que cochichavam entre si, atrás deles.

— E é seguro? — perguntou Celia, em dúvida.

— Totalmente — respondeu Bonnie. — Todo mundo pula da cachoeira aqui e ninguém nunca se machucou.

— Em geral é seguro — disse Matt, mais cauteloso. — Você e Meredith talvez queiram pensar em não nadar, Celia.

— Odeio isso — falou Bonnie. — Odeio ter que ficar supercuidadosa por causa de uma coisa sombria que nem sabemos o que é. Devia estar tudo *normal*.

Normal ou não, foi um piquenique magnífico. Eles abriram as mantas nas pedras perto do alto da cachoeira. As pequenas cascatas mergulhavam pela lateral do penhasco e terminavam num poço fundo de água efervescente, formando uma fonte natural que se derramava em uma piscina clara e verde-bronze.

A Sra. Flowers tinha embalado saladas, pães e sobremesas para eles, assim como carne e milho para preparar em uma grelha a carvão que Stefan trouxera do pensionato. Eles tinham comida mais do que suficiente para alguns dias de acampamento, que dirá um único almoço. Elena colocara refrescos num cooler e, depois de subir a trilha no calor do verão da Virgínia, todos ficaram felizes em abrir uma limonada ou refrigerante.

Até Stefan pegou uma garrafa de água e bebeu enquanto acendia a grelha, embora todos entendessem automaticamente que ele não ia comer. Matt sempre achou meio apavorante o fato de nunca ter visto Stefan comer, mesmo antes de saber que ele era um vampiro.

As meninas tiraram os jeans e as camisetas e exibiram seus trajes de banho, como lagartas se transformando em borboletas. Meredith bronzeada e magra num maiô preto. Bonnie usava um biquíni mínimo verde sereia. A parte de cima do biquíni de Elena era uma faixa dourado claro que combinava com seu cabelo. Matt viu Stefan olhar para ela com apreço e sentiu aquela pontada de ciúme de novo.

Elena e Bonnie recolocaram a camiseta sobre os trajes de banho quase de imediato. Sempre faziam isso: sua pele clara queimava em vez de ficar bronzeada. Celia estava deitada numa toalha, espetacular em seu maiô branco casual mas de corte atrevido. O efeito do branco puro sobre a pele cor de café de Celia era incrível. Matt percebeu os olhos de Meredith passando pela mulher e depois olhando incisivamente para Alaric.

Mas Alaric estava ocupado demais tirando a casca de dois troncos vermelhos. Stefan se manteve longe da luz direta do sol, continuando com os jeans escuros e a camiseta preta.

Isso não era meio sinistro também?, pensou Matt. O anel protegia Stefan dos raios de sol, não é? Será que ele ainda tinha de ficar na sombra? E por que só usava roupas pretas? Será que agora fingia ser Damon? Matt fechou a cara ao pensar: um Damon já era mais do que suficiente.

Matt meneou a cabeça, esticou braços e pernas, virou-se para o sol e tentou se livrar dessas ideias. Ele gostava de Stefan. Sempre gostou. Ele era um bom sujeito. *Um vampiro*, observou uma voz seca no fundo de sua mente, *mesmo que inofensivo, raras vezes pode ser descrito como um bom sujeito*.

Matt ignorou a voz.

— Vamos pular! — disse ele e foi para a cachoeira.

— Meredith não — alertou Stefan categoricamente. — Nem Meredith, nem Celia. As duas ficam aqui.

Fez-se um silêncio e ele ergueu os olhos da grelha, vendo os amigos o encarando. Matt manteve a expressão neutra enquanto retribuía os olhares. Aquela era uma situação de vida ou morte. Agora era responsabilidade de Stefan mantê-los em segurança, quer eles gostassem ou não. Ele fitou cada um deles, sustentando seu olhar. Não ia voltar atrás.

Meredith tinha se levantado para seguir Matt até a beira da cachoeira e hesitou por um momento, claramente sem saber como reagir. Depois seu rosto endureceu, e Stefan viu que ela tinha decidido tomar uma posição.

Ela se aproximou dele.

— Desculpe, Stefan — disse ela com a voz calma. — Sei que está preocupado, mas vou fazer o que *eu* decidir que quero. Posso cuidar de mim mesma.

Ela foi se juntar a Matt, que estava parado na beira do penhasco, mas a mão de Stefan voou e a pegou pelo pulso, os dedos fortes como aço.

— Não, Meredith — disse ele com firmeza.

Pelo canto do olho, ele viu a boca de Bonnie se abrir. Todos o olhavam com uma expressão confusa e ansiosa, então Stefan tentou suavizar o tom.

— Só estou tentando fazer o melhor para você.

Meredith suspirou, um som longo e turbulento, e parecia se esforçar para se livrar de parte de sua raiva.

— Sei disso, Stefan — disse ela com bom senso —, e agradeço. Mas não posso viver sem fazer as coisas que faço normalmente, esperando que a coisa venha me pegar.

Ela tentou contorná-lo, mas ele deu um passo de lado e bloqueou o caminho de novo.

Meredith olhou para Celia, que lançou as mãos para o alto e meneou a cabeça.

— Não olhe para mim — disse Celia. — *Eu* não tenho o impulso de pular de um penhasco. Só vou ficar deitada no sol e deixar vocês resolverem isso sozinhos. — Ela se recostou sobre as mãos e virou o rosto para o sol.

Os olhos de Meredith se fecharam um pouco e ela girou de volta para Stefan. Quando estava abrindo a boca, Elena se intrometeu.

— E se o resto de nós for primeiro? — sugeriu ela, tentando aplacar Stefan. — Podemos ver se não há nada visivelmente perigoso lá embaixo. E ficaremos perto dela no fundo. Ninguém nunca se machucou ao pular ali, não que eu saiba. Não é, gente?

Matt e Bonnie assentiram, concordando.

Stefan se sentiu abrandar. Sempre que Elena usava sua voz lógica e os olhos grandes e atraentes, ele se via concordando com planos que, no fundo, considerava imprudentes.

Elena aproveitou a vantagem que tinha.

— Você pode ficar bem perto da água, lá embaixo, também — disse ela. — Assim, se houver algum problema, pode mergulhar em seguida. Você é muito rápido, consegue chegar lá antes que aconteça alguma coisa ruim.

Stefan *sabia* que isso era um erro. Ele não se esquecera daquela onda nauseante de desespero, de perceber que ele foi *lento demais* para salvar alguém. Mais uma vez, viu o salto longo e gracioso de Damon em direção a Bonnie, que acabou com Damon caindo na terra, com um galho de madeira cravado no coração. Damon morreu porque Stefan foi lento demais para salvá-lo, lento demais para perceber o perigo e salvar Bonnie ele mesmo.

Também chegou muito tarde para salvar Elena quando ela caiu de carro da ponte e se afogou. O fato de que ela agora estava viva de novo não significava que ele não tivesse falhado com ela na época. Ele se lembrou do cabelo claro flutuando como alga marinha na água gelada do riacho Wickery, as mãos ainda pousadas no volante, os olhos fechados, e estremeceu. Ele mergulhou várias vezes antes de encontrá-la. Ela estava muito fria e branca quando ele a levou para a margem.

Ainda assim, acabou concordando. Elena conseguia tudo que queria. Ele ficaria por perto e protegeria Meredith da melhor maneira possível e rezou, como um vampiro podia rezar, para que isso bastasse.

O restante dos amigos ficou no topo enquanto, no fundo da cachoeira, Stefan examinava o poço a seus pés. A água espirrava exuberante onde a queda atingia a superfície. A areia quente e clara cercava as margens do poço, formando uma praia mínima, e o meio do poço parecia escuro e fundo.

Matt foi o primeiro a pular, com um uivo longo e trêmulo ao mergulhar. O borrifo de quando bateu na água foi imenso, e ele pareceu ficar submerso por um bom tempo. Stefan curvou-se para observar a água. Não conseguia ver através da espuma provocada pela cascata, e um tremor de ansiedade disparou por seu estômago.

Estava pensando em mergulhar atrás dele quando a cabeça

molhada e reluzente de Matt apareceu na superfície.

— Eu toquei o fundo! — anunciou ele, sorrindo, e sacudiu a cabeça como um cachorro, lançando gotas cintilantes de água para todo lado.

Ele nadou até Stefan, os braços e pernas fortes e bronzeados movendo-se com potência, e Stefan pensou que tudo parecia fácil para Matt. Ele era uma criatura do sol e da simplicidade, enquanto Stefan estava preso nas sombras, vivendo uma longa semivida de segredos e solidão. É claro que seu anel de safira permitia que andasse à luz do dia, mas ficar exposto ao sol por muito tempo, como hoje, era desagradável, como se houvesse um tipo de coceira bem no fundo dele. Era pior agora, que ele estava se readaptando a uma dieta de sangue animal. Sua inquietude era mais um lembrete de que não pertencia a esse lugar. Não como Matt.

Ele afugentou esses pensamentos, surpreso por terem surgido. Matt era um bom amigo. Sempre foi. O sol o devia estar afetando.

Bonnie pulou em seguida e veio à superfície mais rápido, tossindo e bufando.

— Uf! — disse ela. — Entrou água no meu nariz! Argh! — Ela saiu da água e se empoleirou numa pedra perto dos pés de Stefan. — Você não vai nadar? — perguntou a ele.

Stefan teve um lampejo de memória. Damon, bronzeado e forte, espirrando água nele e rindo em um de seus raros surtos de bom humor. Foi há centenas de anos. Na época em que os irmãos Salvatore viviam à luz do sol, antes mesmo de os bisavós dos amigos nascerem.

— Não nado há muito tempo — respondeu.

Elena pulou com a mesma graça casual com que fazia tudo, reta como uma flecha para o fundo da cascata, o maiô e os cabelos dourados brilhando ao sol. Ela ficou debaixo d'água por mais tempo que Bonnie, e Stefan novamente ficou tenso, olhando o poço. Quando ela veio à superfície, abriu um sorriso pesaroso.

— Não consegui chegar ao fundo — contou ela. — Tentei ao máximo me esticar para baixo. Consegui ver a areia, mas a água me puxou para cima.

— Eu nem tentei — disse Bonnie. — Já aceitei o fato de que sou baixinha demais.

Elena nadou para longe do fundo da cachoeira e subiu para a areia, colocando-se ao lado de Bonnie aos pés de Stefan. Matt também saiu da água e ficou de pé perto da cascata, olhando criticamente para cima.

— Pule de pé, Meredith — gritou ele de brincadeira. — Você é muito exibida.

Meredith estava posicionada na beira da cascata. Fez uma saudação para eles e saltou num perfeito mergulho de cisne, arqueando-se rapidamente para o poço e desaparecendo suavemente sob a água, quase sem espirrar nada.

— Ela era da equipe de natação — disse Bonnie a Stefan. — Tem uma fila de medalhas e troféus numa prateleira em casa.

Stefan assentiu, distraído, com os olhos percorrendo a água. Certamente a cabeça de Meredith surgiria na superfície em um segundo. Os outros tinham levado mais ou menos esse tempo para emergir.

— Já posso pular? — gritou Alaric de cima.

— Não! — gritou Elena. Ela se levantou e trocou um olhar preocupado com Stefan. Meredith estava no fundo há tempo demais.

Meredith veio à superfície, cuspindo e tirando o cabelo molhado dos olhos. Stefan relaxou.

— Consegui! — gritou ela. — Eu...

Seus olhos se arregalaram quando ela começou a gritar, mas o grito foi interrompido quando ela foi abruptamente puxada sob a água por algo que eles não conseguiam ver. No espaço de uma respiração, ela sumiu.

Por um momento, Stefan só ficou olhando para onde Meredith estivera, incapaz de se mexer. *Lento demais, lento demais*, uma voz interior o provocava, e ele imaginou o rosto de Damon, rindo cruelmente e dizendo de novo: *Tão frágil, irmãozinho*. Ele não conseguia ver Meredith em lugar nenhum sob a água clara e efervescente. Era como se ela tivesse sido sugada de repente. Tudo isso passou pela cabeça de Stefan em um segundo, e depois ele mergulhou na água atrás dela.

Submerso, ele não conseguia enxergar nada. A água clara da cascata borbulhava, lançando espuma e areia dourada diante dele.

Stefan canalizou com urgência seu Poder para os olhos, aguçando a visão, mas isso significava principalmente que ele agora conseguia ver cada bolha de água branca e os grãos de areia com perfeição. Onde estava Meredith?

A água borbulhante também tentava empurrá-lo para a superfície. Ele teve de lutar para avançar pela água turva, procurando. Algo roçou em seus dedos e ele o agarrou, mas era apenas um punhado de planta aquática escorregadia.

Onde ela estava? O tempo estava se esgotando. Os humanos não podiam ficar sem oxigênio por mais de alguns minutos ou haveria danos cerebrais. Alguns minutos depois disso, não haveria como se recuperar.

Mais uma vez ele se lembrou do afogamento de Elena, a frágil forma branca que ele tirara do carro amassado de Matt, com cristais de gelo nos cabelos. A água ali era quente, mas mataria Meredith da mesma forma. Ele reprimiu um soluço e procurou de novo freneticamente nas profundezas escuras.

Seus dedos encontraram pele, e ela se mexeu na sua mão.

Stefan pegou o membro do corpo com força suficiente para machucar e avançou. Em menos de um segundo, viu que era o braço de Meredith. Ela estava consciente, a boca cerrada de medo, o cabelo flutuando em volta dela na água.

No início, Stefan não conseguiu ver por que ela não tinha subido à superfície. Depois Meredith gesticulou enfaticamente, tentando mexer as longas gavinhas de planta aquática que de algum modo tinham se emaranhado nas suas pernas.

Stefan nadou para baixo, impelindo-se pela água clara da cascata, e tentou colocar a mão sob a planta para soltá-la. Estava tão apertada nas pernas de Meredith que ele não conseguiu passar os dedos por baixo da planta. A pele da garota estava branca por causa da pressão dos ramos.

Ele lutou por um momento, depois nadou para mais perto e deixou que o Poder o tomasse, afiando e estendendo seus caninos. Ele

mordeu, com cuidado para não arranhar as pernas de Meredith, e puxou a planta aquática, mas esta resistia a ele.

Pouco depois, percebeu que a resistência das plantas devia ser sobrenatural: suas forças aprimoradas pelo Poder eram suficientes para quebrar ossos, rasgar metal e não devia ter problema com umas plantas.

E por fim — tão *lento*, repreendeu-se ele mais uma vez, sempre a maldita lentidão — ele percebeu o que estava vendo. Stefan sentiu os olhos se arregalarem de pavor.

Os ramos apertados de planta aquática nas longas pernas de Meredith formavam um nome.

damon

14

Onde eles estavam? Ansiosa, Elena observava a água. Se alguma coisa tinha acontecido com Meredith ou Stefan, era culpa de Elena. *Ela* tinha convencido Stefan a deixar Meredith pular na cachoeira.

As objeções dele eram inteiramente sensatas, Elena agora entendia. Meredith tinha sido marcada para morrer. Pelo amor de Deus, Celia quase foi morta quando simplesmente saiu de um trem. O que Meredith estava pensando ao pular de um penhasco na água quando corria o mesmo tipo de perigo? O que *Elena* estava pensando quando a deixou pular? Ela devia ficar do lado de Stefan, impedindo Meredith.

E *Stefan*. Ela sabia que ele devia estar bem. A parte racional de seu cérebro insistia em lembrar que Stefan era um *vampiro*. Nem precisava respirar. Podia ficar debaixo d'água por dias. Era incrivelmente forte.

Mas há não muito tempo, ela havia pensado que Stefan tinha desaparecido para sempre, roubado pelos kitsune. Coisas ruins *podem* acontecer com ele — seja ou não vampiro. Se ela o perdesse agora por sua culpa idiota, por sua teimosia e insistência de que todos fingissem que a vida podia ser como era antes — que eles podiam ter diversões simples sem que o destino os seguisse —, Elena se deitaria e morreria.

— Está vendo alguma coisa? — perguntou Bonnie com um tremor na voz. Suas sardas se destacavam em pontos escuros contra o rosto pálido e os cachos ruivos normalmente exuberantes estavam colados e escuros na cabeça.

— Não. Não daqui de cima. — Elena lhe lançou um olhar firme e, antes mesmo de estar consciente da decisão, mergulhou no poço.

Sob a água, a visão de Elena era toldada pela espuma e a areia agitada pela cascata. Ela se mexeu na água por um momento enquanto

tentava enxergar e viu um trecho de escuridão que parecia ser de figuras humanas perto do meio do poço, então partiu para lá.

Graças a Deus, pensou Elena emocionada. Quando se aproximou, a escuridão ganhou formas e revelou Meredith e Stefan. Pareciam lutar com algo na água, o rosto de Stefan perto das pernas de Meredith, as mãos de Meredith estendendo-se desesperadas para a superfície. Seu rosto estava arroxeado pela falta de oxigênio, e os olhos, arregalados de pânico.

Assim que Elena chegou perto deles, Stefan deu um solavanco e Meredith disparou para cima. Como que em câmera lenta, Elena viu o braço de Meredith nadar em direção a ela quando a amiga subiu. Um golpe repentino enviou Elena em disparada para as pedras por trás da cascata, a queda d'água empurrando-a mais fundo quando ela passou por baixo.

Isso não é bom, foi o que ela teve tempo de pensar, antes de a cabeça bater nas pedras e tudo escurecer.

Quando voltou a si, Elena se viu no quarto em sua casa, ainda de maiô. O sol brilhava pela janela, mas ela estava molhada e tremia de frio. A água escorria do cabelo e do maiô em gotas sinuosas pelos braços e pernas, empoçando o carpete.

Ela não ficou surpresa ao ver que Damon estava ali, elegante, sombrio e imperturbável como sempre. Ele espiava sua estante, à vontade como se estivesse na própria casa, mas girou o corpo para olhar para Elena.

"Damon", chamou ela com a voz fraca, confusa, mas, como sempre, muito feliz ao vê-lo.

"Elena!", disse ele, parecendo deliciado por um momento, franzindo a testa depois.

"Não", falou ele, sério. "Elena, *acorde*."

— Elena, acorde. — A voz era assustada e desesperada, e Elena lutou contra as trevas que pareciam mantê-la presa e abriu os olhos.

Damon?, ela quase disse, mas mordeu a língua. Porque é claro que era Stefan que a olhava preocupado nos olhos, e até o doce e

compreensivo Stefan podia protestar se ela o chamasse pelo nome do irmão morto duas vezes no mesmo dia.

— Stefan — disse ela, lembrando-se. — Meredith está bem?

Stefan a abraçou com força.

— Ela vai ficar bem. Ah, meu Deus, Elena — lamentou ele. — Pensei que ia perder você. Tive que puxá-la à margem. Eu não sabia... — Sua voz falhou e ele a abraçou ainda mais perto do peito.

Elena fez uma verificação pessoal rápida. Estava dolorida. A garganta e os pulmões doíam, provavelmente por respirar água e tossi-la para fora. Estava coberta de areia, nos braços e no maiô, e começava a coçar. Mas estava viva.

— Ah, Stefan. — Elena fechou os olhos por um momento, pousando a cabeça nele. Sentia tanto frio e estava tão molhada, e Stefan era tão quente. Ela ouvia seu coração batendo sob o ouvido. Mais lento que um coração humano, mas ali, firme e tranquilizador.

Quando abriu os olhos novamente, Matt estava ajoelhado ao lado deles.

— Você está bem? — perguntou. Quando ela assentiu, ele voltou o olhar para Stefan. — Eu devia ter mergulhado — disse ele, culpado. — Devia ter ajudado você a salvá-las. Tudo pareceu acontecer tão rápido, e quando entendi que havia alguma coisa realmente errada, você as trazia da água.

Ela se sentou e pegou o braço de Matt, sentindo uma onda quente de afeto por ele. Matt era tão *bom* e se sentia tão responsável por todos eles.

— Todo mundo está bem, Matt — disse ela. — É isso que importa.

A pouca distância, Alaric examinava Meredith enquanto Bonnie adejava perto deles. Celia ficou um pouco mais distante, com os braços em volta do próprio corpo enquanto observava Alaric e Meredith.

Quando Alaric se afastou, Meredith viu os olhos de Elena. Seu rosto estava lívido de dor, mas ela conseguiu abrir um sorriso, desculpando-se.

— Eu não pretendia machucar você — disse ela. — E, Stefan, eu devia ter te ouvido ou ter mais juízo e ficado na margem. — Ela fez

uma careta. — Acho que posso ter torcido o tornozelo. Alaric vai me levar ao hospital para colocarem uma tala.

— O que quero saber — começou Bonnie — é se isso significa que acabou tudo. Quero dizer, o nome de Celia apareceu e ela quase foi estrangulada nas portas do trem. O nome de Meredith apareceu e ela quase se afogou. As duas foram salvas... por Stefan, bom trabalho, Stefan... então isso quer dizer que agora estão seguras? Não vimos mais nenhum nome.

O coração de Elena ficou mais leve de esperança. Mas Matt estava meneando a cabeça.

— Não é assim tão fácil — disse ele sombriamente. — Nunca é tão fácil. Só porque Meredith e Celia conseguiram ser salvas uma vez, isso não quer dizer que a coisa não está mais atrás delas. E, embora o nome de Elena não tivesse aparecido, ela também correu perigo.

Os braços de Stefan ainda envolviam Elena, mas pareciam duros e inflexíveis. Quando ela olhou seu rosto, o queixo dele estava rígido e os olhos verdes cheios de dor.

— Creio que não seja o fim. Apareceu outro nome — disse ele. — Meredith, acho que você não pôde ver, mas as plantas em que se emaranhou escreveram um nome em suas pernas. — Todos arquejaram. Elena agarrou o braço dele, com um nó no estômago. Olhou para Matt, Bonnie e Stefan. Eles nunca lhe pareceram mais preciosos. Qual dessas pessoas que ela amava corria perigo?

— Bem, não nos deixe nesse suspense — pediu Meredith com amargura. Sua cor estava melhor, observou Elena, e a voz parecia nítida e competente de novo, embora ela tivesse estremecido quando Alaric tocou gentilmente em seu tornozelo. — Que nome era?

Stefan hesitou. Seus olhos foram até Elena e se desviaram rapidamente. Ele lambeu os lábios num gesto de nervosismo que ela nunca vira nele. Respirando fundo, enfim falou:

— Damon foi o nome que as plantas escreveram.

Bonnie se sentou com um baque, como se as pernas tivessem fraquejado.

— Mas Damon está morto — disse ela, com os olhos castanhos arregalados.

Por algum motivo, Elena no fundo não se impressionou com a notícia. Em vez disso, uma sensação forte e fulgurante de esperança a dominou. Faria sentido. Ela jamais acreditou que alguém como Damon pudesse simplesmente *morrer*.

— Talvez não esteja — ela se ouviu dizer, perdida em pensamentos ao se recordar de Damon nos sonhos. Quando desmaiou sob a água, ela o viu outra vez e ele disse para ela acordar. Isso era normal em um sonho? Podia ser seu subconsciente alertando-a, supôs Elena em dúvida, mas o *nome* dele tinha aparecido debaixo d'água.

Será que ele está vivo? Ele havia morrido — Elena não duvidava do que vira. Mas era um vampiro, tinha morrido antes e vivido novamente. As Guardiãs tentaram, pelo que disseram, e falaram que não havia como trazer Damon de volta. Seria esta uma esperança absurda? Será que a ânsia batendo em seu coração, que permitia que pensasse que Damon podia estar vivo, era apenas ela mesma se iludindo?

Elena voltou repentinamente ao presente e viu os amigos encarando-a. Houve um momento de completo silêncio, como se até os pássaros parassem de cantar.

— Elena — disse Stefan gentilmente. — Nós o vimos morrer.

Ela fitou os olhos verdes de Stefan. De fato, se houvesse alguma razão para ter esperanças, ele sentiria o mesmo que ela. Mas o olhar dele estava firme e triste. Stefan, Elena viu, tinha certeza de que Damon estava morto. Seu coração se apertou dolorosamente.

— Quem é Damon? — perguntou Celia, mas ninguém respondeu.

Alaric estava carrancudo.

— Se Damon definitivamente está morto — disse ele —, se vocês têm certeza disso, o que está causando esses acidentes pode estar brincando com a sua tristeza, tentando atingir onde mais dói em vocês. Talvez ele esteja querendo criar um perigo emocional aqui, além do perigo físico.

— Se escreveu o nome de Damon para nos perturbar, os objetivos são Elena e Stefan — alertou Matt. — Quero dizer, não é segredo que Meredith e eu não gostávamos muito dele. — Matt cruzou os braços, na defensiva. — Desculpe, Stefan, mas é a verdade.

— Eu respeitava Damon — disse Meredith —, especialmente depois que ele trabalhou tanto conosco na Dimensão das Trevas, mas é verdade que sua morte não... me afetou como afetou Elena e Stefan. Tenho que concordar com Matt.

Elena olhou para Bonnie e notou que seu queixo estava cerrado e os olhos brilhavam de lágrimas coléricas.

Enquanto Elena observava, os olhos brilhantes de Bonnie ficaram opacos e perderam o foco, olhando fixamente para longe. Ela enrijeceu e virou o rosto para o alto do penhasco.

— Ela está tendo uma visão — disse Elena, levantando-se num salto.

Bonnie falou num tom mais monótono e mais áspero que o seu.

— Ele quer você, Elena. Ele quer você.

Elena seguiu o olhar dela até o penhasco. Por um instante de loucura, aquela esperança forte e fulgurante voltou a queimar em seu peito. Tinha certeza de que veria Damon lá em cima, sorrindo maliciosamente para eles. Seria bem típico dele se, de algum modo, tivesse sobrevivido à morte, aparecendo de repente em uma entrada triunfal para depois menosprezar o milagre com um dar de ombros e uma tirada espirituosa e certeira.

E *havia* alguém de pé no alto do penhasco. Celia soltou um gritinho e Matt xingou em voz alta.

Mas não era Damon. Elena percebeu na hora. A silhueta era mais larga do que a forma magra de Damon. O sol estava tão forte que ela não conseguiu distinguir as feições, então levantou a mão para proteger os olhos.

Como um halo, o cabelo cacheado e louro cintilava ao sol. Elena franziu a testa.

— Eu acho — disse ela, agora o reconhecendo — que é Caleb Smallwood.

15

Assim que Elena pronunciou o nome de Caleb, quem estava no penhasco começou a recuar da linha de visão deles. Depois de um segundo de hesitação, Matt partiu numa disparada pela trilha em direção ao local onde eles o tinham visto.

Poderia ter sido tolice, pensou Elena, o jeito como todos reagiram como se tivessem sido ameaçados. Todo mundo tinha o direito de fazer as trilhas de Hot Springs, e Caleb — se era mesmo Caleb — não *fizera* nada além de observá-los da beira do penhasco. Mas havia algo de nefasto na figura pairando tão atenta acima deles, e a reação do grupo não *parecia* despropositada.

Bonnie ofegou, e seu corpo relaxou ao sair do transe.

— O que houve? — perguntou. — Ah, meu Deus, *de novo* não.

— Lembra de alguma coisa? — indagou Elena.

Bonnie meneou a cabeça com tristeza.

— Você disse: "Ele quer você, Elena" — respondeu Celia, examinando Bonnie com um brilho de entusiasmo clínico nos olhos. — Não se lembra de quem estava falando?

— Acho que, se queria Elena, poderia ser *qualquer um* — disse Bonnie, semicerrando os olhos.

Elena a encarou. Havia um tom depreciativo pouco característico na voz de Bonnie? Mas Bonnie sorriu com tristeza para ela, e Elena concluiu que o comentário fora só uma piada.

Alguns minutos depois, Matt voltou pela trilha, balançando a cabeça.

— Quem quer que tenha sido, desapareceu — disse ele, confuso, com a testa vincada. — Não vi ninguém na trilha em direção

nenhuma.

— Acha que ele é um lobisomem, como Tyler? — perguntou Bonnie.

— Você não é a primeira pessoa a me perguntar isso — respondeu Elena, olhando para Stefan. — Eu simplesmente não sei. Mas não acho que seja. Caleb parece totalmente legal e normal. Lembra como Tyler se parecia muito com um lobo antes mesmo de virar lobisomem? Aqueles dentões brancos e seu jeito animalesco? Caleb não é assim.

— Então por que ele estava nos espionando?

— Não sei — repetiu Elena, frustrada. Não podia pensar naquilo agora. Sua mente ainda girava com a pergunta: Damon poderia estar vivo? Que importava Caleb, comparado a isso? — Talvez ele só esteja passeando. Nem tenho certeza de se era Caleb. Podia ser qualquer outro cara de cabelo louro cacheado. Só um aventureiro qualquer que ficou com medo quando Matt correu pelo morro atrás dele.

A discussão do grupo girou em círculos até que, por fim, Alaric levou Meredith ao hospital para um médico ver seu tornozelo. O restante do grupo foi até o topo da cachoeira para pegar as coisas do piquenique.

Todos mordiscaram fritas e brownies e frutas, e Matt preparou um cachorro-quente para ele na grelha a carvão; mas a alegria do dia havia passado.

Quando o telefone de Elena tocou, foi um alívio bem-vindo.

— Oi, tia Judith — cumprimentou ela, forçando um tom alegre na voz.

— Oi — disse a tia Judith apressadamente. — Escute, tenho que ir ao auditório ajudar a fazer o cabelo e a maquiagem de todas as meninas, e Robert vai sair cedo do trabalho para chegar a tempo no recital. Pode me fazer um favor e comprar umas flores para Margaret no caminho para lá? Algo meigo de bailarina, se entende o que quero dizer.

— Tudo bem — concordou Elena. — Sei exatamente o que quer dizer. Vejo vocês lá. — Ela queria se esquecer por um tempo: esquecer-se de aventureiros misteriosos, quase afogamentos e seus constantes sentimentos alternados de esperança e desespero com o

aparecimento do nome de Damon. Ver a irmã mais nova rodar num tutu parecia perfeito.

— Maravilha — disse a tia Judith. — Obrigada. Bem, se está no alto de Hot Springs, é melhor ir para casa daqui a pouco.

— Tudo bem, tia Judith — respondeu Elena. — Vou para lá agora.

Elas se despediram, e Elena desligou e começou a pegar suas coisas.

— Stefan, posso pegar seu carro? Preciso ir ao recital de dança de Margaret. Pode dar uma carona a ele para casa, Matt? Ligo para vocês depois e vamos pensar em tudo isso.

Stefan se levantou.

— Vou com você.

— O quê? — disse Elena. — Não, você precisa ficar com Celia e ir ao hospital para cuidar de Meredith também.

Stefan a pegou pelo braço.

— Então não vá. Você não deve ficar sozinha agora. Nenhum de nós está seguro. Tem alguma coisa aí fora nos caçando, e precisamos ficar unidos. Se não perdermos um ao outro de vista, talvez possamos nos proteger.

Seus olhos verdes estavam claros e cheios de angústia e amor, e Elena sentiu uma pontada de remorso ao puxar o braço gentilmente de seu aperto.

— Eu preciso ir — disse ela em voz baixa. — Se é para ficar o tempo todo com medo e me escondendo, era melhor as Guardiãs terem me deixado morta. Preciso ficar com a minha família e ter a vida mais normal que eu puder.

Ela lhe deu um beijo suave, demorando-se por um momento contra a maciez de seus lábios.

— E você sabe que eles ainda não me têm como alvo — disse ela. — Não escreveram meu nome. Mas prometo que terei cuidado.

A expressão de Stefan estava firme.

— E o que Bonnie disse? — argumentou Stefan. — Que ele quer você? E se isso significar Caleb? Ele está rondando sua casa, Elena! Pode ir atrás de você a qualquer momento!

— Bem, eu não estarei lá. Estarei num recital de dança com minha família — observou Elena. — Nada me acontecerá hoje. Ainda não é a

minha vez, é?

— Elena, não seja idiota! — rebateu Stefan. — Você está correndo perigo.

Elena se eriçou. *Idiota?* Stefan, por mais estressado e ansioso que estivesse, nunca a tinha tratado com menos do que respeito total.

— Como?

Stefan lhe estendeu a mão.

— Elena. Deixe-me ir com você. Vou ficar ao seu lado até anoitecer e vigiarei sua casa hoje à noite.

— Isso realmente não é necessário — disse Elena. — Proteja Meredith e Celia. São elas que precisam de você. — A expressão de Stefan era de perplexidade, e ele pareceu tão arrasado que Elena relaxou um pouco, acrescentando: — Não se preocupe, por favor, Stefan. Terei cuidado e verei vocês todos amanhã.

O maxilar de Stefan travou, porém ele não disse mais nada, e ela se virou para descer a trilha sem olhar para trás.

De volta ao pensionato, Stefan não conseguia relaxar.

Não conseguia se lembrar de nunca, em toda a sua longa vida, sentir-se tão tenso e desconfortável em seu próprio corpo. Ele se coçava e doía de ansiedade. Era como se sua pele estivesse apertada demais sobre os ossos e ele agia com irritação, batendo os dedos na mesa, estalando o pescoço, sacudindo os ombros, remexendo-se na cadeira.

Ele quer você, Elena. Que diabos isso significava? *Ele quer você.*

E a visão da figura escura e volumosa no alto do penhasco, uma sombra obstruindo o sol, aqueles cachos dourados brilhando como um halo sobre a cabeça da figura...

Stefan sabia que devia estar com Elena. Tudo que queria era protegê-la.

Mas ela o *dispensou*, ela — metaforicamente, pelo menos — fez um carinho em sua cabeça e lhe disse para ficar, como o fiel cão de guarda que era, e cuidar de outra pessoa. Manter outra pessoa segura. Não importava ela estar claramente em perigo, nem esse alguém — um *ele* — a querer. Ainda assim, Elena não queria que Stefan ficasse

com ela agora.

O que Elena *queria*? Agora que Stefan parava para pensar no assunto, parecia que Elena queria um monte de coisas incompatíveis. Ter Stefan como cavalheiro fiel. O que ele sempre seria, refletiu consigo mesmo, cerrando os punhos com força.

Mas ela também queria se prender às lembranças de Damon e manter a parte que compartilhara com ele privada e imaculada, separada de todos os outros, até de Stefan.

E ela também queria muito mais: ser a salvadora dos amigos, de sua cidade, de seu mundo. Ser amada e admirada. Estar no controle.

E ser uma garota normal de novo. Bem, a vida normal que ela viveu foi destruída para sempre quando conheceu Stefan, quando ele tomou a decisão de deixar que ela entrasse em seu mundo. Ele sabia que era culpa dele, tudo isso, tudo o que se seguiu, mas não conseguia se lamentar por Elena estar com ele agora. Ele a amava demais para ter espaço para arrependimento. Ela era o centro de seu mundo, mas, ao mesmo tempo, Stefan sabia que não era assim para ela.

Um buraco abriu-se dentro dele com nostalgia, e Stefan se mexeu indócil na cadeira. Seus caninos se alongaram na boca. Ele não se lembrava da última vez em que tinha se sentido tão... impróprio. Não tirava a imagem de Caleb da cabeça, olhando para eles do alto do penhasco como se quisesse saber se a violência que ele esperava causar de fato acontecera.

— Mais chá, Stefan? — perguntou-lhe a Sra. Flowers delicadamente, interrompendo seus pensamentos furiosos. Ela estava recurvada sobre uma mesinha com o bule, os olhos azuis e grandes observando-o de trás dos óculos. Sua expressão era tão clemente que ele se perguntou o que ela estaria vendo nele. A mulher idosa e sábia sempre parecia perceber muito mais do que qualquer pessoa; talvez soubesse como ele se sentia agora.

Ele percebeu que ela ainda esperava educadamente por sua resposta, com o bule suspenso na mão, e assentiu automaticamente.

— Obrigado, Sra. Flowers. — Ele estendeu a xícara, que ainda estava pela metade com chá frio.

Ele não gostava realmente do sabor das bebidas humanas normais;

já era assim havia algum tempo, mas às vezes bebê-las o fazia se adaptar, fazia os outros relaxarem um pouco mais em sua presença. Quando ele não comia nem bebia nada, sentia os amigos de Elena tensos, os pelos da nuca se eriçando, como se uma voz subconsciente neles notasse que ele não era igual aos outros, ainda por cima com as outras pequenas diferenças que ele não conseguia controlar, e assim concluindo que ele era *impróprio*.

A Sra. Flowers encheu a xícara e se sentou, satisfeita. Pegando o tricô — algo rosa e felpudo —, ela sorriu.

— É tão bom ter vocês, jovens, reunidos aqui — comentou ela. — É um adorável grupo de crianças.

Olhando para os outros, Stefan teve de se perguntar se a Sra. Flowers estaria sendo gentilmente sarcástica.

Alaric e Meredith tinham voltado do hospital, onde a lesão dela foi diagnosticada como uma leve torção e recebeu um curativo na enfermaria de emergência. O rosto normalmente sereno de Meredith estava rígido, provavelmente pela dor e pela irritação de saber que não poderia ficar de pé por alguns dias.

E em parte, suspeitava Stefan, pelo lugar onde estava sentada. Por algum motivo, quando a ajudou a entrar na sala e ir até o sofá, Alaric a colocou bem ao lado de Celia.

Stefan não se considerava um especialista em relações amorosas — afinal, tinha vivido centenas de anos e se apaixonado apenas duas vezes, e seu romance com Katherine fora um desastre —, mas nem ele podia deixar de perceber a tensão entre Meredith e Celia. Não tinha certeza se Alaric estava tão desligado disso como parecia ou se fingia desligamento na esperança de que o problema se resolvesse.

Celia trocara de roupa e agora trajava um elegante vestido branco de verão. Folheava uma publicação de título *Antropologia Forense*, parecendo tranquila e composta. Meredith, por sua vez, estava anormalmente suja, com as lindas feições e a pele macia e morena desfigurada de cansaço e dor. Alaric levara uma cadeira para perto do sofá.

Celia, ignorando Meredith, curvou-se sobre esta em direção a Alaric.

— Desconfio que você vá achar isso interessante — disse ela. — É um artigo sobre os padrões dentários em corpos mumificados encontrados em uma ilha bem perto de Unmei no Shima.

Meredith lançou um olhar desagradável para Celia.

— Ah, sim — disse ela em voz baixa. — Dentes, que fascinante. — A boca de Celia se esticou numa linha, mas ela não respondeu.

Alaric pegou a revista com um murmúrio educado de interesse e Meredith fechou a cara.

Stefan também. Toda a tensão zumbindo entre Meredith, Celia e Alaric — e, agora que observava, via que Alaric sabia exatamente o que havia entre as duas jovens e ficava lisonjeado, irritado e ansioso em igual medida — interferia nos Poderes de Stefan.

Embora estivesse sentado e bebendo sua primeira xícara de chá, relutantemente obedecendo à ordem de Elena de "ficar", Stefan estivera enviando sondas de Poder, tentando sentir se Elena chegara em casa, se alguma coisa a interrompera no caminho. Se Caleb a detivera.

Mas não conseguiu encontrá-la, mesmo com seus sentidos estendidos ao máximo. Por uma ou duas vezes, captou o que parecia ser uma impressão fugaz do que podia ser o som, o cheiro ou uma aura específica que inconfundivelmente significavam *Elena*, mas isso lhe escapulira.

Ele culpava o fato de não conseguir localizá-la a seus Poderes fracos, mas agora estava claro o que o impedia de encontrá-la. Toda a emoção naquela sala: os corações batendo forte, os acessos de raiva, o cheiro acre do ciúme.

Stefan se recostou, tentando acalmar a fúria que crescia dentro dele. Essas pessoas — seus *amigos*, lembrou a si mesmo — não estavam interferindo de propósito. Não conseguiam conter suas emoções. Ele tomou um gole do chá que esfriava rapidamente, tentando relaxar antes de perder o controle, e estremeceu com o gosto. Não era chá que ele desejava, percebeu. Precisava ir ao bosque em breve e caçar. Precisava de sangue.

Não, ele precisava descobrir exatamente o que Caleb Smallwood estava aprontando. Stefan se levantou com tamanha rapidez e

violência que a cadeira se balançou instável sob ele.

— Stefan? — perguntou Matt num tom alarmado.

— O que foi? — Os olhos de Bonnie estavam imensos.

Stefan olhou o círculo de rostos distraídos, todos agora o observando.

— Preciso ir. — Então deu meia-volta e correu.

16

Ele andou por muito, muito tempo, embora tivesse a impressão de que o ambiente nunca se alterava. A mesma luz fraca se infiltrava por uma nuvem constante de cinzas. Arrastou-se por fuligem, lama, e poças de água escura até os tornozelos.

De vez em quando, descerrava o punho e olhava novamente a mecha de cabelo. A cada vez, o líquido mágico a limpava um pouco mais, transformando um farrapo escuro e fibroso em duas mechas de cabelos brilhantes, vermelhos e dourados.

Ele andava.

Tudo doía, mas ele não parava. Se parasse, afundaria sob as cinzas e a lama de novo, voltaria ao túmulo — à morte.

Algo sussurrou pelas margens de sua mente. Não sabia bem o que tinha acontecido a ele, mas as palavras e frases giravam em sua cabeça.

Palavras como *abandonado*, palavras como *sozinho*.

Sentia muito frio. Continuava andando. Depois de um tempo, percebeu que murmurava.

— Me deixaram totalmente sozinho. Nunca deixariam *ele* aqui. — Não se lembrava de quem era esse *ele*, mas sentia uma satisfação doentia com o brilho do ressentimento. Agarrou-se a isso ao continuar sua marcha.

Depois do que pareceu uma eternidade imutável, algo aconteceu. À frente, viu o portão que imaginara: em pináculos como um castelo de conto de fadas, preto como a noite.

Ele acelerou o ritmo, os passos arrastando-se pelas cinzas. E então a terra se abriu de repente sob seus pés. No espaço de uma batida do

coração, ele estava caindo no nada. Algo dentro dele uivava: *Agora não, agora não*. Ele se agarrava e arranhava a terra, os braços segurando-o à tona, os pés oscilando no vazio abaixo dele.

— Não — gemeu ele. — Não, eles não podem... Não me deixem aqui. Não me deixem novamente. — Seus dedos escorregaram, a lama e as cinzas deslizando sob as mãos.

— *Damon?* — rugiu uma voz incrédula.

Uma figura grande e musculosa se postava acima dele, em silhueta contra as luas e os planetas no céu, com o peito exposto, mechas longas e espiraladas de cabelos derramando-se pelos ombros. Essa estátua de homem estendeu a mão e o pegou pelos braços, levantando-o.

Ele gritou de dor. Algo abaixo da terra se agarrara a suas pernas e o puxava para baixo.

— Aguente! — grunhiu o outro homem, com os músculos ondulando. Ele se retesou e *puxou* contra o que se agarrava a Damon... *Damon*, o homem o chamara assim, e de algum modo isso parecia certo. O outro homem deu um forte puxão, e finalmente a força abaixo o soltou e ele disparou da terra, derrubando de costas o seu salvador.

Damon ficou deitado no chão, ofegante, esgotado.

— Você devia estar morto — disse o outro homem, levantando-se e estendendo a mão para firmar Damon. Tirou uma longa mecha de cabelo do rosto e fitou Damon com olhos sérios e perturbados. — O fato de que não está... ora, não estou surpreso como deveria.

Damon piscou para seu salvador, que o observava atentamente. Molhou os lábios e tentou falar, mas a voz não saiu.

— Tudo ficou muito perturbado aqui depois que seus amigos foram embora — disse o homem. — Algo essencial mudou neste universo. As coisas não estão certas. — Ele balançou a cabeça com uma expressão angustiada. — Mas diga-me, *mon cher*, como é possível você estar aqui?

Enfim Damon encontrou sua voz. Saiu ríspida e trêmula.

— Eu... não sei.

O homem de imediato era todo cortesia.

— Creio que a situação pede um Black Magic, *oui*? E algum sangue, talvez, e a oportunidade de se limpar. E depois, Damon, precisamos conversar.

Ele gesticulou para o castelo escuro à frente deles. Damon hesitou por um momento, olhando o vazio e as cinzas ao redor, e se arrastou atrás do homem em direção às portas abertas.

Depois que Stefan saiu da sala de repente, todos se limitaram a olhar a porta da frente bater, indicando que ele saíra da casa com igual rapidez. Bonnie se abraçou, tremendo. Uma vozinha no fundo de sua mente lhe dizia que algo estava muito, muito errado.

Celia finalmente rompeu o silêncio.

— Interessante — disse ela. — Ele é sempre tão... intenso? Ou é uma coisa de vampiro?

Alaric riu secamente.

— Acredite se quiser, para mim ele sempre foi meio discreto e pragmático. Não me lembro dele sendo tão volátil. — Alaric passou a mão no cabelo cor de areia e acrescentou, pensativo: — Talvez o contraste com o irmão o fizesse parecer tão sensato. Damon era muito imprevisível.

Meredith franziu a testa, reflexiva.

— Não, tem razão. Não é assim que Stefan costuma se comportar. Talvez ele esteja tão sensível porque Elena foi ameaçada. Mas isso não faz sentido... ela já esteve em perigo antes. Mesmo quando ela *morreu*... ele ficou arrasado, mas, no máximo, isso o tornou mais responsável, e não mais desvairado.

— Mas, quando Elena morreu — lembrou Alaric —, o pior que ele podia imaginar já havia acontecido. É possível que ele esteja tão nervoso por não saber de onde vem a ameaça desta vez.

Bonnie tomou um gole de chá, desligando-se enquanto Meredith murmurava pensativamente e Celia erguia uma sobrancelha cética.

— Ainda não entendo o que você quer dizer quando fala que Elena *morreu*. Está sugerindo que ela realmente ressuscitou dos mortos?

— Sim — respondeu Meredith. — Ela foi transformada em vampira, depois foi exposta ao sol e morreu fisicamente. Foi enterrada

e tudo. Mais tarde... meses depois... ela voltou. Mas é humana novamente.

— Tenho muita dificuldade para acreditar em tudo isso — disse Celia num tom monótono.

— Francamente, Celia — disse Alaric, levantando os braços de exasperação. — Com tudo que você viu desde que chegamos aqui... sua echarpe quase a estrangulando, depois escrevendo um nome, Bonnie tendo uma visão, Stefan praticamente voando para salvá-la... não entendo por que está impondo limites agora e dizendo que não acredita que uma menina possa ter voltado dos mortos. — Ele parou e respirou. — Eu não pretendia parecer grosseiro, mas francamente.

Meredith sorriu com malícia.

— Acredite se quiser, é verdade. Elena voltou dos mortos.

Bonnie enrolou uma mecha longa e ruiva de cabelo no dedo. Observava o dedo ficando branco e vermelho contra o cabelo. Elena. É claro que eles estavam falando de Elena. Todo mundo estava sempre falando de Elena. Quer ela estivesse com eles ou não, tudo que faziam ou pensavam estava centrado em Elena.

Alaric dirigiu-se a todo o grupo.

— Stefan parece convencido de que "ele quer você" significa Caleb, mas não tenho certeza disso. Pelo que entendi das visões de Bonnie e do que vocês me contaram, elas dificilmente se referiam ao que estava bem na frente dela. O aparecimento de Caleb... se era *mesmo* Caleb... pode ter sido coincidência. Não acha, Meredith?

Ah, não se preocupe em perguntar a mim sobre as visões, pensou Bonnie com amargura. *Sou apenas a pessoa que as tem*. Mas não era sempre assim? Ela era a pessoa que todos desprezavam.

— *Pode* ser coincidência — respondeu Meredith, em dúvida. — Mas se não era de Caleb que ela estava falando, de quem era? Quem quer Elena?

Bonnie olhou sob os cílios para Matt, mas ele olhava pela janela, parecendo totalmente desligado da conversa. Ela sabia que Matt ainda amava Elena, mesmo que ninguém mais soubesse. Isso era péssimo: Matt era uma gracinha. Podia namorar qualquer uma, mas estava levando muito tempo para esquecer Elena.

Por outro lado, ninguém parecia esquecer Elena. Metade dos meninos da Robert E. Lee High School zanzava em volta dela, olhando-a com desejo, como se ela de repente pudesse se virar e cair nos braços deles. Certamente a maioria dos meninos que Elena namorou deve ter continuado meio apaixonado por ela, mesmo depois de Elena ter praticamente se esquecido dos nomes deles.

Não é justo, pensou Bonnie, torcendo a mecha com mais firmeza no dedo. Todo mundo sempre queria Elena, e Bonnie nunca teve um namorado por mais de algumas semanas. Qual era o problema *dela*? As pessoas sempre diziam que ela era linda, adorável, divertida... e bastava desviarem os olhos para Elena que parecia nem poder mais ver Bonnie.

E embora Damon, o sensual e incrível Damon, tenha *gostado* dela, às vezes, quando ela não estava tentando se iludir, Bonnie sabia que ele também não a via de verdade.

Eu sou apenas uma figurante, esse é o meu problema, pensou Bonnie de mau humor. Elena era a estrela; Meredith, a heroína; Bonnie era a figurante.

Celia pigarreou.

— Tenho que confessar que estou intrigada com o aparecimento dos nomes — disse ela, séria. — Parece que apontam para alguma ameaça. Se a visão de Bonnie tem ou não algum significado — Bonnie lançou seu olhar mais desagradável a Celia, mas Celia o ignorou —, devemos definitivamente investigar qualquer história ou contexto que encontrarmos para o inexplicável aparecimento dos nomes. Temos que descobrir se há registros desse tipo de acontecimento no passado. A escrita na parede, se preferirem. — Ela abriu um sorriso de lábios finos para sua própria piada.

— Mas o que investigaríamos? — perguntou Bonnie, vendo-se reagir a contragosto à atitude professoral de Celia. — Eu nem mesmo sei por onde começar a procurar algo assim. Um livro sobre maldições, talvez? Ou presságios? Tem alguma coisa parecida com isso em sua biblioteca, Sra. Flowers?

A Sra. Flowers meneou a cabeça.

— Creio que não, querida. Minha biblioteca, como sabe, é

principalmente sobre plantas. Tenho outros livros mais especializados, mas não me lembro de nada que possa ser útil nesse problema.

Quando ela falou em "livros mais especializados", o rosto de Bonnie ficou quente. Ela pensou no manual sobre comunicação com os mortos ainda enfiado sob o piso de seu quarto, e torceu para que a Sra. Flowers não tivesse percebido sua ausência.

Depois de alguns segundos, o rosto tinha esfriado o bastante para ela se atrever a olhar em volta, mas só Meredith a fitava, com uma elegante sobrancelha erguida. Se Meredith achasse que estava acontecendo alguma coisa, ela não descansaria até arrancar toda a história de Bonnie, então Bonnie lhe abriu um largo sorriso e cruzou os dedos nas costas para dar sorte. Meredith ergueu a outra sobrancelha e a olhou com profunda desconfiança.

— Na verdade — disse Celia —, conheço alguém na Universidade da Virgínia que estuda folclore e mitologia. Ela é especializada em bruxaria, magia popular, maldições, esse tipo de coisa.

— Acha que podemos ligar para ela? — indagou Alaric, esperançoso.

Celia franziu o cenho.

— Acho que será melhor se eu for até lá por alguns dias. A biblioteca dela não é organizada como deveria... acho que é sintomático do tipo de mente que estuda crendices em vez de fatos... e posso levar algum tempo para descobrir se há alguma coisa útil por lá. Creio que também seria bom eu sair da cidade por um tempo. Depois de dois encontros com a morte em dois dias — ela lançou um olhar penetrante para Meredith, que corou —, estou começando a sentir que Fell's Church não é o lugar mais saudável do mundo para mim. — Ela olhou para Alaric. — Você pode achar a biblioteca interessante, se quiser vir comigo. A Dra. Beltram é uma das especialistas mais renomadas em seu campo.

— Humm... — Alaric pareceu surpreso. — Obrigado, mas é melhor eu ficar aqui e ajudar Meredith. Com o tornozelo torcido e tudo.

— Humm-humm. — Celia olhou para Meredith de novo. Meredith, que parecia mais feliz a cada segundo desde que Celia anunciou que ia partir, ignorou-a e sorriu para Alaric. — Bem, acho melhor ligar para

ela e fazer minhas malas. A melhor hora é agora.

Celia se levantou, ajeitou o vestido e saiu pela porta, de cabeça erguida. Ao passar, esbarrou na mesa perto da cadeira da Sra. Flowers, derrubando seu tricô no chão.

Bonnie arquejou quando Celia saiu da sala.

— Ora, sinceramente! — disse ela, indignada.

— Bonnie — disse Matt, alertando-a.

— Eu *sei*. — Bonnie estava com raiva. — Ela podia pelo menos dizer "com licença", não é? E que história foi aquela de pedir a Alaric para ir com ela à universidade? Ele praticamente acabou de chegar. Ele não vê você há meses. É claro que ele não vai partir de novo com ela agora.

— *Bonnie* — disse Meredith, com uma voz estranhamente sufocada.

— O que foi? — indagou Bonnie, captando a estranheza no tom de Meredith e olhando em volta. — Oh. *Oh*. Ah, não.

O tricô da Sra. Flowers tinha caído da mesa e o novelo havia rolado pelo chão, desenrolando-se. Agora, nos volteios de rosa-claro macio, todos liam nitidamente uma palavra escrita no tapete:

bonnie

17

Depois de sair, Stefan se lembrou que Elena levara seu carro. Entrando no bosque, ele começou a correr, usando o Poder para acelerar o passo. A batida dos pés parecia repicar: *Proteja-a, proteja-a.*

Ele sabia onde Tyler Smallwood morava. Depois que Tyler atacou Elena num baile, fazia sentido ficar de olho nele. Stefan saiu do bosque num rompante na fronteira da propriedade dos Smallwood.

Eles tinham uma casa feia, na opinião de Stefan. Um retrato impreciso de um antigo solar sulista, era grande demais para o gramado em que se assentava e volumosa com colunas e decorações rococó desnecessárias. Só de olhar para ela, Stefan entendeu que os Smallwood tinham mais dinheiro do que bom gosto e que os arquitetos que projetaram a casa não aprenderam as verdadeiras formas clássicas.

Ele tocou a campainha na porta da frente e ficou paralisado. E se o Sr. ou a Sra. Smallwood abrissem a porta? Teria de influenciá-los para que lhes dessem o máximo de informações sobre Caleb e depois se esquecessem de que Stefan estivera ali. Ele esperava ter Poder para fazer isso: não estava se alimentando o suficiente, nem mesmo de sangue animal.

Mas ninguém apareceu. Depois de alguns segundos, Stefan enviou sondas de Poder pela casa. Estava vazia. Ele não podia entrar, não podia vasculhar o quarto de Caleb, como pretendia. Sem um convite, estava preso do lado de fora.

Contornou a casa, espiando pelas janelas, mas sem ver nada fora do comum além do excesso de molduras douradas e espelhos.

Atrás da casa, encontrou um pequeno telheiro branco. Enviando

Poder até lá, sentiu algo um tanto... incorreto. Apenas o mais leve toque sombrio, uma sensação de frustração e más intenções.

O telheiro estava trancado a cadeado, mas era bem fácil de arrombar. E, como ninguém morava ali, ele não precisava de convite para entrar.

A primeira coisa que viu foi o rosto de Elena. Recortes de jornal e fotos estavam presos com tachas por todas as paredes: Elena, Bonnie, Meredith, ele mesmo. No chão, um pentagrama com mais fotos e rosas.

A certeza de Stefan de que algo estava errado se solidificava. Elena corria perigo. Enviando o Poder à frente, procurando desesperadamente qualquer vestígio dela, saiu correndo outra vez.

No carro, enquanto se afastava da florista, Elena repassou mentalmente a conversa que teve com Stefan.

O que estava havendo com ele desde que voltaram a Fell's Church? Parecia haver uma parte em Stefan que ele reprimia, escondia dela. Elena se lembrava da solidão, do isolamento nauseante e vertiginoso que sentiu quando o beijou. Será que a perda de Damon estava transformando Stefan?

Damon. O simples ato de pensar nele era suficiente para provocar uma dor quase física nela. O volátil, difícil e lindo Damon. Perigoso. Amoroso, à sua maneira. Seu nome, escrito em plantas aquáticas nas pernas de Meredith, flutuou em sua mente.

Ela não sabia o que significava. Mas não havia esperanças. Precisava parar de mentir para si mesma sobre isso. Ela vira Damon morrer. Entretanto, parecia impossível que alguém tão complexo, forte e aparentemente imbatível quanto Damon pudesse partir tão rápida e simplesmente. Mas não era assim que acontecia? Ela devia saber que a morte quase nunca acontecia com um espetáculo grandioso, mas sim quando você menos esperava. Ela sabia disso antes de toda essa... toda essa *coisa* com vampiros, lobisomens e adversários malignos e misteriosos. Ela sabia tudo sobre o quanto a morte era súbita e simples havia anos, desde quando era apenas a Elena Gilbert normal, que não acreditava em nada sobrenatural, nem mesmo em astrologia ou leitura

da sorte, muito menos em monstros.

Ela olhou o banco do carona, onde estava o buquê de rosas que tinha comprado para dar a Margaret. E, ao lado, um simples ramo de não-se-esqueça-de-mim. *Como se algum dia eu pudesse me esquecer*, pensou ela.

Elena se lembrava de ir de carro para casa com os pais e a bebê Margaret numa tarde comum de domingo. Era um lindo dia de outono, e as folhas das árvores junto da estrada começavam a se tingir de vermelho e dourado.

Eles tinham ido almoçar em uma pequena pousada no interior. Margaret, cujos dentes estavam nascendo, estivera agitada no restaurante, e eles haviam se revezado para andar com ela pela varanda por alguns minutos de cada vez enquanto os outros comiam. Mas no carro ela ficou em silêncio, cochilando um pouco, com os cílios dourados claros palpitando até descansarem por períodos de tempo cada vez mais longos sobre suas bochechas.

O pai de Elena estava dirigindo, ela se lembrava, e o rádio estava sintonizado na emissora local para ele ouvir o noticiário. A mãe se virara para observar Elena no banco de trás com os olhos azul-safira como os de Elena. O cabelo dourado, com um toque de cinza, estava preso numa trança, elegante e prática. Sorrindo, ela disse: “Sabe o que eu acho que seria bom?”

“O quê?”, perguntou Elena, sorrindo para ela. Depois viu um brilho estranho no céu e se curvou para a frente sem esperar uma resposta. “Papai, o que é aquilo?” Ela apontou para cima.

Elena não descobriu o que a mãe pensava ser bom. O pai nunca respondeu o que era *aquilo*.

As últimas coisas de que Elena se lembrava eram sons: o ofegar do pai e o guincho dos pneus do carro. Tudo depois disso era um branco, até que Elena despertou no hospital, com tia Judith a seu lado, e soube que os pais haviam morrido. Eles morreram antes que os paramédicos conseguissem retirá-los do carro.

Antes de restaurarem Fell’s Church, as Guardiãs disseram a Elena que ela devia ter morrido naquele acidente e que os pais deveriam estar vivos. O brilho era do carro aéreo, e Elena distraiu o pai no pior

momento possível, levando à morte as pessoas erradas.

Ela agora sentia o peso disso, a culpa por sobreviver, a raiva das Guardiãs. Olhou o relógio do painel. Ainda havia muito tempo antes do recital de Margaret. Saindo da estrada, ela entrou no estacionamento do cemitério.

Elena parou o carro e andou rapidamente pela parte mais nova do cemitério, levando as flores de não-se-esqueça-de-mim. Passarinhos trinavam alegremente no alto. Tanta coisa tinha acontecido naquele cemitério no último ano. Bonnie tivera uma de suas primeiras visões entre aquelas lápides. Stefan a seguira até ali, vigiando-a em segredo quando ela pensava que ele era só o cara novo e lindo da escola. Damon quase secou um velho mendigo debaixo da ponte. Katherine perseguira Elena para fora do cemitério com névoa e gelo e uma crueldade que via e chegava longe. E, é claro, Elena caíra da ponte para a morte ali, perto do cemitério, no fim daquela primeira vida, que agora parecia tão distante.

Ela passou pelo memorial de mármore decorado dos veteranos da Guerra Civil de Fell's Church e desceu até o vale sombreado onde os pais estavam sepultados. O buquê de flores silvestres mínimas que ela e Stefan deixaram dois dias antes tinha murchado, e Elena o jogou de lado, colocando em seu lugar as flores de não-se-esqueça-de-mim. Ela tirou um pouco de musgo que estava sobre o nome do pai.

O mais leve esmagar de cascalho soou no caminho atrás dela, e Elena se virou. Não havia ninguém ali.

— Estou nervosa — murmurou consigo mesma. Sua voz soou estranhamente alta no silêncio do cemitério. — Não tenho com que me preocupar — falou com mais firmeza.

Ela se acomodou na grama ao lado dos túmulos dos pais e traçou as letras da lápide da mãe com uma das mãos.

— Oi — disse ela. — Já faz algum tempo que não me sento aqui e falo com vocês, eu sei. Me desculpem. Aconteceu muita coisa horrível... — Ela engoliu em seco. — Desculpem também porque eu descobri que vocês não deviam ter morrido. Pedi às Guardiãs para... para trazerem vocês de volta, mas elas disseram que vocês foram para um lugar melhor e elas não podiam reverter isso. Eu queria... fico feliz

que vocês estejam felizes onde estão, mas ainda assim tenho saudades.

Elena suspirou, baixando a mão da lápide e passando-a pela grama perto de seus joelhos.

— Tem alguma coisa atrás de mim de novo — continuou ela, infeliz. — Atrás de todos nós, eu acho, mas Bonnie disse, em transe, que *eu* trouxe a coisa para cá. E mais tarde disse que ele me quer. Não sei se são duas pessoas... ou o que for... atrás de nós ou se é só uma. Mas é sempre em mim que as coisas ruins se concentram. — Ela torceu uma folha de grama entre os dedos. — Queria que as coisas pudessem ser mais simples para mim, como são para as outras meninas. Às vezes... Fico muito feliz por ter Stefan, e feliz por poder ajudar a proteger Fell's Church, mas... é difícil. É muito difícil.

Um soluço se formava em sua garganta, e ela engoliu em seco.

— E... Stefan sempre está a meu lado, mas sinto que não o conheço mais inteiramente, em especial porque não consigo ler seus pensamentos. Ele está tão tenso, parece que precisa estar no controle o tempo todo...

Algo se mexeu atrás dela, apenas uma leve sugestão de movimento. Ela sentiu na nuca uma brisa quente e úmida como um hálito.

Elena girou a cabeça de repente. Caleb estava agachado atrás dela, tão perto que os narizes quase se tocaram. Ela gritou, mas Caleb cobriu sua boca com a mão, abafando o grito.

18

A mão de Caleb era quente e pesada em sua boca, e Elena a arranhou com as unhas. Ele a agarrou com mais força com a outra mão, mantendo-a parada, cravando os dedos em seu ombro.

Elena lutou ferozmente, debatendo-se e metendo um firme golpe no estômago de Caleb. Mordeu com força a mão com que ele cobria sua boca. Caleb recuou de repente, soltando-a e levando ao peito a mão mordida. Assim que sua boca ficou descoberta, Elena gritou.

Caleb afastou-se dela, erguendo as mãos, rendendo-se.

— Elena! — disse ele. — Elena, me desculpe. Eu não queria assustá-la. Só queria que você não gritasse.

Elena o olhou com cautela, respirando com dificuldade.

— O que você está fazendo aqui? — perguntou ela. — Por que chegou de mansinho pelas costas se não queria me assustar?

Caleb deu de ombros e ficou meio constrangido.

— Eu estava preocupado com você — confessou, metendo as mãos nos bolsos e baixando a cabeça. — Eu estava andando por Hot Springs mais cedo e vi você com seus amigos. Eles a estavam tirando da água, e parecia que você não estava respirando. — Ele a olhou por entre os cílios longos e dourados.

— Você ficou tão preocupado comigo que decidiu me agarrar e cobrir minha boca para eu não gritar? — perguntou Elena. Caleb baixou ainda mais a cabeça e esfregou a nuca, sem graça.

— Eu não estava raciocinando. — Caleb assentiu, sério. — Você parecia tão pálida. Mas abriu os olhos e se sentou. Eu ia descer e ver se você estava bem, mas seu amigo me viu e correu pela trilha como se fosse pular em mim, e acho que simplesmente entrei em

pânico. — Ele sorriu de repente. — Não costumo ser tão banana — disse ele. — Mas ele parecia *louco*.

Elena se sentiu inesperadamente desarmada. Seu ombro ainda doía onde Caleb a agarrara. Mas ele parecia tão sincero e tão arrependido.

— De qualquer modo — continuou Caleb, fitando-a com seus olhos azul-claros e sinceros —, eu estava voltando de carro para a casa dos meus tios e reconheci seu carro no estacionamento do cemitério. Só entrei porque queria falar com você e saber se estava bem. E então, quando cheguei perto, você estava sentada e falando, e acho que fiquei sem jeito. Não queria interromper e não queria me intrometer em algo pessoal, então preferi esperar. — Ele baixou a cabeça timidamente de novo. — E, em vez disso, acabei atacando e assustando você. É claro que não foi a melhor maneira de agir. Eu peço mil desculpas, Elena.

O coração de Elena estava voltando ao ritmo normal. Quaisquer que fossem as intenções de Caleb, ele evidentemente não ia atacá-la de novo.

— Está tudo bem — disse ela. — Bati a cabeça numa pedra debaixo d'água. Mas agora estou bem. Deve ter sido estranho me ver sentada aqui, resmungando. Às vezes eu venho falar com os meus pais, só isso. É aqui que eles estão enterrados.

— Não é estranho — falou ele em voz baixa. — Às vezes eu me pego falando com os meus pais também. Quando acontece alguma coisa e eu queria que eles estivessem comigo, começo a falar com eles e sinto como se estivessem presentes. — Ele engoliu em seco. — Já faz alguns anos, mas a saudade nunca acaba, não é?

Os últimos fragmentos de raiva e medo deixaram Elena quando ela viu a tristeza no rosto de Caleb.

— Ah, Caleb — disse ela, estendendo a mão para tocar em seu braço.

Ela captou um movimento repentino pelo canto do olho e então, aparentemente do nada, Stefan apareceu, correndo numa velocidade incrível, direto para eles.

— Caleb — rosnou ele, pegando-o pela camisa e jogando-o no chão. Caleb soltou um grunhido de surpresa e dor.

— Stefan, não! — gritou Elena.

Stefan girou para olhá-la. Seus olhos estavam firmes e as presas, totalmente visíveis.

— Ele não é o que diz ser, Elena — explicou ele num tom sinistramente calmo. — Ele é perigoso.

Caleb se levantou devagar, usando uma lápide como apoio. Estava encarando as presas de Stefan.

— O que está acontecendo? — perguntou ele. — O que você é?

Stefan virou-se para ele e, quase casualmente, derrubou-o de novo.

— Stefan, pare! — gritou Elena, incapaz de conter o tom de histeria na voz. Ela quis pegar no braço dele, mas errou. — Você vai machucá-lo!

— Ele *quer* você, Elena — rosnou Stefan. — Você entende isso? Não pode confiar nele.

— Stefan — suplicou Elena. — Escute. Ele não estava fazendo nada de errado. Você *sabe* disso. Ele é humano. — Ela sentiu lágrimas quentes se acumulando nos olhos e piscou, livrando-se delas. Agora não era hora de chorar e reclamar. Agora era hora de ser fria e racional e impedir que Stefan perdesse o controle.

Caleb lutou para se colocar de pé, com uma careta de dor, e desta vez investiu desajeitado contra Stefan, com o rosto em brasa. Passou um braço pelo pescoço de Stefan e o puxou de lado, mas Stefan, com uma força tranquila, atirou Caleb no chão mais uma vez.

Stefan assomou ameaçador sobre Caleb, que o olhava da grama.

— Não pode lutar comigo — grunhiu Stefan. — Sou mais forte do que você. Posso expulsá-lo desta cidade ou matá-lo com a mesma facilidade. E farei uma das duas coisas se você me fizer pensar que é necessário. Eu não hesitaria.

Elena segurou Stefan pelo braço.

— Pare! Pare! — gritou ela. Elena o puxou para si, tentando virá-lo e fazê-lo olhar em seus olhos, para tentar alcançá-lo.

Respire, pensou ela desesperadamente. Precisava acalmar as coisas e tentou manter a voz estável, soar lógica.

— Stefan, não sei o que pensa que está havendo com Caleb, mas pare por um minuto e pense.

— Elena, olhe para mim — disse Stefan. Seus olhos estavam escuros de emoção. — Eu *sei*, tenho certeza absoluta, de que Caleb é mau. Ele é perigoso para nós. Temos que nos livrar dele antes que tenha a chance de nos destruir. Não podemos dar a ele a oportunidade de levar a melhor sobre nós esperando ele agir.

— Stefan... — falou Elena. Sua voz tremia, e uma parte estranhamente racional e separada dela notou que essa devia ser a sensação quando a pessoa que você mais ama perde o juízo.

Ela não sabia o que dizer, mas antes mesmo de conseguir abrir a boca, Caleb tinha se levantado de novo. Havia um longo arranhão no rosto e o cabelo louro estava embaraçado e sujo de terra.

— Para trás — disse Caleb com amargura, avançando em direção a Stefan. Mancava um pouco e tinha uma pedra do tamanho de um punho na mão direita. — Você não pode simplesmente... — Ele ergueu a pedra, ameaçador.

— Parem com isso, vocês dois — gritou Elena, tentando alcançar um tom de ordem que pudesse orientar os dois.

Mas Caleb simplesmente levantou a pedra e atirou-a no rosto de Stefan.

Stefan desviou-se da pedra, movendo-se rápido demais para Elena ver, pegou Caleb pelo pulso e, num movimento gracioso, atirou-o pelo ar. Por um momento, Caleb ficou suspenso, aparentemente leve e sem ossos como um espantalho jogado da traseira de um caminhão, então bateu na lateral do monumento de mármore da Guerra Civil com um estalo nauseante. Com um baque, ele caiu no chão aos pés da estátua e ficou imóvel.

— Caleb! — gritou Elena, apavorada. Ela correu até ele, passando por entre os arbustos e a relva que cercavam o monumento.

Os olhos dele estavam fechados e o rosto, lívido. Elena via as veias azul-claras em suas pálpebras. Havia uma poça de sangue se espalhando no chão sob sua cabeça. Um risco de terra manchava seu rosto; aquela terra e o longo arranhão vermelho no rosto de repente pareceram uma das coisas mais angustiantes que ela vira na vida. Ele não se mexia. Ela não sabia se ele estava respirando.

Elena se ajoelhou e procurou a pulsação de Caleb no pescoço. Ao

encontrar a batida estável de um coração sob os dedos, ela ofegou de alívio.

— Elena. — Stefan a tinha seguido até o lado de Caleb. Colocou a mão em seu ombro. — Por favor, Elena.

Elena balançou a cabeça, recusando-se a olhar para ele, e afastou bruscamente a mão. Procurou o celular no bolso.

— Meu Deus, Stefan. — As palavras estavam entrecortadas e firmes. — Você poderia tê-lo matado. Precisa sair daqui. Posso dizer à polícia que o encontrei deste jeito, mas se o virem vão saber que os dois estavam brigando. — Ela engoliu em seco ao perceber que a terra que sujava a camisa de Caleb tinha a impressão da mão de Stefan.

— Elena — suplicou Stefan. Ao ouvir a angústia em sua voz, ela finalmente se virou para ele. — Elena, você não entende. Eu tinha que detê-lo. Ele era uma ameaça a você. — Os olhos verdes de Stefan a procuraram, e Elena teve de se controlar para não chorar.

— Você precisa ir embora — disse ela. — Vá para casa. Falo com você depois. — *Não machuque mais ninguém*, pensou ela e mordeu o lábio.

Stefan a encarou por um bom tempo, depois finalmente recuou.

— Eu te amo, Elena. — Ele se virou e desapareceu nas árvores, pela parte mais antiga e mais abandonada do cemitério.

Elena respirou fundo, enxugou os olhos e discou para a emergência.

— Houve um acidente — disse ela com a voz em pânico, quando a telefonista atendeu. — Estou no Cemitério de Fell's Church na rota 23, perto do Monumento da Guerra Civil, na fronteira da parte mais nova. Encontrei alguém... Parece que perdeu a consciência de alguma forma...

19

Sinceramente, Elena — disse tia Judith, meneando a cabeça enquanto ajeitava o retrovisor do carro. — Não sei por que essas coisas sempre parecem te perseguir, mas você se mete nas situações mais esquisitas.

— Nem me fale — disse Elena, arriando no banco do carona do carro da tia e pousando a cabeça nas mãos. — Obrigada por me buscar, tia Judith. Eu estava abalada demais para dirigir depois de ir ao hospital com Caleb e tudo. — Ela engoliu em seco. — Sinto muito por ter perdido o recital de dança de Margaret.

A tia Judith afagou o joelho de Elena com a mão fria, sem tirar os olhos da rua.

— Eu disse a Margaret que Caleb se machucou e você teve que ajudá-lo. Ela entendeu. Neste momento, estou preocupada com você. Deve ter sido um choque encontrá-lo daquele jeito, mais ainda quando você percebeu que era alguém conhecido. O que aconteceu exatamente?

Elena deu de ombros e repetiu a mentira que contou à polícia.

— Eu o encontrei ali prostrado quando fui visitar meus pais. — Elena deu um pigarro antes de continuar. — Ele vai ficar no hospital por alguns dias. Acham que ele teve uma concussão feia e querem observar para garantir que o cérebro não inche. Ele voltou a si um pouco na ambulância, mas estava muito grogue e não se lembrava do que tinha acontecido. — O que era uma sorte, pensou Elena. E se ele dissesse que foi atacado pelo namorado de Elena Gilbert, que tinha alguma coisa estranha em seus dentes? E se ele dissesse que o namorado dela era um monstro? Seria o outono passado todo de novo.

Tia Judith franziu a testa com simpatia e balançou a cabeça.

— Bem, Caleb teve sorte de você aparecer. Ele podia ter ficado prostrado ali por dias até que alguém fosse procurá-lo.

— É, teve sorte — disse Elena distraidamente. Ela rolou a bainha da camiseta entre os dedos e se assustou ao perceber que ainda estava com o maiô por baixo da roupa. O piquenique naquela tarde parecia ter acontecido havia mil anos.

Então lhe ocorreu algo que tia Judith disse.

— Como assim, podia ficar prostrado ali por dias até que alguém fosse procurá-lo? E os tios dele?

— Tentei ligar para eles depois que você me telefonou, mas parece que Caleb está se virando sozinho há um tempo. Quando consegui falar com eles, tinham saído de férias da cidade e, francamente, nem pareciam muito preocupados com o sobrinho, mesmo quando contei o que aconteceu. — Ela soltou um suspiro pesado. — Vou visitá-lo amanhã e levar umas flores para ele, de nosso jardim, onde tem trabalhado tanto. Ele vai gostar.

— Hum — disse Elena devagar. — Achei que ele tinha dito que veio para cá para ficar com os tios porque eles estavam muito chateados com o desaparecimento de Tyler.

— Talvez sim — concordou a tia Judith secamente —, mas os Smallwood parecem estar muito bem agora. Disseram que, na opinião deles, Tyler voltará para casa quando estiver bem e pronto para isso. Aquele menino sempre foi meio descontrolado. Parece que Caleb está mais preocupado com Tyler do que eles.

Ela parou na entrada da casa, e Elena a seguiu até a cozinha, onde Robert lia o jornal à mesa.

— Elena, você parece exausta — disse ele, dobrando o jornal e olhando-a com preocupação. — Está tudo bem com você?

— Estou bem — respondeu ela num torpor. — É que foi um longo dia. — E pensou que nunca tinha feito uma declaração tão atenuada na vida.

— Bem, Margaret foi dormir, mas eu guardei seu jantar — disse tia Judith, indo até a geladeira. — É uma caçarola de frango, e tem um pouco de salada. Você deve estar faminta.

Mas de repente Elena se sentiu enjoada. Esteve reprimindo todos os sentimentos por Stefan e seu ataque a Caleb, mantendo as imagens bem guardadas para lidar com a polícia, o pessoal do hospital e a própria família. Mas estava cansada e as mãos tremiam. Ela sabia que não conseguiria manter tudo sob controle por muito mais tempo.

— Não quero nada — disse ela, recuando. — Não consigo... não estou com fome, tia Judith. Mas obrigada. Só quero tomar um banho e ir dormir. — Ela se virou e saiu correndo da cozinha.

— Elena! Você precisa comer alguma coisa. — Ouviu tia Judith exclamar exasperada às suas costas enquanto subia a escada às pressas.

O murmúrio grave da voz de Robert se intrometeu:

— Judith, deixe–a em paz.

Elena entrou no banheiro e fechou a porta.

Ela e Margaret dividiam o banheiro do corredor, e ela se ocupou de esvaziar a banheira com os brinquedos de Margaret, mantendo a mente cuidadosamente vazia: um patinho de borracha cor-de-rosa, um navio pirata, uma pilha de copos de plástico de cores alegres. Um cavalo-marinho roxo, sorridente e bobalhão, a fitava com os olhos azuis pintados.

Depois de esvaziar a banheira, Elena abriu a água quente no máximo e despejou uma quantidade generosa de espuma para banho com cheiro de damasco de um frasco que prometia aquietar o espírito ao mesmo tempo em que rejuvenescia a pele. Parecia bom ser aquietada e rejuvenescida, embora Elena tivesse suas dúvidas sobre o quanto poderia esperar isso de um frasco de espuma para banho.

Quando a banheira estava cheia e coberta de uma grossa camada de espuma, Elena rapidamente tirou a roupa e entrou na água fumegante. No início queimou, mas ela se abaixou pouco a pouco, se acostumando gradualmente à temperatura.

Quando estava confortável, ela se deitou na água, com o cabelo flutuando como o de uma sereia, os sons da casa abafados pela água em seus ouvidos, e deixou que enfim viessem os pensamentos que estivera evitando.

Lágrimas inundaram seus olhos e escorreram pelo rosto, juntando-

se à água do banho. Ela acreditava que tudo ficaria normal, agora que eles tinham voltado para casa. Tudo seria bom de novo. Quando ela e os amigos conseguiram que as Guardiãs os enviassem de volta e mudassem as coisas, revertessem as mortes, consertassem o que estava estragado, fizessem tudo como teria sido se nada de perigoso tivesse tocado a cidadezinha de Fell's Church, Elena pensou que teria uma vida simples e tranquila. Teria sua família, os amigos, Stefan.

Mas não ia dar certo, não é? Nunca seria assim, não para Elena.

Assim que ela voltou à cidade, no primeiro dia em que colocou os pés no sol de verão de Fell's Church, algo sombrio, maligno e sobrenatural começou a perseguir Elena e seus amigos.

E quanto a Stefan... meu Deus... Stefan. O que estava acontecendo com ele?

Quando fechou os olhos, viu Caleb voando pelo ar e ouviu o estalo horrível e final produzido pela cabeça dele ao bater no mármore do mausoléu. E se Caleb nunca se recuperasse? E se aquele garoto lindo e inocente, um garoto cujos pais morreram e o deixaram, como os dela morreram e a deixaram, ficasse arruinado para sempre graças a Stefan?

Stefan. Como ele se tornou uma pessoa que pode fazer uma coisa dessas? Stefan, que se sentia culpado pelos animais dos quais tirava sangue, os pombos, coelhos e cervos do bosque. O Stefan que ela conhecia no mais fundo de sua alma, que ela pensava não guardar segredo nenhum dela — esse Stefan nunca teria prejudicado um ser humano daquele jeito.

Elena ficou deitada na banheira até a água esfriar e as lágrimas cessarem. Depois se levantou, esvaziou a banheira, secou o cabelo, escovou os dentes, vestiu uma camisola, deu boa-noite a tia Judith e Robert e subiu na cama. Não queria escrever em seu diário. Não esta noite.

Ela apagou a luz e se deitou, fitando o escuro — a mesma escuridão, pensou ela, dos olhos de Damon.

Damon tinha sido um monstro, ela sabia disso — ele matava, embora não tão despreocupadamente quanto fingia; ele manipulava as pessoas e gostava disso; ele perseguiu e odiou Stefan por centenas de

anos — mas ela também viu o garotinho perdido que ele guardava dentro de si. Ele a amou, ela o amou e ele morreu.

E ela amava Stefan. Desesperada, dedicada e inegavelmente. Ela amava a sinceridade em seus olhos, o orgulho, as maneiras corteses, a honra e a inteligência. Ela amava que ele tivesse rejeitado o monstro que ficava à espreita dentro dele, aquele que impelia tantos vampiros a atos terríveis. Ela amava a tristeza que ele carregava — por seu passado, por seu ódio e inveja de Damon, pelas coisas horríveis que ele vira. E ela amava a esperança que sempre surgia nele, a força de vontade que Stefan tinha e lhe permitia continuar lutando contra as trevas.

Além disso tudo, Elena amava Stefan. Mas tinha medo.

Ela pensou que o conhecesse pelo avesso, que conseguisse ver claramente através dos recessos mais íntimos de sua alma. Isso não era mais verdade. Não desde que as Guardiãs tinham tirado seus poderes, cortando a ligação física entre eles e revertendo-a numa menina humana normal.

Elena rolou na cama e enterrou o rosto no travesseiro. Ela agora sabia da verdade. Independentemente do que as Guardiãs tinham feito por ela, Elena nunca seria uma menina normal. Sua vida nunca seria simples. A tragédia e o horror a seguiriam para sempre.

No fim, não havia nada que Elena pudesse fazer para mudar seu destino.

20

Cookies — falou Alaric com seriedade. — Bonnie acha que ela consegue comer uns cookies. Só para manter as forças.

— Cookies, entendido — disse Meredith, procurando uma tigela no armário da cozinha da Sra. Flowers. Pôs na bancada uma grande tigela de porcelana que devia ser mais velha do que ela e analisou a geladeira. Ovos, leite, manteiga. Farinha no freezer. Baunilha e açúcar no armário.

— Veja só você — exclamou Alaric com admiração enquanto Meredith abria um pacote de manteiga. — Nem precisa de receita. Há algo que você não consiga fazer?

— Muita coisa — respondeu Meredith, aquecida com o calor do olhar de Alaric.

— O que posso fazer para ajudar? — perguntou ele animadamente.

— Pode pegar outra tigela e medir duas xícaras de farinha de trigo e uma colher de chá de fermento — disse-lhe Meredith. — Vou bater a manteiga com os outros ingredientes nesta tigela, depois podemos juntar tudo.

— Entendi. — Alaric achou uma tigela e os medidores e começou a medir os ingredientes. Meredith observava suas mãos fortes e bronzeadas nivelando com confiança a farinha de trigo. Alaric tinha mãos lindas, pensou ela. Os ombros dele também eram bonitos, e o rosto. Todo ele, na verdade.

Ela percebeu que estava babando para o namorado em vez de mexer a massa e sentiu o rosto ruborizar, embora ninguém a estivesse olhando.

— Me passe os medidores quando terminar, por favor?

Ele os entregou.

— Sei que tem uma coisa assustadora acontecendo e quero proteger Bonnie também — disse ele, sorrindo um pouco —, mas acho que ela pode estar se aproveitando um pouco da situação. Ela adora ser mimada por todo mundo.

— A Bonnie está sendo muito corajosa — disse Meredith empertigada, depois abriu um sorriso. — E, sim, ela pode estar se aproveitando.

Matt desceu a escada e entrou na cozinha.

— Acho que talvez a Bonnie deva tomar um chá quando sair do banho — opinou ele. — A Sra. Flowers está ocupada colocando feitiços de proteção no quarto que Bonnie escolheu, mas disse que tem uma mistura de camomila e alecrim que seria boa, e que é para colocar mel.

Meredith se concentrou em misturar os ingredientes dos cookies enquanto Matt fervia a água e misturava com cuidado as ervas desidratadas e o mel para preparar o chá segundo as especificações exatas da Sra. Flowers. Quando finalmente terminou, Matt pegou com cuidado a xícara e o pires de porcelana frágil.

— Espere, talvez seja melhor levar o bule inteiro — disse ele. Ao procurar uma bandeja para carregá-lo, ele perguntou: — Meredith, tem certeza de que você e Bonnie pegaram tudo de que ela pode precisar na casa dela?

— Ela ficou lá por quase meia hora. Pegou tudo que queria — afirmou Meredith. — E, se tivermos esquecido alguma coisa, tenho certeza que a Sra. Flowers tem uns extras.

— Que bom — disse Matt, o rosto bonito atento ao pegar a bandeja de chá sem derramar nada. — Só quero ter certeza de que a Bonnie esteja bem.

Ele saiu da cozinha, e Meredith ouviu seus passos subindo a escada. Quando Matt estava fora de alcance, ela e Alaric soltaram uma gargalhada.

— Sim, ela está mesmo se aproveitando — disse Meredith quando parou de rir.

Alaric a puxou para ele. Seu rosto agora estava sério e atento, e

Meredith prendeu a respiração. Quando eles ficavam assim tão perto, ela via os pontinhos ocultos de dourado em seus olhos castanhos, e eles pareciam um segredo que só Meredith conhecia.

— Adoro como você cuida de sua amiga — disse Alaric, agora com a voz baixa. — O que mais adoro é que você *sabe* que ela está forçando a barra, vendo o que faz por ela, e você ri, mas ainda faz o que ela precisa. — Ele franziu a testa um pouco. — Não, não é bem assim. Adoro como você vê o lado divertido disso, porém o que *mais* adoro é como você cuida bem de todos como pode. — Ele a puxou para mais perto ainda. — Acho que eu adoro especialmente *você*, Meredith.

Ela o beijou. Como pôde ter medo de Celia se colocar entre os dois? Era como se houvesse uma névoa enchendo seus olhos, fazendo com que ela fosse incapaz de ver a verdade simples: Alaric era louco por ela.

Depois de um minuto, ela interrompeu o beijo e voltou para a massa dos cookies.

— Pegue uma assadeira, por favor? — pediu.

Alaric ficou parado por um momento.

— Tudo bem... — disse ele.

Fechando os olhos, Meredith invocou todas as suas forças. Tinha de contar a ele. Prometera a si mesma que o faria.

Ele lhe entregou uma assadeira e ela passou a colocar colheradas de massa ali.

— Tem uma coisa que eu preciso te contar, Alaric — disse ela.

Alaric ficou paralisado ao lado dela.

— O que é? — perguntou, preocupado.

— Vai parecer inacreditável.

Ele riu com um bufo.

— Mais inacreditável do que tudo o que aconteceu desde que a conheci?

— Mais ou menos. Ou, pelo menos, desta vez é especificamente sobre mim. Eu... — Era difícil dizer. — Eu venho de uma família de caçadores de vampiros. Por toda minha vida, fui treinada para lutar. Acho que cuidar das pessoas é uma característica da família. — Ela

abriu um sorriso amarelo.

Alaric a olhava fixamente.

— Diga alguma coisa — incitou Meredith depois de um instante.

Ele tirou o cabelo dos olhos e olhou em volta, desesperado.

— Não sei o que dizer. Estou surpreso por você nunca ter me contado. Eu pensei... — ele se interrompeu — que nos conhecêssemos muito bem.

— Minha família... — disse Meredith, infeliz. — Eles me fizeram jurar que eu guardaria nosso segredo. Jamais contei a ninguém, até uns dias atrás.

Alaric fechou os olhos por um minuto e os apertou com as palmas das mãos. Quando os abriu, parecia mais calmo.

— Entendo. Entendo de verdade.

— Espere — disse Meredith. — Tem mais. — A assadeira estava cheia, e ela procurou por algo para ocupar as mãos e os olhos enquanto falava. Pegou um pano de prato e o torceu nervosamente. — Lembra que Klaus atacou meu avô?

Alaric assentiu.

— Bem, descobri alguns dias atrás que ele também me atacou e raptou meu irmão... o irmão que eu nem sabia que tinha... e o levou, transformando-o em vampiro. E ele me deixou... eu só tinha 3 anos... como um tipo de semivampira. Uma menina viva, mas que precisava comer morcela e às vezes tinha... dentes afiados como os de uma gatinha.

— Ah, Meredith... — O rosto de Alaric estava repleto de compaixão, e ele se aproximou dela com as mãos estendidas. *Na minha direção*, observou Meredith. *E não para longe de mim, com medo*.

— Espere — disse ela novamente. — Elena pediu às Guardiãs para mudar as coisas para como seriam se Klaus nunca tivesse vindo aqui. — Ela baixou o pano de prato. — Então isso jamais aconteceu.

— Como é? — indagou Alaric, olhando-a fixamente.

Meredith assentiu, com um sorriso fraco e confuso se abrindo no rosto.

— Meu avô morreu em um asilo na Flórida há dois anos. Eu tenho um irmão... de quem não me lembro, infelizmente... ele foi para o

internato quando tínhamos 12 anos e entrou para o exército assim que fez 18. Ao que parece, é o filho problemático da família. — Ela respirou fundo. — Não sou vampira. Nem mesmo semivampira. Não agora.

Alaric ainda a fitava.

— Caramba — disse ele. — Espere um minutinho. Isso quer dizer que Klaus ainda está vivo? Ele pode vir até aqui e perseguir sua família agora?

— Já pensei nisso — concluiu Meredith, feliz por falar dos aspectos práticos. — Eu *não acho* isso. Elena pediu às Guardiãs para mudar Fell's Church como se Klaus nunca tivesse vindo aqui. Ela não pediu para mudar *Klaus* e a experiência dele. Para ele, pela lógica, ele veio aqui há muito tempo e agora está morto. — Ela sorriu, trêmula. — Pelo menos, assim espero.

— Então você está segura — disse Alaric —, tão segura quanto pode estar uma caçadora de vampiros. Isso era tudo que precisava me contar? — Quando Meredith assentiu, ele a puxou para seus braços. Segurando-a com força, ele falou: — Eu teria amado você com dentes afiados também. Mas fico muito feliz por você.

Meredith fechou os olhos. Precisava contar a ele, saber como ele reagiria se as Guardiãs não tivessem mudado tudo. Uma felicidade grande e acolhedora se espalhou por ela.

Alaric apertou os lábios em seu cabelo.

— Espere — disse ela mais uma vez, e ele a soltou com um olhar inquisitivo.

— Os cookies. — Meredith riu e os colocou no forno, ajustando o timer para dez minutos.

Eles se beijaram até o sinal do timer tocar.

— Tem certeza de que vai ficar bem sozinha? — perguntou Matt com ansiedade, parado ao lado da cama de Bonnie. — Estarei lá embaixo, se precisar de alguma coisa. Ou talvez eu deva ficar aqui. Posso dormir no chão. Sei que ronco, mas posso tentar não roncar, eu juro.

Bonnie lhe abriu um leve sorriso corajoso.

— Vou ficar bem, Matt. Muito obrigada.

Com um último olhar preocupado, Matt afagou a mão de Bonnie, sem jeito, e saiu do quarto. Bonnie sabia que ele ficaria se revirando na cama, pensando em maneiras para mantê-la em segurança. Provavelmente acabaria dormindo no chão do lado de fora de sua porta, pensou ela, remexendo-se deliciada.

— Durma bem, minha querida — disse a Sra. Flowers, assumindo o lugar dele ao lado da cama de Bonnie. — Lancei todos os feitiços de proteção que conheço em volta de você. Espero que goste do chá. É minha mistura especial preferida.

— Obrigada, Sra. Flowers — agradeceu Bonnie. — Boa noite.

— Você está gostando *demais* disso — brincou Meredith, que entrou em seguida trazendo um prato de cookies. Ela mancava, mas insistira que não precisava de bengala nem muleta, porque o tornozelo estava enfaixado.

Na realidade... Bonnie olhou Meredith mais atentamente. Seu rosto estava corado e o cabelo em geral arrumado parecia meio despenteado. *Acho que ela está muito feliz por Celia ter ido para a universidade*, pensou Bonnie com um sorriso.

— Só estou tentando manter minha autoestima elevada — disse Bonnie com um sorriso malicioso. — E é como dizem: se a vida lhe der um limão, faça uma limonada. Minha limonada é ter Matt tentando atender a cada necessidade minha. Que pena que não temos mais homens por aqui.

— Não se esqueça de Alaric — lembrou Meredith. — Ele ajudou a preparar os cookies. E está lá embaixo pesquisando tudo que pode ter relação com isso.

— Ah, todo mundo cuidando de mim, é assim que eu gosto — brincou Bonnie. — Já falei o quanto gostei do jantar que vocês prepararam para mim? Todos os meus pratos preferidos... Parecia meu aniversário. Ou minha última refeição — acrescentou ela, agora mais sóbria.

Meredith franziu o cenho.

— Tem certeza de que não quer que eu fique aqui? Sei que protegemos a casa como pudemos, mas não sabemos realmente o que

estamos combatendo. E, só porque os últimos ataques aconteceram à luz do dia, com todo o grupo por perto, não quer dizer necessariamente que têm que ser assim. E se essa coisa conseguir passar por nossas defesas?

— Eu vou ficar bem — garantiu Bonnie. Racionalmente, ela sabia que corria perigo, mas, estranhamente, não sentia medo. Estava numa casa com pessoas em quem confiava, todas completamente concentradas em sua segurança. Além disso, tinha um plano para esta noite; algo que não poderia fazer se Meredith dormisse em seu quarto.

— Tem certeza? — Meredith estava aflita.

— Tenho — disse Bonnie enfaticamente. — Se fosse para acontecer alguma coisa ruim comigo esta noite, eu saberia de antemão, não é? Porque sou paranormal e recebo avisos sobre as coisas.

— Hummmm — ponderou Meredith, erguendo uma sobrancelha. Por um momento, ela parecia prestes a argumentar. Bonnie manteve o olhar firme. Por fim, Meredith colocou a bandeja de cookies na mesa ao lado da cama, junto do bule e da xícara de chá que Matt trouxera mais cedo, fechou as cortinas na janela e olhou ansiosa em volta para ver o que mais poderia ser feito. — Tudo bem, então — disse ela. — Estarei no quarto ao lado, se precisar de mim.

— Obrigada. Boa noite. — Assim que a maçaneta estalou no lugar, Bonnie se deitou de costas na cama e mordeu um cookie. Delicioso.

Um lento sorriso brotou em seus lábios. Ela agora era o centro das atenções, como se fosse uma heroína vitoriana corajosamente sofrendo de algum tipo de doença debilitante. Fora estimulada a escolher o quarto favorito entre os muitos do pensionato e escolhera aquele. Era um quarto encantador, com papel de parede creme estampado de rosas e uma cama marquesa de bordo.

Matt não saiu do lado dela a noite toda. A Sra. Flowers se ocupava em volta dela, afofando travesseiros e lhe oferecendo seus tônicos de ervas, e Alaric esteve conscientemente pesquisando feitiços de proteção em todos os manuais que pôde encontrar. Até Celia, que antes não dava importância a suas “visões”, prometeu, antes de sair, que avisaria assim que encontrasse alguma coisa útil.

Bonnie se virou de lado, respirando o doce cheiro do chá da Sra.

Flowers. Ali, naquele quarto aconchegante, era impossível sentir que precisava de proteção, que podia estar em perigo nesse exato segundo.

Mas será que estaria? Qual era o tempo transcorrido depois que o nome de alguém aparecia? O nome de Celia apareceu e ela foi atacada uma hora depois. Depois que surgiu o nome de Meredith, ela só foi atacada no dia seguinte. Talvez as coisas estivessem ficando mais espaçadas. Talvez Bonnie só corresse perigo no dia seguinte ou dois dias depois. Ou na semana seguinte. E o nome de Damon tinha aparecido antes do de Bonnie.

A pele de Bonnie formigou ao pensar no nome de Damon nas plantas do poço. Damon estava morto. Ela o *vira* morrer — e, na verdade, ele tinha morrido por ela (embora todos os outros, com pena de Elena, parecessem ter se esquecido disso). Mas o aparecimento do nome dele devia significar *alguma coisa*. E ela estava decidida a descobrir o que era.

Ela apurou os ouvidos. Ouviu os sons de Meredith andando no quarto ao lado com um passo firme que sugeria que ela praticava com seu bastão, e de baixo vinham as vozes fracas de Matt, Alaric e a Sra. Flowers conversando no estúdio.

Bonnie podia esperar. Serviu-se de uma xícara de chá, mastigou outro cookie e mexeu os dedos dos pés com prazer sob os lençóis rosa-claro. Até que estava gostando de ser uma inválida sobrenatural.

Uma hora depois, ela terminou o chá e todos os cookies e a casa estava mais silenciosa. Era hora.

Ela saiu da cama, a calça do pijama de bolinhas comprida demais batendo nos tornozelos, e abriu a bolsa de viagem. Enquanto Meredith esperava no primeiro andar de sua casa, ela levantou a tábua solta no piso da cama e pegou *Atravessando as fronteiras entre os vivos e os mortos*, uma caixa de fósforos, uma faca de prata e as quatro velas de que precisava para o ritual. Agora os tirou da bolsa e enrolou o tapete perto da cama para se agachar no chão.

Esta noite, nada a impediria. Entraria em contato com Damon. Talvez ele pudesse lhe dizer o que estava acontecendo. Ou talvez ele corresse algum perigo, no plano em que terminavam os vampiros mortos, e precisasse ser avisado.

De qualquer modo, ela *sentia falta* dele. Bonnie arriou os ombros e se abraçou por um momento. A morte de Damon a *magoara*, mas parecia que ninguém tinha percebido. A atenção e a solidariedade de todos tinham sido dirigidas a Elena. Como sempre.

Bonnie pôs mãos à obra. Rapidamente acendeu a primeira vela e, pingando cera no chão para ancorá-la de pé, colocou-a ao norte de seu corpo.

— Fogo do Norte, protegei-me — sussurrou ela. Acendeu-as no sentido anti-horário: preta para o norte, branca para o oeste, preta para o sul, branca para o leste. Quando o círculo de proteção estava completo a sua volta, ela fechou os olhos e se sentou em silêncio por uns segundos, concentrando-se, procurando encontrar o poder em seu íntimo.

Quando abriu os olhos, Bonnie respirou fundo, pegou a faca de prata e, rapidamente, sem dar a si mesma tempo de se acovardar, fez um corte na palma da mão esquerda.

— Ai — murmurou e virou a mão, pingando sangue no chão diante dela. Depois mergulhou os dedos da mão direita no sangue e passou um pouco em cada vela.

A pele de Bonnie formigava dolorosamente enquanto a magia surgia em volta. Seus sentidos se aguçaram, e ela viu movimentos mínimos no ar, como se clarões de luz aparecessem e desaparecessem de vista.

— "Pelas trevas, eu vos invoco" — entoou. Não precisava olhar o livro, tinha decorado esta parte. — "Com meu sangue, eu vos invoco. Com fogo e prata, eu vos invoco. Ouvi-me pelo frio além-túmulo. Ouvi-me pelas sombras além da noite. Eu vos conjuro. Preciso de vós. Ouvi-me e vinde!"

O quarto ficou silencioso. Era a quietude da expectativa, como se uma grande criatura prendesse o fôlego. Bonnie sentia toda uma plateia em volta dela, suspensa na ânsia. O véu entre os mundos estava a ponto de se erguer. Ela não tinha dúvida disso.

— Damon Salvatore — disse ela com clareza. — Vinde a mim.

Nada aconteceu.

— Damon Salvatore — falou Bonnie novamente, com menos

confiança —, vinde a mim.

A tensão, a sensação de magia no quarto começava a se dissipar, como se sua plateia invisível escapulisse silenciosamente.

Mas Bonnie *sabia* que o feitiço dera certo. Estava com uma sensação de desligamento estranha e oca, como acontecia quando ela falava ao telefone e a operadora de repente interrompia a ligação. A chamada foi completada, tinha certeza disso, só que não havia ninguém do outro lado. Mas o que isso queria dizer? Que a alma de Damon simplesmente... sumiu?

De repente, Bonnie ouviu algo. Um leve respirar, só um tiquinho fora de compasso com a própria respiração.

Havia alguém bem atrás dela.

Os pelos se eriçaram em sua nuca. Ela não tinha rompido o círculo de proteção. Nada poderia atravessar este círculo, certamente não um espírito, mas quem estava atrás dela estava *dentro* do círculo, tão perto de Bonnie que quase a tocava.

Bonnie ficou paralisada. E lentamente, com cuidado, baixou a mão e procurou a faca às apalpadelas.

— Damon? — sussurrou, insegura.

Um tilintar de riso soou atrás dela, seguido de uma voz grave.

— Damon não quer falar com você. — A voz era doce como mel, mas de algum modo também parecia venenosa, ardilosa e estranhamente familiar.

— Por que não? — perguntou Bonnie, tremendo.

— Ele não ama você — disse a voz num tom suave e convincente. — Ele nunca percebeu sua existência, a não ser quando queria algo de você. Ou talvez quando queria provocar ciúmes em Elena. Você sabe disso.

Bonnie engoliu em seco, com medo demais para se virar, com medo demais de ver a quem pertencia a voz.

— Damon só enxergava Elena. Damon só amava Elena. Mesmo agora, que está morto e perdido para ela, não ouve seus apelos. — A voz era ritmada. — Ninguém ama você, Bonnie. Todos amam Elena, e é assim que ela prefere. Elena quer todos para si mesma.

Surgiu uma ardência atrás dos olhos de Bonnie, e uma única

lágrima quente escorreu por seu rosto.

— Ninguém jamais amará você — sussurrou a voz. — Não enquanto você estiver perto de Elena. Por que acha que ninguém jamais a viu como nada além de amiga de Elena? Durante toda a escola, ela ficava ao sol e você escondida nas sombras dela. Elena cuidava para que fosse assim. Ela não suportava dividir os holofotes.

As palavras chocalhavam na mente de Bonnie e de repente algo dentro dela mudou. O terror gélido que sentia instantes antes tinha amainado, dando lugar a uma fúria turbulenta.

A voz tinha razão. Por que ela nunca vira isso? Elena era amiga de Bonnie só porque Bonnie era um contraste para sua própria beleza, seu próprio brilho. Ela a usara durante anos sem se importar nem um pouco com o que Bonnie sentia.

— Ela só se importa consigo mesma — disse Bonnie, meio chorando. — Por que ninguém consegue ver isso? — Ela jogou o livro longe, e ele derrubou a vela preta ao norte, rompendo o círculo. O pavio soltou fumaça e baixou, e as quatro velas se apagaram.

— Aahhhhh — disse a voz com satisfação, e filetes de névoa escura começaram a se esgueirar dos cantos do quarto. Com a mesma rapidez com que a deixou, seu medo voltou num átimo. Bonnie girou, segurando a faca, pronta para enfrentar a voz, mas não havia ninguém ali, só a névoa escura e amorfa.

Com a histeria crescendo por dentro, Bonnie se levantou e cambaleou em direção à porta. Mas a névoa se movimentava rapidamente, e Bonnie logo foi envolvida por ela. Algo caiu com um estrondo. Ela não conseguia enxergar além de alguns centímetros. Bonnie abriu a boca e tentou gritar, mas a névoa fluiu por seus lábios e o grito transformou-se num gemido abafado. Ela sentiu que a mão afrouxava na faca e a deixou cair no chão com um baque surdo. Sua visão ficou enevoada. Bonnie tentou levantar o pé, mas não conseguia se mexer.

E então, cega pela névoa, ela perdeu o equilíbrio e mergulhou na escuridão.

21

Ao abrir os olhos, Elena se viu no sótão da casa de alguém. As largas tábuas corridas do piso e as vigas baixas tinham uma grossa camada de poeira, e o cômodo comprido estava apinhado de objetos: uma rede, trenós, esquis, caixas com palavras como *Natal*, ou *Brinquedos de criança*, ou *Roupas de inverno de B* escritas com pilot preto. Oleados estavam jogados sobre objetos maiores que podiam ser móveis, cadeiras e mesas, a julgar por suas formas.

Na extremidade do cômodo, havia um colchão velho no chão, com um oleado amassado numa ponta, como se alguém que dormisse ali o estivesse usando como cobertor improvisado e o tivesse jogado de lado ao se levantar.

Traços fracos de uma luz pálida passavam pelas bordas de uma pequena janela com veneziana na extremidade mais próxima do sótão. Havia um farfalhar suave, como se camundongos estivessem cuidando da vida escondidos atrás dos móveis guardados.

Tudo era estranhamente familiar.

Ela voltou a olhar a extremidade mais distante do sótão e viu, sem a mais leve surpresa, que Damon agora estava sentado no colchão velho, as pernas longas e vestidas de preto puxadas para cima, os cotovelos pousados nos joelhos. Ele conseguia aparentar um repouso gracioso apesar da posição desajeitada.

— Os lugares onde nos encontramos estão ficando cada vez menos elegantes — disse ela com indiferença.

Damon riu e ergueu as mãos, defendendo-se.

— É você quem escolhe os lugares, princesa — justificou ele. — O show é seu. Só estou aqui de carona. — Ele parou, pensativo. — Tudo

bem, não é totalmente verdade — confessou. — Mas você escolhe os lugares. Aliás, onde estamos?

— Não sabe? — disse Elena, fingindo indignação. — É um lugar muito especial para nós, Damon! Cheio de lembranças! Você me trouxe aqui depois que me tornei vampira, lembra?

Ele olhou em volta.

— Ah, sim. O sótão da casa onde estava hospedado o professor. Na época foi conveniente, mas tem razão: um ambiente elegante combinaria muito mais conosco. Posso sugerir um lindo palácio da próxima vez? — Ele deu um tapinha no colchão a seu lado.

Elena, atravessando o sótão até ele, parou por um momento para se admirar com o caráter realista e detalhado do sonho. Cada passo que dava levantava nuvens mínimas de poeira do chão. Havia um leve cheiro de mofo: ela não se lembrava de sentir cheiro em um sonho antes dessas visões de Damon.

Quando ela se sentou, o cheiro de mofo ficou mais forte. Ainda assim, ela se aninhou junto dele, pousando a cabeça em seu ombro, e a jaqueta de couro rangeu quando ele a abraçou. Elena fechou os olhos e suspirou. Sentia-se segura e protegida em seu abraço, sentimentos que ela nunca associou a Damon, mas eram bons.

— Sinto sua falta, Damon — disse ela. — Por favor, volte para mim.

Damon encostou o queixo na cabeça de Elena, e ela respirou o cheiro dele. Couro, sabonete e o estranho mas agradável cheiro amadeirado que era próprio de Damon.

— Estou bem aqui — disse ele.

— Na realidade, não — corrigiu Elena, e seus olhos encheram-se de lágrimas de novo. Ela as enxugou ligeiramente com as costas das mãos. — Parece que ultimamente não faço nada além de chorar. Porém, quando estou aqui com você, me sinto mais segura. Mas é só um sonho. Essa sensação não vai durar.

Damon enrijeceu.

— Mais segura? — perguntou ele, e havia um tom tenso em sua voz. — Você não fica segura quando não está comigo? Meu irmãozinho não está cuidando de você direito?

— Ah, Damon, você nem imagina — disse Elena. — Stefan... — Ela respirou fundo, pôs a cabeça nas mãos e começou a chorar.

— O que foi? O que aconteceu? — perguntou Damon com urgência. Como Elena não respondeu, só continuou a chorar, ele pegou suas mãos e as afastou gentil mas firmemente do rosto. — Elena, olhe para mim. Aconteceu alguma coisa com Stefan?

— Não — disse Elena por entre as lágrimas. — Bem, sim, mais ou menos... Não sei realmente o que aconteceu com ele, mas ele mudou. — Damon a olhava com atenção, os olhos negros como a noite fixos nos dela, e Elena fez um esforço para se recompor. Odiava agir desse jeito, tão fraca e digna de pena, chorando no ombro de alguém em vez de formular friamente uma solução para o problema. Ela não queria que Damon, nem mesmo um Damon de sonho que só fazia parte de seu subconsciente, a visse assim. Elena fungou e enxugou os olhos com as costas da mão.

Damon colocou a mão no bolso da jaqueta de couro e lhe passou um lenço elegantemente dobrado. Elena o olhou, depois para Damon, e ele deu de ombros.

— Às vezes sou um cavalheiro à moda antiga — comentou ele, sério. — Centenas de anos de lenços de linho. É difícil perder alguns hábitos.

Elena assoou o nariz e enxugou o rosto. Não sabia o que fazer com o lenço molhado — parecia nojento devolver a Damon —, então segurou o pano, torcendo-o entre as mãos enquanto pensava.

— Agora me conte o que está acontecendo. Qual é o problema com Stefan? O que houve com ele? — exigiu Damon.

— Bem... — Elena começou devagar. — Não sei o que há de errado com Stefan e não sei se aconteceu alguma coisa que o mudou, nem sei se é algo que você já não saiba. Talvez ele só esteja reagindo a sua... você sabe. — De repente, parecia estranho se referir à morte de Damon quando ele estava sentado ao lado dela... de certo modo, uma falta de educação, mas Damon gesticulou para ela continuar. — Tem sido difícil para ele. Stefan tem estado mais tenso e estranho nos últimos dias. No início desta noite, eu estava visitando meus pais no cemitério... — Ela contou a Damon sobre o ataque a Caleb. — O pior

de tudo é que nunca suspeitei que existisse esse lado de Stefan — concluiu Elena. — Não consigo pensar em nenhum motivo real para ele atacar Caleb... ele só alegou que Caleb me queria, que ele era perigoso, mas Caleb não fez nada... e Stefan foi tão irracional, tão violento. Parecia outra pessoa.

Os olhos de Elena estavam outra vez cheios de lágrimas, e Damon a puxou para mais perto, afagando seu cabelo e gentilmente salpicando o rosto dela com beijos suaves. Elena fechou os olhos e aos poucos relaxou em seus braços. Damon a abraçou mais firme e seus beijos ficaram mais demorados e mais profundos. Depois ele aninhou a cabeça de Elena em suas mãos gentis e fortes e a beijou na boca.

— Ah, Damon — murmurou ela. Isto era mais nítido do que qualquer sonho que ela tivera na vida. Os lábios dele eram macios e quentes, com certa aspereza, e parecia que ela desfalecia nele. — Espere. — Ele a beijava com mais insistência, mas, quando ela se afastou, ele deixou.

— Espere — repetiu Elena, sentando-se reta. De algum modo, ela havia se inclinado até estar meio recostada no colchão velho e mofado com Damon, com as pernas entrelaçadas nas dele. Elena se afastou para a beira do colchão. — Damon, o que está acontecendo com Stefan me assusta. Mas isso não quer dizer... Damon, eu ainda amo Stefan.

— Você me ama também e sabe disso — afirmou Damon com leveza. Seus olhos escuros se estreitaram. — Não vai se livrar de mim com tanta facilidade, princesa.

— Eu te amo, sim — disse Elena. Os olhos dela agora estavam secos. Ela pensou que podia ter esgotado o choro, pelo menos por enquanto. A voz estava firme quando ela acrescentou: — Acho que sempre vou amar você. Mas você está morto. — *E Stefan é meu verdadeiro amor, se tiver de escolher entre os dois*, pensou ela, mas não falou. Qual era o sentido disso? — Desculpe, Damon — continuou ela —, mas você se foi. E eu sempre amarei Stefan, mas de repente estou com medo dele e do que ele possa fazer. Não sei o que vai acontecer conosco. Pensei que tudo seria fácil agora que voltamos para casa, mas ainda estão acontecendo coisas terríveis.

Damon suspirou e se deitou no colchão. Olhou o teto em silêncio por um momento.

— Escute — disse ele por fim, entrelaçando os dedos no peito. — Você sempre subestimou o potencial de violência de Stefan.

— Ele *não* é violento — falou Elena com paixão. — Ele nem bebe sangue humano.

— Ele não bebe sangue humano porque ele não *quer* ser violento. Ele não *quer* ferir ninguém. Mas, Elena — Damon pegou a mão dela —, meu irmão mais novo tem um péssimo temperamento. Sei disso melhor do que ninguém.

Elena estremeceu. Ela sabia que, quando os dois eram humanos, Stefan e Damon se mataram em um ataque de raiva porque pensavam que Katherine estava morta. O sangue de Katherine estava no sistema dos dois, e eles ressuscitaram como vampiros naquela mesma noite. A raiva e o ciúme que sentiam pelo amor perdido tinham destruído os dois.

— Porém — continuou Damon —, embora me doa muito admitir isso, Stefan nunca machucaria você e não machucaria ninguém sem um bom motivo. Não sem um motivo que você aprovasse. Não ultimamente. Ele pode ter um péssimo temperamento, mas também tem consciência. — Ele sorriu um pouco e acrescentou: — Uma consciência irritante e hipócrita, é claro, mas existe. E ele a ama, Elena. Você é tudo para ele.

— Talvez você tenha razão — disse Elena. — Mas estou com medo. Queria que você estivesse lá comigo. — Ela o olhou, agora sonolenta e confiante como uma criança cansada. — Damon, eu queria que você não tivesse morrido. Sinto sua falta. Por favor, volte para mim.

Damon sorriu e a beijou com suavidade. Mas se afastou, e Elena sentiu o sonho mudar. Ela tentou se agarrar àquele momento, mas o sonho desapareceu e Damon estava perdido para ela mais uma vez.

— Tenha cuidado, por favor, Damon — disse Sage, com rugas de preocupação marcando a testa bronzeada.

Não era frequente que o musculoso Guardião do Portão ficasse preocupado — ou falasse apenas uma língua de cada vez —, mas,

desde que Damon voltou trôpego dos mortos e saiu das cinzas, Sage falava com brandura e clareza para ele em inglês, tratando o vampiro como se ele pudesse se espatifar a qualquer minuto.

— Em geral sou cuidadoso — disse Damon, recostando-se na parede do que eles chamavam, por falta de uma expressão melhor, de elevador místico. — A não ser que eu esteja num momento de bravura emocionante, é claro. — As palavras eram corretas, mas aos ouvidos do próprio Damon sua voz soava deslocada: rouca e hesitante.

Sage pareceu perceber a estranheza ali também e seu lindo rosto se franziu.

— Pode ficar mais tempo, se quiser.

Damon se recostou de novo na parede branca e lisa.

— Preciso ir — disse ele, cansado, pelo que parecia a milionésima vez. — Ela está correndo perigo. Mas obrigado por tudo, Sage.

Ele não estaria ali agora se não fosse por Sage. O vampiro poderoso limpou Damon, deu-lhe roupas — roupas pretas e estilosas no tamanho certo — e o alimentou com sangue e o suntuoso vinho Black Magic até Damon ter sido arrancado da fronteira da morte e percebido quem era novamente.

Mas... Damon não se *sentia* ele mesmo. Havia uma dor oca e estranha dentro dele, como se tivesse deixado algo para trás, enterrado no fundo das cinzas.

Sage ainda estava carrancudo, fitando-o com uma preocupação evidente. Damon se recompôs e abriu um sorriso repentino e luminoso para ele.

— Deseje-me sorte — disse Damon.

O sorriso ajudou: o rosto do outro vampiro relaxou.

— *Bonne chance, mon ami* — disse ele. — Desejo-lhe toda sorte do mundo.

Bilíngue de novo, pensou Damon. *Eu devo parecer melhor.*

— Fell's Church — disse Damon ao ar. — Estados Unidos, o reino dos mortais. Algum lugar onde eu possa me esconder.

Ele levantou a mão numa saudação solene a Sage e apertou o único botão do elevador.

***

Elena acordou no escuro. Fez uma verificação mental rápida e automática: lençóis macios de algodão com amaciante de tecidos, luz fraca vindo da janela ao pé da cama à direita, o leve ruído de Robert roncando no quarto que dividia com tia Judith do outro lado do corredor. Seu próprio e familiar quarto. Em casa de novo.

Ela soltou um suspiro profundo. Não se sentia com o desespero de quando foi para a cama; as coisas estavam sombrias, mas ela podia admitir que havia a possibilidade de um dia melhorarem. Mas seus olhos e a garganta doíam de tanto chorar. Ela sentia muita saudade de Damon.

Uma tábua no chão rangeu. Elena enrijeceu. Conhecia aquele rangido. Era o gemido alto e queixoso do chão sob sua janela quando se pisava no meio da tábua. Alguém entrara em seu quarto.

Elena ficou imóvel, repassando as possibilidades. Stefan teria se anunciado assim que a ouvisse suspirar. Seria Margaret, vagando em silêncio para se esgueirar na cama com Elena?

— Margaret? — perguntou ela baixinho.

Não houve resposta. Com os ouvidos atentos, Elena pensou distinguir o som de uma respiração lenta e pesada.

De repente, o abajur de sua mesa se acendeu, e Elena ficou temporariamente ofuscada pela luz forte. Só conseguia ver a silhueta de uma figura escura.

Então sua visão clareou. E, aos pés da cama, com um meio-sorriso no rosto cinzelado e os olhos escuros cautelosos como se não soubesse se seria bem-vindo, postava-se uma figura toda de preto.

Damon.

22

Elena não conseguia respirar. Sentia vagamente sua boca se abrindo e fechando, mas descobriu que não conseguia dizer nada. As mãos e os pés tinham ficado dormentes.

Damon lhe abriu um sorriso quase tímido — o que era estranho, porque Damon mal conhecia a timidez — e deu de ombros.

— Bem, princesa? Você me queria aqui, não queria?

Como se tivessem estalado um elástico nas costas de Elena, ela saltou da cama e correu para os braços de Damon.

— Você é real? — perguntou ela, em meio ao choro. — Isto é real? — Ela o beijou intensamente e ele retribuiu o beijo com igual fervor. Ele *parecia* real, a pele e o couro frios, a maciez surpreendente de seus lábios nos dela.

— Aqui estou — murmurou ele em seu cabelo enquanto a puxava para mais perto. — É real, eu lhe garanto.

Elena recuou e lhe deu um forte tapa na cara. Damon a fuzilou com os olhos e passou a mão no rosto.

— Ai — disse ele, mas abriu um sorrisinho irritante. — Não posso dizer que isso foi inteiramente inesperado... Apanho de mulheres com mais frequência do que você imaginaria ser possível... Mas não são boas-vindas gentis para um amor há muito perdido, querida.

— Como pôde? — repreendeu-o Elena, agora de olhos secos e furiosa. — Como você *pôde*, Damon? Estávamos todos de luto por você. Stefan está em frangalhos. Bonnie se culpa. Eu... Eu... Uma parte de meu coração *morreu*. Quanto tempo ficou nos observando? Você não se importou? Era tudo uma brincadeira? Você ria quando nós chorávamos?

Damon estremeceu.

— Querida — disse ele. — Minha princesa. Não está nada feliz em me ver?

— É claro que estou! — afirmou Elena, indignada. Ela respirou fundo e se acalmou um pouco. — Mas, Damon, o que você estava pensando? Todos nós achamos que estava morto! *Permanentemente* morto, e não um morto que aparece-no-meu-quarto-alguns-dias-depois-parecendo-perfeitamente-saudável! *O que está acontecendo?* As Guardiãs fizeram isso? Quando eu pedi, elas me disseram que não podiam, que a morte é permanente para um vampiro.

Damon a agraciou com um autêntico sorriso de alegria.

— Bem, de todas as pessoas, você devia saber que a morte nem sempre é permanente.

Elena deu de ombros e se abraçou.

— Elas me disseram que, quando eu voltasse, seria diferente. — Sua voz estava baixa, as emoções em ziguezague por todo lugar. *Porque você está em choque*, disse uma sensata vozinha no fundo de sua mente. — Coisas místicas, sabe como é. Meu tempo não tinha acabado. Ei! — Ela o cutucou com um dedo, empertigando-se. — Você agora é humano? Eu era humana quando voltei.

Damon deu de ombros longa e teatralmente.

— Deus me livre. Já tive o bastante disso quando aquele kitsune intrometido me tornou mortal. Graças aos céus... ou ao que for... desta vez não tenho que procurar uma princesa vampira misericordiosa para me transformar. — Ele sorriu com malícia para Elena. — Sou o mesmo sanguessuga de sempre, querida. — Ele olhou seu pescoço. — E, por falar nisso, estou com muita fome...

Elena lhe de outro tapa, porém desta vez mais suave.

— Pare com isso, Damon.

— Posso me sentar agora? — perguntou Damon e, quando ela assentiu, ele se acomodou aos pés da cama e a puxou para se sentar ao lado dele.

Elena olhou em seus olhos avaliando, depois passou a mão gentilmente pelas pronunciadas maçãs do rosto de Damon, a boca esculpida, o cabelo preto e macio.

— Você *estava* morto, Damon — disse ela baixinho. — Eu sei disso. Vi você morrer.

— Sim — concordou ele e suspirou. — Eu me senti morrer. Foi terrivelmente doloroso e ao mesmo tempo parecia que continuaria para sempre e que terminaria em segundos. — Ele deu de ombros. — Mas ainda restava um pouquinho de mim — Elena assentiu —, e Stefan me disse, disse a ele, para voar. E você o abraçou... abraçou a mim... e me disse para fechar os olhos. Depois o último pedacinho de mim também se foi e até a dor desapareceu. E então... eu voltei. — Os olhos escuros de Damon se arregalaram com o pasmo da lembrança.

— Mas como? — perguntou Elena.

— Lembra-se da esfera estrelar?

— Como poderia me esquecer? Foi a origem de todos os nossos problemas com os kitsune. Foi vaporizada quando eu... Ah, Damon, eu usei as minhas *Asas da Destruição* na árvore da lua no Mundo Subterrâneo. Mas elas destruíram a esfera estelar dos kitsune também, e eu tive que procurar as Guardiãs para salvar Fell's Church. As *Asas da Destruição* sumiram... Nunca vi nem senti nada parecido com isso. — Ela estremeceu.

— Eu vi o que fez com aquela lua — disse Damon, sorrindo ligeiramente. — Você se sentiria melhor, meu anjo amado, se soubesse que usar seus Poderes daquele jeito e destruir a esfera estelar foi o que me salvou?

— Não me chame assim — zangou Elena, fechando a cara. As Guardiãs eram a coisa mais próxima que ela já vira de anjos de verdade, e ela não tinha lembranças ternas delas. — Como foi que isso salvou você?

— Nas escolas modernas, eles explicam como funciona a condensação? — perguntou Damon com uma expressão arrogante que sempre tinha quando criticava provocativamente o mundo de Elena em comparação àquele em que fora criado. — Agora tudo é educação sexual, empatia e romances de segunda ou ainda ensinam um pouco de ciência às crianças? Sei que deixaram o latim e o grego de lado em favor do teatro e da consciência social. — Sua voz exalava desdém.

Elena disse a si mesma para não morder essa isca. Em vez disso,

cruzou as mãos elegantemente no colo.

— Acho que você pode estar algumas décadas desatualizado. Mas, por favor, ó sábio — disse ela —, suponha que minha educação não tenha incluído a ligação entre a condensação e a ressurreição dos mortos, e esclareça-me.

— Muito bem. — Damon sorriu. — Gosto de ver uma jovem respeitosa com os mais velhos e melhores. — Elena ergueu uma sobrancelha para ele, alertando-o. — Então — continuou ele —, o líquido *dentro* da esfera estelar, a magia pura, não desapareceu. Não é tão fácil se livrar de uma magia verdadeiramente forte. Quando a atmosfera esfriou, a magia transformada em vapor voltou ao estado líquido e caiu em mim, misturada à chuva de cinzas. Fiquei ensopado em puro Poder por horas, renascendo aos poucos.

A boca de Elena se abriu.

— Aquelas *cretinas* — disse ela, indignada. — As Guardiãs me disseram que você havia morrido para sempre e ficaram com todos os tesouros que levamos para suborná-las. — Ela pensou brevemente no último tesouro que ainda tinha, uma garrafa cheia da Água da Eterna Juventude, escondida na prateleira de cima de seu armário, e afastou o pensamento. Nem mesmo podia reconhecer para si mesma a existência daquele tesouro oculto por mais de um segundo que fosse, por medo de as Guardiãs perceberem que estava com ela e ela não poder *usar*... não agora, e talvez para sempre.

Damon ergueu um ombro.

— Às vezes elas trapaceiam, pelo que soube. Porém é mais provável que desta vez elas estivessem pensando que era verdade. Elas não sabem de tudo, embora gostem de fingir que sabem. E os kitsune e os vampiros estão meio fora da área de conhecimento delas.

Ele contou como despertou, enterrado profundamente em cinzas e lama, abriu caminho com as mãos até a superfície e partiu sob a lua desolada, sem saber quem era ou o que lhe acontecera, como ele quase morreu de novo e que Sage o salvou.

— E depois? — perguntou Elena, ansiosa. — Como se lembrou de tudo? Como voltou à Terra?

— Bem — disse Damon, voltando um sorriso leve e terno para ela

—, esta é uma historia engraçada. — Ele colocou a mão num bolso interno do casaco de couro e pegou um lenço de linho branco bem dobrado. Elena piscou. Parecia o mesmo lenço que ele lhe dera no sonho. Damon percebeu sua expressão e sorriu ainda mais, como se soubesse de onde ela o reconhecia. Ele o abriu e estendeu, para que Elena o examinasse.

Aninhadas no lenço, haviam duas mechas de cabelo. Muito familiares, percebeu Elena. Ela e Bonnie tinham cortado uma mecha de cabelo cada uma e colocado no corpo de Damon, querendo deixar uma parte de si mesmas com ele, porque não podiam levar seu corpo da lua desolada. Diante dela agora estava um cacho ruivo enrolado e outro dourado ondulado, brilhantes como se tivessem acabado de ser cortados de suas cabeças recém-lavadas, e não deixados num mundo de chuva de cinzas por todo lado.

Damon olhou as mechas com uma expressão composta de ternura e certo assombro. Elena pensou que jamais tinha visto um olhar tão franco, quase esperançoso nele.

— O Poder da esfera estelar também salvou isto — disse ele. — Primeiro foram queimadas quase até virar cinzas, depois se regeneraram. Eu as segurei, examinei e cuidei delas, e você começou a voltar a mim. Sage disse meu nome e parecia certo, mas eu não conseguia me lembrar de nada além de mim mesmo. Mas, segurando essas mechas de cabelo, aos poucos eu me lembrei de quem você era, do que passamos juntos e de todas as coisas que eu... — Ele se interrompeu. — O que eu sabia e sentia por você, e lembrei-me da ruivinha também, depois todo o resto surgiu como uma inundação e voltei a ser eu mesmo.

Ele desviou os olhos e perdeu a expressão sentimental, suavizando o rosto em sua expressão fria de sempre, embora constrangida, depois dobrou as mechas dentro do lenço e guardou cuidadosamente no bolso do casaco.

— Bem — disse ele, animado —, depois foi uma questão de Sage me emprestar umas roupas e o que me faltava, inclusive uma carona até Fell's Church. E agora estou aqui.

— Aposto que ele ficou surpreso e extasiado. — O vampiro

Guardião do Portão Entre os Mundos era um amigo querido de Damon, o único *amigo* de Damon que ela conhecia, além dela mesma. As relações de Damon tendiam a ser com mais frequência de inimigos ou admiradores do que amigos.

— Ele ficou muito satisfeito — admitiu Damon.

— Então você acabou de voltar à Terra?

Damon assentiu.

— Bem, você perdeu muita coisa por aqui — disse Elena, lançando-se numa explicação dos últimos dias, começando pelo nome de Celia escrito em sangue e terminando na hospitalização de Caleb.

— Uau. — Damon soltou um assobio baixo. — Mas devo supor que o problema é maior do que meu maninho agindo como louco com Caleb, não? Porque, como você sabe, isso pode ser apenas ciúme. O ciúme sempre foi o maior pecado de Stefan. — Ele disse a última frase torcendo os lábios de maneira presunçosa, e Elena lhe deu uma leve cotovelada nas costelas.

— Não desdenhe de Stefan — falou ela, censurando-o, mas sorriu consigo mesma. Era tão *bom* repreender Damon novamente. Ele era mesmo o antigo Damon enlouquecedor, instável e maravilhoso. Damon *estava de volta*.

Espere aí. Ah, não.

— Você também corre perigo! — Elena ofegou, lembrando-se de repente que ele ainda podia ser tirado dela. — Seu nome apareceu antes, escrito nas plantas aquáticas que estavam prendendo Meredith embaixo d'água. Não sabíamos o que poderia significar, porque pensávamos que você estivesse morto. Mas, como está vivo, parece que o próximo alvo é você. — Ela parou. — A não ser que cair pela superfície da lua tenha sido o ataque a você.

— Não se preocupe comigo, Elena. Você deve ter razão sobre o ataque na lua ter sido meu "acidente". Mas não foram tentativas de muito sucesso, foram? — disse Damon pensativo. — É quase como se essa coisa não estivesse tentando nos matar de verdade. Tenho uma leve impressão do que pode estar causando isso.

— Tem? — perguntou Elena. — Me diga.

Damon meneou a cabeça.

— No momento, é só um palpite — disse ele. — Preciso ter uma confirmação.

— Mas, Damon — pediu Elena —, mesmo um palpite é muito mais do que conseguimos descobrir até agora. Venha comigo amanhã de manhã e conte a todos sobre isso, então podemos trabalhar juntos.

— Ah, sim — disse Damon com um tremor fingido. — Você, eu, Matt e a caçadora de vampiros, que grupo agradável. Além de meu irmão santo e a bruxinha ruiva. E a bruxa velha e o professor. Não, vou investigar sozinho mais um pouco. E, além de tudo, Elena — começou ele, fixando nela um olhar sombrio —, não diga a ninguém que estou vivo. Especialmente a Stefan.

— Damon! — protestou Elena. — Você não sabe o quanto Stefan está arrasado, pensando que você morreu. Temos que contar a ele que você está bem.

Damon sorriu com ironia.

— Acho provável que exista uma parte de Stefan bem feliz por me ver fora de ação. Ele não tem motivo nenhum para me querer por aqui. — Elena balançou a cabeça numa negação furiosa, mas ele continuou. — É verdade. Mas talvez esteja na hora de as coisas ficarem diferentes entre nós. Para tanto, preciso mostrar a ele que eu posso mudar. De qualquer modo, não tenho como investigar isso adequadamente se todo mundo souber que voltei. Guarde segredo por enquanto, Elena. — Ela abriu a boca para protestar de novo, mas ele a silenciou com um beijo rápido e intenso. Quando se separaram, ele disse: — Prometa-me por ora, e eu prometo a você que, assim que eu entender isso, você poderá anunciar minha ressurreição ao mundo.

Elena assentiu, em dúvida.

— Se é o que realmente quer, Damon, e se acha mesmo necessário — disse ela. — Mas não estou satisfeita com isso.

Damon se levantou e afagou o ombro dela.

— As coisas agora serão diferentes — afirmou ele. Damon a olhou de cima com a expressão séria. — Não sou mais o mesmo, Elena.

Ela assentiu de novo, desta vez com mais firmeza.

— Vou guardar seu segredo, Damon — prometeu.

Damon abriu um sorriso curto e rígido, depois deu três passos em

direção à janela aberta. Num instante ele se foi, e um grande corvo preto voou para a noite.

23

Na manhã seguinte, Elena se sentia leve e alegre, como se guardasse um imenso e maravilhoso segredo. Damon ainda estava vivo. Ele estivera em seu quarto na noite anterior.

Não é?

Ela passou por tanta coisa que mal conseguia acreditar naquilo. Saiu da cama, notando que as nuvens ainda estavam rosadas e douradas do nascer do sol, então devia ser muito cedo. Foi com cuidado em direção à janela. Não tinha certeza do que procurava, mas se abaixou, ficou de quatro e examinou o chão com atenção.

Ali. Um grão mínimo de terra na tábua que rangia, caído do sapato de alguém. E ali, no peitoril, os longos arranhões das garras de uma ave. Era prova suficiente para Elena.

Ela se levantou e deu um pulinho engraçado de alegria, batendo palmas com força uma vez, um sorriso irreprimível se espalhando pelo rosto. Damon estava vivo!

Depois respirou fundo e parou, querendo assumir uma expressão neutra. Se realmente ia guardar esse segredo — e era isso que ela devia fazer; afinal, havia prometido —, precisaria agir como se nada tivesse mudado. E, sinceramente, as coisas já estavam bem ruins, disse a si mesma. Se pensasse nos fatos, ainda não era hora de comemorar nada.

A volta de Damon não alterava o fato de que algo sombrio perseguia Elena e os amigos ou que Stefan agia de forma irracional e com violência. Seu coração se deprimiu um pouco quando ela pensou em Stefan, mas ainda assim uma bolha de felicidade a tomou. Damon estava vivo!

E, além de tudo, ele tinha uma ideia do que podia estar acontecendo. Era irritante e bem típico de Damon guardar essa ideia para si e não contar o que estava pensando, mas apesar disso o palpite dele representava uma esperança maior do que qualquer outro conseguira oferecer até agora. Talvez houvesse uma luz no fim do túnel, afinal.

Uma pedrinha bateu na janela de Elena.

Quando ela olhou para fora, viu Stefan, com os ombros recurvados e as mãos nos bolsos, observando-a do gramado. Elena acenou para ele ficar onde estava, vestiu os jeans e uma blusa branca de renda, calçou os sapatos e desceu para recebê-lo. Havia orvalho na grama, e os passos de Elena deixaram pegadas. O frio do amanhecer já estava sendo substituído por um sol quente e ofuscante: seria outro dia de verão pegajoso na Virgínia.

Ao se aproximar de Stefan, Elena reduziu o passo. Não sabia bem o que dizer a ele. Desde a noite anterior, sempre que pensava em Stefan, ela imaginava involuntariamente o corpo de Caleb voando pelo ar, o estalo nauseante dele ao bater no monumento de mármore. E não conseguia parar de ver a raiva selvagem de Stefan ao atacá-lo, embora Damon tivesse certeza de que devia haver um motivo. *Damon*. Como conseguiria evitar que Stefan descobrisse a verdade sobre o irmão?

Pelo olhar sofrido de Stefan, estava claro que ele percebia sua apreensão. Ele estendeu a mão.

— Sei que não entende por que fiz o que fiz ontem — disse ele —, mas há algo que você precisa ver.

Elena parou, mas não pegou sua mão estendida. E expressão de Stefan pareceu um pouco mais triste.

— Me diga aonde vamos.

— Preciso lhe mostrar algo que descobri — disse Stefan com paciência. — Você vai entender quando chegarmos lá. Por favor, Elena. Eu jamais machucaria você.

Elena o fitou. Ela sabia, sem nenhuma dúvida, que Stefan nunca a machucaria.

— Tudo bem. — Elena se decidiu. — Espere um minuto aqui. Volto logo.

Ela deixou Stefan no gramado ao sol do início da manhã enquanto voltava à meia-luz silenciosa da casa. Todos os outros ainda dormiam: uma olhada rápida no relógio da cozinha lhe disse que mal passava das seis horas. Ela escreveu um bilhete para tia Judith, dizendo que ia tomar café da manhã com Stefan e voltaria mais tarde. Pegando a bolsa, parou e verificou se um ramo seco de verbena ainda estava guardado ali dentro. Ela não acreditava que Stefan faria algo com ela, mas... não fazia mal nenhum estar preparada.

Quando Elena saiu da casa, Stefan a conduziu até seu carro, estacionado junto ao meio-fio, abriu a porta do carona e pairou acima enquanto ela afivelava o cinto de segurança.

— É muito longe? — perguntou Elena.

— Não muito — disse Stefan simplesmente. Vendo-o dirigir, Elena percebeu as rugas de preocupação nos cantos de seus olhos, a curva de infelicidade na boca, a tensão nos ombros; desejou poder abraçá-lo e reconfortá-lo, levantar a mão e eliminar aquelas rugas de seus olhos. Mas foi impedida pelas lembranças da raiva em seu rosto no dia anterior. Não conseguia se obrigar a tocar nele.

Não estavam rodando há muito tempo quando Stefan entrou em um beco sem saída de casas caras.

Elena se curvou para a frente. Estavam parando em uma grande casa branca com uma espaçosa varanda de pilastras. Ela conhecia aquela varanda. Depois do baile do primeiro ano, ela e Matt se sentaram naquela escada e viram o sol nascer, ainda com as roupas do baile. Ela tirou as sandálias de cetim aos chutes e deitou a cabeça no ombro de smoking de Matt, ouvindo sonhadora a música e as vozes que vinham da festa pós-baile no interior da casa. Foi uma noite boa de uma vida inteiramente diferente.

Ela olhou para Stefan acusadoramente.

— Esta era a casa de Tyler Smallwood, Stefan. Não sei o que está planejando, mas Caleb não está aqui. Ele está no hospital.

Stefan suspirou.

— Sei que ele não está aqui, Elena. Os tios também não estão, e há vários dias, pelo menos.

— Eles viajaram — disse Elena automaticamente. — Tia Judith

falou com eles ontem.

— Que bom — afirmou Stefan num tom firme. — Então eles estão seguros. — Ele lançou um olhar preocupado para os dois lados da rua. — Tem certeza de que Caleb não vai sair do hospital hoje?

— Tenho — disse Elena com acidez. — Ele se machucou demais. Vai ficar em observação.

Elena saiu do carro, bateu a porta e marchou em direção à casa dos Smallwood, sem olhar para trás para saber se Stefan a seguia.

Ele a alcançou de imediato. Ela xingou mentalmente a velocidade de vampiro dele e andou mais rápido.

— Elena — disse ele, contornando-a e obrigando-a a parar. — Está chateada porque quero mantê-la em segurança?

— Não — discordou ela num tom mordaz. — Estou chateada porque você quase matou Caleb Smallwood.

O rosto de Stefan ficou murcho de exaustão e tristeza, e Elena de imediato sentiu culpa. Independentemente do que estivesse acontecendo com Stefan, ele ainda precisava dela. Mas ela não sabia como lidar com a violência dele. Tinha se apaixonado por Stefan por sua alma poética, sua gentileza. *Damon* era o perigoso. *O perigo se encaixa muito melhor em Damon do que em Stefan*, observou uma voz ríspida no fundo de sua mente, e Elena não pôde negar que era verdade.

— Apenas me mostre o que quer que eu veja — disse ela por fim.

Stefan suspirou, depois se virou e a levou pela entrada da casa dos Smallwood. Ela esperava que ele fosse à porta da frente, mas ele cortou para a lateral da casa e foi em direção a um pequeno telheiro no quintal.

— O abrigo de ferramentas? — perguntou Elena, zombando. — Temos uma emergência de grama por aparar que precisamos resolver antes do café da manhã?

Stefan ignorou a piada e foi até a porta do telheiro. Elena notou que o cadeado que fechava as portas duplas estava quebrado, aos pedaços. Uma alça de metal pendia inutilmente da corrente. Era óbvio que Stefan tinha arrombado o local antes.

Elena entrou atrás dele. No início, saindo da manhã luminosa do

lado de fora, ela não conseguia enxergar nada na escuridão do telheiro. Aos poucos percebeu que as paredes estavam forradas de folhas de papel. Stefan abriu mais as portas, deixando o sol entrar no ambiente.

Elena olhou os papéis nas paredes e recuou com um arquejar áspero: a primeira coisa que distinguiu foi uma foto do próprio rosto. Ela arrancou o papel da parede e olhou mais atentamente. Era o recorte de um jornal local, mostrando-a com um vestido prateado, dançando nos braços de Stefan. A legenda dizia: "A Rainha do Baile da Robert E. Lee High School Elena Gilbert e o Rei do Baile Stefan Salvatore".

Rainha do baile? Apesar da gravidade da situação, seus lábios se curvaram num sorriso. Ela realmente tinha terminado o ensino médio numa explosão de glória, não foi?

Ela retirou outro recorte da parede e sua expressão ficou triste. Este mostrava um caixão carregado pela chuva, com pessoas enlutadas de expressão amarga por perto. Na multidão, Elena reconheceu tia Judith, Robert, Margaret, Meredith e Bonnie, de lábios cerrados, os rostos molhados de lágrimas. A legenda ali dizia: "A cidade de luto pela estudante do ensino médio Elena Gilbert".

Os dedos de Elena se apertaram inconscientemente, amassando o recorte. Ela se virou para Stefan.

— Isto não deveria estar aqui — disse ela com certa histeria tomando a voz. — As Guardiãs mudaram o passado. Não devia restar nenhum artigo de jornal nem nada.

Stefan a fitou.

— Eu sei — concordou ele. — Estive pensando e minha melhor conjectura é de que talvez as Guardiãs só tenham alterado a *mente* das pessoas, que não veriam nenhuma prova do que pedimos às Guardiãs para apagar. Só veriam o que apoiava suas novas lembranças, as lembranças de uma cidadezinha normal e de um monte de adolescentes comuns. Apenas mais um ano letivo.

Elena brandiu o jornal.

— Mas, então, por que isto está aqui?

Stefan baixou a voz.

— Talvez não funcione com todo mundo. Caleb tinha algumas anotações em um caderno que encontrei e, por elas, parece que ele se lembrava de duas séries de acontecimentos diferentes. Escute isto. — Stefan revirou os papéis espalhados pelo chão e pegou um caderno. — Ele escreveu: "Existem meninas agora na cidade que eu sei que estavam mortas. Havia monstros aqui. A cidade foi destruída, e nós fomos embora antes que nos pegassem também. Mas agora estou de volta e nunca partimos, embora ninguém além de mim se lembre. Tudo está normal: nada de monstros, nada de mortes."

— Hum. — Elena pegou o caderno e passou os olhos pelas páginas. Caleb tinha listas. Vickie Bennett, Caroline, ela. Todas elas. Todos que estavam diferentes neste mundo. Havia anotações de como ele se lembrava delas: como pensava que Elena tinha morrido e o que estava acontecendo agora. Ela virou algumas páginas e seus olhos se arregalaram. — Stefan, escute isto. Tyler contou a ele sobre nós: "Tyler tinha medo de Stefan Salvatore. Achava que ele havia matado o Sr. Tanner e que existia algo de estranho nele, algo sobrenatural. E ele achava que Elena Gilbert e os amigos estavam envolvidos nos acontecimentos." Depois vem um asterisco referindo-se ao Sr. Tanner morto numa série de lembranças e vivo em outra. — Elena passou os olhos rapidamente por algumas páginas. — Parece que ele se concentrou em *nós* como a causa das alterações. Ele deduziu que estávamos no centro de tudo. Porque somos as pessoas que mais mudaram... e não vítimas de vampiros e kitsune... e, como sabia que Tyler desconfiava de nós, ele nos culpa pelo desaparecimento de Tyler.

— Duas séries de lembranças — repetiu Stefan, de cenho franzido. — E se Caleb não for o único a se lembrar das duas realidades? E se os seres sobrenaturais ou as pessoas conscientes do sobrenatural não tiverem sido afetados pelo feitiço?

Elena ficou paralisada.

— Margaret... Será que ela se lembra de alguma coisa? Ela parecia tão perturbada quando me viu pela primeira vez. Lembra que ela estava com medo de eu sumir de novo? Acha que ela se lembra de mim morta junto com as lembranças que as Guardiãs lhe deram?

Stefan meneou a cabeça.

— Não sei, Elena. Você tem algum motivo para pensar que Margaret não é uma garotinha perfeitamente normal? As crianças pequenas podem ser muito dramáticas sem precisar de motivos. Margaret tem muita imaginação.

— Não sei — disse Elena, frustrada. — Mas se as Guardiãs só cobriram as antigas lembranças com novas, isso explicaria por que meu antigo diário ainda estava escondido debaixo da minha cama, onde o deixei, e tudo que aconteceu até eu sair de casa ainda estava escrito ali. Então você acha que Caleb desconfia que está acontecendo algo porque ele *é* um lobisomem, afinal de contas?

— Olhe — falou Stefan, gesticulando para o telheiro.

Pela primeira vez, Elena viu toda a cena e suas implicações. Fotos dela. Fotos de Bonnie e Meredith. Até fotos da pobre Caroline, indo da debutante de olhos verdes e arrogante a um semimonstro selvagem, numa gravidez avançada do... bebê de Tyler? Ou seria filhote? Elena percebeu com um choque que não pensava em Caroline havia dias. Será que Caroline ainda estava grávida? Ela ainda se transformava em lobisomem porque carregava um filho de Tyler? Elena se lembrou de que havia uma matilha medonha de lobisomens em Fell's Church. Lobisomens poderosos e importantes, e se isso não tivesse mudado, e se o bando se lembrasse de tudo, ou o bastante de tudo, eles provavelmente só estavam ganhando tempo.

Não havia apenas recortes, mas fotos originais por ali. Ela viu uma fotografia tirada pela janela do pensionato, ela própria inclinada para a frente, falando com Meredith de um jeito empolgado enquanto a amiga passava a mão em seu bastão de combate mortal. A julgar pelas roupas, tinha sido tirada logo depois de eles pegarem Alaric e Celia. Caleb não só esteve pesquisando as duas séries de lembranças nos últimos meses, mas também espionando Elena e os amigos.

Depois ela notou outra coisa. No canto mais distante do chão havia um monte imenso de rosas.

— O quê...? — indagou Elena, estendendo a mão para elas. E então ela viu. Um pentagrama estava desenhado em volta das rosas. E, cercando o pentagrama, muitas fotos: dela, de Bonnie, Meredith, Matt,

Stefan, Damon.

— São rosas da mesma espécie que Caleb deu a você, não são? — perguntou Stefan suavemente. Elena assentiu. Eram perfeitas, botões delicados de um vermelho-escuro voluptuoso que lhe davam vontade de tocá-las.

— A rosa que começou tudo — sussurrou ela. — Furou o dedo de Bonnie e o sangue escreveu o nome de Celia. Deve ter vindo daqui.

— Caleb não é apenas um lobisomem — disse Stefan. — Não sei exatamente o que ele fazia aqui, mas parece muito com magia negra. — Ele a olhou, suplicante. — Descobri tudo isso ontem — continuou. — Tive que lutar com ele, Elena. Eu sei que a assustei, mas precisava protegê-la... e a todos os outros... dele.

Elena assentiu, assustada demais para falar. Agora entendia por que Stefan agira daquele jeito. Ele pensava que ela corria perigo. Mas ainda assim... ela não conseguia reprimir a náusea quando se lembrava do arco do corpo de Caleb ao ser atirado. Caleb pode ter atacado os dois com uma magia perigosa, mas suas anotações pareciam confusas e assombradas. Elena e os amigos mudaram este mundo, e agora ele não sabia qual era a realidade.

— É melhor pegar tudo isso e levar para o pensionato — disse ela bruscamente. — Há outros cadernos? — Stefan assentiu. — Então é melhor olharmos todos com atenção. Se ele lançou um feitiço em nós... alguma maldição... talvez ainda esteja ativa, embora por enquanto ele esteja confinado ao hospital. O feitiço que ele usou pode estar num dos cadernos, ou talvez a gente encontre alguma pista do que é e exatamente o que está provocando. E, espero, como podermos reverter.

Stefan parecia meio perdido, com os olhos verdes indagativos. Seus braços estavam um pouco estendidos, como se ele estivesse esperando que ela o abraçasse e não tivesse se lembrado de abaixá-los quando ela não se mexeu. Mas, por algum motivo que não conseguia situar, Elena não conseguia abraçá-lo. Em vez disso, virou para o outro lado e disse:

— Você tem um saco plástico ou coisa parecida no carro que possamos usar para levar tudo isso?

24

Quando Elena e Stefan pararam de carro na frente do pensionato, ela desligou o celular.

— A enfermeira do hospital disse que Caleb ainda está inconsciente — explicou ela.

— Ótimo — respondeu Stefan. Ela o olhou com censura e ele a fitou, exasperado. — Se está inconsciente — explicou —, teremos uma chance maior de entender que feitiço ele lançou sobre nós.

Eles tinham enchido três sacos de lixo grandes com os papéis, recortes e livros que encontraram no telheiro de jardim dos Smallwood. Elena teve medo de perturbar o pentagrama com as rosas e fotos no chão, caso isso afetasse o feitiço de alguma forma, mas tirou algumas fotos dali com o celular.

Matt saiu e pegou um dos sacos.

— Trouxeram lixo?

— Algo parecido — disse Elena com gravidade, depois contou o que tinham descoberto na casa dos Smallwood.

Matt fez uma careta.

— Caramba. Mas talvez agora possamos finalmente fazer alguma coisa a respeito do que está acontecendo.

— E por que chegou aqui tão cedo? — perguntou Elena, seguindo-o em direção à casa. — Pensei que você só viria montar guarda lá pelas dez. — Stefan vinha atrás dela.

— Passei a noite aqui — disse-lhe Matt. — Depois que o nome de Bonnie apareceu, eu não queria que ela ficasse fora da minha vista.

— O nome de Bonnie apareceu? — Elena girou acusadora para Stefan. — Por que não me contou?

Stefan deu de ombros, pouco à vontade.

— Eu não sabia — confessou, hesitante.

— Stefan, eu te pedi para proteger Meredith e Celia — vociferou ela. — Você devia ter ficado *aqui*. Mesmo antes de o nome de Bonnie aparecer, eram Meredith e Celia que corriam perigo. Eu confiei que você cuidaria das duas.

Stefan a olhou fixamente.

— Não sou seu cachorrinho, Elena — disse ele em voz baixa. — Vi uma ameaça misteriosa e achei que merecia uma investigação. Agi para proteger você. E eu estava certo. O perigo era mais imediato para você do que para os outros. E agora temos uma chance de compreender o feitiço.

Elena pestanejou com o tom de Stefan, mas não podia negar a verdade nas palavras dele.

— Desculpe — disse ela, contrita. — Tem razão. Estou feliz por ter descoberto o telheiro de Caleb.

Matt abriu a porta da frente. Eles largaram os sacos no saguão e foram para a cozinha, onde a Sra. Flowers, Alaric e Meredith desfrutavam um café da manhã com croissants, geleia, frutas e salsichas.

— Celia foi embora — disse Meredith a Elena assim que eles entraram. Seu tom era casual e informativo, mas os olhos cinzentos normalmente frios cintilavam, e Elena partilhou um sorriso secreto com a amiga.

— Para onde? — perguntou Elena, com igual casualidade, pegando um croissant. Tinha sido uma longa manhã, e ela estava faminta.

— Universidade da Virgínia — respondeu Alaric. — Ela espera conseguir alguma pista pesquisando maldições e magia popular.

— Talvez tenhamos mais informações agora — anunciou Elena com uma dentada num croissant deliciosamente amanteigado. Ela explicou o que tinham encontrado no telheiro. — Trouxemos todos os papéis e cadernos de Caleb. E aqui está o que ele colocou no chão. — Ela pegou o celular, carregou a foto e entregou à Sra. Flowers.

— Meu Deus — disse a velha. — Certamente parece magia negra. O que será que essa criança achava que estava fazendo?

Stefan bufou.

— Ele não é uma criança, Sra. Flowers. Desconfio fortemente de que seja um lobisomem e também um mago negro.

A Sra. Flowers o olhou com austeridade.

— Ele encontrou o jeito errado de procurar o primo, isso é certo. Mas esta magia me parece muito amadora. Se funcionou, terá sido mais por acaso do que por concepção.

— *Se* funcionou? — perguntou Meredith. — Acho que as provas sugerem que o que ele fez deu certo.

— Certamente seria muita coincidência que Caleb estivesse tentando lançar feitiços em nós *e* uma maldição inexplicável também estivesse nos afetando — observou Alaric.

— Onde está Caleb agora? — perguntou Matt, de cenho franzido. — Ele sabe que você descobriu tudo isso? Precisamos localizá-lo e ficar de olho nele?

Stefan cruzou os braços.

— Ele está no hospital.

Houve uma pequena pausa enquanto os outros se olhavam e decidiam, com base na atitude pétrea de Stefan, não fazer mais perguntas. Meredith olhou indagativa para Elena, que assentiu levemente como quem diz: *Explicarei depois*.

Ela se virou para a Sra. Flowers.

— Sabe dizer que feitiço Caleb estava usando? O que ele estava tentando fazer?

A Sra. Flowers olhou a foto pensativamente.

— Essa é uma pergunta interessante. Em geral as rosas são usadas em feitiços de amor, mas o pentagrama e as várias fotos em volta sugerem uma intenção mais sombria. A cor carmim incomum das rosas provavelmente as tornaria mais eficazes. Podem ser usadas também para evocar outras paixões. Minha melhor aposta seria de que Caleb está tentando controlar suas emoções de alguma maneira.

Elena lançou um olhar repentino para Stefan, percebendo sua expressão cautelosa e os ombros tensos.

— Mas é o máximo que posso dizer por ora — continuou a Sra. Flowers. — Se quiserem procurar pistas nos cadernos de Caleb, Bonnie

e eu podemos pesquisar as propriedades mágicas das rosas e em que feitiços podem ser usadas.

— Onde está Bonnie? — perguntou Elena. Embora ela tivesse a sensação de que faltava alguma coisa, só agora notava conscientemente que a ruiva baixinha não estava com o grupo na cozinha.

— Ainda dormindo — respondeu Meredith. — Você sabe que ela adora dormir até tarde. — Ela sorriu. — Bonnie estava adorando ser a donzela em perigo e ver todo mundo se agitando em volta dela ontem à noite.

— Eu achei que ela estava sendo muito corajosa — disse Matt inesperadamente. Elena o observou. Será que ele estava começando a sentir alguma coisa romântica por Bonnie? Eles ficavam bem juntos, pensou ela, e se surpreendeu ao sentir uma pontada de raiva possessiva misturada com sua especulação casamenteira. *Matt sempre foi seu, afinal*, sussurrou-lhe uma voz firme.

— Vou subir para acordá-la — falou Meredith, animada. — Chega de descanso para as bruxas. — Ela ficou de pé e foi para a escada, mancando ligeiramente.

— Como está seu tornozelo? — perguntou Elena. — Você parece bem melhor.

— Eu me curo rápido — disse Meredith. — Acho que é parte da coisa de caçadora de vampiros. Não precisava mais de bengala quando fui dormir ontem à noite e hoje de manhã parece ter praticamente voltado ao normal.

— Que sorte a sua — afirmou Elena.

— Sorte mesmo — concordou Meredith, sorrindo para Alaric, que também sorriu, admirando-a. Exibindo-se, ela correu levemente escada acima, escorando-se apenas um pouco no corrimão.

Elena pegou outro croissant e passou geleia.

— E nós precisamos ver toda essa papelada e as coisas que pegamos no telheiro de Caleb. Alaric, como você é o único além da Sra. Flowers e de Bonnie que entende muito de magia, pode pegar os cadernos dele e eu vou...

Ela se interrompeu quando ouviu um grito vindo do segundo

andar.

— Meredith! — gritou Alaric.

Mais tarde, Elena não se lembrava de ter subido a escada. Houve apenas um lampejo de pernas e braços se debatendo e o pandemônio enquanto todos tentavam subir a escada estreita com a maior rapidez possível. À porta do pequeno quarto creme e rosa no final do corredor, Meredith estava parada, lívida e abalada. Voltou os grandes olhos cinza apavorados para eles e sussurrou:

— Bonnie.

Dentro do quarto, a figura pequena de Bonnie estava deitada e imóvel, de rosto virado para o chão, com um braço vestido de pijama jogado em direção à porta. Velas pretas e brancas apagadas formavam em anel atrás dela, e uma vela preta fora derrubada. Havia uma mancha do que parecia sangue seco dentro do círculo de velas e um livro antigo estava aberto ao lado.

Elena passou por Meredith aos empurrões e se ajoelhou ao lado da figura imóvel, procurando sua pulsação no pescoço. Soltou o ar que prendia quando sentiu o coração de Bonnie batendo, firme e forte, sob seus dedos.

— Bonnie — disse ela, sacudindo-a pelo ombro e rolando-a com gentileza em seguida. Bonnie foi virada de costas sem resistência. Sua respiração era regular, mas os olhos continuavam fechados, os cílios longos e escuros contra o rosto sardento.

— Alguém chame uma ambulância — pediu Elena rapidamente.

— Eu chamo — disse Meredith, saindo do estado de choque.

— Não precisamos de uma ambulância — alertou a Sra. Flowers em voz baixa, olhando para Bonnie com uma expressão triste.

— Do que está falando? — rebateu Meredith. — Ela está inconsciente! Precisamos conseguir ajuda.

Os olhos da Sra. Flowers estavam sérios.

— Os médicos e enfermeiros do hospital não conseguirão ajudar Bonnie — disse ela. — Talvez até a prejudiquem, interferindo com soluções médicas ineficazes para um problema que não é médico. Bonnie não está doente, ela está sob um feitiço. Sinto a magia densa no ar. Creio que o melhor a fazer é deixá-la confortável ao máximo

aqui enquanto procuramos uma cura.

Matt entrou no quarto. Sua expressão era de perplexidade, mas ele não estava olhando para Bonnie imóvel no chão. Então levantou a mão e apontou.

— Olhem.

Perto da cama, havia uma bandeja contendo um pequeno bule, uma xícara e um prato que foram derrubados no chão. A xícara tinha se quebrado e o bule estava ao lado, com as folhas de chá derramadas em uma curva longa e escura pelo chão.

Uma curva que dizia um nome.

elena

25

Matt voltou os olhos apavorados para a figura prostrada de Bonnie, o nome no chão e o rosto lívido de Elena. Depois de alguns minutos de choque, Elena deu meia-volta e saiu do quarto. Stefan e Matt a seguiram enquanto Meredith e os outros se colocaram ao lado de Bonnie. No corredor, Elena atacou Stefan.

— Você devia estar cuidando delas. Se tivesse ficado aqui, Bonnie teria alguma proteção.

Matt, seguindo Stefan para fora do quarto de Bonnie, recuou. Os dentes de Elena estavam arreganhados, os olhos azul-escuros faiscavam e ela e Stefan pareciam furiosos.

— Não foi culpa de Stefan, Elena — protestou Matt delicadamente. — Alaric e a Sra. Flowers armaram proteções mágicas. Nada devia conseguir entrar. Mesmo que Stefan estivesse aqui, ele não teria ficado no quarto com Bonnie a noite toda.

— Ele devia ter ficado, se isso fosse necessário para protegê-la — disse Elena com amargura. Seu rosto estava tenso de raiva enquanto ela observava Stefan.

Embora estivesse defendendo Stefan, Matt não conseguia reprimir uma certa satisfação ao finalmente ver problemas entre Elena e Stefan. *Já era hora de Elena perceber que Stefan não é perfeito*, disse a pior parte dele alegremente.

A Sra. Flowers e Alaric saíram do quarto às pressas, rompendo a tensão entre Elena e Stefan. A Sra. Flowers meneou a cabeça.

— Parece que Bonnie estava, muito infantilmente, tentando entrar em contato com os mortos, mas não sei como ela pode ter feito isso a si mesma. Deve ser o resultado do que está ameaçando vocês.

Meredith vai ficar ao lado de Bonnie enquanto nós investigamos.

Matt olhou para Elena e Stefan.

— Pensei que tivessem dito que Caleb era carta fora do baralho.

— Eu pensei que fosse! — disse Stefan enquanto todos desciam a escada. — Talvez seja algo que ele começou antes de brigarmos.

Alaric franziu o cenho.

— Se isso é verdade e ainda tem efeito, o próprio Caleb pode não ser capaz de parar a coisa. Mesmo que ele morresse, isso não interromperia uma maldição que perpetua a si mesma.

Elena foi para o saguão e rasgou o primeiro saco de lixo, com o maxilar cerrado.

— Precisamos descobrir o que ele fez. — Ela pegou uma pilha de cadernos e jogou nas mãos dos outros. — Procurem os passos de um feitiço. Se soubermos *como* ele fez, talvez Alaric ou a Sra. Flowers possam pensar num jeito de reverter.

— O livro de feitiços que Bonnie estava usando é um dos meus — disse a Sra. Flowers. — Nada nele deveria ter exercido esse efeito sobre ela, mas vou examiná-lo, só por precaução.

Cada um pegou um caderno e uma pilha de papéis, que espalharam na mesa da cozinha.

— O meu tem diagramas — disse Stefan depois de um minuto. — Há um pentagrama, mas não acho que seja o mesmo que vimos no chão.

Alaric pegou o caderno e olhou, depois meneou a cabeça.

— Não sou especialista nisso, mas parece fazer parte de um feitiço padrão de proteção.

O caderno diante de Matt tinha principalmente anotações escritas. *Tanner primeira morte?*, perguntava. *Halloween? Elena, Bonnie, Meredith, Matt, Tyler, Stefan, todos presentes*. Ele ouvia os passos de Meredith no andar de cima, caminhando incansavelmente pelo quarto de Bonnie, e as palavras se toldaram diante dele. Esfregou as costas do punho nos olhos antes que se constrangesse, chorando. Isso era inútil. E, mesmo que houvesse alguma coisa útil ali, ele jamais reconheceria.

— Vocês não acham estranho — perguntou Elena — que Celia tenha sido a primeira afetada por essa força do mal? Não havia nada

sobre ela no telheiro. E ela não conheceu Tyler, que dirá Caleb. Se Caleb estava tentando se vingar de nós pelo desaparecimento de Tyler, por que atacaria Celia primeiro? Ou em qualquer momento?

Esse era um ótimo argumento, pensou Matt, e ele estava prestes a dizer isso quando viu a Sra. Flowers. Ela estava parada, reta como um poste, encarando além da orelha esquerda dele e assentindo de leve.

— Acha mesmo? — perguntou ela suavemente. — Ah, isso não faz diferença. Sim, entendo. Obrigada.

Quando terminou e seus olhos voltaram a focalizar o grupo, os outros também tinham percebido a conversa unilateral e ficaram em silêncio, observando-a.

— Sua mãe sabe o que aconteceu com Bonnie? — perguntou Matt, ansioso. Ele tinha ficado em Fell's Church para combater os kitsune com a Sra. Flowers quando os amigos foram à Dimensão das Trevas, e o tempo que passaram como companheiros de armas o familiarizou com as conversas casuais da Sra. Flowers com o reino dos espíritos. Se a mãe da Sra. Flowers havia interrompido a conversa do grupo, provavelmente tinha alguma coisa útil e importante a dizer.

— Sim — disse a Sra. Flowers, sorrindo para ele. — Sim, de fato, ma*mã* foi de muita ajuda. — Sua expressão ficou séria enquanto ela olhava em volta. — A ma*mã* conseguiu sentir a coisa que tomou o espírito de Bonnie. Depois de ter entrado na casa, ela conseguiu observá-la, embora não tivesse poder para combatê-la. Ela está aborrecida por não ter conseguido salvar Bonnie. A ma*mã* gosta muito dela.

— Bonnie vai ficar bem? — perguntou Matt, mais alto do que outras perguntas, como "Então o que *é* isso?" e "É um demônio ou coisa assim, então, e não uma maldição?".

A Sra. Flowers olhou primeiro para Matt.

— *Talvez* possamos salvar Bonnie. Certamente tentaremos. Mas primeiro teremos de derrotar a coisa que se apoderou dela. E vocês ainda correm muito perigo.

Ela olhou para todos.

— É um espectro.

Fez-se um silêncio.

— O que é um espectro? — perguntou Elena. — Quer dizer um fantasma?

— Um espectro, claro — disse Stefan em voz baixa, balançando a cabeça como se não acreditasse que a ideia não tivesse lhe ocorrido antes. — Ouvi falar de uma cidade há muitos anos na Itália, onde diziam que um espectro assombrava as ruas da Úmbria. Não era um fantasma, mas um ser criado por fortes emoções. A história dizia que um homem ficou tão enfurecido com a amante infiel que a matou e matou o amante, depois a si mesmo. E esses atos libertaram alguma coisa, um ser composto das emoções dos três. Uma por uma, as pessoas que moravam perto enlouqueceram. Elas fizeram coisas horríveis. — Stefan parecia abalado até sua essência.

— É o que estamos enfrentando? Uma espécie de demônio criado através da raiva que enlouquecerá as pessoas? — Elena se virou para a Sra. Flowers, suplicante. — Porque, francamente, acho que esta cidade já teve o bastante disso.

— Não pode acontecer de novo — disse Matt. Ele também olhava para a Sra. Flowers. Ela era a única que, com ele, vira Fell's Church quase ser destruída. Os outros estavam lá no começo, é claro, mas quando as coisas ficaram muito feias, quando veio o pior, as meninas e os vampiros estavam na Dimensão das Trevas, travando suas próprias batalhas para consertar tudo.

A Sra. Flowers o olhou nos olhos e assentiu com firmeza, como se estivesse lhe fazendo uma promessa.

— Não vai — disse ela. — Stefan, o que está descrevendo deve ter sido um espectro da fúria, mas parece que a explicação popular do que aconteceu não era muito precisa. Segundo a ma*mã*, os espectros se alimentam de emoções como os vampiros se alimentam de sangue. Quanto mais forte a emoção, mais bem alimentados e mais ativos eles são. Sentem-se atraídos para pessoas ou comunidades que já têm essas emoções fortes e praticamente criam um ciclo vicioso, estimulando e alimentando pensamentos que fortalecem a emoção para que eles possam continuar a se alimentar. São fisicamente poderosos, mas só sobrevivem enquanto suas vítimas os alimentarem.

Elena ouvia atentamente.

— Mas e quanto a Bonnie? — Ela olhou para Stefan. — Nesta cidade na Úmbria, as pessoas entravam em coma por causa do espectro?

Stefan meneou a cabeça.

— Não que eu saiba — disse ele. — Talvez seja aí que Caleb entre em cena.

— Vou ligar para Celia — falou Alaric. — Isso a ajudará a concentrar sua pesquisa. Se alguém tem algum material sobre isso, é a Dra. Beltram.

— Sua mãe disse que tipo de espectro era? — perguntou Stefan à Sra. Flowers. — Se soubermos de que emoção ele se alimenta, podemos interromper seu fornecimento.

— Ela não sabia. E também não sabe como derrotar um espectro. E há mais uma coisa que precisamos levar em consideração: Bonnie tem muito poder paranormal inato. Se o espectro se apoderou dela, deve estar explorando isso.

Matt assentiu, seguindo a linha de raciocínio da Sra. Flowers.

— E, se for assim — concluiu ele melancolicamente —, essa coisa só vai ficar mais forte e mais perigosa.

26

O dia passou com muita pesquisa, mas pouquíssimos resultados, o que deixou Elena cada vez mais preocupada com a amiga comatosa. Quando a noite caiu e tia Judith telefonou para perguntar, cansada, se a família de Elena ficaria sem ela o dia todo, eles tinham analisado o primeiro saco de papéis, e Alaric terminara um terço do caderno em que Caleb mantinha os registros de seus experimentos com magia, resmungando da letra horrível de Caleb.

Elena franziu o cenho, folheando outra pilha de papéis. O exame de fotos e recortes confirmou que Celia não estava entre as vítimas planejadas de Caleb. Se o espectro teve Celia como primeiro alvo, deve ter sido porque ela estava cheia da emoção de que ele se alimentava.

— Impertinência — sugeriu Meredith, mas teve o cuidado de dizer isso longe de Alaric.

Os recortes e impressos também mostraram que Caleb era obcecado com o desaparecimento de Tyler e que tinha provas e lembranças de duas linhas de tempo diferentes para o mesmo período — uma em que Fell's Church foi destruída e Elena Gilbert morreu, e outra em que tudo ficou *muito bem, obrigado* na cidadezinha de Fell's Church na Virgínia; inclusive o reinado contínuo da garota dourada do último ano, Elena. Além das lembranças duplas de Caleb, que cobriam apenas o verão, Tyler aparentemente tinha falado com ele ao telefone no outono e no inverno anteriores sobre os misteriosos acontecimentos que cercavam a morte do Sr. Tanner e tudo que se seguiu. Embora não parecesse, pelas anotações de Caleb, que Tyler tivesse falado de sua própria transformação em lobisomem e conspiração com Klaus, apenas

sobre a crescente suspeita em relação a Stefan.

— *Tyler* — gemeu Elena. — Mesmo desaparecido há tanto tempo, ele consegue criar problemas.

Até agora, o exame do caderno por Alaric havia provado que eles tinham razão: Caleb usava magia e pretendia se valer dela tanto para se vingar deles como para tentar localizar Tyler. Mas não mostrava como tinha invocado o espectro.

E, apesar de Alaric levar qualquer provável anotação, encantamento ou desenho para análise da Sra. Flowers, eles ainda não tinham descoberto que tipo de feitiço Caleb fizera ou a que propósito serviam as rosas.

Stefan acompanhou Elena para jantar em casa, depois voltou para continuar a ajudar os outros. Queria ficar com Elena, mas ela teve a sensação de que a tia não gostaria de um convidado de última hora para o jantar.

No segundo em que passou pela porta, Elena sentiu a presença persistente de Damon e se lembrou de que, apenas horas antes, eles estavam no segundo andar, abraçados. Durante toda a refeição, enquanto contava uma história para Margaret dormir e depois, no último telefonema a Meredith para verificar o progresso do grupo, ela pensou nele com nostalgia, perguntando-se se o veria essa noite. Isso, por sua vez, provocou uma onda de culpa relacionada a Stefan e Bonnie. Ela estava sendo tão egoísta, escondendo de Stefan a volta do irmão e pensando em si mesma enquanto Bonnie corria perigo. Todo o ciclo era exaustivo, mas ainda assim ela não conseguia reprimir o júbilo por Damon estar vivo.

Finalmente sozinha no quarto, Elena escovou os cabelos dourados e vestiu a camisola simples que tinha usado na noite anterior. Estava quente e úmido lá fora e, pela janela, ela ouvia os grilos cantando. As estrelas brilhavam, e uma meia-lua flutuava no alto sobre as árvores. Ela deu boa-noite a tia Judith e Robert e foi para a cama, afofando os travesseiros.

De certo modo, previa uma longa espera. Damon gostava de provocar e adorava fazer suas entradas, então era muito provável que esperasse até pensar que ela estava dormindo e se esgueirasse para

dentro do quarto. Mas ela mal apagou a luz quando uma parte do escuro pareceu se destacar da noite pela janela. Houve o mais leve roçar de um passo no chão, então o colchão gemeu quando Damon acomodou-se ao pé de sua cama.

— Oi, amor — disse ele baixinho.

— Oi. — Ela sorriu para ele. Os olhos negros de Damon brilhavam para ela nas sombras, e Elena de repente sentiu-se entusiasmada e feliz, apesar de tudo.

— Quais são as novidades? — perguntou ele. — Vi muita agitação no pensionato. Algo deixou sua turma empolgada? — Seu tom era casualmente sarcástico, mas o olhar era intenso, e Elena sabia que ele estava preocupado.

— Se me deixar contar a todos que está vivo, você poderá ficar conosco e saberá em primeira mão tudo que está acontecendo — provocou ela. Depois ficou mais séria. — Damon, precisamos de sua ajuda. Aconteceu uma coisa horrível.

Ela lhe contou sobre Bonnie e o que eles descobriram no telheiro do jardim dos Smallwood.

Os olhos de Damon arderam.

— Um espectro pegou a ruivinha?

— Foi o que disse a mãe da Sra. Flowers. Stefan nos disse que ele já ouviu falar de um espectro da fúria em algum lugar na Itália.

Damon soltou um *pfffff!*

— Lembro-me disso. Na época foi divertido, mas nada parecido com o que está descrevendo. Como essa teoria de Stefan explica Bonnie ter sido dominada? Ou o aparecimento dos nomes quando alguém é ameaçado?

— Também é a teoria da Sra. Flowers — disse Elena, indignada. — Aliás, da mãe dela. E é a única que faz sentido. — Ela sentia Damon afagando seu braço com o toque mais leve, e era *bom*. Os pelos se eriçaram nos braços e ela estremeceu de prazer, mesmo a contragosto. *Pare com isso*, pensou Elena, inflexível. *Este assunto é sério.* Ela tirou o braço do alcance de Damon.

Ele parecia irônico e indolente quando falou.

— Bem, não posso culpar a bruxa velha e sua mãe fantasma —

disse ele. — Normalmente os humanos ficam em sua própria dimensão, só apreendem o mínimo do que está acontecendo, mesmo os mais dotados. Mas, se Stefan se comportasse como um vampiro de respeito e não ficasse por aí tentando ser *humano* o tempo todo, teria um pouco mais de discernimento. Mal foi à Dimensão das Trevas, exceto quando foi arrastado para ficar numa jaula ou salvar Bonnie. Talvez, se tivesse ido, ele entenderia o que está acontecendo e conseguiria proteger um pouco melhor os humaninhos de estimação dele.

Elena se eriçou.

— Humaninhos? Eu também sou um desses *humaninhos*.

Damon riu, e Elena percebeu que ele disse isso de propósito, para enervá-la.

— Você, princesa? Nunca. Talvez um tigre. Algo selvagem e perigoso.

Elena revirou os olhos. Depois, a implicação das palavras de Damon a atingiu.

— Espere, está dizendo que isso *não é* um espectro? E que você sabe o que realmente é? É algo que veio da Dimensão das Trevas?

Damon se aproximou mais de Elena.

— Quer saber o que eu sei? — indagou ele num tom carinhoso. — Tem muita coisa que posso lhe contar.

— *Damon*. — Elena foi firme. — Pare de me seduzir e preste atenção. Isso é importante. Se sabe de alguma coisa, por favor, me conte. Se não, por favor, não faça joguinhos comigo. A vida de Bonnie está em risco. E todos nós corremos perigo. Você também, Damon: não se esqueça, seu nome foi escrito e não temos certeza se o que aconteceu na Lua Negra foi o ataque a você.

— Não estou tão preocupado. — Damon fez um gesto de desdém. — Seria preciso mais do que um espectro para me atingir, princesa. Mas, sim, eu sei um pouco mais sobre isso do que *Stefan*. — Ele virou a mão dela e passou os dedos frios em sua palma. — É um espectro. Mas não do tipo que vimos na Itália há muito tempo. Lembra que Klaus era um Original? Ele não foi gerado como Katherine, Stefan ou eu; ele nunca foi humano. Vampiros como Klaus consideram os

vampiros como nós, que começaram como humanos, uns mestiços fracos. Ele era muito mais forte que nós e muito mais difícil de matar. Também existem diferentes tipos de espectros. Aqueles que nasceram de emoções humanas na Terra podem intensificar e estimular essas emoções. Não têm muita consciência própria e nunca ficam muito fortes. São apenas parasitas. Se deixarem de receber as emoções de que precisam para sobreviver, eles desaparecem com muita rapidez.

Elena franziu a testa.

— Mas você acha que este é um tipo mais poderoso de espectro? Por quê? O que Sage lhe disse?

Damon bateu o dedo na mão dela ao contar.

— Um: os nomes. Isso está além dos poderes de um espectro comum. Dois: apoderou-se de Bonnie. Um espectro comum não seria capaz disso e nem conseguiria nada, se fosse capaz. Um espectro Original, porém, pode roubar seu espírito e levar para a Dimensão das Trevas. Pode esgotar sua força vital e suas emoções para se fortalecer.

— Espere — disse Elena, alarmada. — Bonnie voltou para a Dimensão das Trevas? Pode acontecer qualquer coisa com ela! Pode ser escravizada de novo! — As lágrimas arderam nos cantos dos olhos quando ela pensou em como os humanos eram tratados na Dimensão das Trevas.

Damon apertou sua mão.

— Não, não se preocupe com isso. Ela só está lá em espírito... O espectro deve tê-la colocado em uma espécie de cela; quer que ela fique segura. Acho que o pior que pode acontecer é ela ficar entediada. — Ele franziu o cenho. — Mas ele vai drenar a força vital dela, e isso por fim a enfraquecerá.

— Você *acha* que ficar entediada é a pior coisa que pode acontecer com ela... ah, pelo menos até que ele esgote toda sua força vital? Isso não está bom, Damon. Temos que ajudá-la. — Elena pensou por um momento. — Então os espectros vivem na Dimensão das Trevas?

Damon hesitou.

— Não no início. Os espectros Originais foram relegados à Lua Negra pelas Guardiãs.

— Onde você morreu.

— Sim — explicou Damon causticamente. Depois acariciou as costas da mão de Elena, num pedido de desculpas silencioso pelo tom. — Os espectros Originais são mantidos em um tipo de prisão na Lua Negra e ficam se coçando para ter uma chance de escapar. Como gênios numa garrafa. Se alguma coisa romper a parede da prisão, sua meta definitiva será vir à Terra e se alimentar de emoções humanas. Depois que a Árvore do Mundo foi destruída, Sage disse que as coisas mudaram, o que explicaria um espectro Original conseguir fugir quando as coisas se alteraram depois da destruição.

— Mas por que vir à Terra? Há muitos demônios e vampiros na Dimensão das Trevas.

Ela via o sorriso de Damon nas sombras.

— Acho que as emoções humanas são mais gostosas. Como o sangue humano. E não há humanos suficientes na Dimensão das Trevas para uma boa refeição. São tantos humanos na Terra que um Original aqui pode simplesmente continuar devorando a emoção, ficando cada vez mais poderoso.

— Então ele nos seguiu desde a Lua Negra? — perguntou Elena.

— Deve ter pegado uma carona com vocês quando voltaram à Terra. Ele devia querer ficar o mais longe possível da prisão, então uma abertura entre as dimensões teria sido irresistível.

— E ele foi libertado da prisão quando eu usei minhas *Asas da Destruição* e explodi a lua?

Damon deu de ombros.

— Parece-me a explicação mais provável.

Elena se deprimiu.

— Então a visão de Bonnie estava certa. Eu trouxe isso. A culpa é minha.

Ele afastou o cabelo dela e lhe deu um beijo no pescoço.

— Não pense assim — disse Damon. — Como poderia impedir? Você não sabia, Elena. E estou grato por ter usado as *Asas da Destruição*: foi isso que me salvou, afinal. O que importa agora é combater o espectro. Precisamos enviá-lo de volta antes que fique poderoso demais. Se ele se estabelecer de verdade por aqui, pode começar a influenciar cada vez mais gente. O mundo todo poderia

estar em perigo.

Elena arqueou de lado o pescoço, meio inconsciente, para que Damon tivesse um ângulo melhor, e ele gentilmente acompanhou a veia na lateral do pescoço de Elena com os lábios por um instante antes de ela perceber o que os dois estavam fazendo e afastá-lo de novo.

— Mas eu não entendo. Por que ele nos diria quem vai pegar em seguida? — disse ela. — Por que ele nos dá os nomes?

— Ah, isso não é responsabilidade dele. — Damon beijou seu ombro. — Até o espectro mais poderoso tem que seguir as regras. Faz parte do feitiço que as Guardiãs colocaram nos espectros Originais quando os relegaram à Lua Negra. Uma salvaguarda para o caso de os Originais um dia escaparem. Assim, a presa sabe que eles estão vindo, e isso lhes dá uma oportunidade justa de resistir.

— As Guardiãs o aprisionaram. Elas nos ajudariam a mandá-los de volta?

— Não sei — disse Damon rispidamente. — Mas eu não pediria ajuda a elas. Não confio nelas, você confia?

Elena pensou na fria eficiência das Guardiãs, no jeito irrelevante como trataram a morte de Damon. No modo como causaram a morte de seus pais.

— Não — disse ela, estremecendo. — Vamos deixá-las de lado, se pudermos.

— Nós mesmos vamos derrotá-lo, Elena — disse Damon, acariciando seu pescoço com a mão.

— Pare com isso. Precisamos nos concentrar.

Damon parou de tocá-la por um instante e pensou.

— Me fale de seus amiguinhos. As pessoas têm estado tensas? Brigando? Agindo de forma estranha?

— Sim — respondeu Elena de pronto. — Ninguém parece estar em seu juízo perfeito. Não consigo explicar, mas tem alguma coisa errada desde que voltamos.

Damon assentiu.

— Como ele provavelmente veio com você, faz sentido ter você e os que são ligados a você como suas primeiras vítimas.

— Mas como vamos *detê-lo*? — perguntou Elena. — O que as histórias que você ouviu sobre os espectros Originais dizem sobre sua recaptura depois que eles escapam da prisão?

Damon suspirou, e seus ombros arriaram um pouco.

— Nada. Não sei de mais nada. Terei de voltar à Dimensão das Trevas e ver o que consigo descobrir ou se posso combater o espectro de lá.

Elena enrijeceu.

— É perigoso demais, Damon.

Ele riu, um som seco no escuro, e Elena sentiu os dedos dele no seu cabelo, alisando as mechas sedosas, torcendo-as, puxando-as delicadamente.

— Não para mim — disse ele. — A Dimensão das Trevas é um ótimo lugar para ser vampiro.

— Só que você *morreu* lá — lembrou Elena. — Por favor, Damon. Eu não suportaria perder você de novo.

A mão de Damon parou, depois ele a beijou delicadamente e a outra mão apareceu para tocar em seu rosto.

— Elena — disse ele enquanto interrompia o beijo com relutância. — Você não vai me perder.

— Tem que haver outro jeito — insistiu ela.

— Bem, então é melhor descobrirmos, e logo — falou Damon com raiva. — Caso contrário, o mundo todo estará em perigo.

Damon ficou impregnado de Elena. Seu cheiro doce e fragrante nas narinas, a batida pulsante do coração nos ouvidos, a seda de seu cabelo e o cetim de sua pele contra os dedos. Ele queria beijá-la, abraçá-la, afundar as presas nela e provar o néctar inebriante de seu sangue, aquele sangue vibrante que tinha um sabor único.

Mas ela o obrigou a ir embora, embora ele soubesse que na realidade Elena não queria isso.

Ela não disse que o afastou por causa do irmão mais novo de Damon, mas ele sabia. Sempre era Stefan.

Quando ele a deixou, transformou-se graciosamente em um grande corvo preto e voou da janela de seu quarto para o marmeleiro

próximo. Ali, abriu as asas e alternou de um pé para outro, acomodando-se para observá-la. Podia senti-la pela janela, ansiosa no início, com os pensamentos em ebulição, mas logo sua pulsação se acalmou, a respiração ficou mais profunda e ele sabia que ela havia dormido. Ele ficaria ali, protegendo-a.

Não havia dúvida: ele precisava salvá-la. Se Elena queria um cavaleiro de armadura, alguém que a protegesse com nobreza, Damon podia fazer isso. Por que o maricas do Stefan teria toda a glória?

Mas ele não sabia o que ia acontecer agora. Apesar de Elena implorar a ele para não ir, a viagem à Dimensão das Trevas parecia o próximo passo lógico no combate a esse espectro. Mas como chegar lá? Não havia um caminho fácil. Ele não tinha tempo para fazer a jornada por um dos portais de novo, nem queria sair de perto de Elena por tempo suficiente para ir até lá. E ele não podia esperar encontrar, de novo e por acaso, algo tão útil quanto uma esfera estelar.

Além do mais, se ele fosse, a Dimensão das Trevas teria riscos especiais para ele agora. Damon achava que as Guardiãs não sabiam de sua volta dos mortos e não imaginava como elas reagiriam quando descobrissem. Preferia não descobrir. As Guardiãs não gostam muito dos vampiros e tendem a preferir que as coisas fiquem como devem ser. Pense em como despojaram Elena de seus Poderes quando ela chamou a atenção das Guardiãs.

Damon recurvou os ombros e afofou as penas iridescentes com irritação. Tinha de haver outro jeito.

Houve um leve farfalhar abaixo dele. Ninguém sem os ouvidos sensíveis de um vampiro teria ouvido, pois era cauteloso demais, porém Damon captou. Ele ficou atento e olhou incisivamente em volta. Ninguém atingiria sua princesa.

Ah. Damon relaxou de novo e bateu o bico, aborrecido. *Stefan.* A figura escura do irmão mais novo estava embaixo da árvore, com a cabeça tombada para trás, olhando com devoção para a janela escura de Elena. É claro que ele ficaria ali, postado para defendê-la contra todos os horrores da noite.

E num átimo Damon entendeu o que precisava fazer: se quisesse saber mais sobre o espectro, teria de se render.

Ele fechou os olhos, deixando que cada sentimento negativo que tinha por Stefan o tomasse. Como Stefan sempre pegava tudo o que Damon queria, roubando dele, se precisasse.

Maldito Stefan, pensou Damon com amargura. Se o irmão não tivesse chegado à cidade antes dele, Damon teria uma chance de fazer com que Elena se apaixonasse por ele primeiro, que fosse o objeto da completa devoção que via nos olhos dela quando ela olhava para Stefan.

Em vez disso, ali estava ele, em segundo lugar. Ele também não fora suficiente para Katherine; ela também queria o irmão. Elena, um tigre em comparação à gatinha que Katherine era, teria sido a parceira perfeita para Damon. Linda, forte, astuta, capaz de muito amor, eles teriam dominado a noite juntos.

Mas ela se apaixonara pelo covarde fracote de seu irmão mais novo. As garras de Damon cravaram no galho em que se empoleirava.

— Não é triste — sugeriu uma voz ao lado — como você tenta sempre, mas nunca tem o bastante da mulher que ama?

Um frio filete de névoa tocou sua asa. Damon endireitou-se e olhou em volta. A névoa escura serpenteava pelo marmeleiro, bem no nível de Damon. Abaixo, Stefan não percebera nada. A névoa procurava apenas Damon.

Com um sorriso particular, Damon sentiu a névoa envolvê-lo e tudo escureceu.

27

A manhã seguinte também foi quente. O ar estava tão espesso e úmido que o simples fato de andar pela rua já era desagradável, como ser esbofeteado com um pano de prato quente e molhado. Até dentro do carro, com o ar-condicionado ligado, Elena sentia seu cabelo normalmente liso frisar com a umidade.

Stefan apareceu na casa dela logo depois do café da manhã, desta vez com uma lista de ervas e suprimentos mágicos que a Sra. Flowers queria que eles comprassem na cidade para fazer novos feitiços de proteção.

Ao seguirem no carro, Elena observava pela janela as casas brancas e limpas e os gramados verdes e aparados da área residencial de Fell's Church que aos poucos dava lugar aos prédios de tijolos e vitrines de bom gosto do bairro comercial no centro da cidade.

Stefan estacionou na rua principal, na frente de uma pequena cafeteria bonitinha onde eles beberam cappuccinos juntos no último outono, pouco depois de ela descobrir o que ele era. Sentado a uma das mesinhas, Stefan lhe contou como fazer um cappuccino italiano tradicional, e isso o levou a reminiscências dos grandes banquetes de sua juventude durante o Renascimento: caldos aromáticos borrifados com sementes de romã; assados suculentos banhados com água de rosas; tortas com flores de sabugueiro e castanhas. Prato após prato de comidas temperadas, macias e suculentas que um italiano moderno jamais reconheceria como parte de sua cozinha natal.

Elena se assustou quando percebeu como o mundo ficou diferente desde a última vez que Stefan tinha ingerido comida humana. Ele falou de passagem que os garfos haviam acabado de entrar na moda

quando ele era jovem e que o pai os ridicularizava, considerando-os uma mania passageira dos ricos. Até Katherine levar uma influência mais moderna e refinada à casa, eles comiam apenas com colheres e facas afiadas para cortar. “Mas era elegante”, dissera ele, rindo da expressão de Elena. “Todos tínhamos excelentes maneiras à mesa. Você mal teria percebido.”

Na época, ela achava que as diferenças entre ele e os meninos que ela conhecia — o escopo de toda a história que ele testemunhou — eram românticas.

Agora... bem, agora ela não sabia o que pensar.

— Fica bem aqui, creio — disse Stefan, pegando-a pela mão e trazendo-a de volta ao presente. — A Sra. Flowers disse que uma loja esotérica abriu e que eles devem ter a maior parte das coisas de que precisamos.

A loja se chamava Spirit and Soul, era pequena mas vibrante, cheia de cristais e estatuetas de unicórnios, carta de tarô e apanhadores de sonhos. Tudo era pintado em tons de roxo e prata, e panôs de seda sopravam na brisa de um pequeno condicionador de ar no peitoril da janela. O ar-condicionado não era forte o suficiente para combater o calor pegajoso do dia, porém, e a baixinha de cabelos crespos e compridos e colares chocalhantes que saiu do fundo da loja parecia cansada e suarenta.

— Posso ajudá-los? — disse ela numa voz lenta e musical que Elena desconfiava ser adotada para combinar com a atmosfera da loja.

Stefan pegou uma folha de papel coberta com a letra embolada da Sra. Flowers e semicerrou os olhos para ela. Com ou sem visão de vampiro, decifrar a letra da Sra. Flowers podia ser um desafio.

Ah, Stefan. Ele era franco, doce e nobre. Sua alma de poeta brilhava por meio daqueles lindos olhos verdes. Ela não podia se arrepender de amar Stefan. Mas às vezes, no fundo, queria ter conhecido Stefan em uma forma menos complicada, que a alma e a inteligência, o amor e a paixão, a sofisticação e a gentileza de algum modo fossem possíveis na forma de um menino real de 18 anos; que ele fosse o que fingia ser quando ela o conheceu: misterioso e estrangeiro, mas humano.

— Tem alguma coisa feita de hematita? — perguntava ele agora. —

Uma joia, ou quem sabe uma bugiganga? E incenso com... — Ele franziu o cenho para ao papel. — Malva? É malva mesmo?

— Mas é claro! — disse a lojista com entusiasmo. — A malva é boa para proteção e segurança. E tem um cheiro ótimo. Os diferentes tipos de incenso estão aqui.

Stefan a seguiu, entrando mais na loja, mas Elena se demorou perto da porta. Estava exausta, embora o dia mal tivesse começado.

Havia uma arara de roupas perto da vitrine, e ela mexeu distraidamente ali, empurrando cabides de um lado para o outro. Viu um blusão rosa e leve, cravejado de espelhinhos, meio hippie, mas uma graça. *Bonnie ia gostar disso*, pensou Elena automaticamente, depois se encolheu.

Pela vitrine, ela vislumbrou um rosto que conhecia e se virou, com o cabide esquecido na mão.

Procurou o nome em sua mente. Tom Parker, era isso. Ela havia saído algumas vezes com ele no penúltimo ano, antes de ela e Matt ficarem juntos. Parecia fazer muito mais de um ano e meio. Tom foi bem simpático e era bem bonito, um encontro perfeitamente satisfatório, mas ela não sentiu uma centelha entre eles e, como disse Meredith, "praticou o pesque e solte" com ele, "libertando-o para nadar nas águas do namoro".

Mas ele era louco por *ela*. Mesmo depois de tê-lo liberado, ele ficava por perto, observando-a com olhos de cachorrinho, suplicando que ela o aceitasse de volta.

Se as coisas tivessem sido diferentes, se ela tivesse sentido alguma coisa por Tom, será que sua vida seria mais simples agora?

Ela observou Tom. Ele andava pela rua, sorridente, de mãos dadas com Marissa Peterson, a menina que ele começou a namorar perto do final do ano passado. Tom era alto e baixava a cabeça morena e desgrenhada para ouvir o que Marissa dizia. Eles sorriram um para o outro e ele ergueu a mão livre para puxar com gentileza e brincadeira uma mecha de seu cabelo comprido. Os dois pareciam felizes juntos.

Ora, que bom para eles. Era fácil ser feliz quando se estava apaixonado sem complicações, quando não havia nada mais difícil na vida do que um verão passado com os amigos antes de ir para a

universidade. Era fácil ser feliz quando eles nem conseguiam se lembrar do caos em que a cidade esteve antes de *Elena* os salvar. Eles não eram nem mesmo agradecidos. Tinham sorte também: não sabiam nada das trevas que espreitavam nas fronteiras de sua vida segura e ensolarada.

O estômago de Elena se retorceu. Vampiros, demônios, espectros, amores proibidos. Por que *ela* precisava lidar com tudo isso?

Ela escutou por um momento. Stefan ainda consultava a lojista e ela o ouviu dizer num tom preocupado, "Mas os ramos de tramazeira terão o mesmo efeito?", e a mulher responder num murmúrio tranquilizador. Ele ficaria ocupado por mais tempo, então. Só estava no primeiro terço da lista que a Sra. Flowers lhes dera.

Elena recolocou a blusa na arara e saiu da loja.

Com o cuidado de não ser vista pelo casal do outro lado da rua, ela os seguiu de longe, dando uma boa olhada em Marissa. Ela era magra, tinha sardas e um nariz meio arrebitado. Bem bonita, supôs Elena; tinha cabelos pretos, lisos e compridos, e lábios grossos, mas a boca não era exatamente atraente. E na escola também não era ninguém. Talvez fosse do time de vôlei. Anuário. Com notas passáveis, mas não estelares. Tinha amigos, mas não era popular. Um ou outro namoro, mas não uma menina que os garotos percebessem. Com um emprego de meio-expediente numa loja, ou talvez na biblioteca. Comum. Nada de especial.

Então por que essa Marissa comum e nada especial tinha uma vida descomplicada e leve enquanto Elena passava pelo inferno — literalmente — para ter o que Marissa parecia ter com Tom e ainda assim *não tinha*?

Uma brisa fria tocou a pele de Elena e ela estremeceu, apesar do calor da manhã. Ela olhou para cima.

Filetes escuros e frios de névoa vagavam em volta dela, mas o resto da rua estava tão ensolarado como alguns minutos antes. O coração de Elena começou a martelar antes de seu cérebro entender e perceber o que estava acontecendo. *Fuja!*, algo dentro dela gritou, porém era tarde demais. Seus braços e pernas de repente ficaram pesados como chumbo.

Uma voz fria e seca falou bem atrás dela, uma voz que parecia sinistramente a observadora dentro de sua própria mente, aquela que lhe dizia as verdades desagradáveis que ela não queria reconhecer.

— Por que — perguntou a voz — você só consegue amar monstros?

Elena não conseguiu se virar.

— Ou será que só os monstros conseguem amar você de verdade, Elena? — continuou a voz, assumindo um tom ligeiramente triunfante. — Todos aqueles meninos na escola, eles só queriam você como troféu. Viam seu cabelo dourado, seus olhos azuis e rosto perfeito e pensavam como seria bom ser visto com você nos braços.

Enrijecendo-se, Elena aos poucos se virou. Não havia ninguém ali, mas a névoa ficava mais densa. Uma mulher empurrando um carrinho passou por ela com um olhar plácido. Será que ela não via que Elena estava sendo envolvida em uma névoa? Elena abriu a boca para gritar, mas as palavras ficaram presas na garganta.

A névoa agora estava mais fria e parecia quase sólida, como se prendesse Elena. Com grande força de vontade, ela se obrigou a avançar, mas só conseguiu cambalear até o banco na frente de uma loja próxima. A voz falou novamente, sussurrando em seu ouvido, maliciosa.

— Eles nunca viram você, aqueles meninos. Meninas como Marissa, como Meredith, podem encontrar o amor e ser felizes. Só os monstros se dão ao trabalho de encontrar a verdadeira Elena. Coitadinha da Elena, você nunca será normal, não é? Não como as outras garotas. — A voz riu suavemente, com crueldade.

A névoa se adensava e pressionava em volta dela. Agora Elena não conseguia ver o resto da rua, nada além da escuridão. Tentou se levantar, avançar alguns passos, sacudir a névoa. Mas não conseguia se mexer. A névoa parecia um manto pesado que a mantinha presa, mas ela não conseguia tocá-la, não conseguia combatê-la.

Elena entrou em pânico, tentou mais uma vez se colocar de pé, abriu a boca para chamar *Stefan!*. Mas a névoa se torceu para dentro dela, através dela, inundando cada poro. Incapaz de lutar ou apelar a alguém, ela desmaiou.

***

Fazia um frio de congelar.

— Pelo menos desta vez estou de roupa — murmurou Damon, chutando um pedaço de madeira calcinada enquanto andava de um lado para o outro da superfície árida da Lua Negra.

O lugar começava a afetá-lo, ele tinha de admitir. Estivera vagando por essa paisagem desolada pelo que pareciam dias, embora a escuridão imutável ali lhe impossibilitasse saber com certeza quanto tempo se passara.

Quando despertou, Damon supusera que encontraria a ruivinha a seu lado, ansiosa por sua companhia e proteção. Mas ele voltou a si sozinho, deitado no chão. Sem espectro, sem donzela agradecida.

Ele franziu o cenho e meteu um pé vacilante no monte de cinzas que podia esconder um corpo, mas não se surpreendeu quando nada encontrou além de lama por baixo das cinzas, sujando mais suas botas antes polidas. Depois de ter chegado ali e começado a procurar por Bonnie, ele esperava que a qualquer momento pudesse dar com seu corpo inconsciente. Tinha uma forte imagem de como estaria Bonnie, pálida e silenciosa no escuro, os cachos longos e ruivos cobertos de cinzas. Mas agora ele começava a se convencer de que, para onde quer que o espectro tivesse levado Bonnie, ela não estava ali.

Ele tinha ido ali para ser um herói: derrotar o espectro, salvar a menina e, por fim, salvar a *sua* garota. *Que idiota*, pensou ele, torcendo o lábio diante da própria tolice.

O espectro não o levara para onde guardava Bonnie. Sozinho naquela pilha de cinzas da lua, ele se sentiu estranhamente rejeitado. O espectro não o queria?

Um forte vento repentino o empurrou, e Damon cambaleou alguns passos para trás antes de recuperar o equilíbrio. O vento lhe trouxe um som: seria um gemido? Ele alterou o rumo, recurvando-se e indo para onde pensava ser a origem do som.

Depois o som retornou, um gemido triste e soluçante que ecoava atrás dele.

Damon se virou, mas seus passos estavam mais curtos e menos

confiantes do que de costume. E se ele estivesse enganado e a bruxinha estivesse ferida e sozinha em algum lugar daquela lua esquecida?

Damon estava com uma fome terrível. Empurrou a língua contra os caninos doloridos e eles ficaram afiados como uma faca. Sua boca estava muito seca; ele imaginou o fluxo de sangue doce e suculento, a vida em si pulsando contra seus lábios. O gemido veio mais uma vez, agora da esquerda, e de novo ele se virou. O vento soprava em seu rosto, frio e úmido de névoa.

Isso tudo era culpa de Elena.

Ele era um monstro. Ele *devia* ser um monstro, tomar sangue sem se preocupar, matar sem pensar duas vezes e sem se importar. Mas Elena havia mudado tudo. Ela o fez querer protegê-la. Depois ele começou a cuidar dos amigos dela e por fim até salvou sua cidadezinha provinciana, quando qualquer vampiro de respeito teria ido embora muito tempo antes de os kitsune chegarem ou curtido a devastação com sangue quente nos lábios.

Ele fez tudo isso — mudou por *ela* — e ainda assim ela não o amava.

Não o bastante. Quando ele beijou o pescoço dela e afagou seu cabelo na outra noite, em quem ela estava pensando? No maricas do Stefan.

— É sempre Stefan, não é? — disse uma voz clara e fria atrás dele. Damon ficou paralisado, os pelos da nuca se eriçando.

— Tudo que você tentou tirar dele — continuou a voz —, você só estava lutando para equilibrar a balança, porque o fato é que ele tinha *tudo* e você não tinha nada. Você só queria que as coisas fossem justas.

Damon estremeceu, sem se virar. Ninguém jamais tinha compreendido isso. Ele só queria que as coisas fossem *justas*.

— Seu pai gostava muito mais dele do que de você. Você sempre soube disso — continuava a voz. — Você era o mais velho, o herdeiro, mas era Stefan que seu pai amava. E, no amor, você sempre estava dois passos atrás de Stefan. Katherine já o amava quando você a conheceu; a mesma triste história se repetiu com Elena. Elas dizem que o amam, essas suas meninas, mas elas nunca o amaram mais, nem

melhor, nem apenas você, nem mesmo quando você lhes deu todo seu coração.

Damon estremeceu novamente. Sentiu uma lágrima escorrer pelo rosto e, enfurecido, enxugou-a.

— E sabe por que é assim, não sabe, Damon? — prosseguia a criatura suavemente. — Stefan. Stefan sempre tomou o tudo que você queria. Ele conseguia as coisas que você queria antes mesmo que você as visse, e nada deixava para você. Elena não ama você. Ela nunca amou e jamais amará.

Algo se rompeu dentro de Damon com as palavras da criatura, e de imediato ele voltou a si. Como o espectro se atrevia a fazê-lo questionar o amor de Elena? Era a única coisa verdadeira que ele conhecia.

Uma brisa fria agitou as roupas de Damon. Ele não ouvia mais o gemido. E tudo ficou silencioso.

— Sei o que está fazendo — rosnou Damon. — Acha que pode me enganar? Pensa que pode me colocar contra Elena?

Um passo suave e molhado na lama soou atrás dele.

— Ah, pequeno vampiro — disse a voz com zombaria.

— Ah, pequeno espectro — respondeu Damon, no mesmo tom da criatura. — Você não tem ideia do erro que acaba de cometer. — Preparando-se para saltar, ele girou o corpo, com as presas totalmente à mostra. Mas, antes que conseguisse investir, mãos frias e fortes se apoderaram de seu pescoço e o puxaram no ar.

— Eu também recomendaria enterrar pedaços de ferro em volta do que estiver tentando proteger — sugeriu a lojista. — As ferraduras são tradicionais, mas qualquer coisa feita de ferro, em especial redonda ou curva, serve. — Ela passou por várias fases de incredulidade enquanto Stefan tentava comprar o que parecia cada objeto, erva ou encantamento relacionado à proteção na loja, e agora tornara-se loucamente prestativa.

— Acho que já tenho tudo de que preciso por ora — disse Stefan educadamente. — Muito obrigado por sua ajuda.

As covinhas da mulher brilhavam enquanto ela batia as compras de

Stefan na antiquada caixa registradora da loja, e ele também sorriu. Ele achava que tinha conseguido decifrar corretamente cada item da lista da Sra. Flowers e sentiu orgulho de si mesmo.

Alguém abriu a porta para entrar e uma brisa fria soprou na loja, balançando os objetos de magia e fazendo bater os panôs.

— Você sentiu isso? — perguntou a lojista. — Acho que está vindo uma tempestade. — Seu cabelo, apanhado pelo vento, se abriu no ar.

Stefan, prestes a dar uma resposta simpática, olhou apavorado. O cabelo comprido, suspenso por um momento, torceu seus fios em uma mecha enroscada que dizia, claramente e lhe dando arrepios:

matt

Mas, se o espectro encontrara um novo alvo, isso significava que Elena...

Stefan girou o corpo, olhando freneticamente para a frente da loja. Elena não estava ali.

— Está tudo bem? — perguntou a lojista enquanto Stefan olhava em volta. Ignorando-a, ele correu para a porta da loja, procurando em cada corredor, em cada canto.

Stefan deixou seu Poder se espalhar, procurando um vestígio da presença distinta de Elena. Nada. Ela não estava na loja. Como ele não percebeu que ela saíra?

Ele apertou os olhos com os punhos até que estrelinhas explodiram por baixo das pálpebras. Era culpa dele. Não vinha se alimentando de sangue humano, e seus poderes estavam dolorosamente reduzidos. Por que ele se deixou ficar tão fraco? Se estivesse com toda sua força, teria percebido de pronto que ela saíra. Era egoísmo ceder a sua consciência quando havia pessoas a proteger.

— Você está bem? — perguntou a mulher de novo. Ela o seguira pelos corredores da loja, segurando sua sacola, e olhava para ele com ansiedade.

Stefan pegou a sacola.

— A garota que estava comigo — disse ele com urgência. — Viu para onde ela foi?

— Ah — respondeu a mulher de cenho franzido. — Ela saiu quando fomos ver a seção de incensos.

Há muito tempo. Até a lojista tinha visto Elena saindo.

Stefan assentiu rispidamente em gratidão antes de sair a passos largos para a luz ofuscante do sol. Olhou freneticamente para os dois lados da rua principal.

Sentiu uma onda de alívio quando a viu sentada num banco na frente da drogaria, a alguns metros dali. Mas então observou sua postura arriada, a linda cabeça loura pousada flácida sobre um dos ombros.

Stefan chegou a seu lado num átimo, grato por encontrá-la respirando, superficial mas regularmente, e com a pulsação forte. Mas ela estava inconsciente.

— Elena — chamou ele, afagando-lhe gentilmente o rosto. — Elena, acorde. Volte para mim. — Ela não se mexia. Ele sacudiu o braço dela com mais força. — Elena! — O corpo caiu no banco, mas nem a respiração nem a batida firme do coração se alteraram.

Exatamente como Bonnie. O espectro tinha pegado Elena, e Stefan sentiu algo dentro dele se partir em dois. Ele não conseguira protegê-la, não conseguira proteger nenhuma das duas.

Stefan colocou a mão gentilmente sob o corpo de Elena, pegando sua cabeça de forma protetora na outra mão em concha, e a puxou para seus braços. Aninhou-a contra ele e, canalizando o pouco Poder que lhe restava para a velocidade, começou a correr.

Meredith olhou o relógio no pulso pelo que parecia a centésima vez, perguntando-se por que Stefan e Elena ainda não tinham voltado.

— Não consigo entender essa palavra — reclamou Matt. — Eu juro que pensei que a *minha* letra fosse ruim. Parece que Caleb escreveu isso de olhos fechados. — Ele andara passando a mão no cabelo, de frustração, e os fios estavam espetados e ele tinha leves olheiras azuladas.

Meredith tomou um gole de café e estendeu a mão. Matt lhe passou o caderno que estivera examinando. Eles tinham descoberto que ela lia melhor a letra miúda e torta de Caleb.

— Acho que isso é um O — disse ela. — *Deosil* é uma palavra?

— Sim — disse Alaric, sentando-se um pouco mais reto. —

Significa no sentido horário. Representa a transformação da energia espiritual em formas físicas. Talvez haja alguma coisa aí. Posso ver?

Meredith lhe entregou o caderno. Seus olhos estavam ardendo e os músculos, rígidos de ficar sentada a manhã toda vendo os cadernos, recortes e fotos de Caleb. Ela rodou os ombros para a frente e para trás, alongando-se.

— Não — disse Alaric depois de ler por alguns minutos. — Não serve. Só fala de lançar um círculo mágico.

Meredith estava prestes a falar quando Stefan apareceu na porta, pálido e de olhos arregalados. Elena estava inconsciente em seus braços. Meredith deixou cair a xícara de café.

— Stefan! — exclamou ela, olhando apavorada. — O que aconteceu?

— O espectro a pegou — disse Stefan, com a voz embargada. — Não sei como.

Meredith achou que ia desmaiar.

— Ah, não, ah, não. — Ela se ouviu dizer numa voz fininha e sufocada. — Elena também não.

Matt se levantou furioso.

— Por que você não o impediu? — perguntou ele, num tom acusador.

— Não temos tempo para isso — disse Stefan friamente e passou por eles em direção à escada, agarrado protetoramente a Elena. Num acordo silencioso, Matt, Meredith e Alaric o seguiram até o quarto onde Bonnie dormia.

A Sra. Flowers estava tricotando junto à cama, e sua boca se abriu num O de desânimo quando ela viu quem Stefan carregava. Stefan colocou Elena gentilmente no outro lado da cama de casal, junto da forma mínima e pálida de Bonnie.

— Desculpe — disse Matt devagar. — Eu não devia ter culpado você. Mas... o que houve?

Stefan se limitou a dar de ombros, desmoralizado.

O coração de Meredith se apertou no peito ao ver as duas melhores amigas deitadas ali como bonecas de trapos. Elas estavam tão imóveis. Mesmo dormindo, Elena sempre era mais móvel, mais expressiva do

que isso. Durante umas mil festinhas de pijama, desde quando elas eram pequenas, Meredith vira Elena adormecida sorrir, se enrolar mais nos cobertores, aninhar o rosto nos travesseiros. Agora o calor rosa-dourado-e-creme de Elena parecia desbotado e frio.

E *Bonnie*, que era tão vibrante e de movimentos rápidos, que mal conseguia ficar parada por mais de um ou dois segundos na vida. Agora estava imóvel, paralisada, quase sem cor, exceto pelos pontos pretos de suas sardas nas bochechas pálidas e a mecha brilhante de cabelo ruivo no travesseiro. Se não fosse pelo leve subir e descer do peito, as duas meninas podiam ser manequins.

— Não sei — disse Stefan de novo, as palavras revelando mais pânico desta vez, e levantou a cabeça, encontrando os olhos de Meredith. — Não sei o que fazer.

Meredith deu um pigarro.

— Ligamos para o hospital para saber de Caleb enquanto vocês estavam fora — disse ela com cuidado, sabendo que efeito suas palavras teriam. — Ele teve alta.

Os olhos de Stefan faiscaram de um jeito homicida.

— Acho — disse ele, a voz tão cortante quanto uma navalha — que devemos fazer uma visita a Caleb.

Elena estava suspensa na escuridão. Mas não se sentia alarmada. Era como flutuar devagar sob água quente, oscilando gentilmente com a corrente, e parte dela se perguntava distante e sem medo se era possível que ela nunca tivesse saído do poço da cachoeira de Hot Springs. Será que ela esteve flutuando e sonhando esse tempo todo?

De repente ela acelerou, investiu para a frente e abriu os olhos para a ofuscante luz do dia, engolindo uma golfada de ar longa e trêmula.

Olhos castanho-escuros sinceros e preocupados fitavam os dela em um rosto lívido pairando acima.

— Bonnie? — Elena ofegou.

— Elena! Graça a Deus — exclamou Bonnie, pegando-a pelos braços com um aperto firme. — Estou sozinha aqui há dias e mais dias, ou o que parecem dias e mais dias, porque a luz nunca muda, então não sei dizer pelo sol. E não tem nada para *fazer* aqui. Nem

imagino como sair, e não há nada para comer, embora eu estranhamente não sinta fome, então acho que isso não importa. Tentei dormir para passar o tempo, mas também não fico cansada. E de repente você estava aqui, e fiquei tão feliz em te ver, mas você não acordava e eu estava começando a ficar muito preocupada. O que está *acontecendo*?

— Não sei — Elena estava grogue. — A última coisa de que me lembro é de estar num banco. Acho que fui apanhada por um tipo de névoa mística.

— Eu também! — exclamou Bonnie. — Não a parte do banco, mas da névoa. Eu estava no meu quarto, no pensionato, e uma névoa esquisita me pegou. — Ela estremeceu teatralmente. — Eu não conseguia me mexer de jeito nenhum. E sentia tanto frio. — De repente, seus olhos se arregalaram de culpa. — Eu estava fazendo um feitiço quando aconteceu, e algo apareceu atrás de mim e me disse coisas. Coisas horríveis.

Elena estremeceu.

— Eu também ouvi uma voz.

— Acha que eu... libertei alguma coisa? Quando estava fazendo o feitiço? Tenho pensado que talvez eu possa ter feito isso por acidente. — O rosto de Bonnie estava branco.

— Não foi sua culpa — Elena a tranquilizou. — Achamos que foi o espectro... a coisa que está causando os acidentes... que roubou seu espírito para usar seu poder. E agora me pegou, pelo que vejo.

Ela contou rapidamente a Bonnie sobre o espectro, depois se apoiou nos cotovelos e realmente olhou em volta pela primeira vez.

— Nem acredito que estamos aqui de novo.

— Onde? — perguntou Bonnie, ansiosa. — Onde estamos?

Era o meio do dia, e o céu azul e ensolarado se estendia luminoso no alto. Elena tinha certeza de que sempre era meio-dia ali: certamente era, na última vez em que esteve nesse lugar. Elas estavam num campo largo e comprido que parecia continuar para sempre. Pelo que Elena podia ver, havia arbustos altos — roseiras com flores perfeitas pretas e aveludadas.

Rosas da meia-noite. As rosas mágicas cultivadas para conter

feitiços que só podiam ser invocados pelos kitsune. Um kitsune tinha enviado a Stefan uma dessas rosas, com um feitiço para torná-lo humano, mas Damon a interceptou por acidente, para desespero dos dois irmãos.

— Estamos no campo de rosas mágicas dos kitsune, aquele depois do Portão dos Sete Tesouros — disse ela a Bonnie.

— Ah. — Bonnie pensou por um momento e perguntou, desesperançosa: — O que estamos fazendo aqui? O espectro é um kitsune?

— Não acho que seja — respondeu Elena. — Talvez este seja só um lugar conveniente para nos guardar.

Elena respirou fundo. Bonnie era uma boa pessoa para se ter como companhia numa crise. Não boa como Meredith — o jeito de Meredith era planejar e fazer coisas —, mas boa no sentido de que Bonnie olhava para Elena com confiança, com aqueles olhos grandes e inocentes, e fazia perguntas, acreditando que Elena saberia as respostas. E Elena de imediato se sentia competente e protetora, como se fosse capaz de lidar com o problema em que estivessem envolvidas. Como agora. Com Bonnie dependendo dela, a mente de Elena trabalhava com mais clareza do que tinha trabalhado durante dias. A qualquer momento ela pensaria em um plano para tirá-las dali. A qualquer momento, Elena tinha certeza.

Os dedos frios e pequenos de Bonnie procuraram a mão de Elena.

— Elena, nós estamos mortas? — perguntou baixinho e com um tremor na voz.

Estamos mortas?, perguntou-se Elena. Ela achava que não. Bonnie estava viva depois que o espectro a pegara, mas não despertava. Era mais provável que seus espíritos tivessem viajado para lá no plano astral e seus corpos estivessem em Fell's Church.

— Elena? — repetiu Bonnie com ansiedade. — Acha que estamos mortas?

Elena abriu a boca para responder quando um som rangido e estrondoso a interrompeu. As roseiras perto delas começaram a se debater violentamente, e houve um grande silvo que parecia vir de todo lado ao mesmo tempo. O ruído de galhos quebrados era

ensurdecedor, como se algo imenso estivesse abrindo caminho pela vegetação. Em volta delas, galhos espinhosos de roseiras agitavam-se, embora não houvesse vento. Ela gritou quando um dos galhos bateu em seu braço, cortando sua pele.

Bonnie soltou um gemido, e o coração de Elena batia duas vezes mais rápido no peito. Ela girou o corpo, empurrando Bonnie para trás dela. Cerrou as mãos em punhos e se agachou, tentando se lembrar do que Meredith lhe ensinara sobre como combater um agressor. Mas, ao olhar em volta, só conseguia ver quilômetros de rosas. Rosas pretas e perfeitas.

Bonnie soltou um leve gemido e se apertou mais contra as costas de Elena.

De repente, Elena sentiu um puxão forte e doloroso, como se algo estivesse sendo arrancado lenta mas firmemente de seu tronco. Ela arquejou e cambaleou, levando as mãos ao estômago. *Acabou*, pensou ela num torpor, sentindo que cada osso de seu corpo estava sendo reduzido a uma polpa. *Eu vou morrer*.

28

Ninguém atendeu à porta na casa dos Smallwood. A entrada de carros estava vazia e a casa parecia deserta, com as persianas fechadas.

— Talvez Caleb não esteja aqui — disse Matt, nervoso. — Ele pode ter ido para outro lugar quando saiu do hospital?

— Eu sinto o *cheiro* dele. Estou ouvindo sua respiração — grunhiu Stefan. — Ele está aqui, isso é certo. Está escondido.

Matt nunca vira Stefan demonstrar tanta raiva. Seus olhos verdes em geral calmos brilhavam de fúria, e as presas pareciam se estender involuntariamente, as pontinhas afiadas aparecendo sempre que ele abria a boca. Stefan pegou Matt olhando para elas e franziu o cenho, passando a língua pelos caninos com certo constrangimento.

Matt olhou para Alaric, que ele pensava ser o único outro humano normal que restava no grupo, mas Alaric observava Stefan com o que era claramente fascínio, e não alarme. *Então também não é inteiramente normal*, pensou Matt.

— Podemos entrar — disse Meredith calmamente. Ela olhou para Alaric. — Me avise se vier alguém. — Ele assentiu e se posicionou para bloquear a visão de quem passasse pela calçada. Com uma eficiência tranquila, Meredith meteu uma ponta do bastão de combate na fresta da porta da frente e começou a arrombá-la.

A porta era de carvalho pesado, claramente com duas trancas e uma corrente por dentro, e resistiu à alavanca de Meredith. Ela xingou, depois murmurou, “Anda, anda”, redobrando os esforços. As trancas e a corrente cederam de repente contra sua força e a porta se abriu, batendo na parede.

— Grande entrada silenciosa — disse Stefan. Ele se remexia indócil na porta enquanto os outros passavam por ele.

— Você está convidado a entrar — chamou Meredith, mas Stefan meneou a cabeça.

— Não posso — disse ele. — Só funcionaria se você morasse aqui.

Os lábios de Meredith se apertaram, e ela se virou e correu escada acima. Houve um breve grito de surpresa e um baque surdo. Alaric olhou para Matt, nervoso, e depois para o andar de cima.

— Devemos ajudá-la? — perguntou ele.

Antes que Matt pudesse responder — e ele tinha certeza de que não era Meredith que precisava de ajuda —, ela voltou, empurrando Caleb escada abaixo, torcendo um dos braços dele com força nas costas.

— Convide-o a entrar — ordenou ela enquanto Caleb cambaleava até o pé da escada. Caleb meneou a cabeça, e ela puxou seu braço tão alto que ele gritou de dor.

— Não convido — forçou ele teimosamente. — Você não pode entrar. — Meredith o empurrou na direção de Stefan, parando-o no limite da porta da frente.

— Olhe para mim — disse Stefan suavemente, e os olhos de Caleb voltaram-se para os dele. As pupilas de Stefan se dilataram, o preto engolindo as íris verdes, e Caleb sacudiu a cabeça freneticamente, mas parecia incapaz de deixar de fitar seus olhos.

— Deixe-me. Entrar — ordenou Stefan.

— Entre, então — disse Caleb de mau humor. Meredith o soltou e seus olhos clarearam. Ele se virou e correu escada acima.

Stefan passou pela porta como se tivesse sido disparado por um canhão e subiu a escada. Seus movimentos suaves e furtivos lembravam Matt de um predador — um leão ou tubarão. Matt estremeceu. Às vezes ele se esquecia como Stefan era verdadeiramente perigoso.

— É melhor eu ir com ele — disse Meredith. — Não queremos que Stefan faça nada de que vá se arrepender. — Ela fez uma pausa. — Não antes de descobrirmos o que precisamos saber, na verdade. Alaric, você é um dos que mais entende de magia, então venha comigo. Matt, fique de olho na rua e nos avise se os Smallwood estiverem chegando.

— Ela e Alaric seguiram Stefan escada acima.

Matt esperou que começasse uma gritaria, mas um silêncio agourento permanecia lá em cima. Vigiando a entrada de carros pelas janelas da frente, Matt andava pela sala de estar. Antigamente, ele e Tyler tinham sido amigos, pelo menos costumavam sair juntos, porque os dois eram estrelas do time de futebol. Eles se conheciam desde o colégio.

Tyler bebia demais, farreava demais, era nojento e sexista com as garotas, mas havia algo nele que Matt às vezes gostava. Era o modo como ele se jogava nas coisas, fosse se atracando com um quarterback do time adversário ou dando a festa mais louca que qualquer um já vira. Ou a vez em que eles estavam na sétima série e ele ficou obcecado em ganhar no *Street Fighter* no PlayStation 2. Todo dia ele recebia Matt e os outros da turma, todos passando horas sentados no chão do quarto de Tyler, comendo batatas fritas, falando besteira e apertando os botões do joystick até que Tyler entendeu como ganhar todas as lutas.

Matt soltou um suspiro e olhou pela janela da frente de novo.

Houve um barulho abafado no segundo andar, e ele ficou paralisado. Silêncio.

Ao se virar para andar pela sala de novo, Matt percebeu uma foto específica em meio à fila arrumada de porta-retratos em cima do piano. Ele atravessou a sala e o pegou.

Devia ser o banquete do time de futebol, no penúltimo ano. Na foto, o braço de Matt estava em volta de Elena, que ele namorava na época, e ela sorria para ele. Ao lado deles estava Tyler, de mãos dadas com uma menina de cujo nome Matt não se lembrava. Alison, talvez, ou Alicia. Ela era mais velha do que eles, do último ano, e tinha se formado naquele ano e saído da cidade. Todos estavam produzidos, ele e Tyler de paletó e gravata, as meninas com roupas de festa. Elena usava um vestido branco, curto e enganadoramente simples, e estava tão linda que tirou o fôlego de Matt.

As coisas na época eram tão fáceis. O quarterback e a menina mais bonita da escola. Eles formavam o casal perfeito.

E foi então que Stefan chegou à cidade, murmurou para ele uma voz

fria e mecânica, *e destruiu tudo*.

Stefan, que fingia ser amigo de Matt. Stefan, que fingia ser humano.

Stefan, que perseguiu a namorada de Matt, a única garota por quem Matt realmente foi apaixonado. Provavelmente a única por quem ele sentiria isso na vida. É verdade que eles terminaram pouco antes de Elena conhecer Stefan, mas Matt poderia ter conseguido Elena de volta, se não fosse por ele.

A boca de Matt se retorceu e ele jogou a foto no chão. O vidro não se quebrou e a foto ficou deitada ali: Matt, Elena, Tyler e a garota cujo nome ele não se lembrava sorrindo inocentemente para o teto, sem saber do que aconteceria no futuro, do caos que surgiria menos de um ano depois. Por causa de Stefan.

Stefan. O rosto de Matt estava quente de raiva. Havia um zumbido em sua cabeça. Stefan, o traidor. Stefan, o monstro. Stefan, que roubou a garota de Matt.

Matt pisou deliberadamente na foto e a esmagou sob o calcanhar. A moldura de madeira se quebrou. A sensação do vidro se espatifando sob seu pé foi estranhamente satisfatória.

Sem olhar para trás, Matt andou pela sala de estar em direção à escada. Era hora de lidar com o monstro que tinha estragado sua vida.

— Confesse! — rosnava Stefan, fazendo o máximo para influenciar Caleb. Mas ele estava muito fraco, e Caleb ainda erguia bloqueios mentais. Não havia dúvida, o garoto tinha acesso ao Poder.

— Não sei do que está falando — disse Caleb, com as costas pressionadas contra a parede como se pudesse cavar um túnel e entrar nele. Seus olhos se alternavam, nervosos, do rosto furioso de Stefan para o de Meredith, que equilibrava o bastão entre as mãos, pronta para atacar, e voltavam a Stefan. — Se me deixarem em paz, não vou chamar a polícia. Não quero problemas.

Caleb parecia mais pálido e mais baixo do que Stefan se lembrava. Havia hematomas em seu rosto, e um dos braços estava engessado e escorado por uma tipoia. Apesar de tudo, Stefan sentia uma pontada de culpa ao olhar para ele.

Ele não é humano, lembrou a si mesmo.

Mas... Caleb também não parecia muito lupino, para um lobisomem. Não deveria haver um pouco mais do animal dentro dele? Stefan não conhecia muitos lobisomens, mas Tyler tinha dentes grandes e mal conseguia reprimir a agressividade.

Ao lado, Alaric piscava para o garoto ferido. Tombando a cabeça de lado e examinando-o, ele ecoou os pensamentos de Stefan, perguntando ceticamente:

— Tem certeza de que ele é um lobisomem?

— Um *lobisomem*? — indagou Caleb. — Vocês estão todos loucos?

Mas Stefan observava Caleb com atenção e viu uma faísca mínima nos olhos de Caleb.

— Você está mentindo — disse Stefan friamente, sondando com a mente mais uma vez, enfim encontrando uma brecha nas defesas de Caleb. — Você não acha que somos loucos. Só está surpreso por sabermos de você.

Caleb suspirou. Seu rosto ainda estava branco e tenso, mas uma certa falsidade transpareceu enquanto Stefan falava. Seus membros arriaram e ele se afastou um pouco da parede, de cabeça baixa.

Meredith se retesou, pronta para atacar, enquanto ele avançava. Ele parou e ergueu as mãos.

— Não vou tentar nada. E não sou um lobisomem. Mas, sim, eu sei que Tyler é e acho que vocês também sabem disso.

— Você tem o gene dos lobisomens — disse Stefan. — Pode muito bem ser um lobisomem também.

Caleb deu de ombros e olhou bem nos olhos de Stefan.

— Acho que sim. Mas não aconteceu comigo; aconteceu com Tyler.

— *Aconteceu?* — perguntou Meredith, com a voz elevada de indignação. — Sabe o que Tyler fez para se tornar lobisomem?

Caleb a olhou com cautela.

— O que ele fez? Tyler não fez nada. A maldição da família o pegou, só isso. — Seu rosto estava sombrio e angustiado.

Stefan atenuou o tom, contra a própria vontade.

— Caleb, você tem que matar alguém para se tornar lobisomem, mesmo que carregue o gene. A não ser que tenha sido mordido por um

lobisomem, há certos rituais que devem ser realizados. Rituais de *sangue*. Tyler matou uma menina inocente.

Os joelhos de Caleb pareceram ceder, e ele escorregou para o chão com um baque abafado. Parecia enjoado.

— Tyler não faria isso — disse ele, mas a voz não estava firme. — Tyler foi como um irmão para mim depois que meus pais morreram. Ele não mataria ninguém. Não acredito em você.

— Ele matou — confirmou Meredith. — Tyler assassinou Sue Carson. Negociamos para que ela voltasse a viver, mas isso não altera o fato de que ele a matou.

A voz de Meredith tinha o tom inconfundível da verdade, e toda a luta pareceu escapar de Caleb. Ele afundou ainda mais e colocou a testa nos joelhos.

— O que vocês querem de mim?

Ele parecia tão magro e amarfanhado desse jeito que, apesar da urgência de sua missão, Stefan foi distraído.

— Você não era mais alto? — perguntou. — Maior? Mais... seguro? Da última vez que o vi, quero dizer.

Caleb murmurou alguma coisa entre os joelhos, abafado e distorcido demais para que mesmo um vampiro conseguisse entender.

— O quê? — perguntou Stefan.

Caleb levantou a cabeça, com o rosto manchado de lágrimas.

— Foi um encantamento, está bem? — respondeu com amargura. — Eu me fiz parecer melhor porque queria que Elena me quisesse. — Stefan pensou no rosto reluzente e saudável de Caleb, em sua altura, no halo de cachos dourados que o coroava. Não admirava que ele parecesse suspeito; no subconsciente, Stefan deve ter percebido que era improvável que um humano comum tivesse a aparência de um arcanjo. *Não admira que ele fosse muito mais leve do que eu esperava quando o joguei no cemitério*, pensou Stefan.

— Então você usa magia, mesmo não sendo um lobisomem? — perguntou Meredith rapidamente.

Caleb deu de ombros.

— Vocês já sabiam disso — respondeu ele. — Eu vi o que fizeram na minha oficina no telheiro. O que mais querem de mim?

Meredith avançou um passo como advertência, com o bastão pronto, o olhar claro e impiedoso, e Caleb se encolheu para longe dela.

— O que queremos — disse ela, enunciando cada palavra distintamente — é que você nos diga como invocou o espectro e como podemos nos livrar dele. Queremos nossos amigos de volta.

Caleb a fitou.

— Eu juro que não sei do que está falando.

Stefan foi até o outro lado de Caleb, mantendo-o desequilibrado a ponto de os olhos do garoto ficarem alternando nervosamente entre Stefan e Meredith.

Depois Stefan parou. Via que Caleb parecia genuinamente confuso. Seria possível que ele estivesse dizendo a verdade? Stefan se ajoelhou para ficar no mesmo nível dos olhos de Caleb e tentou um tom mais brando.

— Caleb? — chamou ele, esgotando o que lhe restava do Poder para influenciar o garoto a falar. — Pode nos dizer que tipo de magia você fez? Algo com as rosas, não é? Para que servia o feitiço?

Caleb engoliu em seco, com o pomo de Adão subindo e descendo.

— Eu precisava descobrir o que tinha acontecido com Tyler. Então vim passar o verão aqui. Ninguém parecia preocupado, mas eu sabia que Tyler não teria sumido à toa. Tyler falava de você. De todos vocês, e de Elena Gilbert. Tyler odiava você, Stefan, e no início ele gostava de Elena, depois passou a odiá-la de verdade também. Quando vim para cá, porém, todo mundo sabia que Elena Gilbert morrera. A família dela ainda estava de luto. E você havia sumido, Stefan; tinha saído da cidade. Tentei juntar as peças sobre o que acontecera... havia umas histórias muito estranhas... e depois um monte de outras esquisitices aconteceram na cidade. Violência, meninas enlouquecendo, filhos atacando os pais. E, de repente, tudo acabou; simplesmente parou, e era como se eu fosse o único que se lembrava do que tinha acontecido. Mas eu também me lembrava de um verão normal. Elena Gilbert estava aqui o tempo todo e ninguém achava nada de mais, porque não se lembravam que ela havia morrido. Só eu parecia ter duas memórias. As pessoas que eu vi sendo agredidas —

ele estremeceu com a lembrança — ou sendo mortas estavam bem de novo. Parecia que eu ia enlouquecer.

Caleb tirou o cabelo louro-escuro do rosto, esfregou o nariz e respirou fundo.

— O que quer que estivesse acontecendo, eu sabia que você e Elena eram o centro de tudo. As diferenças entre as lembranças me diziam isso. E eu deduzi que vocês também deviam ter ligação com o desaparecimento de Tyler. Ou tinham feito alguma coisa com ele ou sabiam alguma coisa sobre o que acontecera. Eu deduzi que, se eu separasse vocês de seus amigos, algo surgiria. Depois que um se colocasse contra o outro, eu poderia descobrir o que estava acontecendo. Talvez conseguisse que Elena se apaixonasse por mim com um encantamento, ou uma das outras meninas. Eu só precisava saber. — Ele olhou de um para outro. — O feitiço da rosa devia deixar vocês irracionais, voltando-se um contra o outro.

Alaric franziu o cenho.

— Quer dizer que não invocou nada?

Caleb meneou a cabeça.

— Olhe — disse ele, pegando um volume grosso com capa de couro embaixo da cama. — O feitiço que usei está aqui. Foi só isso que eu fiz, é sério.

Alaric pegou o livro e o folheou até encontrar o feitiço certo. Examinou-o, com a testa vincada, e falou.

— Ele está dizendo a verdade. Não há nada sobre invocação de um espectro neste livro. E o feitiço aqui combina com o que vimos na oficina de Caleb e com o que estive lendo em seus cadernos. Esse feitiço da rosa é um feitiço de discórdia muito leve; tornaria qualquer emoção negativa que estivéssemos sentindo... raiva, ódio, ciúme, medo, tristeza... um pouco mais forte, aumentando a probabilidade de culparmos uns aos outros por qualquer coisa que desse errado.

— Mas, combinado com os poderes do espectro que pode estar rondando por aqui, o feitiço se tornou um círculo vicioso, como a Sra. Flowers disse que podia acontecer, fortalecendo nossas emoções e tornando o espectro mais poderoso — disse Stefan devagar.

— Ciúme — disse Meredith, pensativa. — Sabe de uma coisa, odeio

admitir, mas tive um ciúme horrível de Celia quando ela estava aqui. — Ela olhou para Alaric, desculpando-se, e ele tocou em sua mão delicadamente.

— Ela também tinha ciúmes de você — revelou Stefan sem rodeios. — Eu podia sentir. — Ele suspirou. — E eu também andei sentindo ciúmes.

— Então talvez seja um espectro do ciúme? — indagou Alaric. — Que bom, isso nos dará mais base para a pesquisa sobre a anulação de feitiços. Embora eu não tenha sentido ciúme nenhum.

— Claro que não — disse Meredith, incisiva. — Você é o motivo da briga entre duas mulheres.

De repente, Stefan ficou tão exausto que suas pernas tremeram. Ele precisava se alimentar imediatamente. Assentiu sem jeito para Caleb.

— Desculpe... pelo que aconteceu.

Caleb olhou para ele.

— Por favor, me diga o que houve com Tyler — implorou. — Preciso saber. Vou deixar vocês em paz se me disserem a verdade, eu prometo.

Meredith e Stefan se entreolharam, e Stefan ergueu um pouco a sobrancelha.

— Tyler estava vivo quando saiu da cidade no inverno passado — disse Meredith devagar. — Isso é tudo que sabemos sobre ele, eu juro.

Caleb a olhou por um bom tempo, depois assentiu.

— Obrigado — disse apenas.

Meredith assentiu para ele rispidamente, como um general reconhecendo as tropas, e foi a primeira a sair do quarto.

Nesse momento, um grito abafado e entrecortado veio do primeiro andar, seguido de um baque. Stefan e Alaric correram atrás de Meredith escada abaixo, quase esbarrando nela quando ela parou de repente.

— O que foi? — perguntou Stefan. Meredith deu um passo de lado.

Matt estava deitado de rosto para baixo no pé da escada, com os braços esticados, como se quisesse se equilibrar. Meredith avançou rapidamente pelo resto da escada e o virou com gentileza.

Seus olhos estavam fechados, o rosto lívido. Ele respirava, devagar

mas respirava. Meredith sentiu a pulsação, depois o sacudiu delicadamente pelo ombro.

— Matt — chamou. — Matt! — Ela olhou para Stefan e Alaric. — Igual aos outros — disse ela com melancolia. — O espectro o pegou.

29

Não vou morrer... de novo, não, pensou Elena furiosamente enquanto se retorcia de dor, as garras invisíveis apertando-se ainda mais nela.

Bonnie caiu na relva, ainda mais pálida do que antes, agarrando o estômago em uma imagem especular de Elena.

Não pode me pegar!

E então, tão rapidamente quanto havia começado, o ronco ensurdecedor cessou e a dor esmagadora passou. Elena desabou no chão, com o ar voltando num silvo aos pulmões. *Terminou de moer ossos para fazer seu pão*, pensou Elena com certa histeria, e quase riu.

Bonnie arquejou alto, soltando um pequeno soluço.

— O que foi isso? — perguntou Elena.

Bonnie balançou a cabeça.

— Parecia que alguma coisa estava sendo arrancada de dentro de nós — respondeu ela, ofegante. — Já senti isso, pouco antes de você aparecer.

— A sensação de puxão. — Elena fez uma careta, com a mente girando. — Acho que é o espectro. Damon disse que ele quer esgotar nosso poder. Deve ser assim que ele faz.

Bonnie a encarava com os lábios levemente separados, então sua língua cor-de-rosa disparou para fora e os lambeu.

— *Damon* disse? — Ela franziu o cenho, ansiosa. — Damon está morto, Elena.

— Não, está vivo. A esfera estelar o trouxe de volta depois que já tínhamos saído da Lua Negra. Eu descobri depois que o espectro pegou você.

Bonnie soltou um ruído, uma espécie de *iiip!* que lembrou Elena de

um coelho, de algo macio, pequeno e surpreso. Todo o sangue sumiu de seu rosto, deixando suas sardas, em geral fracas, nítidas sobre o branco das bochechas. Ela cobriu a boca com as mãos trêmulas, olhando para Elena com imensos olhos escuros.

— Escute, Bonnie — disse Elena, séria. — Ninguém mais sabe disso ainda. Ninguém além de mim e você, Bonnie. Damon queria guardar segredo até descobrir o jeito certo de voltar. Então precisamos ficar de boca fechada sobre isso.

Bonnie assentiu, ainda boquiaberta. A cor voltava a seu rosto, e ela parecia estar entre a alegria e a completa confusão.

Olhando por sobre o ombro da amiga, Elena percebeu que havia algo na relva ao pé de uma roseira atrás de Bonnie, algo imóvel e branco. Um arrepio a tomou quando ela se lembrou do corpo de Caleb junto ao monumento de mármore do cemitério.

— O que é aquilo? — perguntou incisivamente. A expressão de Bonnie denotou confusão. Elena passou por ela e andou até lá, semicerrando os olhos ao sol.

Quando chegou bem perto, Elena viu com espanto que era Matt, imóvel e em silêncio sob a roseira. Um borrifo de pétalas pretas se espalhava por seu peito. Ao chegar perto dele, os olhos de Matt se mexeram — ela percebeu que eles se moviam rapidamente de um lado para o outro sob as pálpebras, como se estivesse num sonho intenso — e se abriram enquanto ele tomava uma golfada longa e ruidosa de ar. Seus olhos azul-claros encontraram os dela.

— Elena! — Ele ofegou. Matt se apoiou nos cotovelos e olhou para além dela. — Bonnie! Graças a Deus! Vocês estão bem? Onde estamos?

— O espectro nos pegou, nos trouxe para o Mundo Subterrâneo e está nos usando para ficar mais poderoso — respondeu Elena sucintamente. — Como está se sentindo?

— Meio assustado — brincou Matt numa voz fraca. Ele olhou em volta, depois lambeu os lábios, nervoso. — Humm, então o Mundo Subterrâneo é assim? É mais legal do que eu imaginava, pelas descrições de vocês. O céu não devia ser vermelho? E onde estão todos os vampiros e demônios? — Ele olhou zangado para Bonnie e Elena.

— Vocês disseram a verdade sobre tudo o que aconteceu aqui? Porque este lugar parece bem legal para uma dimensão do Inferno, com essas rosas e tudo.

Elena o fitou. *É possível que coisas estranhas demais tenham acontecido conosco.*

Depois ela percebeu um indício de pânico no rosto de Matt. Ele não estava *blasé* com o que acontecia; só estava sendo corajoso, brincando para manter todos bem nesse mais novo perigo.

— Bem, a gente queria te impressionar — brincou ela também, com um sorriso trêmulo, depois passou rapidamente ao que interessava. — O que estava acontecendo quando você estava lá? — perguntou ela.

— Humm — disse Matt —, Stefan e Meredith estavam interrogando Caleb sobre a invocação do espectro.

— Caleb não é responsável pelo espectro — falou Elena com firmeza. — O espectro nos seguiu até em casa quando estivemos aqui antes. Temos que ir para casa agora mesmo para dizer a eles que estão lidando com um dos Originais. Será muito mais difícil nos livrarmos dele do que de um comum.

Matt olhou para Bonnie, interrogativo.

— Como ela sabe disso?

— Bem — disse Bonnie, com um brilho nos olhos que sempre aparecia diante de fofocas —, ao que parece, *Damon* contou a ela. Ele está vivo, e ela o viu!

Lá se foi o segredo de Damon, Bonnie, pensou Elena, revirando os olhos. Ainda assim, não importava realmente se Matt soubesse. Não era dele que Damon queria guardar segredo e não era provável que ele pudesse contar a Stefan tão cedo.

Elena se desligou das exclamações de assombro de Matt e das explicações de Bonnie enquanto vasculhava a área em volta. Sol. Roseiras. Roseiras. Sol. Grama. Céu azul-claro. Tudo igual, para todo lado. Para onde quer que olhasse, flores perfeitas, pretas e aveludadas assentiam serenamente sob o forte sol do meio-dia. Os arbustos eram idênticos, até no número e na posição das rosas em cada um e a distância entre eles. Até os talos de grama eram uniformes — todos

paravam na mesma altura. O sol não se mexera desde que ela havia chegado.

Parecia que tudo devia ser lindo e relaxante, mas, depois de alguns minutos, aquela uniformidade se tornava irritante.

— Havia um portão — disse ela a Bonnie e Matt. — Quando olhamos este campo a partir do Portão dos Sete Tesouros. Havia um jeito de *entrar* aqui, então deve haver um jeito de *sair* para lá. Só precisamos descobrir.

Eles tinham começado a se levantar quando, sem aviso, a dor como um puxão agudo os atingiu novamente. Elena agarrou o estômago. Bonnie perdeu o equilíbrio e caiu sentada no chão, de olhos bem fechados.

Matt soltou uma exclamação sufocada e ofegou.

— O que é isso?

Elena esperou a dor sumir de novo antes de responder. Seus joelhos bambeavam. Ela estava tonta e nauseada.

— Mais um motivo para precisarmos sair daqui — disse ela. — O espectro está nos usando para aumentar seu poder. Acho que ele precisa de nós aqui para isso. E, se não encontrarmos o portão logo, talvez fiquemos fracos demais para voltar para casa.

Ela fitou outra vez a uniformidade quase vertiginosa ao redor. Cada roseira ficava no centro de um pequeno canteiro circular de argila negra e fértil. Entre esses círculos, a relva do campo era aveludada, como o gramado de um solar inglês ou um campo de golfe realmente bom.

— Tudo bem — disse Elena e respirou fundo para se acalmar. — Vamos nos espalhar e olhar com atenção. Ficaremos a uns três metros um do outro e vamos de uma ponta à outra deste jardim de rosas, procurando. Olhem em volta com atenção... qualquer coisa que seja diferente do resto do campo pode ser a pista de que precisamos para encontrar a saída.

— Vamos procurar no campo todo? — perguntou Bonnie, parecendo desanimada. — É imenso.

— Vamos fazer um pouco de cada vez — explicou Elena, estimulando-a.

Eles começaram numa linha aberta, olhando atentamente de um lado para o outro, acima e abaixo. No início, só havia o silêncio da concentração de sua busca. Nenhum sinal de portão. Passo a passo pelo campo, nada mudava. Filas intermináveis de roseiras idênticas se estendiam para todo lado, a mais ou menos um metro uma da outra, com espaço suficiente entre elas para uma pessoa passar com facilidade.

O eterno sol de meio-dia batia desagradavelmente no alto de suas cabeças, e Elena enxugou uma gota de suor da testa. O cheiro de rosas pendia pesado no ar quente; no início, Elena o achara agradável, mas agora era enjoativo, como um perfume doce demais. Os perfeitos talos de grama vergavam sob seus pés, depois se erguiam, normais, como se ela nunca os tivesse pisado.

— Eu queria que tivesse um ventinho — reclamou Bonnie. — Mas acho que o vento nunca sopra por aqui.

— Este campo deve ter um fim — disse Elena, desesperada. — Não pode continuar para sempre. — Havia uma náusea na boca de seu estômago, porém, que sugeria que talvez *pudesse* continuar para sempre. Aquele não era o mundo dela, afinal. As regras ali eram diferentes.

— E onde está Damon agora? — perguntou Bonnie de repente. Ela não olhava para Elena. Mantinha o passo constante, o mesmo olhar sistemático e atento. Mas havia uma tensão em sua voz, e Elena interrompeu a busca para olhá-la rapidamente.

Então uma resposta possível à pergunta de Bonnie ocorreu a Elena e ela estacou.

— É isso! — exclamou ela. — Bonnie, Matt, acho que Damon pode estar *aqui*. Ou não aqui, no jardim de rosas, mas em algum lugar do Mundo Subterrâneo, na Dimensão das Trevas. — Eles a olharam sem entender.

— Damon ia tentar vir aqui para procurar o espectro — explicou Elena. — Ele achou que o espectro nos seguiu daqui até em casa quando voltamos a nosso mundo, então é provavelmente aqui que ele começaria a procurar seu corpo físico. Na última vez em que o vi, ele me disse que pensava que seria capaz de lutar melhor daqui, de onde

ele vinha. Se ele estiver aqui, talvez possa nos ajudar a voltar para Fell's Church.

Damon, por favor, esteja aqui em algum lugar. Por favor, nos ajude, implorou ela em silêncio.

Nessa hora, algo chamou sua atenção. À frente deles, entre duas roseiras que pareciam iguais a todas as outras roseiras do jardim, havia a mais leve mudança, uma distorção mínima. Parecia a cintilação que o calor às vezes produz em uma estrada nos dias mais quentes e secos do verão, quando os raios do sol se refletem no asfalto.

Não havia asfalto ali para irradiar o calor do sol. Mas algo devia estar causando aquele brilho trêmulo.

A não ser que ela estivesse imaginando. Será que seus olhos estavam lhe pregando uma peça, mostrando-lhe uma miragem entre as roseiras?

— Estão vendo aquilo? — perguntou ela aos outros. — Ali, um pouco à direita?

Eles pararam e olharam com atenção.

— Talvez — respondeu Bonnie, hesitante.

— Acho que sim — disse Matt. — Como ar quente subindo, certo?

— Isso mesmo — concordou Elena. Ela franziu a testa, estimando a distância. Talvez uns cinco metros. — Vamos ter que ir correndo — explicou. — Para o caso de termos algum problema para passar. Pode haver alguma barreira que tenhamos que romper para sair. Não acho que a hesitação vá nos ajudar.

— Vamos de mãos dadas — sugeriu Bonnie, nervosa. — Não quero me perder de vocês.

Elena não tirava os olhos daquele brilho do ar. Se o perdesse, talvez nunca o encontrasse de novo, não com a uniformidade de tudo que havia ali. Depois que eles se virassem, nunca mais conseguiriam distinguir aquele local de outro.

Os três deram as mãos, encarando a mesma pequena distorção que esperavam ser um portão. Bonnie estava no meio e agarrou a mão esquerda de Elena com os dedos finos e quentes.

— Um, dois, três, já — disse Bonnie, e eles correram. Pisaram na

grama, costurando entre os arbustos. O espaço entre os arbustos não era suficiente para a passagem dos três correndo, e um galho com espinhos se prendeu no cabelo de Elena. Ela não podia soltar Bonnie e não podia parar, então forçou a cabeça para a frente, apesar do puxão doloroso, e continuou correndo, deixando uma mecha pendurada num arbusto atrás.

Em seguida eles estavam na luz trêmula do ar entre os arbustos. De perto, era ainda mais difícil de enxergar, e Elena teria duvidado de que estavam no local certo não fosse pela mudança na temperatura. De longe pode ter parecido um brilho de calor, mas era frio e estimulante como um lago montanhoso, apesar do sol quente no alto.

— Não parem! — gritou Elena. E eles mergulharam no frio.

Num instante, tudo ficou negro, como se alguém tivesse desligado o sol.

Elena se sentiu cair e se agarrou desesperadamente à mão de Bonnie.

Damon!, gritou ela em silêncio. *Socorro!*

30

Stefan dirigiu como um louco na volta ao pensionato.

— Nem acredito que esqueci de dizer que o nome dele foi chamado — disse pelo que parecia a centésima vez. — Não acredito que o deixamos sozinho.

— Devagar — pediu Meredith, tentando segurar firme o corpo de Matt no banco traseiro enquanto Stefan virava uma esquina cantando pneu. — Você está correndo demais.

— Estamos com pressa — grunhiu Stefan, girando o volante para dar uma guinada à direita.

Alaric se virou no banco do carona e olhou em pânico para Meredith quando Stefan errou por pouco um caminhão de lixo. Ela suspirou. Sabia que ele estava tentando compensar seu erro por não ter contado a eles imediatamente que o nome de Matt tinha aparecido na loja de ervas, mas matar todos eles numa corrida para chegar em casa não era bem a solução. Além disso, embora eles provavelmente tivessem feito as coisas de um jeito diferente se soubessem, talvez isso não mudasse o resultado para Matt. Suas precauções não salvaram Bonnie nem Elena.

— Pelo menos você tem reflexos de vampiro — disse ela, mais para tranquilizar Alaric do que por qualquer confiança particular que sentisse em relação às habilidades de direção de Stefan.

Ela havia insistido em ficar no banco de trás com Matt e agora voltava sua atenção para ele. Pôs a mão em seu peito para ele não cair no chão enquanto o carro dava solavancos e guinadas.

Matt estava tão parado. Sem as contorções e os movimentos dos olhos que costumam acompanhar o sono, só o subir e descer

superficial e constante da respiração. Ele nem mesmo roncava. E ela sabia, pelas excursões de camping da época da sexta série, que Matt roncava como uma motosserra. Sempre.

Meredith nunca chorava. Nem mesmo quando acontecia o pior. E não ia começar agora, não quando os amigos precisavam de sua calma e foco para tentar descobrir como salvá-los. Mas, se ela *fosse* do tipo que chorava em vez de ser a garota que arma estratégias, estaria aos prantos. Mesmo agora, a respiração ficou presa na garganta de um jeito um tanto doloroso, até ela se obrigar a retornar à calma impassível.

Só restava ela. Dos quatro amigos que tinham passado juntos pela escola, os verões e a adolescência e todos os horrores que o mundo sobrenatural podia lançar neles, ela era a única que o espectro não havia capturado. Ainda.

Meredith cerrou os dentes e segurou Matt com firmeza.

Stefan parou o carro na frente do pensionato, tendo evitado, de algum modo, causar algum dano a outros carros e pedestres no caminho. Alaric e Meredith começaram a tirar Matt com cuidado e aos poucos do carro, passando os braços dele nos pescoços e lentamente colocando-o meio de pé. Mas Stefan simplesmente agarrou Matt e o jogou sobre o ombro.

— Vamos — disse ele e partiu para o pensionato, equilibrando com facilidade o corpo inconsciente de Matt com uma das mãos, sem olhar para trás.

— Ele se tornou um cara meio estranho — comentou Alaric, observando Stefan com cuidado. O sol pegou a barba por fazer no queixo de Alaric, e ela brilhou com um toque de dourado. Ele se virou para Meredith e abriu um sorriso triste que a desarmou. — Uma vez mais rumo à brecha... — comentou ele.

Meredith pegou a mão dele, quente e sólida na dela.

— Vamos — disse ela.

Depois de entrarem no pensionato, Stefan subiu a escada para depositar Matt com os outros corpos — as outras *adormecidas*, lembrou-se Meredith, furiosa.

Meredith e Alaric, de mãos dadas, foram para a cozinha. Ao abrir a

porta, Meredith ouviu a voz da Sra. Flowers.

— Muito útil, decerto, minha cara — dizia ela, um tom caloroso de aprovação na voz. — Você fez muito bem. Estou muito agradecida.

Meredith ficou boquiaberta. À mesa da cozinha com a Sra. Flowers, fria, calma e linda num vestido de linho azul, estava a Dra. Celia Connor, bebendo chá.

— Oi, Alaric. Oi, Meredith — disse Celia. Seus olhos escuros se demoraram friamente nos de Meredith. — Não vão acreditar no que eu descobri.

— O quê? — perguntou Alaric ansioso, soltando a mão de Meredith. O coração dela se apertou.

Celia pegou uma bolsa de viagem ao lado da cadeira e tirou dali um livro grosso com uma capa de couro marrom puída. Ela sorriu triunfante e anunciou:

— É um livro sobre espectros. A Dra. Beltram acabou me mandando para Dalcrest College, que tem uma coleção de textos sobre paranormalidade muito abrangente.

— Sugiro nos reunirmos na salinha — disse a Sra. Flowers —, onde poderemos ficar mais à vontade e examinar o conteúdo juntos.

Eles foram para a salinha, mas Stefan, quando se juntou a eles, não parecia mais à vontade.

— Diferentes tipos de espectros — leu ele, pegando o livro de Celia e folheando rapidamente. — A história dos espectros em nossa dimensão. Onde está o ritual de expulsão? Por que essa coisa não tem índice?

Celia deu de ombros.

— É muito antigo e raro — disse ela. — Foi difícil de encontrar e é o único livro sobre o assunto em que provavelmente poderemos colocar as mãos, talvez o único que exista, então precisamos relevar essas coisas. Nesses textos mais antigos, os autores queriam que você lesse direto e realmente aprendesse sobre o tema, entendesse o que eles queriam dizer, e não apenas encontrasse a página necessária logo de cara. Mas você pode tentar procurar perto do final.

Alaric observou Stefan virar as páginas com uma expressão de dor.

— É um livro raro, Stefan — disse ele. — Por favor, tenha mais

cuidado com ele. Quer que eu procure? Estou acostumado a encontrar o que preciso nesse tipo de livro.

Stefan rosnou para ele, literalmente, e Meredith sentiu os pelos da nuca se eriçarem.

— Eu mesmo farei isso, *professor*. Estou com pressa.

Ele semicerrou os olhos para o texto.

— Por que tem de ser em caracteres tão adornados? — reclamou. — Não me diga que é porque é antigo. Sou mais velho do que isso e mal consigo ler. Humm. "Espectros que se alimentam como vampiros, de uma sensibilidade preferida, seja ela culpa, desespero ou rancor; ou desejo por alimento, o rum do demônio ou mulheres caídas. Quanto mais forte a sensibilidade, pior o resultado criado pelo espectro." Acho que poderíamos ter deduzido isso sozinhos.

A Sra. Flowers estava um tanto distante do resto do grupo, com os olhos fixos no vazio, murmurando aparentemente consigo mesma enquanto se comunicava com a mãe.

— Eu sei — disse ela. — Contarei a eles. — Seus olhos focalizaram os outros que estavam em volta de Stefan, olhando por sobre o ombro dele. — A ma*mã* falou que o tempo está ficando curto — alertou.

Stefan se colocou de pé num salto e explodiu.

— Eu *sei* que está ficando curto — rugiu, bem no rosto surpreso da Sra. Flowers. — Sua mãe não pode dizer alguma coisa útil pelo menos uma vez na vida?

A Sra. Flowers cambaleou para longe dele, estendendo a mão para se apoiar no encosto da cadeira. Seu rosto ficou branco e, de repente, ela pareceu mais velha e mais frágil do que nunca.

Os olhos de Stefan se arregalaram, a cor escureceu a um verde-mar tempestuoso e ele estendeu as mãos, com uma expressão apavorada.

— Desculpe. Sra. Flowers, me desculpe. Eu não pretendia assustá-la. Não sei o que deu em mim... Só estou preocupado com Elena e os outros.

— Eu sei, Stefan — disse a Sra. Flowers com seriedade. Ela recuperara o equilíbrio e parecia mais forte, calma e sábia de novo. — Nós *vamos* recuperá-los, você sabe disso. Precisa ter fé. A ma*mã* tem.

Stefan se sentou, voltando ao livro, com os lábios cerrados numa

linha reta.

Com a pele formigando de apreensão, Meredith segurou o bastão com mais força enquanto o observava. Quando ela revelou aos outros que os integrantes de sua família eram caçadores de vampiros hereditários e que era a vez dela de assumir seus deveres, ela disse a Elena e Stefan que nunca se voltaria contra Stefan, que ela entendia que ele não era como os outros, os vampiros do mal, que ele era bom: inofensivo e benevolente com os humanos.

Ela não fez as mesmas promessas a respeito de Damon, e Elena e Stefan não lhe pediram isso. Todos partilhavam uma compreensão tácita de que Damon não podia ser caracterizado como inofensivo, nem mesmo quando ele trabalhou de má vontade com eles, e que Meredith precisaria manter suas opções em aberto quando se tratasse dele.

Mas Stefan... Ela nunca pensou que isso aconteceria, mas agora Meredith estava preocupada que um dia não fosse capaz de cumprir sua promessa em relação a Stefan. Ela nunca o vira agir como vinha se comportando ultimamente: irracional, furioso, violento, imprevisível. Sabia que o comportamento dele devia ser causado pelo espectro, mas será que Stefan estava se tornando perigoso demais? Será que ela conseguiria matá-lo, se precisasse? Ele era amigo dela.

O coração de Meredith estava disparado. Ela percebeu que os nós dos dedos tinham embranquecido contra o bastão de combate, e sua mão doía. *Sim*, percebeu, ela lutaria com Stefan e tentaria matá-lo, se precisasse. Era verdade que ele era amigo dela, mas seus deveres tinham de vir em primeiro lugar.

Ela respirou fundo e conscientemente relaxou as mãos. *Calma*, disse a si mesma. *Respire*. Stefan se mantinha mais ou menos sob controle. Não era uma decisão que ela tivesse de tomar. *Pelo menos, por ora*.

Alguns minutos depois, Stefan parou de folhear o livro.

— Aqui — disse ele. — Acho que é isso. — Ele entregou o livro à Sra. Flowers. Ela passou os olhos rapidamente pela página e assentiu.

— Parece o ritual certo — concordou ela, séria. — Eu devo ter tudo de que precisamos para realizá-lo aqui mesmo na casa.

Alaric pegou o livro. Ele também leu o feitiço, de cenho franzido.

— Precisa ser um feitiço de sangue? — perguntou à Sra. Flowers. — Se sair pela culatra, o espectro pode voltá-lo contra nós.

— Creio que terá de ser um feitiço de sangue — respondeu a Sra. Flowers. — Precisamos de mais tempo para experimentar uma mudança no feitiço, e tempo é a única coisa que não temos. Se o espectro consegue usar seus cativos como pensamos que pode, ele só vai ficar mais poderoso.

Alaric começou a falar novamente, mas foi interrompido.

— Espere — disse Celia, com certa estridência na voz normalmente rouca. — Um feitiço de *sangue*? O que isso quer dizer? Não quero me envolver em nada... — Ela procurou uma palavra. — Repugnante.

Ela estendeu a mão para o livro, mas Stefan bateu a mão nele.

— Repugnante ou não, é o que vamos fazer — disse ele em voz baixa, mas em um tom duro como aço. — E você faz parte disso. É tarde demais para recuar. Eu não permitirei.

Celia teve um tremor convulsivo e se encolheu na cadeira.

— Não se atreva a me ameaçar — alertou ela com a voz trêmula.

— Acalmem-se, todos — disse Meredith, incisiva. — Celia, ninguém vai obrigar você a fazer nada com que não concorde. Eu a protegerei, se necessário. — Seus olhos voaram rapidamente até Alaric, que olhava de uma para a outra, parecendo preocupado. — Mas precisamos de sua ajuda. Por favor. Você pode ter nos salvado encontrando esse feitiço, e somos gratos, mas Stefan tem razão: você também faz parte disso. Não sei se vai dar certo sem você. — Ela hesitou por um instante. — Ou, se funcionar, pode deixar você como o único alvo do espectro — acrescentou com astúcia.

Celia estremeceu de novo e se abraçou.

— Não sou covarde — disse ela, infeliz. — Sou uma cientista e esse... misticismo irracional me preocupa. Mas estou dentro. Vou ajudar no que puder.

Meredith, pela primeira vez, sentiu um lampejo de simpatia por ela. Entendia que devia ser difícil para Celia continuar a pensar em si mesma como uma pessoa lógica enquanto as fronteiras do que ela sempre aceitara como realidade desmoronavam ao redor.

— Obrigada, Celia. — Meredith olhou para os outros. — Temos o ritual. Temos os ingredientes. Só precisamos juntar tudo e começar a lançar o feitiço. Estamos prontos?

Todos se sentaram mais retos, com o rosto assumindo expressões de séria determinação. Por mais assustador que fosse, era bom finalmente ter um propósito e um plano.

Stefan respirou fundo e visivelmente se controlou, com os ombros relaxando e a atitude se ajustando a algo menos predatório.

— Tudo bem, Meredith — disse ele. Seus olhos verdes tempestuosos encontraram os cinza dela, num consentimento perfeito. — Vamos começar.

31

Sabendo que não poderia fazer o ritual de estômago vazio, Stefan caçou vários esquilos no quintal da Sra. Flowers, depois voltou à garagem do pensionato. Meredith tinha estacionado o antigo Ford da Sra. Flowers na entrada e havia espaço mais do que suficiente para montar tudo de que eles precisavam para o ritual de expulsão.

Stefan inclinou a cabeça ao ouvir um ruído rastejante nas sombras e identificou o coração acelerado de um camundongo. A atmosfera podia não ser muito confortável, mas o espaço da garagem e o piso de cimento davam um lugar excelente para trabalhar no feitiço.

— Passe a trena, por favor — disse Alaric, esparramado no meio do chão da garagem. — Preciso traçar essa linha com o tamanho certo. — A Sra. Flowers tinha desencavado uma caixa de giz colorido de algum lugar no pensionato, e Alaric estava com o livro aberto, copiando cuidadosamente os círculos, símbolos arcanos, parábolas e elipses de suas páginas para o cimento liso.

Stefan lhe deu a ferramenta e observou-o medir com atenção do círculo mais interno até uma fila de runas estranhas na parte externa do desenho.

— É importante que tudo seja bem preciso — disse Alaric, franzindo a testa e verificando as pontas da trena. — O menor erro pode nos levar a soltar essa coisa em Fell's Church sem querer.

— Mas já não está solta? — perguntou Stefan.

— Não — explicou Alaric. — O ritual permitirá que o espectro apareça em sua forma corpórea, que é muito mais perigosa que a coisa insubstancial que é agora.

— Então é melhor você medir isso direito — concordou Stefan,

amargo.

— Se sair tudo como planejado, o espectro ficará preso no círculo interno — disse Alaric, apontando. — Ficaremos no mais externo, depois das runas. Acho que estaremos em segurança ali. — Ele levantou a cabeça e abriu um sorriso tristonho para Stefan. — Assim espero. Nunca fiz nenhum tipo de invocação na vida real, embora tenha lido muito sobre o assunto.

Que ótimo, pensou Stefan, mas retribuiu o sorriso de Alaric sem comentar nada. O sujeito estava fazendo o melhor o que podia. Só restava torcer para que fosse suficiente para salvar Elena e os outros.

Meredith e a Sra. Flowers entraram na garagem, cada uma delas carregando uma sacola plástica de compras. Celia as seguia.

— Água-benta — disse Meredith, erguendo um borrifador de plantas da sacola para mostrar a ele.

— Não funciona com vampiros — lembrou Stefan.

— Não vamos invocar um vampiro — respondeu ela e saiu para borrifar os espaços externos do diagrama, com o cuidado de não bagunçar as linhas de giz.

Alaric se levantou e começou a pular com muito cuidado para fora do imenso diagrama multicolorido, segurando o livro com uma das mãos.

— Acho que estamos quase prontos — falou ele.

A Sra. Flowers olhou para Stefan.

— Precisamos dos outros — disse ela. — Todos os atingidos pelos poderes do espectro têm de estar presentes.

— Eu ajudo você a carregá-los para baixo — ofereceu-se Alaric.

— Não é necessário — argumentou Stefan e subiu sozinho. Parado ao lado da cama do pequeno quarto creme e rosa, ele olhou para Elena, Matt e Bonnie. Nenhum deles se mexera desde que ele colocara Matt ali.

Ele suspirou e pegou primeiro Elena nos braços. Depois de um instante, também pegou um travesseiro e um cobertor. Pelo menos ele podia tentar deixá-la confortável.

Alguns minutos depois, os três adormecidos estavam deitados na frente da garagem, bem fora do diagrama, com as cabeças apoiadas

por travesseiros.

— E agora? — perguntou Stefan.

— Agora cada um de nós escolhe uma vela — respondeu a Sra. Flowers, abrindo sua sacola plástica. — Uma que sintam que representa vocês na cor. Segundo o livro, elas devem ser feitas à mão e ter um cheiro especial, mas essas terão de servir. Eu não vou pegar uma — disse a Sra. Flowers, passando a sacola a Stefan. — O espectro não concentrou seus poderes em mim, e não me lembro de ter ciúmes ou inveja de ninguém desde 1943.

— O que aconteceu em 1943? — perguntou Meredith, curiosa.

— Eu perdi a coroa de Pequena Miss Fell's Church para Nancy Sue Baker — respondeu a Sra. Flowers. Quando Meredith ficou boquiaberta, ela lançou os braços para o ar. — Até eu fui criança um dia, sabe? Eu era linda, com cachos de Shirley Temple, e minha mãe gostava de me vestir com babados e me exibir.

Tirando da mente a imagem impressionante da Sra. Flowers com cachos de Shirley Temple, Stefan vasculhou o sortimento de velas e escolheu uma azul-escura. Parecia certa para ele de alguma maneira.

— Precisamos de velas para os outros também — disse ele. Com cuidado, ele escolheu uma dourada para Elena e uma rosa para Bonnie.

— Está escolhendo de acordo com a cor dos cabelos? — perguntou Meredith. — Você é tão *homem*.

— Mas você sabe que essas são as cores certas para elas — argumentou Stefan. — Além disso, o cabelo de Bonnie é vermelho, e não rosa.

Meredith assentiu de má vontade.

— Acho que tem razão. Mas branca para Matt.

— É mesmo? — perguntou Stefan. Ele não sabia o que teria escolhido para Matt. Um padrão da bandeira americana, talvez, se houvesse uma vela assim.

— Ele é a pessoa mais pura que eu conheço — disse Meredith em voz baixa. Alaric ergueu uma sobrancelha para ela, que lhe deu uma cotovelada. — Puro de espírito, quero dizer. Matt é transparente, bom e confiável o tempo todo.

— Acho que sim — concordou Stefan e observou sem comentar nada enquanto Meredith escolhia uma vela marrom-escura para si mesma.

Alaric remexeu na sacola e pegou uma vela verde-escura, e Celia escolheu uma lavanda-clara. A Sra. Flowers pegou a sacola com as velas restantes e a guardou numa prateleira alta, perto das portas da garagem, entre um saco de terra para vasos e o que parecia um antigo lampião a querosene.

Todos se sentaram no chão da garagem em semicírculo, fora do diagrama, de frente para o círculo interno vazio, segurando suas velas apagadas. Os adormecidos estavam atrás deles, e Meredith segurava a vela de Bonnie no colo, assim como a própria; Stefan estava com a de Elena; e Alaric, com a de Matt.

— Agora vamos ungi-las com nosso sangue — disse Alaric. Todos o olharam e ele deu de ombros, na defensiva. — É o que diz o livro.

Meredith tirou um pequeno canivete da bolsa, cortou o dedo e rapidamente, sem rodeios, passou uma gota de sangue do topo até base de sua vela marrom, depois entregou o canivete a Alaric com um frasco de desinfetante. Um por um, os outros fizeram o mesmo.

— Isso é muito anti-higiênico — disse Celia, estremecendo, mas fez o mesmo.

Stefan ficou bem ciente do cheiro de sangue humano em um espaço tão fechado. Embora tivesse se alimentado, seus caninos coçaram numa reação automática.

Meredith pegou as velas e foi até os amigos adormecidos, passando de um ao seguinte e erguendo as mãos deles para fazer um corte rápido e passar o sangue nas velas. Nenhum deles sequer estremeceu. Quando ela terminou, redistribuiu as velas dos adormecidos e voltou a seu lugar.

Alaric começou a ler, em latim, as primeiras palavras do feitiço. Depois de algumas frases, hesitou numa palavra, e Stefan em silêncio pegou o manual. Suavemente, ele continuou de onde Alaric tinha parado. As palavras fluíam de sua língua, a sensação do latim em seus lábios lembrando-o de horas passadas com seu preceptor da infância centenas de anos antes, e de um período em que ele viveu num

mosteiro na Inglaterra nos primeiros tempos de sua luta contra o vampirismo.

Quando chegou a hora, ele estalou os dedos e, com um toque de Poder, sua vela se acendeu. Ele a entregou a Meredith, que pingou um pouco de cera derretida no chão da garagem na margem do diagrama e prendeu a vela ali. Um por um, nos pontos corretos do ritual, ele acendia uma vela e ela a posicionava, até que havia uma pequena fileira de velas multicoloridas queimando corajosamente entre eles e as linhas de giz do diagrama.

Stefan continuou lendo. De repente, as páginas do livro começaram a se agitar. Um vento frio e sobrenatural se ergueu dentro da garagem fechada e as chamas das velas bruxulearam loucamente e depois se apagaram. Duas velas caíram. O cabelo comprido de Meredith batia em seu rosto.

— Isso não devia acontecer — gritou Alaric.

Mas Stefan simplesmente semicerrou os olhos contra a ventania e continuou lendo.

A escuridão de breu e a sensação desagradável de queda duraram apenas um momento, depois Elena caiu atabalhoadamente de pé e cambaleou para a frente, agarrada às mãos de Matt e Bonnie.

Eles estavam numa sala octogonal escura, ladeada de portas. Um único móvel ficava no meio. Atrás da mesa solitária, recostava-se um vampiro bronzeado, belo, incrivelmente musculoso, de peito exposto, com uma longa cabeleira de cachos cor de bronze caindo pelos ombros.

De imediato Elena entendeu onde estava.

— Chegamos. — Ela arquejou. — O Portão!

Sage se colocou de pé num salto do outro lado da mesa, com o rosto quase comicamente surpreso.

— Elena? — exclamou ele. — Bonnie? Matt? O que está havendo? *Qu'est-ce qui arrive?*

Em geral, Elena teria ficado aliviada ao ver Sage, que sempre foi gentil e prestativo com ela, mas tinha de falar com Damon. Ela sabia onde ele devia estar. Quase conseguia ouvi-lo chamando por ela.

Ela andou pela sala vazia, mal olhando para o sobressaltado guardião do portão, puxando Matt e Bonnie.

— Desculpe, Sage — disse ela ao chegar à porta que queria. — Precisamos encontrar Damon.

— *Damon?* — indagou Sage. — Ele voltou? — E depois eles passaram, ignorando os gritos de Sage: — Parem! *Arretez-vous!*

A porta se fechou atrás, e eles se viram numa paisagem de cinzas. Nada crescia ali e não havia marcos. Ventos fortes sopravam a cinza preta fina em montes e vales cambiantes. Enquanto eles olhavam, uma lufada pegou a camada leve de cinzas e a fez voar numa nuvem que logo se assentou em novas formas. Abaixo da cinza mais leve, eles viam pântanos de cinza molhada e lamacenta. Perto dali, havia uma poça de água estagnada sufocada de cinzas. Nada além de cinzas e lama, a não ser por um ou outro pedaço de madeira calcinado e preto.

Acima deles estava o céu crepuscular em que pendia um imenso planeta e duas grandes luas, uma de um branco azulado em espirais, outra prateada.

— Onde estamos? — perguntou Matt, boquiaberto para o céu.

— Antigamente isto era um mundo... uma lua, tecnicamente... à sombra de uma imensa árvore — respondeu Elena, avançando com firmeza. — Até que eu a destruí. Foi aqui que Damon morreu.

Ela sentiu, sem ver, que Matt e Bonnie trocaram um olhar.

— Mas, humm, depois ele voltou, certo? Você o viu em Fell's Church outra noite, não foi? — indagou Matt, hesitante. — Por que estamos aqui *agora*?

— Sei que Damon está perto — respondeu Elena com impaciência. — Posso senti-lo. Ele voltou para cá. Talvez tenha começado sua busca pelo espectro aqui. — Eles continuaram andando. Logo não andavam propriamente, mas se arrastavam pela cinza preta que grudava em suas pernas em nacos grossos e desagradáveis. A lama por baixo pegava nos sapatos, soltando-os a cada passo com um ruído de sucção.

Eles estavam quase lá. Ela podia sentir. Elena acelerou o passo e os outros, ainda ligados a ela, correram para acompanhar. A cinza era mais espessa e mais funda ali porque eles se aproximavam de onde estivera o tronco, o centro daquele mundo. Elena se lembrava dele

explodindo, disparando para o céu feito um foguete, desintegrando-se ao subir. O corpo de Damon tinha caído por baixo e foi completamente sepultado nas cinzas.

Elena parou. Havia uma pilha grossa e remexida de cinzas que parecia ter pelo menos a altura de sua cintura em certos lugares. Ela pensou que conseguia ver onde Damon havia despertado — as cinzas estavam remexidas e cavadas, como se alguém tivesse aberto um túnel vindo de um dos depósitos mais fundos. Mas não havia ninguém por perto, só eles. Um vento frio soprou um borrifo de cinzas e Bonnie tossiu. Elena, até os joelhos nas cinzas frias e pegajosas, soltou a mão de Bonnie e se abraçou.

— Ele não está aqui — disse ela sem emoção. — Eu tinha tanta certeza de que estaria.

— Então ele deve estar em outro lugar — falou Matt com lógica. — Tenho certeza de que está combatendo o espectro, como você contou que ele faria. A Dimensão das Trevas é muito grande.

Bonnie tremeu e se aninhou mais perto de Matt, com os olhos castanhos arregalados e cheios de emoção, como os de um cachorrinho faminto.

— Podemos ir para casa agora? Por favor? Sage pode nos mandar de volta, não pode?

— Eu simplesmente não entendo — disse Elena, encarando o espaço vazio onde antes ficava o grande tronco da árvore. — Eu *sabia* que ele estaria aqui. Praticamente o ouvia me chamando.

Nessa hora, um riso baixo e musical cortou o silêncio. Era um lindo som, mas havia algo de arrepiante e estranho nele, algo que fez Elena estremecer.

— Elena — sussurrou Bonnie, com os olhos arregalados. — Foi essa coisa que ouvi antes de a névoa me pegar.

Eles se viraram.

Atrás deles estava uma mulher. Na verdade, um ser na forma de mulher, emendou-se Elena rapidamente. Não era uma mulher. E, como seu riso, este ser em forma de mulher era bonito, mas assustador. Ela — a coisa — era enorme, mais de uma vez e meia o tamanho de um ser humano, porém de proporções perfeitas, e parecia

feita de gelo e névoa, em tons de azul e verde — como a mais pura geleira, seus olhos eram transparentes com um leve toque de verde-claro. Enquanto eles olhavam, seus quadris e pernas sólidos e transparentes como gelo se alteraram e se toldaram, mudando para um redemoinho de neblina.

Uma longa onda de cabelos verde-azulados vagava atrás de sua forma como uma nuvem que se agitava devagar. Ela sorriu para Elena, e seus dentes afiados brilharam como pingentes de gelo prateados. Havia algo em seu peito, porém, que não era gelo, algo sólido, redondo e de um vermelho bem escuro.

Elena viu tudo isso um instante antes de sua atenção ser plenamente desviada para o que pendia da mão estendida da coisa-mulher de gelo.

— Damon. — Ela arquejou.

A mulher-gelo o segurava casualmente pelo pescoço, ignorando sua luta enquanto ele estava pendurado no ar. Segurava-o com tal tranquilidade que ele parecia um brinquedo. O vampiro vestido de preto balançava a perna, chutando a lateral da mulher-gelo, mas seu pé simplesmente atravessava a névoa.

— Elena — disse Damon numa voz sufocada e fina.

A mulher-gelo — o espectro — inclinou a cabeça e olhou para Damon, depois apertou seu pescoço um pouco mais.

— Não preciso respirar, seu... espectro idiota — ofegou ele, desafiador.

O sorriso do espectro se ampliou, e a coisa disse numa voz fria e melodiosa, como cristais tinindo:

— Mas sua cabeça pode se soltar, não pode? Isso dará o mesmo resultado.

A coisa sacudiu Damon um pouco, depois transferiu seu sorriso para Elena, Bonnie e Matt. Elena, por instinto, recuou um passo quando os olhos frios como uma geleira a encontraram.

— Bem-vindos — disse a coisa a ela num tom de prazer, como se fossem velhas amigas. — Achei você e seus amigos tão revigorantes, todos os seus ciuminhos. Cada um de vocês com seu próprio sabor especial de inveja. Vocês têm um monte de problemas, não é? Eu não

me sentia tão forte ou tão bem nutrida há milênios.

Seu rosto se tornou pensativo, e ela começou a balançar Damon gentilmente de um lado para o outro. Damon agora soltava uns ruídos guturais e lágrimas de dor escorriam por seu rosto.

— Mas vocês deviam ter ficado onde os coloquei — continuou o espectro, com a voz um pouco mais fria, e balançou Damon casualmente, formando um grande arco pelo ar. Ele ofegou e puxou a mão enorme do espectro.

Seria mesmo verdade que ele não precisava respirar? Elena não sabia. Damon não ia mentir sobre isso se tivesse motivos, nem por motivo nenhum, a não ser para irritar seu oponente.

— Pare com isso! — gritou Elena.

O espectro riu outra vez, divertindo-se genuinamente.

— Vá em frente e me faça parar, baixinha. — Seu aperto se estreitou em volta do pescoço de Damon, e ele estremeceu. Depois os olhos dele rolaram para trás até que Elena só via o branco fantasmagórico e as veias vermelhas de seus olhos, e ele perdeu a energia.

32

Matt olhava apavorado enquanto o espectro sacudia Damon como uma boneca de trapos.

Elena girou para olhar fixamente nos olhos de Matt e Bonnie.

— Temos que salvá-lo — sussurrou ela, com uma determinação violenta no rosto, e de imediato saiu correndo, abrindo caminho pelas pilhas de cinzas.

Matt deduziu que se Damon, com toda sua força de vampiro e habilidade de luta afiada por séculos, estava tão completamente indefeso nas mãos desse espectro — e, meu Deus, pelo modo como a coisa o balançava de um lado para o outro agora, sua cabeça realmente *ia* se separar do corpo —, Matt, Bonnie e Elena não tinham a menor chance de fazer diferença naquilo. A única pergunta era se o espectro também os mataria.

E a verdade era que Matt nem gostava de Damon, nem um pouquinho. É claro que Damon tinha ajudado a salvar Fell's Church de Katherine e Klaus, e dos demônios kitsune, mas ainda era um *vampiro* assassino, sarcástico, incorrigível, presunçoso, arrogante, antipático e geralmente desagradável. Damon sem dúvida nenhuma ferira mais pessoas do que ajudara em sua longa vida, mesmo que se creditasse generosamente a ele ter salvado cada morador de Fell's Church. E ele sempre chamava Matt de "Mutt", fingindo que não se lembrava de seu nome, o que era de enfurecer. Como Damon pretendia que fosse.

Ainda assim, Elena amava Damon. Por um motivo qualquer. Provavelmente pelo mesmo motivo inexplicável que levava garotas comuns a se apaixonarem por bad boys, desconfiava Matt. Sendo um sujeito bonzinho até debaixo d'água, ele nunca vira atrativo nenhum

nisso.

Mas Elena via.

E Damon meio que fazia parte da equipe, e ninguém podia deixar seus companheiros serem decapitados por mulheres-gelo demônios em luas cobertas de cinzas em outras dimensões sem pelo menos fazer o possível para impedir.

Mesmo que você não gostasse nem um pouco deles.

Matt correu atrás de Elena, e Bonnie o seguiu. Quando eles chegaram ao espectro, Elena já estava arranhando a mão de gelo azulado que agarrava o pescoço de Damon, tentando soltar seus dedos o bastante para colocar o próprio pescoço no lugar do dele. O espectro mal olhou para ela. Matt suspirou inconscientemente com o desespero da situação e deu um soco violento no estômago do espectro.

Antes que seu punho fizesse contato, seu alvo se transformou de gelo em névoa intangível em redemoinho, e o soco atravessou o espectro. Desequilibrado, Matt cambaleou e caiu no peito agora de vapor do espectro.

Era como cair em um rio congelante de esgoto. Um frio de entorpecer e um fedor horrível e nauseante o tomaram. Ele recuou da névoa, enjoado e tremendo, mas de pé. Piscou, tonto, olhando em volta.

Elena lutava com os dedos do espectro, arranhando e puxando, e o espectro a olhava com um tipo de prazer distante, nem um pouco alarmado nem desconfortável pelos esforços da menina. Depois se deslocou, tão rapidamente que Matt só viu um borrão de verde-azulado, fazendo Elena voar, com os braços e pernas se debatendo, para um monte de cinzas. Ela se levantou de imediato, o sangue escorrendo da linha do cabelo e deixando traços vermelhos pelas cinzas que agora cobriam sua pele.

Bonnie também tentava: tinha conseguido se aproximar por trás do espectro e batia e chutava. Seus pés e punhos balançavam-se inofensivamente através da névoa do espectro, mas de vez em quando um golpe atingia a parte mais sólida do gelo. Mas esses golpes pareciam totalmente ineficazes: Matt não sabia se o espectro sequer percebera o ataque de Bonnie.

As veias inchavam no rosto e no pescoço de Damon, e ele pendia da mão do espectro. A carne de seu pescoço estava branca em volta dos tendões esticados. Sendo ou não um vampiro antigo com superpoderes, Damon estava sofrendo. Matt lançou uma oração para um santo qualquer que cuidasse das pessoas que buscavam causas perdidas e voltou à luta.

Havia escuridão. E depois havia dor, e a escuridão se avermelhou, depois clareou e Damon conseguia enxergar mais uma vez.

O espectro — aquela *vaca* — o segurava pelo pescoço, e sua pele era tão fria, tão fria que queimava onde quer que tocasse. Ele não conseguia se mexer.

Mas ele via Elena de pé abaixo dele. A linda Elena, coberta de cinzas, manchada de sangue, os dentes arreganhados e os olhos faiscando como uma deusa guerreira. Seu coração inchou de amor e medo. A ruivinha corajosa e o garoto Mutt lutavam ao lado dela.

Por favor, ele queria dizer. *Não tentem me salvar. Corram. Elena, você precisa fugir.*

Mas não conseguia se mexer, não conseguia falar.

Então o espectro mudou de posição e, sob o olhar de Damon, Elena parou o ataque e agarrou o próprio estômago, fazendo uma careta de dor. Matt e Bonnie também se seguravam, com os rostos pálidos e tensos, as bocas abertas em gritos. Com um gemido, Bonnie desmaiou.

Ah, não, pensou Damon com uma onda de pavor. *Elena, não. A ruivinha, não. Não por mim.*

De repente, uma lufada de vento girou em volta dele, e ele foi lançado do aperto do espectro. Houve um rugido em seus ouvidos e uma ardência nos olhos. Olhando em volta, ele viu Bonnie e Elena, com o cabelo comprido voando loucamente em volta delas; Matt girando os braços; e o espectro, com o rosto de vidro esverdeado pela primeira vez assustado em vez de malicioso.

Tornado, pensou Damon vagamente, e depois, *Portão*, então percebeu que estava sendo jogado para cima, de volta à escuridão mais uma vez.

***

O vento uivava agora em um tom ensurdecedor, e Stefan teve de levantar a voz a um grito até para ouvir a si mesmo. Precisou manter as duas mãos agarradas no livro, que estava sendo puxado de suas mãos como se algo vivo e muito forte estivesse conscientemente tentando arrancar o livro dele.

— *Mihi adi. Te voco. Necesse est tibi parere* — disse Stefan. — Vinde a mim. Eu vos invoco. Deveis obedecer.

Esse era o final do feitiço de invocação em latim. A parte seguinte era o feitiço de expulsão, que seria em inglês. É claro que o espectro teria de estar ali para que esta parte do feitiço fosse eficaz.

O vento que vergastava a garagem ficou ainda mais forte. Lá fora, um trovão roncou.

Stefan olhou o círculo mais interno, no fundo das sombras da garagem, mas não havia nada ali. O vento sobrenatural começava a ceder. O pânico surgiu em seu peito. Será que eles tinham fracassado? Olhou ansioso para Alaric e Meredith, depois para a Sra. Flowers, mas nenhum deles o olhava, encarando hipnotizados o círculo.

Stefan olhou novamente para lá, cheio de esperança. Mas não havia nada.

Espere.

Havia o mais leve movimento de *alguma coisa*, bem no meio do círculo, o lampejo mínimo de uma luz verde-azulada, e com ele veio um frio. Não como o vento frio que tinha circulado pela garagem, mais como um hálito gelado — inspira e expira, inspira e expira —, lento e constante e como um frio *de congelar*, vindo bem daquele ponto.

O brilho se ampliou, aprofundou-se, escureceu e, de repente, o que Stefan via transformou-se de um brilho amorfo em uma mulher. Uma mulher gigantesca, de névoa e gelo, nos tons de azul e verde. Dentro de seu peito havia uma rosa vermelho-escura, seu caule uma massa sólida de espinhos.

Meredith e Celia soltaram um ofegar audível. A Sra. Flowers olhava calmamente, enquanto Alaric estava de queixo caído.

Esse deve ser o espectro do ciúme. Stefan sempre pensou no ciúme como um calor ardente. Beijos ferozes, raiva feroz. Mas a raiva, o desejo, a inveja, todas as coisas que compunham o ciúme, também podiam ser frios, e ele não teve dúvida de que esse era o espectro certo.

Stefan percebeu todas essas coisas sobre o espectro e se esqueceu delas novamente numa fração de segundo, porque não foi só a mulher-gelo que se materializou no centro do círculo.

Confusos, chorosos, vacilantes, sujos de cinzas e lama, três humanos também tinham aparecido.

Sua linda e elegante Elena, coberta de sujeira, os cabelos dourados embaraçados, com riscos de sangue escorrendo pelo rosto. Bonnie, delicada e baixinha, manchada de lágrimas e pálida como leite, mas com uma expressão de fúria enquanto esperneava e arranhava o espectro. E o típico americano e sempre confiável Matt, sujo e desgrenhado, virando-se para olhar para eles com uma expressão peculiarmente vazia, como se estivesse simplesmente se perguntando em qual inferno tinha caído agora.

E então mais uma pessoa, uma quarta figura trôpega e ofegante, a última a ficar visível. Por um momento, Stefan não o reconheceu — não podia, porque este homem não deveria existir mais. Em vez disso, ele parecia um estranho assustadoramente familiar. O estranho colocou as mãos no pescoço para se proteger e olhou para fora do círculo, diretamente para Stefan. Através de um lábio inchado e ensanguentado e das fendas de olhos cheios de hematomas, apareceu o fantasma de um luminoso sorriso, e as engrenagens da mente de Stefan se encaixaram e finalmente voltaram a girar.

Damon.

Stefan ficou tão perplexo que não sabia o que sentir no início. Depois, bem no fundo dele, um calor lento se espalhou com a percepção de que o irmão *tinha voltado*. A última parte da sua estranha história estava mais uma vez ali. Stefan não estava só. Stefan avançou um passo em direção à margem do diagrama, prendendo a respiração.

— Damon? — perguntou suavemente, surpreso.

O Ciúme voltou sua cabeça para ele, e Stefan ficou preso onde estava por seu olhar vítreo e gélido.

— Ele voltou antes, sabia? — disse num tom amigável, e sua voz esfriou Stefan como se água gelada tivesse sido jogada em seu rosto. — Ele só não queria que você soubesse para poder ter Elena para si. Ele esteve rondando, discretamente, pregando peças, como sempre faz.

O Ciúme sem dúvida era feminino, e seu tom frio de observação lembrou a Stefan da vozinha que às vezes falava no fundo de sua mente, apelando para seus pensamentos mais sombrios e mais vergonhosos. Será que os outros a ouviam? Ou a voz falava diretamente com sua mente?

Ele se arriscou a olhar em volta. Todos eles — Meredith, Celia, Alaric, a Sra. Flowers — estavam parados como estátuas, encarando o Ciúme. Atrás deles, as camas improvisadas estavam vazias. Quando as três formas astrais dos adormecidos entraram no círculo com o espectro, seus corpos devem de algum modo ter se juntado a eles, tornando-os sólidos dentro do círculo interno.

— Ele procurou *Elena* — provocou o espectro. — Escondeu de você a ressurreição para poder ir atrás dela. Damon não se preocupou nem por um segundo com o que *você* sentia com sua morte. E, enquanto você estava ocupado chorando por ele, Damon estava ocupado visitando o quarto de Elena.

Stefan cambaleou para trás.

— Ele sempre quer o que você tem, e você sabe disso — continuou o espectro, os lábios transparentes se curvando num sorriso. — Isso é verdade desde que vocês eram mortais. Lembra de como ele chegou da universidade e roubou Katherine de você? Usou todo o charme com ela, só porque sabia que você a amava. Até nas pequenas coisas: se você tivesse um brinquedo, ele o tomava. Se você quisesse um cavalo, ele o cavalgava. Se houvesse um pedaço de carne no prato entre os dois, ele o pegava mesmo que não estivesse com fome, só para você não pegar.

Stefan meneou a cabeça devagar, novamente sentindo-se *lento demais*, como se mais uma vez tivesse perdido o momento importante.

Damon esteve visitando Elena? Quando ele chorou no ombro dela pelo irmão morto, Elena sabia que Damon estava vivo?

— Mas você achava que podia confiar em Elena, não é, Stefan? — Elena se voltou para ele, com as bochechas pálidas sob a camada de cinzas. Ela parecia enjoada e apreensiva.

— Não, Stefan... — Elena começou a falar, mas o espectro continuou rapidamente, suas palavras um veneno suave. Stefan *sabia* o que ele estava fazendo. Não era bobo. Mas se sentia concordar com a cabeça, com uma raiva vermelha e lenta crescendo dentro de si apesar da luta de seu ser mais racional.

— Elena escondeu o segredo dele de você, Stefan. Ela sabia que você estava sofrendo e que saber que Damon estava vivo aliviaria esse sofrimento, mas ainda assim guardou segredo. Porque Damon pediu a ela, e o que Damon queria era mais importante do que ajudar você. Elena sempre quis os dois irmãos Salvatore. É engraçado, na verdade, Stefan, como você nunca é o suficiente para as mulheres que ama. Não é a primeira vez que Elena prefere Damon a você, é?

Elena balançou a cabeça, mas Stefan mal a enxergava através da maré de fúria e desespero que crescia dentro dele.

— Segredos e mentiras — continuou o espectro alegremente, com um riso que tinia gelado —, e o bobalhão do Stefan Salvatore sempre alguns passos atrás. Você sabia o tempo todo que havia algo entre Elena e Damon de que você não participava, e ainda assim nunca teria suspeitado que ela trairia você com ele.

Damon pareceu sair em um estalo de seu torpor, como se de repente ouvisse o espectro pela primeira vez. Suas sobrancelhas se uniram numa careta séria, e ele aos poucos voltou a cabeça para encará-lo.

Ele abriu a boca para falar, mas nesse momento algo em Stefan se rompeu, e antes que Damon conseguisse pronunciar qualquer negação ou provocação que estava na ponta da língua, Stefan avançou com um grito de raiva, atravessando direto o diagrama de giz. Mais rápido do que o olho humano poderia acompanhar, Stefan derrubou Damon de costas fora do círculo e o jogou na parede mais distante da garagem.

33

Pare! — gritou Elena. — Stefan! Pare! Você vai matá-lo!

Ao dizer isso, ela percebeu que matar Damon podia ser exatamente o que Stefan tinha em mente. Stefan partiu para cima de Damon com dentes e mãos, não o socando, mas rasgando ferozmente, com presas e garras. Stefan, com o corpo agachado de um jeito primal nefasto, os caninos estendidos, o rosto distorcido por uma fúria animal, nunca pareceu tanto um vampiro sedento por sangue.

E, atrás de Elena, que os observava, aquela voz sedutora e arrepiante continuava, dizendo a Stefan que ele perderia tudo, como sempre perdia tudo. Que Damon tirou tudo dele e depois jogou de lado com cuidado e crueldade, porque Damon simplesmente queria estragar o que Stefan tivesse.

Elena se virou e, assustada demais pelo que Stefan estava fazendo com Damon para ter algum medo do espectro, bateu nele com os punhos. Depois de um momento, Matt e Bonnie se juntaram a ela.

Como antes, suas mãos só atravessavam a névoa do espectro. O peito do espectro era sólido, porém, e Elena concentrou sua raiva ali, golpeando o gelo duro com o máximo de energia que conseguia.

Por baixo do gelo do peito da criatura, uma rosa brilhava num vermelho escuro e denso. Era uma linda flor, mas de aparência mortal, sua cor lembrando-a de sangue envenenado. Seu caule com espinhos parecia inchado, mais grosso que o de uma flor normal. Enquanto Elena olhava, o brilho se aprofundou e as pétalas da flor se abriram mais, amadurecendo inteiramente a flor. *Este é o coração dela?*, perguntou-se Elena. *O ciúme de Stefan está nutrindo isto?* Ela bateu com o punho no peito do espectro de novo, bem acima da rosa, e o

espectro olhou para ela por um momento.

— Pare — disse Elena com ferocidade. — Deixe Stefan em paz.

O espectro agora realmente olhava para ela e o sorriso dele — não, *dela* — se alargou, os dentes de vidro afiados e brilhantes sob os lábios de névoa. Nas profundezas glaciais de seus olhos, Elena pensou ter visto uma centelha gélida mas autêntica, e o coração de Elena congelou.

Depois o espectro voltou a atenção para Stefan e Damon e, embora Elena não acreditasse ser possível, as coisas pioraram.

— Damon — disse o espectro numa voz gutural, e Damon, que estava flácido e exausto, de olhos bem fechados, passivo sob o ataque de Stefan, protegendo o rosto mas sem revidar, abriu os olhos. — Damon — continuou o espectro, com os olhos faiscando. — Que direito Stefan tem de atacar você? Quando você tentava tirar alguma coisa dele, só estava lutando contra o fato de que ele tinha tudo... o amor de seu pai, as mulheres que você queria... e você não tinha nada. Ele é um pirralho hipócrita, um fracote que odeia a si mesmo, mas ele consegue *tudo*.

Os olhos de Damon se arregalaram como se ele reconhecesse a verbalização de suas infelicidades mais profundas, e seu rosto se contorceu de emoção. Stefan ainda o arranhava e mordia, mas recuou um pouco quando Damon entrou em ação, pegando-o pelo braço e torcendo-o. Elena estremeceu de pavor ao ouvir o esmagar de alguma coisa — ah, meu Deus —, algo no braço ou no ombro de Stefan se quebrando.

Sem se abalar, Stefan só fez uma careta e se atirou em Damon de novo, o braço ferido pendendo desajeitadamente. Damon era mais forte, Elena observou num torpor, mas estava exausto; certamente não seria capaz de manter a vantagem por muito tempo. De então em diante, eles pareciam equivalentes. Os dois estavam furiosos, ambos lutavam sem restrições. Um rosnado bestial e desagradável saiu de um deles, um riso trêmulo e cruel do outro, e Elena percebeu com horror que não sabia qual som vinha de quem.

O espectro sibilou de prazer. Elena se encolheu para longe dela e, pelo canto do olho, viu Bonnie e Matt também se afastarem.

— Não apaguem as linhas! — gritou Alaric do outro lado da... onde eles estavam mesmo? Ah, na garagem da Sra. Flowers; a garagem. Ele parecia desesperado, e Elena se perguntou se ele estava gritando havia muito tempo. Havia algum ruído de fundo, mas não teve um momento sequer para prestar atenção. — Elena! Bonnie! Matt! Não apaguem as linhas! — gritou de novo. — Podem sair, mas passem por cima das linhas com cuidado!

Elena olhou para baixo. Um desenho complexo de linhas em diferentes cores tinha sido feito com giz sob seus pés, e ela, Bonnie, Matt e o espectro estavam todos juntos em um pequeno círculo no centro desse desenho.

Bonnie foi a primeira a perceber claramente o que Alaric estava dizendo.

— Vamos — murmurou ela, puxando Elena e Matt pelo braço.

Depois partiu, com cautela mas rapidamente pelo chão, para longe do espectro e na direção dos amigos. Matt a seguiu. Ele teve de parar com um pé numa pequena seção e esticar o outro pé, e houve um instante em que cambaleou, com um tênis quase borrando uma linha azul de giz. Mas recuperou o equilíbrio e continuou.

Elena, ainda concentrada nas figuras de Damon e Stefan que lutavam desesperadamente, levou alguns segundos a mais para entender que também precisava se mexer. Quase foi tarde demais para ela. Ao se posicionar para dar o primeiro passo para fora do circulo interno, o espectro lhe voltou os olhos vítreos.

Elena voou, pulando rapidamente para fora do círculo e mal conseguindo deixar de patinar pelo diagrama. O espectro ia dar um golpe nela, mas sua mão parou antes de atravessar uma linha de giz e ele grunhiu de frustração.

Alaric, tremendo, tirou o cabelo desgrenhado dos olhos.

— Não sabia se isso a conteria — admitiu —, mas parece que está dando certo. Agora cuidado, Elena, veja onde pisa, venha por aqui. — Matt e Bonnie já haviam chegado à parede da garagem, a uma distância de onde Stefan e Damon estavam numa batalha renhida, e Meredith os abraçava, a cabeça escura enterrada no ombro de Matt e Bonnie aninhada em sua lateral, com os olhos redondos como os de

uma gatinha assustada.

Elena olhou o desenho complicado no chão e começou a se mover com cuidado entre as linhas, indo não em direção aos outros amigos, mas aos dois vampiros que lutavam.

— Elena! Não! Por aqui! — gritou Alaric, mas Elena o ignorou. Ela precisava chegar até Damon e Stefan.

— Por favor — disse ela, meio chorando, ao alcançá-los —, Damon, Stefan, vocês precisam parar. O espectro está fazendo isso com vocês. Não querem realmente ferir um ao outro. Não são vocês. *Por favor*.

Nenhum dos dois deu a menor atenção a ela. Elena nem sabia se eles a ouviam. Agora estavam quase imóveis, com os músculos tensos no aperto do outro enquanto cada um tentava ao mesmo tempo atacar e se defender. Lentamente, enquanto Elena observava, Damon começou a superar Stefan, afastando aos poucos os braços dele, inclinando-se para seu pescoço, faiscando os dentes brancos.

— *Damon! Não!* — gritou Elena. Ela tentou pegar o braço dele para afastá-lo de Stefan. Sem olhar para ela, Damon a jogou de lado de um jeito casual e cruel, fazendo-a voar.

Ela caiu de costas com o forte impacto e escorregou pelo chão, e aquilo *doeu*, fazendo seus dentes baterem e chocando a cabeça no cimento, com uma dor ardendo atrás dos olhos. Ao começar a se levantar novamente, ela viu com horror Damon ultrapassar as últimas defesas de Stefan e cravar as presas no pescoço do irmão mais novo.

— Não! — gritou ela novamente. — Damon, não!

— Elena, cuidado — gritou Alaric. — Você está no diagrama. Por favor, faça o que quiser, porém não apague mais nenhuma linha.

Elena olhou em volta. Sua queda a fizera deslizar por várias marcas de giz, que agora eram manchas de cor em volta dela. Enrijeceu, apavorada, e reprimiu um gemido. Agora *a coisa* estava solta? Será que ela a libertara?

Preparando-se, ela se virou para o círculo interno.

O espectro tateava ao redor com os braços compridos, dando tapinhas de um lado a outro de uma muralha invisível em volta do círculo que o mantinha preso. Enquanto Elena olhava, sua boca se afinou com esforço e o espectro uniu as mãos em um ponto e

empurrou.

O ar no ambiente reverberou.

Mas o espectro não conseguiu romper o círculo e, depois de um momento, parou de empurrar e sibilou, decepcionado.

Então seus olhos caíram em Elena, e ele sorriu novamente.

— Ah, Elena — disse o espectro, com a voz suave de uma falsa compaixão. — A linda menina, a que todo mundo quer, aquela por quem todos os meninos brigam. É tão difícil ser você. — A voz se distorceu, o tom mudando para uma zombaria amarga. — Mas eles não estão realmente pensando em você, estão? Os dois que você quer, você não é a garota para eles. Sabe por que eles se sentem atraídos por você. Katherine. Sempre Katherine. Eles querem você porque é parecida com ela, mas você não é Katherine. A mulher que eles amaram há tanto tempo era meiga, doce e gentil. Uma inocente, uma vítima, um ornamento para as fantasias deles. Você não é nada parecida com ela. Eles vão descobrir isso, sabe? Depois que sua forma mortal mudar... e vai mudar. Eles serão os mesmos para sempre, mas você está mudando e envelhecendo a cada dia; em alguns anos, parecerá muito mais velha que eles... então vão perceber que não é aquela que amam. Você não é Katherine e nunca será.

Os olhos de Elena ardiam.

— Katherine era um monstro — cuspiu ela entredentes.

— Ela *se tornou* um monstro. Ela começou como uma doce e meiga jovem — corrigiu o espectro. — Damon e Stefan a destruíram. Como vão destruir você. Você nunca terá uma vida normal. Não é como Meredith, Bonnie ou Celia. Todas elas terão uma chance de normalidade quando estiverem prontas, apesar de você tê-las arrastado para suas batalhas. Mas você, você nunca será normal. E sabe a quem culpar por isso, não sabe?

Elena, sem pensar, olhou para Damon e Stefan, justo quando Stefan conseguiu empurrar Damon para longe. Damon cambaleou para trás, em direção ao grupo de humanos que se espremia na parede da garagem. O sangue escorria de um corte terrível em sua boca e sujava seu pescoço.

— Eles a condenaram, como condenaram aquela que eles *realmente*

amaram — disse o espectro suavemente.

Elena se colocou de pé com o coração martelando, pesado de desespero e raiva.

— Elena, pare! — chamou uma voz de contralto forte, repleta de tanta autoridade que Elena afastou o olhar de Damon e Stefan e, piscando como se tivesse despertado de um sonho, olhou para os outros além do diagrama.

A Sra. Flowers estava na margem das linhas de giz, com as mãos nos quadris, os pés firmemente plantados. Seus lábios formavam uma linha firme e reta de raiva, mas os olhos estavam claros e pensativos. Ela olhou nos olhos de Elena, que se acalmou e se fortaleceu. Então a Sra. Flowers olhou para os outros reunidos ao lado dela.

— Precisamos fazer o feitiço de expulsão *agora* — declarou. — Antes que o espectro consiga destruir a todos nós. Elena! Está me ouvindo?

Com uma onda de razão correndo por ela, Elena assentiu e voltou para se unir aos outros.

A Sra. Flowers uniu as mãos incisivamente, e o ar reverberou de novo. A voz do espectro falhou e ele gritou de fúria, debatendo-se no ar, com as mãos rapidamente encontrando resistência, sua prisão invisível ficando menor.

Meredith tateou com urgência a prateleira alta perto da porta da garagem, com as mãos tocando e rejeitando vários objetos. Onde a Sra. Flowers tinha colocado as velas? Pincéis, não. Lanternas, não. Lata antiga de inseticida, não. Terra para vaso, não. Uma coisa de metal estranha que ela não conseguiu entender o que era pelo toque, não.

Sacola de velas. Isso.

— Peguei. — Ela a puxou da prateleira e derrubou o que devia ser uma década de poeira em sua cabeça. — Ai.

Era um sinal da seriedade da situação, pensou Meredith, que Bonnie e Elena a estivessem olhando, com a cabeça e os ombros cobertos de uma poeira grossa e teias de aranha, e nenhuma das duas estivesse rindo nem se mexendo para se limpar. Todos tinham coisas

mais importantes com que se preocupar do que um pouco de poeira.

— Muito bem — disse ela. — Primeiro, precisamos deduzir qual seria a cor da vela de Damon. — A Sra. Flowers tinha observado que Damon claramente também era uma vítima do espectro do ciúme, e assim teria de fazer parte do ritual de expulsão para que funcionasse plenamente.

Olhando para os dois irmãos vampiros que ainda tentavam dilacerar um ao outro, Meredith duvidava seriamente se Damon participaria. Stefan tampouco, aliás. Eles estavam unicamente concentrados em infligir o maior dano possível ao outro. Ainda assim, eles teriam de fazer os dois vampiros voltarem para que o feitiço desse certo.

De algum jeito.

Meredith se viu perguntando-se friamente se a morte de Damon e Stefan poderia excluí-los com segurança do ritual. Será que o resto deles conseguiria derrotar o espectro? E, se os dois não se matassem, mas simplesmente continuassem a brigar, colocando todos em risco, ela seria capaz de matá-los? Deixou a ideia de lado. Stefan era seu *amigo*.

E então se obrigou a pensar em matá-lo novamente. Esse era seu *dever*. Era mais importante do que a amizade; tinha de ser.

Sim, ela conseguiria matar os dois hoje, mesmo nos minutos seguintes, se fosse necessário, percebeu. Ela se arrependeria para sempre se tivesse de fazê-lo, mas conseguiria.

Além disso, uma parte de sua mente observou clinicamente, se as coisas continuassem como estavam agora, Damon e Stefan se matariam e a poupariam desse fardo.

Elena estava pensando muito — ou talvez estivesse distraída, concentrada no que o espectro do ciúme lhe dissera, Meredith não tinha certeza — e resolveu falar.

— Vermelha — disse ela. — Tem uma vela vermelha para Damon?

Havia uma vela vermelho-escura e também uma preta. Meredith pegou as duas e mostrou-as a Elena.

— Vermelha — escolheu Elena.

— De sangue? — perguntou Meredith, olhando para os

combatentes, agora a apenas três metros de distância.

Meu Deus, os dois estavam *cobertos* de sangue. Enquanto ela olhava, Damon rosnava como um animal e batia a cabeça de Stefan repetidamente contra a parede da garagem. Meredith estremeceu com o som oco do crânio de Stefan batendo na madeira e no gesso da parede. Damon estava com a mão em volta do pescoço de Stefan, com a outra rasgando seu peito como se quisesse arrancar seu coração.

Uma voz suave e sinistra ainda vinha do espectro. Meredith não distinguia o que dizia, mas seus olhos estavam nos irmãos e ele sorria ao falar. Parecia satisfeito.

— De paixão. — Elena pegou a vela das mãos de Meredith e marchou, com as costas retas e a cabeça erguida como um soldado, até a fila de velas que Alaric reacendia na margem do diagrama. Meredith viu Elena acender a vela e pingar uma poça de cera quente para colocá-la de pé.

Stefan obrigou Damon a recuar, aproximando-se dos outros e da linha de velas. As botas de Damon rasparam no chão quando ele se escorou contra Stefan.

— Muito bem — disse Alaric, olhando apreensivo para as velas, depois para o livro. — Cada um de nós declarará os ciúmes que tem dentro de si... a fraqueza com que o espectro é capaz de jogar... e os expulsará. Se realmente formos sinceros, se conseguirmos pelo menos por agora, verdadeira e sinceramente expulsar nossos ciúmes, nossas velas vão se apagar e o espectro será enfraquecido. O truque é realmente conseguir expulsar o ciúme e a inveja de nossos corações e parar de alimentar o espectro, e se todos fizermos isso a um só tempo, o espectro deverá desaparecer ou talvez até morrer.

— E se não conseguirmos? E se tentarmos expulsar o ciúme, mas ele não sumir completamente? — perguntou Bonnie com a testa vincada de preocupação.

— Então não vai dar certo e o espectro ficará — respondeu Alaric categoricamente. — Quem quer ser o primeiro?

Stefan jogou Damon cruelmente no chão de cimento com um uivo de cólera. Eles estavam a apenas alguns centímetros da linha de velas, e Alaric se colocou entre eles e a fileira de chamas mínimas, tentando

proteger as velas com o corpo. Celia estremeceu quando Stefan soltou um rosnado furioso e grave e baixou a cabeça para morder o ombro de Damon. O Ciúme mantinha um fluxo estável de palavras venenosas, com os olhos cintilando.

A Sra. Flowers bateu palmas para chamar a atenção de todos, com a expressão firme e encorajadora.

— Meninos, todos vocês precisam ser sinceros e corajosos — disse ela. — Devem *verdadeiramente* admitir o que há de pior em vocês na frente dos amigos, o que será difícil. E vão precisar ser fortes o bastante para expulsar esses aspectos negativos, o que pode ser ainda mais difícil. Mas vocês se amam, e eu garanto que vamos conseguir passar por isso.

Um baque e um grito abafado de fúria e dor vieram de poucos centímetros dali, e Alaric olhou nervoso por sobre o ombro para a batalha atrás dele.

— O tempo é essencial — disse a Sra. Flowers rapidamente. — Quem será o primeiro?

Meredith estava prestes a dar um passo à frente, segurando seu bastão para ter apoio, quando Bonnie se manifestou.

— Eu — disse ela, hesitante. — Humm. Eu tive ciúme de Meredith e de Elena. Eu sempre... — Ela engoliu em seco e continuou com mais firmeza. — Às vezes sinto que sou apenas secundária quando estou com as duas. Elas são mais corajosas do que eu, lutam melhor e são mais inteligentes e mais bonitas, e... e *mais altas* do que eu. Tenho inveja e ciúme porque parece que as pessoas não me respeitam como respeitam as duas e não me levam a sério como fazem com Elena e Meredith. Tenho ciúme porque às vezes fico na sombra delas, e a sombra é muito grande... metaforicamente falando, quero dizer. E também tenho ciúme porque nunca tive um namorado de verdade, e Meredith tem Alaric, e Elena tem Stefan, e porque Elena *também* tem Damon, que acho incrível e lindo, mas que nunca percebeu minha presença quando estou ao lado dela, porque só tem olhos para ela.

Bonnie parou de novo e olhou para Elena, com os olhos arregalados e brilhantes.

— Mas eu amo Elena e Meredith. Sei que preciso parar de me

comparar a elas. Não sou apenas secundária; também sou útil e talentosa. E — ela falou as palavras que Alaric dera a todos — eu alimentei o espectro do ciúme. Mas agora expulso meu ciúme.

No semicírculo de velas, a chama da vela rosa de Bonnie bruxuleou e se apagou. Bonnie soltou um leve ofegar e sorriu, meio envergonhada, meio orgulhosa, para Meredith e Elena. De dentro do diagrama, o espectro do ciúme virou repentinamente a cabeça e fuzilou Bonnie com os olhos.

— Bonnie... — começou Meredith, querendo dizer à amiga que era óbvio que ela *não era* secundária. Será que Bonnie não sabia como era incrível?

Mas então Elena avançou em direção às velas e jogou o cabelo para trás, de cabeça erguida.

— Eu tive ciúme de outras pessoas de Fell's Church — declarou. — Vi a tranquilidade com que outros casais ficam juntos, e depois de tudo que passamos, Stefan e eu... e Damon, e os meus outros amigos... e mesmo depois de termos salvado Fell's Church e deixado a cidade normal de novo, tudo continuou tão *difícil*, tão *estranho* e sobrenatural. Acho que andei percebendo que as coisas nunca serão tão fáceis e normais para mim, e foi duro aceitar isso. Quando olhava para os outros e tinha ciúme e inveja deles, eu alimentava o espectro do ciúme. Eu expulso esse ciúme.

Elena sorriu um pouco. Era um sorriso estranho e tristonho, e Meredith, observando-a, pensou que, embora Elena tivesse expulsado seu ciúme, ainda era assombrada pelo remorso da vida tranquila e dourada que antigamente tinha pela frente e que provavelmente lhe fora tomada para sempre.

A vela ainda ardia. Elena hesitou. Meredith seguiu seu olhar, passando pela linha de velas, até onde Stefan e Damon lutavam. Enquanto elas observavam, Damon se levantou e rolou Stefan para baixo dele, deixando um longo risco de sangue pelo chão da garagem. O pé de Stefan roçou na vela vermelha na ponta da fila, e Alaric saltou para equilibrá-la.

— E eu tenho ciúme de Katherine — disse Elena. — Damon e Stefan a amaram primeiro, e ela os conheceu antes de tanta coisa ter

acontecido para mudá-los... deformando quem eles deviam ser. E, embora eu perceba que os dois sabem que não sou Katherine e que eles me amam por quem eu sou, não consigo me esquecer de que eles inicialmente me notaram porque sou parecida com ela. Eu alimentei o espectro do ciúme por causa de Katherine, e expulso esse ciúme.

A vela bruxuleou, mas não se apagou. O Ciúme sorriu triunfante, mas então Elena continuou:

— Também tive ciúme de Bonnie. — A cabeça de Bonnie se ergueu repentinamente, e ela encarou Elena com incredulidade. — Eu estava acostumada a ser a única humana de quem Damon gostava, a única que ele queria salvar. — Ela olhou para Bonnie com os olhos cheios de lágrimas. — E estou muito, muito feliz por Bonnie estar viva. Mas tive ciúme porque Damon se importava o bastante para morrer por ela. Quando tive ciúme de Bonnie, alimentei o espectro do ciúme. Mas agora expulso esse ciúme.

A vela dourada se apagou. Elena olhou quase timidamente para Bonnie e a ruiva sorriu para ela, um sorriso franco e amoroso, e estendeu os braços. Elena a abraçou com força.

Apesar da tristeza que sentia pela morte dos pais de Elena, Meredith nunca tinha se lamentado pela amiga. Por que deveria? Elena era bonita, inteligente, uma líder, amada com paixão... mas agora Meredith não pôde deixar de sentir uma onda de solidariedade por ela. Às vezes deve ser mais fácil viver uma vida comum do que ser uma heroína.

Meredith olhou para o espectro. Ele parecia ferver e agora estava inteiramente concentrado nos humanos.

Alaric contornou as velas em direção aos outros, olhando para Damon e Stefan. Damon tinha prendido Stefan dolorosamente na parede atrás de Alaric. O rosto de Stefan estava retorcido numa careta, e eles ouviam o raspar de seu corpo na superfície dura. Mas pelo menos Stefan e Damon não estavam colocando as velas em perigo no momento.

Meredith voltou a atenção para o namorado. Do que Alaric podia ter ciúme? No fundo, ele fora o foco do ciúme na última semana.

Ele pegou uma das mãos de Meredith.

— Eu tive ciúme — disse Alaric, olhando-a nos olhos. — De você, Meredith. E de seus amigos.

Meredith, por reflexo, arqueou uma sobrancelha para ele. O que Alaric queria dizer com isso?

— Meu Deus. — Ele riu um pouco. — Aqui estou eu, um estudante de pós-graduação em parapsicologia. A vida toda eu morri de vontade de provar a mim mesmo que há algo mais acontecendo no mundo além do que todo mundo sabe, que parte das coisas que consideramos sobrenaturais são reais. E então vim a esta cidade pequena da Virgínia porque havia boatos, boatos nos quais eu não acreditava de verdade, de que poderia haver vampiros aqui, e quando cheguei encontrei uma menina maravilhosa, linda e confiante, e ela veio de uma família que caçava vampiros. E os amigos dela eram vampiros, bruxas, videntes e meninas que voltavam dos mortos para combater o mal. Eles tinham acabado de se formar no ensino médio, mas viram coisas que nunca imaginei. Derrotaram monstros, salvaram cidades, viajaram a outras dimensões. E, sabe, sou apenas um sujeito comum, e de repente metade das pessoas que eu conhecia... e a garota que eu amo... são praticamente super-heróis. — Ele meneou a cabeça, olhando com admiração para Meredith. — Eu alimentei o espectro do ciúme. Mas agora expulso meu ciúme. Só preciso aprender a ser o namorado de uma super-heroína. — De imediato, a vela verde-escura se apagou.

Preso no círculo interno, o espectro sibilava e andava de um lado para o outro do pequeno espaço, como um tigre enjaulado. Parecia furioso, porém não estava perceptivelmente mais fraco.

Celia foi a seguinte. Seu rosto estava cansado, mas calmo.

— Eu alimentei o espectro do ciúme — proclamou ela. — Tive ciúme de Meredith Suarez. — Ela não disse por quê. — Mas agora vejo que não tem sentido. Eu alimentei o espectro do ciúme, mas agora expulso meu ciúme.

Ela falou como se tivesse jogando alguma coisa no lixo. Mas, ainda assim, a vela roxa se apagou.

Meredith abriu a boca para falar — tinha certeza do que precisava dizer e não seria tão difícil, porque ela *vencera*, certo? Se é que um dia houve uma batalha em algum lugar além de na sua própria mente —,

mas Matt deu um pigarro e falou primeiro.

— Eu tenho... — Ele tropeçava nas palavras. — Acho... não, eu sei que alimentei o espectro do ciúme. Sempre fui louco por Elena Gilbert, desde que a conheci. E tive ciúme de Stefan. O tempo todo. Mesmo agora, quando o Ciúme conseguiu prendê-lo nessa batalha sangrenta, porque ele tem Elena. Ela o ama, e não a mim. Mas, bom, isso não importa... também sei há muito tempo que Elena e eu não damos certo juntos, não aos olhos dela, e que isso não é culpa de Stefan. Eu alimentei o espectro do ciúme, mas agora expulso meu ciúme. — Ele corou e evitou olhar para Elena. A vela branca se apagou, enviando um longo filete de fumaça em direção ao teto.

Faltam três velas, pensou Meredith, olhando para as últimas chamas firmes. A vela verde-escura de Stefan, a vermelha de Damon e a marrom dela. O espectro estava mais fraco? De sua jaula invisível, o espectro grunhiu. Na realidade, parecia ter aumentado o espaço em torno de si de novo e mais uma vez empurrava, aparentemente procurando um ponto fraco.

Meredith sabia que tinha de continuar com a confissão.

— Eu alimentei o espectro do ciúme — disse ela numa voz clara e forte. — Tive ciúme da Dra. Celia Connor. Eu amo Alaric, porém sei que sou muito mais nova do que ele, nem mesmo estou na faculdade e nunca fui a nenhum lugar nem vi nada do mundo... do mundo humano, pelo menos... além da cidade onde cresci. Celia partilha muita coisa com ele... experiências, estudos, interesses... e eu sabia que ele gostava muito dela. E ela é bonita, muito inteligente e confiante. Eu tive ciúme porque tive medo de ela o tirar de mim. Mas, se ela tivesse conseguido tirá-lo, isso significaria que ele não deveria ser meu. Não se pode roubar uma pessoa. — Ela sorriu hesitante para Celia e, depois de um momento, Celia sorriu levemente. — Eu expu...

— Cuidado! — gritou Alaric. — Damon! Stefan! Parem!

Meredith levantou a cabeça. Damon e Stefan cambaleavam pelo chão da garagem, ultrapassando a linha das velas e passando por Alaric, que os segurou. Eles se soltaram de seus braços sem esforço algum e aparentemente sem sequer sentir seu toque, empurrando o outro com desespero, lutando com ferocidade. Distraídos de qualquer

coisa além da batalha, eles se aproximavam cada vez mais do espectro.

— Não! — gritou Elena.

Damon empurrou Stefan para trás, e o salto da bota de Stefan raspou no giz que contornava o pequeno círculo que continha o espectro — passou pela linha de giz e a manchou, e o círculo não estava mais completo.

Com um uivo de triunfo, o espectro se libertou.

34

Não o enfraquecemos o bastante! — gritou Meredith para os amigos, mais alto que os gritos do Ciúme. O espectro parecia mais forte ao atravessar a garagem em um grande salto e dar um tabefe na cara de Meredith. Ela sentiu uma dor lancinante, viu um clarão e se sentiu bater na parede. Tonta, conseguiu se colocar de pé.

O espectro investia em direção a ela de novo. Desta vez, mais lentamente, com um sorriso de expectativa.

O feitiço deve ter feito alguma coisa, então, pensou Meredith grogue, *ou o espectro não se importaria se eu terminasse ou não minha parte.*

Meredith se agarrou a seu bastão de combate. Não ia ceder facilmente, não se pudesse evitar. Alaric a chamara de super-heroína. Os super-heróis continuam lutando, mesmo quando parecem não ter chance alguma.

Ela cortou o ar cruelmente com a ponta do bastão de combate, com habilidade. Todas aquelas horas de treino valeram a pena, porque o espectro parecia não esperar o golpe, e em vez de o bastão passar inofensivo por uma névoa, Meredith pegou o espectro em sua forma sólida, pouco acima da rosa em seu peito. A lâmina na ponta abriu um corte fundo no peito do espectro, e Meredith, puxando o bastão de volta para dar o segundo golpe, viu um fluido verde e viscoso pingar da extremidade da arma.

Ao girar novamente, a sorte de Meredith lhe escapou. O espectro estendeu a mão para ela, movendo-se com tal rapidez que Meredith só viu quando o espectro estava segurando a outra ponta do bastão. Apesar de o bastão ser afiado, com veneno cobrindo todos aqueles pedaços de prata, madeira e ferro, o espectro o segurou com leveza e

facilidade e *puxou*.

Meredith foi derrapando pelo chão da garagem em direção ao espectro, rápida e impotente, e o espectro estendeu a outra mão indolentemente para pegá-la, com um esgar de satisfação e raiva no rosto vítreo. *Ah, não*, disse a voz interior de Meredith, *assim não. Não pode terminar assim.*

Pouco antes de tocar em Meredith, porém, o rosto do espectro mudou, assumindo, de repente, uma expressão de confusão. Ele soltou o bastão, e Meredith o puxou de volta e recuperou o equilíbrio, oscilando violentamente, ofegante.

O espectro olhou para além dela, esquecendo-se de Meredith, pelo menos por enquanto. Os dentes vítreos do espectro estavam à mostra, e havia uma raiva terrível em seu rosto tingido de verde. Enquanto Meredith olhava, parecia que os músculos de seus braços de gelo sólido se retesaram, depois se dissolveram em redemoinhos de névoa em forma de braço e se solidificaram de novo, ainda na mesma imobilidade tensa. *Ele não consegue se mexer*, percebeu Meredith. Ela se virou para olhar para trás.

A Sra. Flowers estava ereta e alta, com os olhos azuis faiscantes fixos no espectro. Tinha as mãos estendidas, o rosto com linhas fortes e decididas. Vários fios de seu cabelo grisalho escapavam do coque, apontando para todo lado, como se apanhados por eletricidade estática.

Os lábios da Sra. Flowers se mexiam em silêncio e, enquanto o espectro lutava para se mexer, a Sra. Flowers também lutava, parecendo se esforçar para sustentar algo tremendamente pesado. Os olhos das duas criaturas, de um azul frio intenso e verde-claro como uma geleira, estavam fixos numa batalha silenciosa.

Os olhos da Sra. Flowers estavam firmes, mas os braços tremiam violentamente, e Elena não sabia quanto tempo mais a velha seria capaz de aguentar e manter o espectro sob controle. Não muito, suspeitava. A batalha com os kitsune exigira muito da Sra. Flowers, e ela ainda não havia se recuperado plenamente. Não estava pronta para uma nova luta.

O coração de Elena batia como louco, e ela não suportava olhar para as figuras ensanguentadas de Damon e Stefan do outro lado da garagem, porque a única coisa que sabia que não podia fazer era entrar em pânico. Ela precisava conseguir *pensar*.

— Meredith — disse Elena rispidamente, com um tom de autoridade tal que todos os amigos pararam de observar a luta da Sra. Flowers com o espectro e olharam para ela. — Termine sua parte da cerimônia.

Inexpressiva, Meredith olhou para Elena por um momento e depois engrenou. Esta era uma das muitas coisas maravilhosas em Meredith: sempre se podia confiar que ela, independentemente das circunstâncias, se recomporia e faria seu trabalho.

— Eu alimentei o espectro do ciúme — disse Meredith, olhando para o chão, onde sua vela marrom ainda ardia —, mas agora expulso meu ciúme.

As palavras de Meredith soaram com veracidade, e a vela se apagou.

O espectro se encolheu e fez uma careta, flexionando os dedos com raiva. O vermelho-escuro da rosa em seu peito desbotou para um rosa-escuro por um momento antes de reacender no carmim. Mas... ele não parecia ter sido derrotado; parecia apenas irritado. Seus olhos nunca deixavam os da Sra. Flowers, e seus músculos esculpidos em gelo ainda se retesavam para a frente.

Quase todas as velas estavam apagadas. Só duas chamas ainda bruxuleavam, das velas azul e vermelha, apenas duas vítimas alimentando o espectro com seu ciúme.

Assim, com quase todas as suas vítimas separadas dele, o espectro não deveria ficar *mais fraco*? Não devia estar doente e sem forças?

Elena se virou para Alaric.

— Alaric — sussurrou ela. — O que o livro diz? O feitiço não devia estar começando a matar o espectro agora?

Alaric observava o embate silencioso entre a Sra. Flowers e o espectro de novo, com os punhos cerrados e o corpo tenso como se de algum modo pudesse emprestar suas forças à Sra. Flowers, e levou algum tempo — *tempo que não temos*, pensou Elena furiosamente —

para voltar sua atenção a Elena. Quando o fez e ela repetiu a pergunta, ele voltou um olhar mais analítico para o espectro e uma nova preocupação surgiu em seus olhos.

— Não tenho muita certeza — disse ele —, mas o livro sugeria... o livro dizia algo como: "Cada palavra verdadeiramente pronunciada por suas vítimas, cada emoção sombria rejeitada de boa-fé recuperará do espectro a vida que foi roubada de seus pensamentos e atos. A criatura desmoronará a cada palavra sincera pronunciada contra ela." Pode ser só retórica ou talvez quem escreveu o feitiço tenha ouvido falar do ritual sem vê-lo realizado, mas parece... — hesitou.

— Parece que o feitiço devia matar o espectro agora — disse Elena categoricamente. — Mas não está funcionando bem.

— Não sei o que está dando errado — disse Alaric, infeliz.

O mundo mudou, e tudo entrou em foco.

— Eu sei — disse Elena. — Deve ser porque este é um Original, e não um espectro comum. Não o criamos com nossas emoções, então não podemos destruí-lo tirando-as dele. Acho que vamos ter que tentar outra coisa.

Stefan e Damon ainda combatiam. Os dois estavam ensanguentados e esgotados. Com o braço ferido pendendo num ângulo estranho, Stefan movia-se como se algo dentro dele tivesse sido danificado, mas os dois ainda se atacavam cruelmente, Stefan não menos do que Damon.

Elena raciocinou que eles agora deviam estar lutando por iniciativa própria. O espectro, absorto na batalha com a Sra. Flowers, não murmurava mais estímulos venenosos para eles. Se Damon e Stefan não estavam sendo seduzidos pela voz do Ciúme, talvez pudessem ser convencidos a ouvir outra pessoa. Elena, tentando não atrair a atenção do espectro, foi até os irmãos vampiros em silêncio.

Damon sangrava no pescoço e por um corte longo na cabeça, e a pele em volta dos dois olhos estava arroxeada. Ele mancava, mas estava claramente na dianteira. Stefan, agora rondando cansado fora do alcance do irmão, não só estava curvado para a frente para proteger o que estava ferido dentro de si, mas tinha uma longa tira de pele rasgada pendurada na bochecha.

Damon sorria como um selvagem para ele, aproximando-se a cada movimento de seus pés. Havia um alerta nos olhos de Damon que só falava do predador em seu íntimo, de sua alegria na caça e na morte. No prazer da luta, Damon deve ter se esquecido quem estava combatendo, disse Elena a si mesma. Ele nunca se perdoaria, depois que *voltasse* a si, se de fato ferisse gravemente Stefan ou mesmo o matasse. *Mas*, sussurrou algo dentro dela, *parte dele sempre quis isso.*

Ela empurrou o pensamento de lado. *Parte* de Damon podia querer ferir Stefan, mas o Damon real e íntegro não queria. Se havia algo que a luta com o espectro lhe mostrara, era que as emoções sombrias que todos escondiam em seu íntimo não representavam tudo que eles realmente eram. Não eram seu verdadeiro ser.

— Damon — gritou ela. — Damon, pense! O espectro está influenciando você! Está obrigando você a lutar. — Ela ouviu a voz se elevar, suplicante. — Não deixe que ele o derrote. Não deixe que o destrua.

Mas Damon parecia não ouvi-la. Ainda estava com o sorriso selvagem e se aproximava um pouco mais de Stefan, empurrando-o mais e mais para o canto da garagem. Logo Stefan ficaria aprisionado, encurralado e incapaz de fugir.

E, captando um vislumbre da expressão de desafio no rosto abatido e surrado de Stefan, Elena percebeu, com o coração deprimido, que Stefan não fugiria, mesmo que Damon lhe desse essa chance. A parte de Stefan que odiava Damon agora estava no controle.

Stefan arreganhou os dentes num rosnado feroz. Damon recuou o punho para dar um potente golpe, com os caninos estendendo-se na expectativa de beber o sangue vital do irmão.

Mais rápido do que ela já se moveu na vida, pelo menos como humana, Elena se colocou entre os dois quando o punho de Damon se lançou para a frente. De olhos bem fechados, estendeu os braços para proteger Stefan e esperou o impacto.

Damon se movia com tal rapidez quando ela pulou na frente dele que o ímpeto empurrou seu corpo todo para a frente. Com sua força sobrenatural, seria um murro que quebraria os ossos e esmagaria o rosto dela.

Mas Damon parou a tempo, como só um vampiro poderia fazer. Ela sentiu o ar deslocado pelo golpe, até o roçar dos nós dos dedos de Damon no rosto, mas não sentiu dor.

Cautelosamente, Elena abriu os olhos. Damon estava postado, retraído para atacar, com um braço ainda erguido. Respirava com dificuldade, e seus olhos estavam com um brilho estranho. Elena retribuiu o olhar.

Haveria uma parte mínima de alívio brilhando nos olhos de Damon? Elena pensava que sim. A questão era: seria alívio por ele ter parado antes de matá-la ou por ela ter impedido que ele matasse Stefan? Certamente, a essa altura, Damon podia ter tirado Elena do caminho e atacado Stefan de novo, se era isso mesmo que ele queria.

Elena aproveitou a oportunidade e estendeu a mão em direção ao punho de Damon, envolvendo os nós dos dedos feridos com sua mão pequena. Ele não resistiu quando ela baixou seu punho, deixando-se ser movido passivamente.

— Damon — disse ela com suavidade. — Damon, pode parar agora. — Os olhos dele se estreitaram, e ela sabia que ele a ouvia, mas sua boca estava rígida e feroz, e ele não respondeu.

Sem soltar a mão de Damon, Elena se virou para Stefan. Ele estava bem atrás dela, com os olhos fixos em Damon. Ofegava rapidamente e, distraído, passou as costas da mão na boca, sujando o rosto de sangue. Elena pegou sua mão, pegajosa de sangue.

A mão de Damon se retesou na dela e Elena o olhou, vendo que ele encarava a outra mão, aquela que segurava a de Stefan. Este também viu para onde Damon olhava, e os cantos de sua boca inchada se inclinaram num leve sorriso amargo.

Atrás deles, o espectro rosnava enquanto combatia o poder da Sra. Flowers. Parecia mais alto e mais feroz.

— Escutem — disse ela com urgência, olhando de um irmão para o outro. — O espectro não está concentrado em vocês agora, então podem pensar por si mesmos. Mas a Sra. Flowers não vai aguentar por muito tempo. Então vocês precisam fazer isso, precisam começar a pensar *agora*, em vez de só agir. Preciso dizer a vocês... humm. — Ela deu um pigarro, pouco à vontade. — Eu nunca disse isso, mas, quando

Klaus me mantinha prisioneira, depois da morte de Katherine, ele costumava me mostrar... imagens. Lembranças, acho, as lembranças de Katherine. De vocês dois com ela, quando eram humanos. Quando vocês eram jovens, vivos e a amavam. O *quanto* a amavam. Eu odiei ver como esse amor era real. E eu sabia que vocês tinham me olhado pela primeira vez por causa do amor que tinham por ela. Isso sempre me incomodou um pouco, mesmo eu sabendo que o amor de vocês por mim é mais profundo hoje.

Agora os dois irmãos a olhavam, e os lábios de Stefan se separaram para falar. Elena balançou a cabeça rapidamente e continuou.

— Não, deixem-me terminar. Isso me incomodou *um pouquinho*. Não me destruiu, e não alterou o que eu sinto... pelos dois. Porque eu também sei que vocês podem ter me notado por causa de Katherine, mas, depois que superaram isso, os dois viram *a mim*, Elena. Vocês não veem mais Katherine em mim.

Ela agora tinha de se arriscar em território perigoso, então continuou com cautela, tentando expor seu argumento com lógica e sensibilidade.

— Então, eu sei disso, está bem? Mas, quando o espectro falou comigo, ele desencavou esse antigo ciúme e o fez arder dentro de mim de novo. E as outras coisas que o espectro me disse também eram parcialmente verdadeiras. Sim, às vezes eu tenho ciúme de meninas com — ela sorriu a contragosto — uma vida amorosa normal. Mas, em meus momentos mais centrados, eu sei que não queria estar no lugar delas. O que eu tenho é maravilhoso, embora seja difícil. — Elena engoliu em seco. — Por isso, eu sei que o que o espectro disse a vocês é parcialmente verdadeiro. Vocês têm ciúme um do outro. Têm raiva de coisas do passado e estão aborrecidos porque eu amo os dois. Mas eu também sei que isso não é *tudo* que existe. Nem é o que mais importa. Não mais. As coisas mudaram desde os dias em que o ciúme e a raiva eram as únicas emoções entre vocês. Ambos trabalharam juntos e se protegeram. Vocês se tornaram irmãos de novo.

Ela olhou nos olhos de Damon, procurando uma reação.

— Damon, Stefan ficou *arrasado* quando pensou que você estava morto. Você é irmão dele, e ele o ama e não sabia o que fazer sem

você. É uma parte importante da vida dele... do passado e do presente. É o único que esteve com ele por toda sua história.

Ela girou para olhar para Stefan.

— Stefan, Damon não escondeu de você o fato de que estava vivo porque queria fazer você sofrer, nem para se livrar de você, nem para as coisas das quais o espectro tentava convencê-lo. Ele queria conseguir voltar de um jeito e numa hora em que pudesse lhe mostrar que as coisas seriam diferentes. Que ele era capaz de *mudar*. E você era a pessoa por quem ele queria mudar. Não eu. Você. Você é o irmão dele, e ele o ama e queria que as coisas ficassem melhores entre vocês.

Elena parou para respirar e avaliar que efeito, se é que houve algum, o discurso exerceu nos dois. Pelo menos agora eles não estavam tentando se matar. Isso tinha de ser um bom sinal. Eles agora se encaravam, com os rostos indecifráveis. Damon lambeu o sangue dos lábios. Stefan passou a mão livre no rosto e no peito feridos. Nenhum dos dois disse nada. Será que ainda restava uma ligação entre os dois? Damon observava os cortes no pescoço de Stefan com uma expressão quase branda nos olhos negros.

Elena soltou os dois e ergueu as mãos.

— Muito bem — disse ela. — Se não conseguem se perdoar, pensem no seguinte. O espectro *quer* que vocês dois briguem. Quer que se matem, que se odeiem. Seu ciúme é o que o está alimentando. Uma coisa eu sei sobre vocês... sobre *os dois*... Nunca deram a seus inimigos nada que eles quisessem, nem mesmo se isso salvasse vocês. Vão dar o que quer esse espectro, esse monstro manipulador? Ele vai controlá-los ou *vocês* vão se controlar? Um dos dois realmente quer matar o irmão por *outra* pessoa?

Neste exato momento, Damon e Stefan piscaram.

Depois de alguns segundos, Stefan deu um pigarro sem jeito.

— Estou feliz por você não estar morto, afinal — disse ele.

O canto da boca de Damon se retorceu.

— Estou aliviado por não ter conseguido matar você hoje, maninho — respondeu ele.

Aparentemente, era só isso que tinham a dizer. Eles se olharam por

mais tempo, depois se viraram para Elena.

— Então — disse Damon, começando a sorrir, um sorriso louco e implacável que Elena reconheceu. Damon, o irreprimível, Damon, o anti-herói, estava de volta. — Como matamos essa cretina?

A Sra. Flowers e o espectro ainda estavam fixos em sua batalha silenciosa e quase imóvel. Mas a Sra. Flowers começava a perder terreno para o espectro. A postura do espectro estava mais ampla; seus braços estavam abertos. Aos poucos conquistava o poder de se mexer, e as mãos e os braços da Sra. Flowers tremiam com a tensão. Seu rosto estava pálido, e as rugas em volta da boca pareciam mais fundas.

— Precisamos correr — disse Elena a Damon e Stefan. Eles contornaram a Sra. Flowers e o espectro e se uniram aos outros que, lívidos e preocupados, observavam os três se aproximarem. Diante deles, apenas duas velas ainda ardiam.

— Stefan — disse Elena. — Vá.

Stefan olhou para a vela azul-escura ainda acesa no chão da garagem.

— Eu tive ciúme e inveja de todos ultimamente, ao que parece — disse ele, com a vergonha evidente na voz. — Tive inveja de Matt, cuja vida me parece tão simples e boa, que eu sei que poderia tirar Elena das sombras e lhe dar a vida descomplicada que ela merece. Tive ciúme de Caleb, que parecia o tipo de garoto dourado que combinaria bem com Elena, tanto que desconfiei dele antes mesmo de ter motivos para isso, porque pensei que ele estava atrás dela. E, especialmente, tenho ciúme de Damon.

Seu olhar deixou a vela e parou no rosto do irmão. Damon olhava para ele com uma expressão inescrutável.

— Acho que sempre tive ciúme dele. O espectro disse a verdade quando falou isso. Quando estávamos vivos, ele era mais velho, mais rápido, mais forte e mais sofisticado do que eu. Quando morremos — os lábios de Stefan se curvaram num sorriso amargo com a lembrança —, as coisas só pioraram. E, mais recentemente, quando Damon e eu descobrimos que podíamos trabalhar juntos, eu me ressentia da proximidade dele com Elena. Ele tem uma parte dela da qual eu não

participo, e é difícil não ter ciúme disso.

Stefan suspirou e esfregou a ponte do nariz com a parte entre o polegar e o indicador.

— Mas o caso é que eu amo meu irmão. Amo. — Ele olhou para Damon. — Eu te amo. Sempre amei, mesmo quando estávamos na pior. Mesmo quando só queríamos nos matar. Elena tem razão: somos mais do que as partes ruins de nós mesmos. Eu alimentei o espectro do ciúme, mas agora expulso meu ciúme.

A vela azul bruxuleou e se apagou. Elena observava o espectro atentamente e viu a rosa em seu tronco desbotar por um momento. O espectro se encolheu e rosnou, depois renovou sua luta contra o feitiço da Sra. Flowers. Ao dar uma torção poderosa, a mulher mais velha cambaleou para trás.

— Agora! — murmurou Elena para Damon, olhando para ele sugestivamente e desejando mais do que nunca ter os poderes da telepatia. *Distraia o espectro*, ela esperava que seus olhos estivessem dizendo.

Damon assentiu uma vez, como quem diz que tinha entendido a mensagem, depois deu um pigarro teatral, atraindo a atenção de todos, e pegou a vela vermelho-escura, a última que ardia na fila. Traçou uma linha do próprio sangue por sua extensão e passou alguns segundos de cabeça baixa, pensativo, com os cílios longos e escuros roçando na bochecha. Ele aproveitava cada gota de drama do momento.

Depois que todos os olhos estavam fixos nele, Elena tocou em Stefan e indicou que ele a ajudasse a abordar o espectro por cada lado.

— Eu tive ciúme — entoou Damon, encarando a chama da vela que segurava. Ele ergueu os olhos rapidamente para Elena e ela assentiu, encorajando-o. — Tive ciúme — repetiu ele, de cenho franzido. — Eu cobicei o que meu irmão tinha, incontáveis vezes.

Elena deslizou para mais perto do espectro, aparecendo do seu lado direito. Ela via que Stefan se aproximava de fininho pela esquerda.

A Sra. Flowers também os viu. Elena notou porque a mulher mais velha ergueu as sobrancelhas uma fração de segundo e começou a murmurar seu feitiço mais alto e com mais força. A voz de Damon

também se elevou, todos na sala competindo pela atenção do Ciúme, para evitar que ele percebesse as maquinações de Elena e Stefan.

— Não preciso entrar em cada detalhe do meu passado — disse Damon, com o sorriso malicioso familiar aparecendo no rosto espancado, um sorriso que Elena achou estranhamente tranquilizador. — Acho que já tivemos o suficiente disso hoje. Basta falar das coisas de que me... arrependo. Coisas que eu gostaria que fossem diferentes no futuro. — Ele fez uma pausa dramática, com a cabeça jogada para trás, com orgulho. — Então admito que alimentei o espectro do ciúme. E agora eu *jogo fora* meu ciúme.

No momento em que a vela de Damon se apagou — e graças a Deus *tinha se apagado*, pensou Elena; Damon tendia a se agarrar a seus piores impulsos —, a rosa no peito do espectro desbotou novamente, assumindo um tom de rosa-escuro. O Ciúme rosnou e vacilou um pouco sobre os pés. No mesmo instante, Stefan investiu em direção ao corte no peito do espectro e colocou a mão ali dentro, no tronco do espectro, e agarrou a rosa.

Uma gota de fluido verde e viscoso brotou da ferida enquanto Stefan apertava a rosa, e o espectro gritou, um uivo longo e sobrenatural que fez todos os humanos se encolherem. Bonnie tapou os ouvidos e Celia gemeu.

Por um momento, Elena pensou que eles iam vencer com essa facilidade toda — que, atacando a rosa no coração do espectro, Stefan o havia derrotado. Mas então o espectro se equilibrou e, com uma imensa flexão de músculo, saiu de repente do controle da Sra. Flowers e, num movimento rápido, arrancou Stefan de sua lateral, com a mão saindo vazia de seu peito, e o jogou pela garagem.

Stefan bateu na parede com um baque surdo, deslizou para o chão e ficou imóvel. A Sra. Flowers também cambaleou, e Matt correu para pegá-la nos braços antes que ela caísse no chão.

O espectro sorriu lentamente para Damon, mostrando seus dentes afiados. Os olhos claros como gelo cintilavam.

— É hora de ir, Damon — disse o Ciúme suavemente. — Você é o mais forte aqui. O melhor de todos, melhor do que qualquer um. Mas eles sempre lambem as botas de Stefan, o fracote, o pirralho, seu

irmão bebê inútil. Não importa o que você faça, ninguém jamais gostará de você como esses mortais gostam dele. Como todos, por centenas de anos, sempre gostaram de Stefan. Você devia deixar todos para trás. Fazê-los sofrer. Por que não deixá-los em perigo? Eles fariam o mesmo por você. Elena e os amigos viajaram pelas dimensões, enfrentaram a escravidão, combateram os maiores perigos para salvar *Stefan*, mas deixaram você morto, longe de casa. Voltaram para cá e estavam felizes sem você. Que lealdade deve a eles?

Damon, com o rosto na sombra, agora que as velas tinham se apagado, soltou um risinho sombrio e amargo. Seus olhos negros brilharam na luz fraca, fixos nos olhos claros do espectro. Fez-se um longo silêncio, e a respiração de Elena ficou presa na garganta.

Ele avançou um passo, ainda segurando sua vela.

— Você não se lembra? — perguntou ele com a voz tranquila. — Eu joguei você *fora*.

E, com uma velocidade sobre-humana, antes que qualquer um pudesse até mesmo piscar, ele acendeu a vela novamente com um estalo de Poder e a jogou diretamente na cara do espectro.

35

Elena deu um pulo para trás quando o espectro pegou fogo. Ela estava tão perto que o calor das chamas queimaram seu rosto e ela sentia o cheiro do próprio cabelo queimando.

Protegendo o rosto com as mãos, ela avançou o mais silenciosa e furtiva que pôde, cada vez mais perto do espectro. Suas pernas tremiam, mas ela as obrigou a ficarem imóveis e firmes.

Conscientemente, ela *não* se permitia olhar nem pensar no corpo de Stefan amarfanhado no chão da garagem, da mesma forma que evitara olhar para a luta entre Stefan e Damon quando precisou pensar.

De repente, uma explosão de chamas disparou no ar e, aturdida por um segundo, Elena se atreveu a ter esperanças de que Damon tivesse feito isso. O espectro estava *em chamas*. Certamente nenhuma criatura de gelo podia suportar isso.

Mas ela percebeu que o espectro não estava apenas queimando. Ele também estava rindo.

— Seu tolo — disse o espectro a Damon, numa voz suave e quase terna. — Você acha que o fogo pode *me* ferir? O Ciúme pode arder mais quente do que o fogo e mais frio do que o gelo. Você, entre todas as pessoas, devia saber disso, Damon. — Ele soltou o estranho riso em tilintar. — Posso sentir o ciúme, a raiva que arde em você o tempo todo, Damon, e queima com tal calor que sinto o cheiro do ódio e do desespero que vivem em você, e suas pequenas mágoas e raivas mesquinhas são carne e vinho para mim. Você se agarra a eles e os examina como um tesouro. Pode ter conseguido expulsar uma parte mínima da infinidade de mágoas que o sobrecarregam, mas jamais se livrará de mim.

Em volta dos pés do espectro, linhas azuis mínimas de chamas se acenderam e rapidamente se espalharam pelo chão da garagem. Elena observava, apavorada: seriam restos de óleo deixados pelo carro antigo da Sra. Flowers? Ou era simplesmente a maldade do espectro se solidificando, espalhando o fogo entre eles?

Na verdade, não importava. O que importava era que a garagem estava em chamas e, embora o espectro pudesse ser insensível ao fogo, eles não eram. A fumaça encheu o espaço enevoado, e Elena e os amigos começaram a tossir. Ela cobriu o nariz e a boca com a mão.

Passando furtivamente por Elena, Damon rosnou e saltou no pescoço do espectro.

Mesmo no atual estado desesperador, Elena não conseguia evitar de admirar a velocidade e a elegância de Damon. Ele se chocou contra o espectro e o derrubou no chão, depois se retraiu, protegendo o rosto com o braço coberto de couro. *Fogo*, lembrou-se Elena com um frisson de terror. *O fogo é uma das poucas coisas que podem matar um vampiro*.

Seus olhos lacrimejaram com a fumaça, mas ela os obrigou a ficarem abertos ao se aproximar, contornando por trás do espectro, que estava de novo de pé. Ela ouvia os amigos gritando, mas estava concentrada na luta.

O espectro se movimentava de uma forma mais desajeitada do que antes e não atacou Damon de pronto. Através das chamas, Elena via que o fluido espesso e esverdeado ainda escorria por seu tronco sólido a partir da ferida que Meredith provocara. Onde o líquido tocava as chamas, elas palpitavam com um tom azul-esverdeado.

Damon investiu de novo em direção ao espectro, e ele o fez voar com um safanão. Rosnando, eles se rondavam cautelosos. Elena os contornou, tentando não atrapalhar Damon, procurando ver como poderia ajudar.

Um estalo do outro lado da garagem distraiu Elena por um segundo e ela olhou, vendo que o fogo estava subindo pela parede, chegando às prateleiras de madeira instaladas em volta da garagem. Ela não viu exatamente o que aconteceu em seguida, mas de repente Damon estava derrapando de costas no chão, com uma queimadura vermelha e grave no rosto.

Ele ficou de pé de novo num segundo e estava voltando para o espectro, mas seus olhos tinham um leve brilho selvagem que deixou Elena nervosa. Mesmo ferido, o espectro era mais forte que Damon e, depois da longa luta com Stefan, as reservas de Damon deviam estar se esgotando. Ele estava ficando imprudente. Elena criou coragem e se aproximou do espectro de novo, tão perto das chamas quanto conseguia suportar. O espectro a olhou de relance por um segundo e virou o rosto, concentrando-se na ameaça mais forte.

Ele disparou para encontrar Damon, de braços abertos e um sorriso alegre e selvagem no rosto.

E, de repente, Meredith estava ali ao lado de Damon. Ela parecia solene e pálida como uma jovem mártir. Tinha os lábios cerrados e os olhos cautelosos, mas se movimentava como um raio. Seu bastão cortou o ar quase rápido demais para ser visto, deixando outro corte longo no estômago do espectro. Ele uivou, e o fogo em seu tronco sibilou quando mais fluido esverdeado jorrou do ferimento.

Mas o espectro ainda estava de pé. Rosnava e tentava alcançar Meredith, que dançou rapidamente para trás, ficando fora de alcance. Meredith e Damon trocaram um olhar mudo e se moveram para flanquear o espectro, um de cada lado, para que ele não pudesse ver os dois ao mesmo tempo. Damon atacou o Ciúme com um golpe curto e potente e puxou a mão vermelha e com bolhas. Meredith girou o bastão de novo, quase atingindo o espectro no braço, mas acertando apenas um filete de fumaça.

Houve um estrondo quando uma prateleira em chamas despencou no chão. A fumaça ficou mais densa. Afastados da luta, Elena ouvia Bonnie e Matt tossindo.

Elena se aproximou ainda mais, novamente indo em direção ao espectro por trás, fora do caminho de Damon e Meredith. O calor do espectro era como o de uma fogueira.

Meredith e Damon agora se moviam em sequência, com uma suavidade que parecia ensaiada, dançando para dentro e recuando, às vezes acertando o espectro com um golpe, com mais frequência atravessando um rolo de fumaça ou névoa quando o espectro se transformava de sólido em vapor.

Uma voz soou.

— *Impera te desistere*. — A Sra. Flowers estava apoiada nos braços de Matt e de Alaric. Mas seus olhos estavam claros e a voz, firme. O Poder crepitava no ar em volta dela.

O espectro reduziu ligeiramente a luta, talvez por não mais de meio segundo entre suas investidas e transformações. Mas foi o suficiente para fazer, pelo menos, alguma diferença. Outros golpes de Damon e Meredith o atingiram, e eles conseguiam se esquivar melhor do espectro.

Mas isso bastava? O espectro se retraiu quando foi atingido por um golpe e sangrou uma gosma verde horrível onde o bastão o cortou, mas ainda estava firme sobre os pés enquanto Meredith e Damon cortavam, asfixiavam-se na fumaça e cambaleavam para longe do fogo. A rosa no peito do Ciúme pulsava um vermelho escuro firme. Elena suspirou de frustração e de imediato começou a tossir. O espectro não ficava no mesmo lugar por tempo suficiente para Elena ter uma boa chance de pegar o coração-rosa.

Meredith cortou-o com o bastão de combate e, desta vez, o bastão atravessou a fumaça. O espectro pegou o bastão com uma das mãos, jogando Meredith para cima de Damon. Chocando-se, eles caíram pesadamente no chão, e o espectro, ainda meio desequilibrado pelo feitiço da Sra. Flowers, virou-se para eles.

— Eu tinha inveja de Meredith por sua inteligência! — gritou Bonnie. Seu rosto estava manchado de fumaça e lágrimas, mas ela estava de costas retas e altiva, gritando a plenos pulmões. — Sei que nunca serei tão boa nos estudos quanto Meredith, mas não tem problema. Eu expulso meu ciúme!

A rosa do espectro desbotou para um rosa-escuro por um momento e ele cambaleou um pouquinho. Olhou para Bonnie e sibilou. Foi apenas uma pausa mínima no avanço do espectro, mas suficiente para Damon se colocar de pé num átimo. Ele se postou na frente de Meredith, protegendo-a enquanto ela se levantava com dificuldade. Sem olhar um para o outro, Meredith e Damon começaram a rodear em direções opostas de novo.

— Eu tinha inveja de meus amigos terem mais dinheiro do que eu!

— gritou Matt. — Mas eu expulso esse ciúme!

— Eu invejava como Alaric acreditava piamente em algo sem provas e acabava tendo razão! — gritou Celia. — Mas eu expulso isso!

— Eu invejava as roupas de Elena! — gritou Bonnie. — Sou baixa demais para ficar bem em um monte de coisas! Mas eu expulso isso!

Damon chutou o espectro, puxando rapidamente a perna em chamas. Meredith girou o bastão. A Sra. Flowers entoava em latim, e Alaric se uniu a ela, com a voz grave formando um contraponto à voz dela, reforçando o feitiço. Bonnie, Celia e Matt ainda gritavam: soltando pequenos ciúmes e mágoas de que eles provavelmente mal tinham consciência, expulsando-os para pontilhar o espectro com golpes minúsculos.

E pela primeira vez o espectro parecia... atordoado. Balançava a cabeça lentamente de um adversário para outro: Damon o acossando de punhos erguidos; Meredith, com o bastão oscilando seguramente enquanto fitava o espectro com um olhar frio e cauteloso; Alaric e a Sra. Flowers, recitando sequências de palavras em latim, de mãos erguidas; Bonnie, Matt e Celia gritando confissões como se atirassem pedras nele.

Os olhos vítreos do Ciúme passaram por Elena sem realmente percebê-la: imóvel e quieta em meio a toda a confusão, ela não era uma ameaça.

Esta era a melhor chance que Elena conseguiria. Criou coragem para avançar, mas congelou quando o espectro se voltou para ela.

E então, como que por milagre, Stefan estava ali. Ele se agarrou às costas do espectro, jogando um braço ao redor de seu pescoço enquanto as chamas o lambiam. Sua camisa pegou fogo. O espectro foi brevemente puxado para além de Elena, ficando com o tronco virado para ela, desprotegido.

Sem hesitar, Elena mergulhou a mão no fogo. Por um momento, ela mal sentiu as chamas, só um toque gentil e quase indiferente em sua mão enquanto o fogo lambia em volta dela. *Não é tão ruim*, Elena teve um momento para pensar, e então sentiu a dor.

Era pura e agonizante, e fogos de artifício escuros de choque explodiram por trás de seus olhos. Ela teve de se esforçar para superar

o instinto quase irresistível de puxar a mão de volta do fogo. Em vez disso, tateou pelo tronco do espectro, procurando o corte que Meredith fizera pouco acima da rosa. Ele era escorregadio e liso, e sua mão se atrapalhava. *Onde está? Onde está?*

Damon se atirara nas chamas com Stefan, atingindo os braços e o pescoço do espectro, mantendo seu tronco livre para Elena, evitando que o espectro se soltasse e a atirasse pela garagem. Meredith bateu na lateral do Ciúme com o bastão. Atrás dela, as vozes dos amigos se elevaram num tagarelar de confissões e feitiços enquanto eles faziam sua parte para manter o espectro desorientado e sem equilíbrio.

Elena finalmente encontrou o corte e *pressionou* a mão para dentro. Era gelado no peito do espectro, e Elena soltou um grito com o contraste — o frio era torturante depois do calor, e as chamas ainda lambiam seu pulso e o braço. O líquido congelante dentro do peito do espectro era tão grosso que parecia que ela tateava uma gelatina. Elena empurrou e estendeu a mão, e o espectro gritou de dor.

Foi um som horrível e, apesar de tudo que o espectro fizera com ela e os amigos, Elena não conseguiu evitar de se encolher de solidariedade. Um instante depois, a mão de Elena se fechou no caule da rosa, e mil espinhos furaram sua carne queimada. Ignorando a dor, ela puxou a rosa do líquido congelante para fora do fogo, e cambaleou para trás, para longe do espectro.

Ela não sabia o que esperava acontecer, exatamente. Se o espectro ia derreter como a Bruxa Má do Oeste, talvez, deixando nada além de uma poça de água esverdeada e abjeta. Em vez disso, o espectro a encarou, de boca aberta, com os dentes brilhantes e pontudos à plena mostra. O rasgo em seu peito tinha se ampliado e o fluido vazava rapidamente, como uma torneira aberta. As chamas ardiam baixas e verdes onde o líquido escorria por seu corpo e pingava no chão.

— Me dê — disse Stefan, aparecendo ao lado de Elena. Ele pegou a rosa de sua mão e arrancou as pétalas, agora desbotando para um rosa mais claro, e espalhou as pétalas pelo fogo que ardia nas laterais da garagem.

O espectro olhou com uma expressão de assombro, e aos poucos o fogo foi afinando até virar uma fumaça, sua forma sólida evaporando

lentamente. Por um momento, uma imagem enevoada e malévola pendeu no ar diante deles, com os olhos carrancudos fixos em Elena. E então desapareceu.

36

Damon foi o primeiro a se mexer, o que não surpreendeu Elena. Seu casaco de couro estava em brasa, e ele tinha longas queimaduras no rosto e nos braços. Cambaleou, passando pelos outros e pelo fogo e abrindo a porta da garagem. Lá fora, um trovão roncou no alto e uma forte chuva caía.

Apesar da chuva, a garagem ardia com ferocidade, as chamas lambendo as paredes da pequena construção e atingindo o teto. Quando todos saíram trôpegos, Meredith, tossindo, virou o rosto para cima, sentindo a chuva. Matt e Alaric escoravam a Sra. Flowers e a colocaram no banco do motorista do carro dela. Elena estendeu as mãos, deixando que a chuva lavasse a fuligem e aliviasse as queimaduras. O resto dos amigos se reuniu não muito longe da garagem em chamas, ainda aturdidos.

— Ah, *Damon* — disse Bonnie. Ela parou para tossir e ofegou por uns segundos, depois se curvou com cautela em direção a Damon, evitando suas lesões, e lhe deu um beijo no rosto. — Estou tão feliz por você ter voltado.

— Obrigado, ruivinha — agradeceu Damon, afagando suas costas. — Com licença por um segundo, preciso cuidar de uma coisa. — Ele se afastou e pegou Elena pela mão.

De longe vinha o gemido de sirenes, indicando o avanço de carros dos bombeiros e da policia atraídos pelo fogo.

Damon puxou Elena para as sombras escuras sob uma árvore próxima da casa.

— Venha — disse ele. — Você agora precisa de sangue. — Ele tateou o pescoço com os dedos calcinados, depois passou a unha em

uma das veias. Seu casaco de couro estava praticamente destruído, apenas farrapos e cinzas pendendo dele, e as longas queimaduras no rosto e no corpo ainda estavam vermelhas e pareciam em carne viva, mas já estavam melhores do que alguns minutos antes.

— Posso fazer isso — disse Stefan, aproximando-se deles e recostando-se na parede da casa. Ele parecia cansado e sujo, mas suas lesões também já estavam se curando. — Elena sempre recebeu bem o meu sangue.

— Você pode se aproximar. Mas ela está com um ferimento grave — disse Damon sem rodeios —, e você não tem Poder para curá-la agora.

Elena esteve tentando não olhar para a mão direita. Embora não conseguisse mexê-la, não doía muito agora. O que devia ser um mau sinal. Será que isso significava que as terminações nervosas estavam mortas? Um olhar rápido e angustiado para a mão fez seu estômago revirar. Mesmo aquele ligeiro vislumbre mostrou como a carne parecia horrivelmente escurecida e avermelhada e soltava pele e — meu Deus — ela pensou ter visto o osso por baixo da carne. Elena soltou um gemido baixo e involuntário.

— Beba — disse Damon com impaciência. — Me deixe consertar isso antes que eles cheguem e a arrastem para a unidade de queimados. — Elena ainda hesitava, e Damon suspirou, virando para Stefan novamente. — Olhe — disse, com a voz suavizando —, nem sempre se trata de Poder. Às vezes usamos o sangue para *cuidar* de alguém.

— Sei disso — respondeu Stefan, piscando cansado para ele. — Só não sabia que você sabia.

A boca de Damon se torceu num sorriso irônico.

— Eu sou um velho, maninho — disse ele. — Sei de muitas coisas. — Ele se virou para Elena. — Agora beba — insistiu, e Stefan sorriu com um jeito tranquilizador para ela.

Elena assentiu para Stefan antes de colocar a boca firmemente no pescoço de Damon. No segundo em que provou seu sangue, Elena foi envolvida em calor e a dor na mão parou. Ela não sentia mais o frio desagradável do martelar da chuva na cabeça e nos ombros, a água

gelada escorrendo pelo corpo. Ela estava confortável, segura e amada, e o tempo tinha parado o suficiente para que ela recuperasse o fôlego.

Damon?, pensou ela, e o procurou com a mente. Ele respondeu sem palavras, mas com uma onda de afeto e carinho, de amor que nada exige em troca. Pela bruma, Elena percebeu que havia algo novo ali...

Antigamente, quando ela e Damon permitiam que as mentes dos dois se tocassem, ela em geral sentia que Damon estava escondendo parte de si mesmo. Ou, nas raras ocasiões em que ela ultrapassava as barreiras internas que ele erguia contra invasores, encontrava mágoa e fúria, uma criança perdida acorrentada a uma pedra.

Agora Elena sentiu apenas amor e paz quando ela e Damon se fundiram. Quando enfim se afastou dele, precisou de um instante para voltar ao mundo real. Stefan não estava mais ao lado deles. Ainda chovia, a água fria escorria por seu cabelo, sobre os ombros, descendo pelo pescoço, pelos braços e pelo corpo. Sua mão doía e ainda estava muito queimada, mas tinha se curado a ponto de precisar apenas de unguento e um curativo, e não de cirurgia.

Alguns carros do corpo de bombeiros e da polícia pararam na entrada, com as luzes acesas e as sirenes gritando. Mais perto da garagem, ela viu Meredith largar abruptamente o braço de Stefan e percebeu que a amiga tinha bebido do pulso dele.

Percebeu vagamente que teria ficado impressionada com isso algumas horas antes — teria suposto que Meredith fugiria do toque do sangue de *qualquer* vampiro, e Stefan sempre reservava seu sangue para Elena como parte da ligação que só eles partilhavam —, mas agora não conseguia ter nenhuma emoção real.

Parecia que todas as barreiras entre o grupo tinham se rompido. Durasse ou não esse novo estado de coisas, eles agora eram um só. Tinham visto o pior uns dos outros. Haviam dito a verdade e saído ilesos. E agora, se Meredith precisava ser curada, é claro que Stefan daria a ela seu sangue. Seria o mesmo para qualquer um deles.

Os bombeiros pularam do caminhão e desenrolaram as mangueiras. Ao voltarem a atenção para apagar o fogo, alguns policiais uniformizados e um homem que devia ser o comandante dos bombeiros andaram decididos na direção da Sra. Flowers, de Matt,

Alaric, Celia e Bonnie, todos agora espremidos no carro. Meredith e Stefan também foram para lá.

— Por que eles não a levaram para dentro de casa? — perguntou-se Elena em voz alta de repente, e Damon voltou um olhar vago de surpresa para ela.

— Não faço ideia — disse ele devagar. — Nunca me ocorreu que poderíamos entrar. Acho que todos acharam que deviam ficar aqui fora olhando o incêndio. Para se certificar de que o espectro não saiu.

— Parece que fomos ao fim do mundo — comentou ela com brandura, pensando em voz alta. — O pensionato parecia tão distante que nem fazia parte do quadro. Agora que outras pessoas estão aqui, o mundo está começando a girar de novo.

Damon murmurou com indiferença.

— É melhor irmos até lá — disse ele. — Eles podem precisar de ajuda. — A voz da Sra. Flowers estava elevada, indignada, embora Elena não conseguisse distinguir o que ela dizia. Enquanto seguia Damon, Elena sorriu consigo mesma: desde quando Damon se importava que alguém, a não ser Elena, precisasse de ajuda?

Ao se aproximarem, Elena viu que a Sra. Flowers tinha saído do carro e assumido sua melhor expressão de excentricidade, com os olhos azuis arregalados e as mãos na cintura, enquanto Alaric segurava um guarda-chuva sobre sua cabeça.

— Meu rapaz! — vociferou ela para o comandante dos bombeiros. — O que está tentando insinuar, ao perguntar por que meu carro não estava na garagem? Certamente eu tenho o direito de distribuir minhas posses onde quero em minha propriedade! Em que mundo vivemos, em que eu sou punida, onde sou julgada por não seguir as convenções? Como se atreve a sugerir que eu posso ter sabido antecipadamente do fogo?

— Bem, senhora, é notório que isso acontece. Não estou sugerindo nada, mas a questão precisa ser investigada — disse o comandante, impassível.

— O que todos esses jovens estão fazendo aqui? — perguntou um dos policiais, lançando um olhar em volta. Seus olhos se demoraram no casaco de couro queimado de Damon e na parte sem pele do rosto

de Stefan. — Vamos ter que conversar com todos vocês — disse ele. — Vamos começar pegando seus nomes e endereços.

Stefan avançou um passo e fixou os olhos nos do policial.

— Tenho certeza que isso não será necessário — disse suavemente, influenciando-o. Elena sentiu que ele usava o Poder. — A garagem se incendiou porque foi atingida por um raio durante a tempestade. Ninguém estava aqui, a não ser a senhora na casa e alguns hóspedes dela. É tudo muito simples, não há necessidade de interrogar ninguém.

O policial pareceu confuso e depois assentiu, com a expressão se desanuviando.

— Essas tempestades podem causar muito estrago nas propriedades — respondeu ele.

O comandante bufou.

— Do que está falando? Não caiu raio em nenhum lugar perto daqui.

Stefan voltou o olhar para o comandante dos bombeiros.

— Não há por que se incomodar em investigar... — Mas o feitiço fora rompido e agora os três homens olhavam para ele com desconfiança.

O Poder de Stefan não seria forte o bastante para usar nos três, percebeu Elena, e ele não conseguiria convencer nem um deles se os homens ficassem juntos, despertando as dúvidas uns dos outros. O rosto de Stefan estava abatido e cansado. Ele havia travado uma longa batalha — mais de uma, na verdade. E Stefan nunca teve o Poder forte, não quando não bebia sangue humano. Se ele tinha andado preocupado com ela e se preparado para o espectro, provavelmente já fazia dias desde que havia tomado mais do que alguns goles de sangue animal.

Damon avançou.

— Senhor? — disse educadamente. O comandante olhou para ele. — Se eu puder falar com o senhor em particular por um momento, tenho certeza de que podemos esclarecer tudo.

O comandante franziu o cenho, mas o seguiu até a varanda dos fundos do pensionato, com o segundo policial atrás dele. Sob a luz da varanda, eles olhavam para Damon, a princípio com suspeita. Aos

poucos, enquanto ele falava, seus ombros relaxaram, e eles começaram a assentir e sorrir.

Stefan voltou a falar suavemente com o outro policial. Ele conseguia influenciar uma pessoa sozinha, Elena sabia, mesmo em seu estado atual.

Meredith e Bonnie tinham se metido no banco traseiro do carro antigo da Sra. Flowers — tão antigo que Elena desconfiava que podia ser mais velho que a própria Sra. Flowers — e estavam envolvidas numa conversa enquanto Alaric e Celia continuavam a apoiar a Sra. Flowers sob o guarda-chuva e ela ouvia a conversa de Stefan com o policial, com Matt adejando por perto.

Elena passou em silêncio por eles e entrou na traseira do carro com Bonnie e Meredith. A porta se fechou com um baque pesado e satisfatório, e o banco de couro preto rangeu e gemeu sob seu peso.

Os cachos ruivos de Bonnie estavam totalmente ensopados, os fios molhados caindo pelos ombros e grudados na testa. Mesmo com o rosto sujo de cinzas e os olhos vermelhos, ela abriu um sorriso genuinamente feliz para Elena.

— Nós vencemos — disse ela. — Ele foi embora para sempre, não foi? Nós conseguimos.

Meredith estava solene mas exultante, seus olhos cinzentos brilhando. Ainda havia uma mancha do sangue de Stefan em seus lábios, e Elena reprimiu o impulso de limpar por ela.

— Vencemos — afirmou Meredith. — Vocês duas foram tão incríveis. Bonnie, foi muito inteligente de sua parte começar a expulsar ciúmes e invejas com a maior rapidez que pôde. Isso manteve o espectro desequilibrado. E Elena... — Ela engoliu em seco. — Você foi muito corajosa de mergulhar no fogo. Como está sua mão?

Elena estendeu a mão e flexionou os dedos diante delas.

— Os incríveis poderes do sangue de vampiro — disse Elena com leveza. — Muito úteis depois de uma batalha, não é, Meredith?

Ela ficou vermelha com a provocação de Elena, depois sorriu um pouco.

— Não sei — disse ela. — Parecia tolice *não* usar todas as nossas... vantagens. Já me sinto melhor.

— Você também foi demais, Meredith — disse Bonnie. — Lutou como se estivesse dançando. Com elegância, força, beleza e tão durona, pelo jeito como usava o bastão.

Elena concordou.

— Eu nunca teria pegado a rosa se você não tivesse cortado o espectro.

— Acho que todos nós fomos demais — disse Meredith. — Dou início aos trabalhos da primeira reunião da Sociedade de Admiração Mútua de Ex-alunos da Robert E. Lee High School.

— Vamos ter que chamar Matt e dizer como ele é maravilhoso — comentou Bonnie. — E acho que Stefan também conta como ex-aluno, não é? Acho que agora que o mundo mudou, ele pode ter se formado conosco. — Ela bocejou, mostrando uma língua pequena e rosada como a de um gato. — Estou esgotada.

Elena percebeu que também estava. Tinha sido um dia muito longo. Um *ano* muito longo, desde que os irmãos Salvatore chegaram a Fell's Church e a vida mudou para sempre. Ela arriou no assento e pousou a cabeça no ombro de Meredith.

— Obrigada por salvarem a cidade de novo, vocês duas — agradeceu ela, sonolenta. Parecia importante dizer isso. — Talvez amanhã a gente possa tentar ter uma vida normal de novo.

Meredith riu um pouco e abraçou as duas.

— Nada pode derrotar nossa irmandade — afirmou ela. — Somos *boas demais* para o normal. — Sua respiração ficou suspensa. — Quando vocês duas foram levadas pelo espectro — disse ela em voz baixa —, eu tive medo de perder vocês para sempre. São minhas irmãs, de verdade, e não só minhas amigas, e eu preciso de vocês. Quero que saibam disso.

— Mas *é claro* que sim — concordou Bonnie, assentindo fervorosamente. Elena estendeu a mão para as duas. As três amigas se apertaram num abraço entre risos e algumas lágrimas.

O amanhã chegaria, e talvez o *normal* — o que quer que isso seja, a essa altura — também viesse. Por ora, Elena tinha suas verdadeiras amigas. Isso significava muito. O que quer que acontecesse, isso bastaria.

37

A manhã seguinte encontrou todos de volta ao pensionato. Depois da chuva da noite anterior, o sol tinha um frescor e tudo parecia claro, úmido e limpo, apesar do cheiro de fumaça que permeava o pensionato e os restos calcinados da garagem que podiam ser vistos da janela da salinha.

Elena estava sentada no sofá, recostada em Stefan. Ele acompanhou as linhas de queimadura, quase inteiramente desaparecidas, nas costas da mão de Elena.

— Como estão, heroína? — perguntou ele.

— Não doem quase nada, graças a Damon.

Damon, do outro lado de Stefan, abriu um sorriso breve e ofuscante, mas não disse nada.

Todos estavam sendo muito cautelosos uns com os outros, pensou Elena. Ela se sentia — e pensava que todos os outros também deviam se sentir assim — como o dia: brilhante e fresco, mas ligeiramente frágil. Havia muitos murmúrios de um lado a outro, sorrisos trocados, pausas agradáveis. Era como se eles tivessem completado uma longa jornada ou uma tarefa difícil juntos e agora fosse hora de descansar.

Celia, com calças de linho claras e uma blusa de seda cinza, elegante e confiante como sempre, deu um pigarro.

— Eu vou embora hoje — disse ela quando todos a olharam. Suas malas estavam arrumadas no chão a seus pés. — Sai um trem para Boston daqui a 45 minutos, se alguém me levar à estação.

— Claro que a levarei — afirmou Alaric prontamente, levantando-se. Elena olhou para Meredith, mas esta franzia a testa, preocupada, para Celia.

— Você não precisa ir, sabe disso — disse ela. — Todos gostaríamos que ficasse.

Celia deu de ombros expressivamente e soltou um curto suspiro.

— Obrigada, mas está na hora de ir. Apesar do fato de termos destruído um livro raro e inestimável e de eu provavelmente nunca mais ter permissão para entrar no campus da Dalcrest de novo, eu não teria perdido essa experiência por nada deste mundo.

Meredith sorriu para ela e ergueu uma sobrancelha.

— Nem os encontros com a morte?

Celia ergueu uma sobrancelha.

— Em que parte não houve um encontro com a morte?

Elas riram, e Elena ficou grata por ver que a tensão entre as duas tinha evaporado.

— Será um prazer recebê-la a qualquer hora que quiser voltar, minha cara — disse a Sra. Flowers a Celia. — Sempre terei um quarto para você.

— Obrigada — agradeceu Celia, parecendo comovida. — Espero que um dia eu possa voltar e rever todos vocês. — Ela e Alaric saíram da sala, e logo os demais ouviram o som da porta da frente se fechando e o carro dando a partida.

— Tchau, Celia — trinou Bonnie. — Ela acabou sendo legal, no fim das contas, não é? — continuou sem esperar uma resposta. — O que vamos fazer hoje? Precisamos de uma aventura antes de o verão terminar.

— Já não teve aventura suficiente? — perguntou Matt sem acreditar, esparramado em uma cadeira de balanço no canto.

— Eu quis dizer *divertida*, uma aventura de verão — respondeu ela. — Não um monte de coisas medonhas e batalhas com a morte, mas coisas divertidas de verão. Sabia que só temos umas três semanas antes de começarmos a *estudar* de novo? Se não quisermos que nossas únicas lembranças deste verão em Fell's Church sejam de um piquenique desastroso e uma horrível batalha com um espectro, é melhor começarmos. Voto em ir à feira do condado hoje. Vamos! — insistiu ela, quicando na poltrona. — Montanha-russa! Casa de espelhos! Donut! Algodão-doce! Damon pode ganhar um bicho de

pelúcia grande para mim e me levar no Túnel do Amor! Será uma aventura! — Ela bateu as pestanas para Damon sedutoramente, mas ele não caiu na provocação. Na verdade, ele olhava para o próprio colo com uma expressão tensa.

— Vocês se saíram muito bem, crianças — disse a Sra. Flowers, com aprovação. — Certamente merecem um tempo para relaxar.

Ninguém respondeu. O silêncio tenso de Damon enchia a sala, atraindo os olhos de todos para ele. Por fim, Stefan pigarreou.

— Damon? — chamou com cautela.

Damon cerrou o queixo e ergueu os olhos para encontrar os deles. Elena franziu o cenho. Era *culpa* no rosto de Damon? Ele não sentia culpa — o remorso não era um de seus muitos atributos.

— Escutem — disse ele abruptamente. — Eu percebi... quando estava voltando da Dimensão das Trevas... — Ele parou novamente.

Elena trocou um olhar ansioso com Stefan. Novamente, gaguejar e ter problemas para encontrar palavras para dizer o que queria não era típico de Damon.

Ele meneou a cabeça e se recompôs.

— Enquanto eu me lembrava de quem era, enquanto mal estava vivo de novo, e depois, quando me preparava para voltar a Fell's Church e tudo era muito doloroso e difícil — disse ele —, eu só conseguia pensar em como nós... como *Elena*... tinha movido céus e terra para encontrar Stefan. Ela não desistiu da procura, por mais obstáculos que enfrentasse. Eu a ajudei... arrisquei tudo para fazer isso... a nós conseguimos. Encontramos Stefan e o trouxemos para casa, seguro e bem. Mas, quando foi a minha vez de ficar perdido, vocês todos me deixaram sozinho naquela lua.

— Mas, Damon — começou Elena, estendendo a mão para ele —, nós pensamos que você estivesse *morto*.

— E tentamos mover céus e terra para salvar você — disse Bonnie com franqueza, os grandes olhos castanhos enchendo-se de lágrimas. — Você *sabe* disso. Elena tentou de tudo para subornar as Guardiãs para ter você de volta. Ela quase enlouqueceu de tristeza. Elas só ficavam dizendo que, quando um vampiro morria, ele ia embora para sempre.

— Agora eu sei disso — falou Damon. — Não estou mais com raiva. Não tenho raiva disso pelo que parecem séculos. Não é por isso que estou falando nesse assunto. — Ele olhou, culpado, para Elena. — Preciso pedir desculpas a todos vocês.

Houve um leve ofegar coletivo. Damon simplesmente não se desculpava. Nunca.

Elena franziu o cenho.

— Pelo quê?

Damon deu de ombros, e o fantasma de um sorriso passou por seu rosto.

— Pelo que não, minha princesa? — Ele ficou sério. — A verdade é que eu não merecia ser salvo. Fiz coisas terríveis com todos vocês como vampiro, e mesmo quando me tornei humano de novo. Briguei com Meredith; coloquei Bonnie em perigo na Dimensão das Trevas. Coloquei todos vocês em perigo. — Ele olhou pela sala. — Desculpem — disse a todos, com um tom de sinceridade e pesar na voz.

Os lábios de Bonnie tremeram. Depois ela lançou os braços em volta de Damon.

— Eu te perdoo!

Damon sorriu e afagou seu cabelo, sem jeito. Ele trocou um gesto de cabeça solene com Meredith que parecia indicar que ela também o perdoava — desta vez.

— Damon — disse Matt, meneando a cabeça. — Tem certeza de que não está possuído? Você parece meio... fora de si. Nunca foi educado com nenhum de nós, só com Elena.

— Bem — ponderou Damon, parecendo aliviado por tirar essa confissão do peito —, não se acostume com isso. *Matt*.

Matt ficou tão sobressaltado e satisfeito por Damon ter usado seu nome correto, para variar, em vez de "Mutt" ou nada, que Damon podia muito bem ter dado um presente a ele. Elena viu Stefan dar um cutucão furtivo e afetuoso no irmão, e Damon retribuiu o gesto.

Não, ela não se acostumaria com isso. Damon, temporariamente esgotado de seus ciúmes e ressentimentos, estava lindo e intrigante como sempre, porém muito mais fácil de lidar. Isso não ia durar, mas ela por ora estava desfrutando.

Elena tirou um momento para observar os dois, os irmãos Salvatore. Os vampiros que ela amava. Stefan, com seus cachos pretos sedosos e os olhos verdes como o mar, pernas e braços longos e a curva sensível da boca que ela sempre queria beijar. Doçura, solidez e uma tristeza que ela conseguia aliviar. Damon, de couro e seda e feições elegantes e cinzeladas. Intempestivo e arrasador. Ela amava os dois. Não conseguia se lamentar, não conseguia ser nada além de sincera e inteiramente grata ao destino por ter colocado os dois em seu caminho.

Mas não seria fácil. Ela não conseguia imaginar o que aconteceria quando o novo apoio e amizade entre os irmãos, entre todos eles, terminasse. Ela não tinha dúvidas de que isso se dissolveria. Irritações e ciúmes faziam parte da vida e surgiriam de novo.

Ela apertou a mão de Stefan e sorriu para Damon, cujos olhos pretos se aqueceram.

Por dentro, Elena suspirou um pouco, depois abriu um sorriso mais largo. Bonnie tinha razão: a faculdade logo começaria, toda uma nova aventura. Até lá, eles deviam ter prazer onde pudessem achar.

— Algodão-doce? — perguntou ela. — Nem me lembro quando foi a última vez que comi algodão-doce. Apoio inteiramente a ideia de aventura de Bonnie.

Stefan roçou a boca na dela num beijo tão doce e leve quanto o próprio algodão-doce, e ela se recostou no conforto de seus braços.

Não podia durar. Elena sabia disso. Mas ela estava muito feliz. Stefan era ele mesmo de novo, não estava furioso, aterrorizante ou triste, mas era ele mesmo, aquele que ela amava. E Damon estava vivo, seguro e com eles. Todos os seus amigos a cercavam.

Ela enfim estava verdadeiramente em casa.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub
pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S. A.

Diários do vampiro – Caçadores Vol.1 - Espectro

Facebook da Série
https://www.facebook.com/diariosvampiro

Site da série que foi baseada nos livros
http://vampirediariesbrasil.com.br/

Sinopse do livro
http://paixaoporlivros-vick.blogspot.com.br/2013/07/diario-do-vampiro-espectro-dv-cacadores.html

Fã site da série de TV que foi baseada nos livros
http://diariosdovampiro.com/

Wikipédia da autora
http://pt.wikipedia.org/wiki/Lisa_Jane_Smith

Site da autora
http://www.ljanesmith.net/author/booklist

Skoob da autora
http://www.skoob.com.br/autor/72-lisa-jane-smith

Perfil da autora no Good Reads
http://www.goodreads.com/author/show/50873.L_J_Smith

Sumário

Capa
Série Diários do Vampiro
Rosto
Créditos
1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23

24
25
26
27
28
29
30
31
32
33
34
35
36
37
Colofon
Saiba mais